Almanaque
d'O TICO TICO
1948
PREÇO:
cr $ 15,00
A. PACHECO

TOALHAS ARTISTICAS

ALBUM N.º 1

Com 40 páginas em grande formato, quase todas em quatro côres, êste belíssimo trabalho reune modernos riscos, no tamanho da execução, para bordar encantadoras toalhas. É indispensável às donas de casa!

PREÇO Cr$ 30,00

NOVO PONTO DE CRUZ

ADBUM N. 4

UM novo álbum apresentando, com as côres próprias, uma interessantíssima variedade de trabalhos — paneaux, tapetes, guarnições, aplicações, etc. — desenhos originais e na medida da execução.

Desenhos primorosos, em um álbum do mais belo colorido.

Cr$ 15,00

Guia das NOIVAS

Album n. 5

AS dificuldades na escolha das variadas peças para um enxoval de noiva, desaparecem diante dêste álbum desenhado com o máximo capricho.
Tudo quanto interessa ao enxoval da mais exigente noiva êle apresenta com minuciosas explicações para a execução.
44 páginas com uma capa muito sugestiva.

Cr$ 20,00

ENXOVAL do BÉBÉ

Album n. 5
GRANDE FORMATO

UM dos mais encantadores trabalhos que já se viram, no gênero. Completo enxoval para o bébé mais rico ou o mais pobre, pode ser executado pelos desenhos publicados neste álbum, onde se confundem — a simplicidade, o bom gôsto e a perfeição do trabalho. Os desenhos são todos publicados na medida exata da confecção do enxoval.

CAPA A CORES

PREÇO
Cr$ 20,00

MONOGRAMAS ARTISTICOS

Album N. 2

AR
JR

Monogramas para todos os fins, nos estilos mais preferidos, e letras para fazer as mais caprichosas combinações.
O maior e mais completo album de monogramas que já se publicou, e o mais perfeito em gôsto e variedades.
Uma preciosa coleção que, durante anos, será sempre nova.

Cr$ 15,00

CAMA E MESA

Album n.º 6

UMA preciosa coleção de trabalhos para cama e mesa composta de guarnições com os mais modernos desenhos. Originalíssimos modêlos em aplicação, ponto cheio, ponto sombra e crivo. Toalhas para jantar e para chá. Mimosos serviços estilo americano guarnecidos de finos bordados a côres ou branco. Todos os desenhos são na medida da execução.

Cr$ 20,00

Motivos para BORDAR

ALBUM N. 3

UM bonito album lindamente colorido que reune delicada variedade de desenhos para bordar pequenas peças.

Enfeites, monogramas, figuras, bichinhos, etc., tudo do melhor gôsto, úteis para qualquer coisa e em qualquer ocasião.

Um album ao qual as senhoras recorrerão para pequenos trabalhos, e onde sempre encontrarão motivos do seu agrado.

Cr$ 15,00

COPA E COZINHA

Interessante album lindamente apresentado, reunindo artisticos desenhos especiais para copa e cozinha.

2 suplementos de grande formato, com capa a côres.

Cr$ 20,00

TODOS

ESTES ALBUNS SÃO EDITADOS PELA BIBLIOTECA DE "ARTE DE BORDAR". FAÇA SEU PEDIDO ACOMPANHADO DA RESPECTIVA IMPORTANCIA. ACEITAMOS ENCOMENDAS PELO SERVI-

O PONTO DE CRUZ

ALBUM N. 1

UM moderno e encantador álbum, todo impresso a 8 côres com variadissimos motivos verdadeiramente artísticos em suas 32 páginas que são um encanto e surprêsa para os olhos feminino.

Preço Cr$ 20,00

A LINGERIE

ALBUM N.º 6

MAIS um novo álbum repleto de finíssimos trabalhos. — Camisas de dormir — "pegnoirs" — combinações — blusas — "liseuses" — camisolas — guarnições — aplicações — e um mundo de pequenos trabalhos, sempre oportunos. Desenhos delicadíssimos todos na medida da execução

Cr$ 20,00

Álbum para NOIVAS

ALBUM N.º 6

ESTE novo álbum, em suas 44 páginas apresenta, em desenhos originalíssimos, tôdas as peças para a confeção de deslumbrante enxoval para noiva.

Desde a menor guarnição ou detalhe de ligérie, até nos belíssimos lençóes, colchas, toalhas de chá, nada foi esquecido. Todo apresentado com explicações para a execução.

Desenhos que encantam a mais exigente das noivas.

Cr $20,00

RISCOS PARA BORDAR

ALBUM N.º 4

Extraordinária variedade de riscos e modêlos de trabalhos na medida da execução. Sugestões admiráveis, próprios para cama e mesa, senhoras e crianças. Em grande formato, um álbum de 40 páginas que todas as donas de casa apreciarão!

PREÇO Cr$ 20,00

Lençóis ARTISTICOS

ALBUM N.º 2

44 páginas coloridas com os mais distintos e artisticos desenhos especiais, para lençóois e fronhas.

Uma coleção primorosa, toda original, para senhoras muito exigentes.

Um álbum verdadeiramente deslumbrante!

Cr$ 20,00

O LAR, A MULHER E A CRIANÇA

ALBUM N. 5

MAIS um álbum repleto de desenhos para os mais variados nomes. São 44 páginas repletas de trabalhos da maior utilidade, em todos os lares, acompanhados de minuciosas explicações para a sua execução.

Um Album útil a tôdas as senhoras e todos os lares, em qualquer tempo.

Cr$ 25,00

Roupinhas do NÊNÊ

ALBUM Nº 4

Com este album, podem ser feitos CINCO COMPLETOS ENXOVAIS para Recem nascido.

O bom-gôsto nos detalhes, a finura dos desenhos e as amplas explicações para a execução, fazem do ROUPINHAS DO NÊNÊ, verdadeiro manual artístico para a confeção de enxovais para bêbês.

Cr 20,00

ÇO DE REEMBOLSO POSTAL. — PEDIDOS A S. A. O MALHO — RUA SENADOR DANTAS, 15 - 5.º ANDAR — Cx. POSTAL, 880. RIO — Á VENDA NAS LIVRARIAS.

ANUARIO DAS SENHORAS
Anuario das Senhoras
ANO XV - 1948
PREÇO CR$ 15,00
Todas as representantes do belo sexo: adolescentes, moças e senhoras, encontram a sua leitura preferida numa publicação única no Brasil: o ANUÁRIO DAS SENHORAS! Modas, novidades, notas domésticas, literatura, sugestões para o lar! Apenas Cr$ 15,00 nas livrarias e bancas de jornais. Pedidos tambem pelo Reembolso Postal, à S. A O MALHO, Rua Senador Dantas, 15, 5.º andar Rio.
À VENDA
PA
tesouro para o lar
1948
uma joia para a mulher

HINO NACIONAL

Letra de OSÓRIO DUQUE ESTRADA
Música de FRANCISCO MANUEL DA SILVA

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolátrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu risonho e límpido

A imagem do Cruzeiro resplandece
Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores.
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado
E diga o verde-louro dessa flámula:
— Paz no futuro e glória no passado

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos dêste solo és mãe gentil.
Pátria amada,
Brasil!

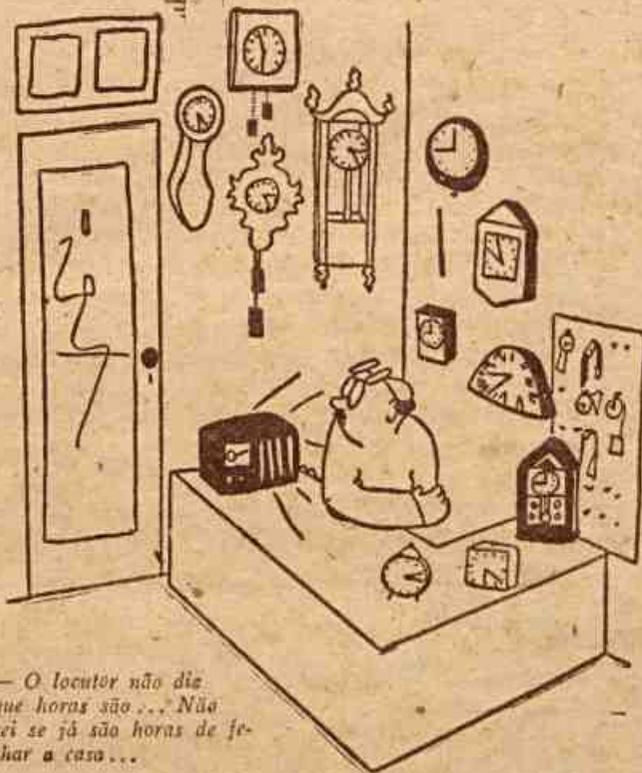
A REPUBLICA

A república é uma forma de govêrno em que o chefe da nação, que pode ser qualquer cidadão, é eleito pelo povo por período limitado.

A TINTA QUE TEM TRADIÇÃO NO BRASIL

Empreza Industrial de Tintas SARDINHA

RUA DO SENADO, 212 – RIO

EM CASA DE FERREIRO...

— O locutor não diz que horas são ... Não sei se já são horas de fechar a casa...

Verdade e ciência

Ciência e virtude são em epílogo a nobreza verdadeira. As fidalguias herdadas contestam-se, perdem-se, deslustram-se. Desabam tronos. Dissipam-se opulências. As forças gastam-se . A mocidade e as graças dissipam-se O poder aniquila-se Os títulos revogam-se. As condecorações despem-se todas as noites. O mais carregado delas quem o distinguirá, no sono, do mendigo nu ? Mas ciêncie e virtude !... não são dotes externos nem postiços ou convencionais; nem outorgados por munificência de principes, ou por sufrágios de povo, nem comprados, nem negociados, nem extorquidos. *Castilho*

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

Edição e propriedade da
SOCIEDADE ANONIMA "O MALHO"
(41.º ano de publicação)

DIRETOR
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Redação: R. Senador Dantas, 15 - 5.º andar
Tel. 22-9675 — Rio de Janeiro

PREÇO Cr$ 15,00

FELIZ ANO NOVO

A frase "Feliz Ano Novo", é dita de diversos modos, nos vários idiomas falados nos diversos paies do mundo.

Assim: "Feliz año nuevo", (em espanhol), "Happy new year!" (em inglês), "Bonne année!" (em francês), Froehliches Neujahr!" (em alemão), "Felis any nou!" (em catalão), "Aem murabac Yedit!" (em arabe) "An non fericit!" (em rumeno), "Boldog uj évet!" (em húngaro), "Pozoraw iaiem's novim godom!" (em russo), "Sretma nova godina!" (em croato). "Buon capo d'anno" (em italiano), Steslivy novy rok!" (em checo), "Stasliva novata godina!" (em bulgaro). "Szczesliwego newego roku" (em polaco), "Laimingu nauju metu!" (em lituano), "Gelukkig meuwjaar!" em holandês), "Stastlivy novy rok!" (em eslovaco) "Szczaslywoho nowoho roku!" (em ucraniano).

COMO APANHAR A BOLA?

Robertinho estava jogando futebol e a sua bola foi cair longe, no meio de um labirinto.

Agora êle quer ir buscá-la e não sabe por onde há de passar... Será que você póde encontrar o caminho por onde Robertinho deve entrar, e passar, até apanhar a sua linda bola? Vamos vêr?

A MENTIRA

Mentiroso é o individuo que pensa uma cousa e, de proposito, diz outra; é aquele que engana outrem propositalmente.

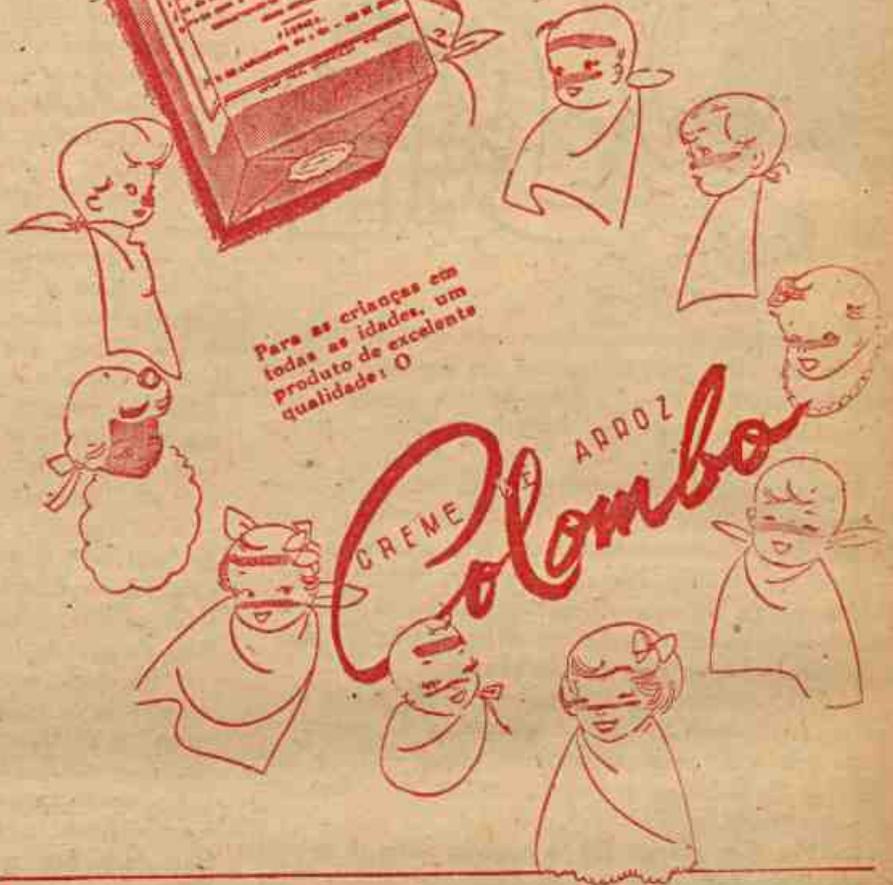
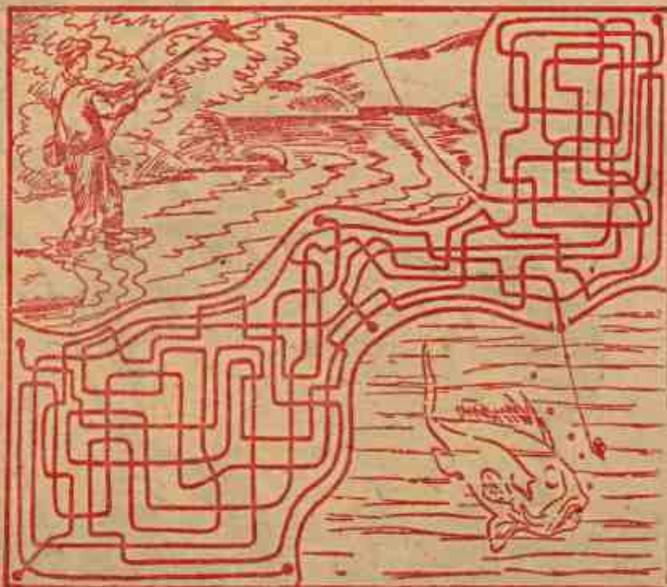
A primeira vitima da mentira é o proprio mentiroso, porque, se temporariamente consegue enganar, é logo desmascarado, e em seguida abandonado, repelido e desprezado. Ninguem acredita no mentiroso, ainda mesmo que ele fale a verdade. A mentira só é permitida quando tem por fim evitar grandes males ou grandes desgostos e não prejudicar ninguem.

A GUERRA

Os romanos designavam a guerra pelo vocábulo bellum. Poderia supor-se que êste nome provinha de Belus, filho de Nemrod, o qual, empreendeu, segundo tradições fabulosas, a primeira guerra que a história menciona. Se dermos crédito a Varrão. bellum seria uma modificação, uma corrupção de duellum.

Quando as Gálias foram conquistadas aos Romanos pelos Borguinhões, pelos Visigodos e pelos Francos êstes Bárbaros substituiram ao bellum dos latinos o wer, que, pela pronúncia céltica ou teutônica, se tornava em ger, gair. Dêste, os italianos começaram por fazer verra e depois guerra.

Os Germanos — guerra-man, german — tiram seu nome da guerra. O wer dos bárbaros deu as palavras wehr ao alemão e war ao inglês.

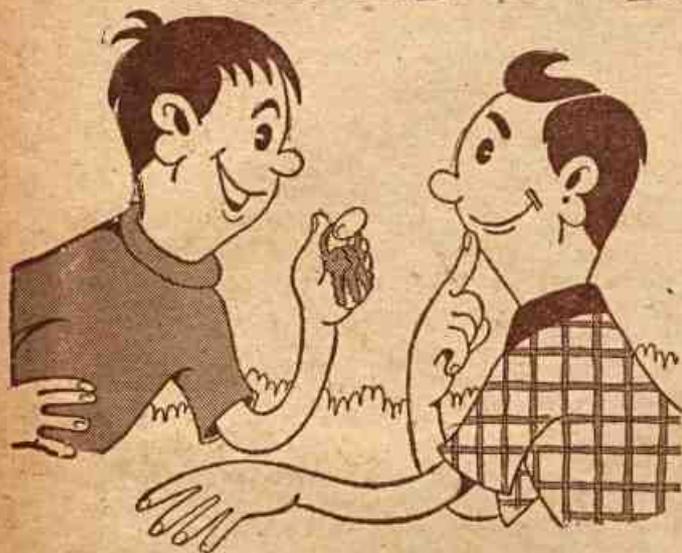
Como quer que seja, devemos admitir que, quando as guerras metódicas dos romanos cederam o lugar às tumultuárias invasões bárbaras, não só tôdas as leis e métodos foram mudados, como ainda o nome antigo foi rejeitado para dar cabimento ao novo nome. O latim deu-nos as palavras belicoso, beligeramente e os bárbaros deram-nos a palavra guerreiro.

Qual a linha?

O pescador lançou o anzol mas a linha se enredou nas outars.

Qual será a linha dele? Saberá você descobri-la? Basta procurar seguindo com o seu lápis a que lhe parecer certa. Se fôr, irá ter no anzol. Experimente.

— *Quer que pese o pequeno com ôsso ou sem ôsso, madama?*

O MOLHO DE CHAVES

Conto de MANOEL VERAZ
Ilust. de Luiz Sá

OS dois meninos estavam brincando na praça, quando um dêles avistou, junto a um dos bancos, uma coisa que brilhava ao sol. Abaixou-se e apanhou.

— Olha só o que eu achei, Juquinha! — gritou êle. — Uma penca de chaves!

Examinaram detidamente o objeto achado, e como não soubessem que fazer com êle, Robertinho o guardou no bolso e continuaram a correr e a brincar.

Era um sábado. No dia seguinte, domingo, Seo Euzébio, pai de Roberto e Juquinha, estava na varanda, descansando, quando ouviu um dêles entrar, sacudindo na mão a argola com as três chaves.

— Eh, rapazinho! — chamou. — De onde você tirou estas chaves? Isso não é brinquedo de menino!

— Não tirei de lugar nenhum, papai — foi a resposta. — Eu achei estas chaves, ontem, na Praça, em baixo do banco.

— Foi, sim, papai. Eu vi quando Roberto achou!

— E você já pensou, meu filho, na falta enorme que estas três chaves poderão estar fazendo ao seu dono, nos transtornos que a sua perda lhe poderá ter causado?

— Pensei, papai. Mas como não sei quem é o dono delas, nem onde mora, não posso fazer nada... Por isso, estou brincando com êlas que agora são minhas...

— Não, senhor! Elas não são suas, Roberto. As chaves continuam a ser de quem as perdeu. O dono delas deve estar desesperado...

— E que é que eu posso fazer, Papai?!

— Muito simples, meu filho. Eu estou sempre aconselhando vocês a lerem jornais, pois já estão ficando dois rapazes, e devem ir aprendendo a conhecer a vida através de seus aspectos, coisa que a leitura dos bons jornais nos ensina. Se vocês lêssem jornais, já teriam solucionado êsse problema. Venham cá. Aqui está um jornal bem feito, bem redigido, bem paginado, com uma variedade enorme de assuntos bem distribuidos...

Os meninos se aproximaram e viram, na mão do pai, o "Diário de Noticias".

— Êste jornal, entre as ótimas secções que tem, apresenta esta "Perdeu alguma coisa?", que é de enorme utilidade para o público. Quem acha qualquer objeto, é obrigado, por um dever de conciência e honestidade, a procurar fazer com que o achado volte às mãos do dono. O "Diário de Noticias", sem lucro ou vantagem de qualquer espécie, recebe os objetos, anuncia na secção de que falei, e quando aqueles são procurados, faz a restituição...

— Que coisa formidavel! — disse Juca.

— Está aí uma coisa que eu não sábia que um jornal podia fazer! — disse Roberto.

— Claro que póde — explicou o pai. — Um bom jornal não é apenas divulgador de noticias. Êle orienta o público, defende-lhe os interesses, critica os atos dos administradores mostrando os êrros, ajuda a fazer a caridade...

— Também?!

— Também, meu filho. Olha, no próprio "Diário de Noticias", a secção "Os casos dolorosos da cidade". Quanta dôr tem sido consolada, quanta miséria tem sido acudida, quanta doença curada, graças a esta coluna do grande jornal?!

Por isso, meus rapazes, não há tempo a perder: amanhã cêdo vocês vão à redação do "Diário de Noticias" e entreguem as chaves que acharam. É um dever de vocês. E êste é um dos muitos deveres que todos cumprimos com prazer. Lembrem-se de que se fossem vocês, que tivessem perdido as chaves, gostariam de poder recuperá-las... E devemos fazer aos outros o que gostariamos de que a nós nos fizessem...

COM TODA A FRANQUEZA

Qando o doutor Eduardo Wilde foi nomeado Ministro de Obras Públicas na Argentina, recebeu insistentes pedidos de uma parenta velha que queria à fôrça arranjar uma colocação para o filho. Para livrar-se dos pedidos da senhora, o ministro começou a levar o rapaz, todos os dias para seu gabinete, onde êle passava o tempo todo sem fazer nada, mas sem ter sido, também, nomeado para cargo algum. O rapaz, afinal, contou à mãe o que lhe sucedia e a velhota foi correndo ao Ministério.

— Eduardo — disse ela — eu venho aqui para que me digas, com tôda a franqueza, que é que está fazendo meu filho lá no Ministério . . .

— Com tôda a franqueza? — perguntou o político.

— Com tôda a franqueza!

— Pois bem: está sobrando . . .

NA MESMA MOEDA

Os troianos enviaram uma embaixada ao imperador Tibério, para levar-lhe suas condolências pela morte de Germânico, príncipe que era seu rival, e que fôra assassinado. A embaixada levou tanto tempo a se preparar e a viajar, que chegou a Roma dois anos depois da morte do herói.

Tibério se mostrou muito agradecido aos membros da embaixada, e para fazer uma ironia com êles, disse-lhes que aceitassem também os seus pêsames sentidíssimos pela morte de Heitor, coisa que acontecêra tresentos anos antes . . .

A dôr ensina a gemer...

Este foi o recurso de um acrobata que sofria muito dos calos e precisou sair à rua num dia em que ameaçava chover ...

RECORDE...

No Brasil, a primavera começa em 23 de setembro; o verão em 22 de dezembro; o outono em 20 de março e o inverno em 21 de junho.

Umidade é a maior ou menor quantidade de vapor dágua contido no ar.

Conhece-se o grau de umidade por instrumentos chamados higrômetros e higroscópios.

O ar sem umidade é ar sêco.

A umidade depende da presença ou proximidade de rios, lagos, mar, etc.

Para medir-se o calor de um corpo há instrumentos chamados termômetros de diferentes espécies. O mais comum e que serve para se apreciar o calor do corpo humano é o termômetro clínico.

É um tubo muito fino de vidro, com um reservatório onde há mercúrio (azougue). Aquecido, o mercúrio se dilata e sobe pelo tubo.

TRÊS CARTAS

Alguém escreveu três cartas ridículas a uma célebre artista francesa, Mlle. Déjazet.

Tendo-as lido atentamente, a grande estrêla teatral limitou-se a comentar:

— Êste, coitado, fez questão de demonstrar que era idiota em três cartas. Assim, ficou bem comprovado.

OS SAPATOS

Um dia um amigo de Beethoven encontrou o grande compositor num Café. Havia muito tempo que não se encontravam, e o amigo, muito solícito e interessado, perguntou ao artista se tinha estado doente.

— Eu, não — respondeu Beethoven. — Quem estava doente eram os meus sapatos. E como só tenho um par, tive que ficar em casa. Eles estavam desenganados...

AMIZADE DESINTERESSADA

— Ora, filhinho! Não chores! Num instante arranjarás outro amiguinho!
— É...Mas o pai dêste tem uma confeitaria...

O REGIMENTO

Estevão Bernardo Defrieu, autor dramático francês assistia à primeira representação de sua própria peça "Astarxerxes" em companhia de alguns amigos. Ao cair o pano, ouviu-se um assovio prolongado, de alguém que quisesse começar uma vaia. Voltando-se para os amigos, Defrieu explicou com um sorriso:

— O coronel é impossivel! Trata-se de um amigo meu, metido a engraçado, que está por aí, entre os espectadores. Tôdas as vezes que há estréia de uma peça escrita por mim, êle faz isso, para me meter raiva...

Na outra noite, Defrieu e os mesmos amigos tornaram a vir ao teatro, e quando a representação findou, torno a ouvir-se o assovio prolongado, que foi logo seguido de outros, e outros, numa vaia tremenda.

— Sempre o maldito coronel! — disse Difrieu.

— Sim, deve ser... — exclamou um dos amigos. — Mas note que hoje êle parece que trouxe o seu Regimento...

BOA RESPOSTA

Um discipulo de Confucio, certo dia, lhe perguntou:

— Mestre, que é a morte?

— Meu filho — respondeu Confucio — como queres que eu saiba o que é a morte, se ainda não sei o que é a vida?

UM CAMARADA EXAGERADO E...

— Não ouço nada! Fale mais perto do fone!

— Não ouço ainda! Fale mais perto do fone! !

— Mais perto! Mais perto! Mais perto! *(Veja a página seguinte)*

A RAZÃO ERA... OUTRA

A QUININA

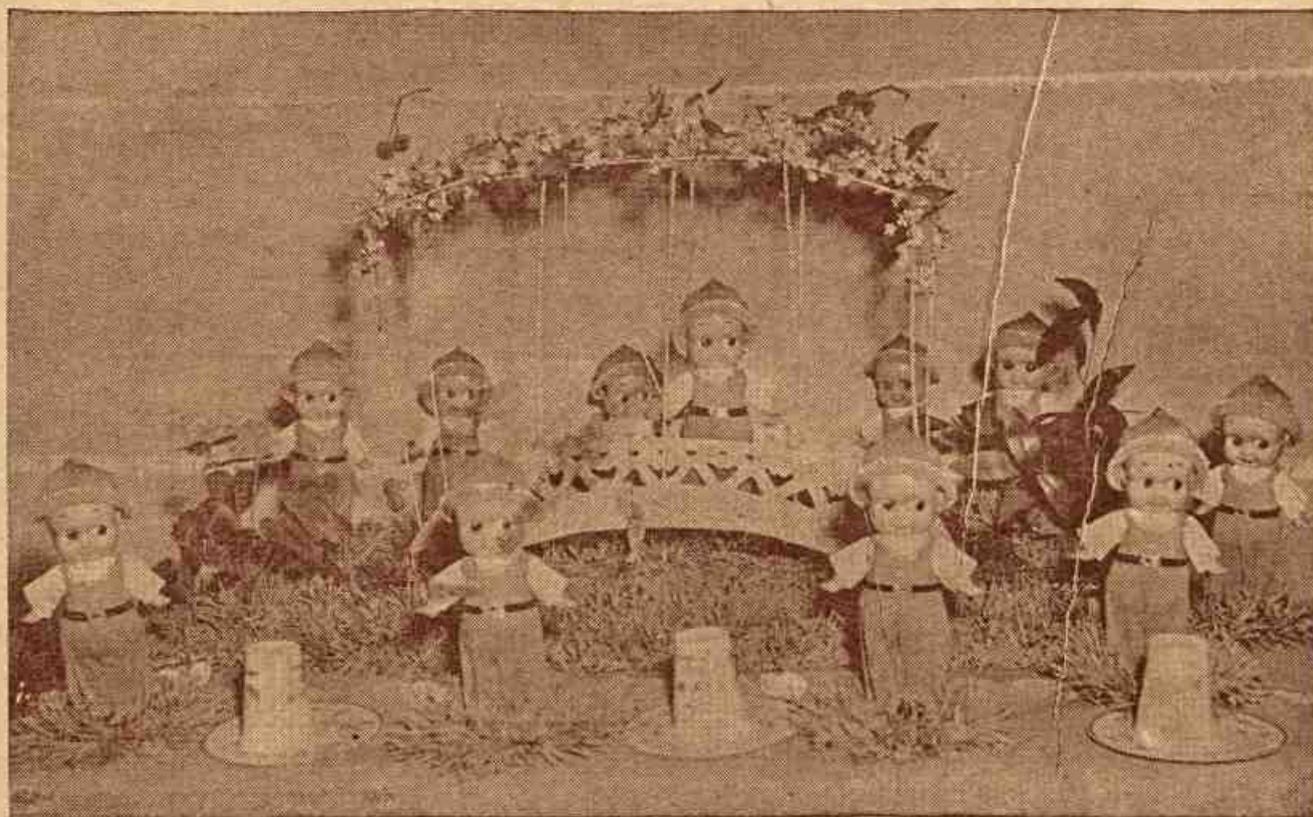
O melhor remédio até hoje conhecido para combater a febre palustre é o quinino, alcaloide extraído da cinchona. Segundo uma velha lenda do Perú, o verdadeiro descobridor do quinino como remédio para a malária foi um índio daquele país por nome Pedro de Leyva Consta que, padecendo de sêde em consequência de um acesso de febre de que foi acometido, deitou-se no chão para beber água de um riacho a cujas margens cresciam várias árvores de cinchona. Ao contrário do que usualmente se dava, sarou da moléstia, e tratou logo de recomendar essas águas aos seus amigos. Experiências posteriores demostraram que as folhas depois de esmagadas e postas de infusão durante algum tempo, proporcionavam um remédio de alto valor contra o impaludismo. O índio revelou seu segredo a um padre jesuita e assim adquiriu esta ordem religiosa o valioso segredo.

Seja isto como for, o certo é que em 1631, quando a condessa de Chinchón, espôsa do Vice-Rei do Perú, se achava à morte em consequência de uma febre de que vinha padecendo, um padre jesuita, em visita ao palácio, obteve licença para lhe dar a estranha infusão. Era um tratamento inteiramente novo, muito diferente da prática comum de fazer sangrias. Com grande surpresa dos assistentes a condessa sarou, e em sinal de gratidão enviou grandes quantidades da casca à Espanha para fins de experiência.

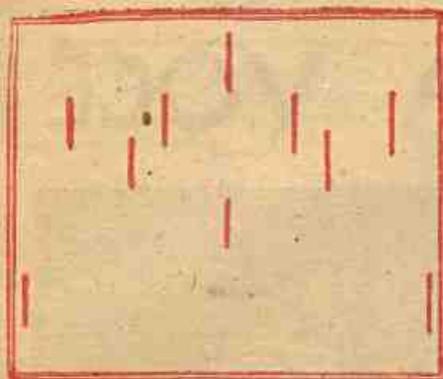
Divulgaram-se em breve as maravilhosas qualidades do famoso remédio, conhecido então como Casca Peruana, Casca Jesuita ou Pós da Condessa. Foi o botânico Linneu que, em honra dá Condessa de Chinchón, deu à árvore o nome de Cinchona.

A palavra quinina deriva-se do nome indígena da árvore: **quina-quina**, cuja forma dupla deve-se indubitavelmente às sua qualidades curativas.

O sulfato de quinina é um pó branco extraído da casca da Cinchona.

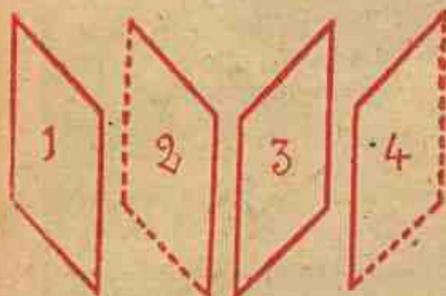
— *Pois é! Azar meu! Fui ver as provas de aeromodelismo...*

(Vem da página anterior)

Você é esperto?

AS SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS AQUI PROPOSTOS SÃO ENCONTRADAS NA PAGINA 140. MAS... SÓ VÁ PROCURÁ-LAS SE, DE TODO, NÃO OS PUDER RESOLVER.

AS ESTACAS

— No quadro acima estão 10 estacas fincadas no chão. O nosso desafio à sua capacidade consiste nisto: trace cinco linhas retas de modo tal que cada uma delas toque a base de quatro estacas em linha reta. As linhas se podem cruzar. (Solução à pag. 140)

OS 5 QUADRADOS

Aqui temos 15 fósforos, dispostos formando 5 quadrados. Vamos agora ver se você é capaz de mudar de lugar apenas 2 fósforos e fazer com que continuem a existir os mesmos 5 quadrados, e a figura continue a mesma... Se não acertar, veja a página 140

O HEXAEDRO

Arrume jeitosamente os paralelogramos 1, 2, 3 e 4 de tal modo que formem um hexaedro perfeito visto em perspectiva.

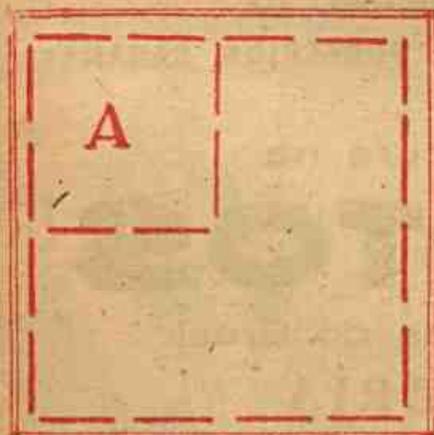
Para isso é preciso decalcar, cortar as quatro figuras e colocá-las em seus lugares, sendo encontra os lados comuns a cada uma delas.

As linhas pontilhadas devem ficar formando os angulos posteriores para que a figura apareça perfeitamente desenhada.

(Solução à pag. 140)

OS AVIÕES

Aqui estão sete aviões em pleno combate aéreo. Você precisa traçar três linhas retas de tal modo que cada avião fique dentro de um espaço só seu.

Se não achar o meio de fazê-lo, recorra à página 140, onde está a solução.

A DIVISÃO

Faça o desenho com 20 fósforos.

Em A está erguida uma casa. Divida o resto do terreno em quatro partes iguais, usando, para isso, apenas oito fósforos. As partes da divisão do terreno deverão ser iguais.

(Solução à pag. 140)

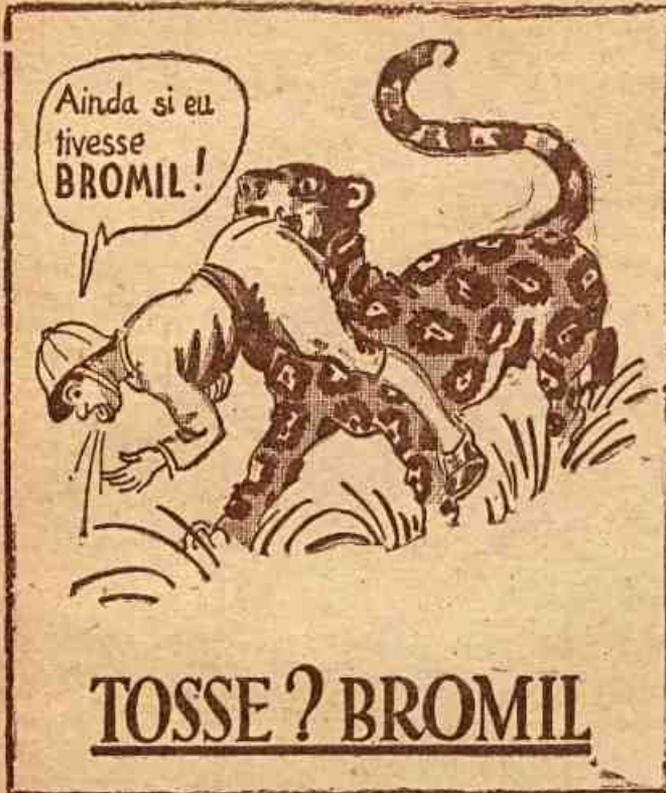
COM UM TRAÇO SÓ

Estas duas figuras (ao alto e à direita) podem ser feitas com um traço só, cada uma delas. Tente realizar essa proeza e se chegar à conclusão de que não acerta, olhe as soluções na página 140.

A abelha pertence à ordem dos himenópteros. Como todos os insetos, em seu corpo se distinguem três regiões: cabeça, tórax e abdômen. Possue quatro asas membranosas, transparentes. Dividem-se em: operárias, rainhas e zangões.

O cultivo das colônias de abelhas para aproveitamento do mel que elas produzem, e da cêra, chama-se apicultura

Além de fornecer o mel e a cêra, as abelhas são úteis ao homem servindo de condutoras do pólen dos vegetais de uma flôr para outra.

A picada da abelha é dolorosa e é preciso muito cuidado no trato com êsse inseto.

OS RATOS EM APURO

OS três ratos de olhos vendados que aqui estão, andavam fazendo umas travessuras e a mulher do fazendeiro decidiu castigá-los.

Estão êles fugindo à pobre senhora, que está certa de que os vai apanhar porque êles não a podem vêr.

Engano dela, coitada! Através das vendas, os piratas bem que a estão vendo e vão fugir bem direitinho... Se você quer vêr a cara da mulher do fazendeiro, corte o quadrado e dobre-o de modo que as linhas pontilhadas A. B. fiquem juntas, fazendo o mesmo com as linhas C D.

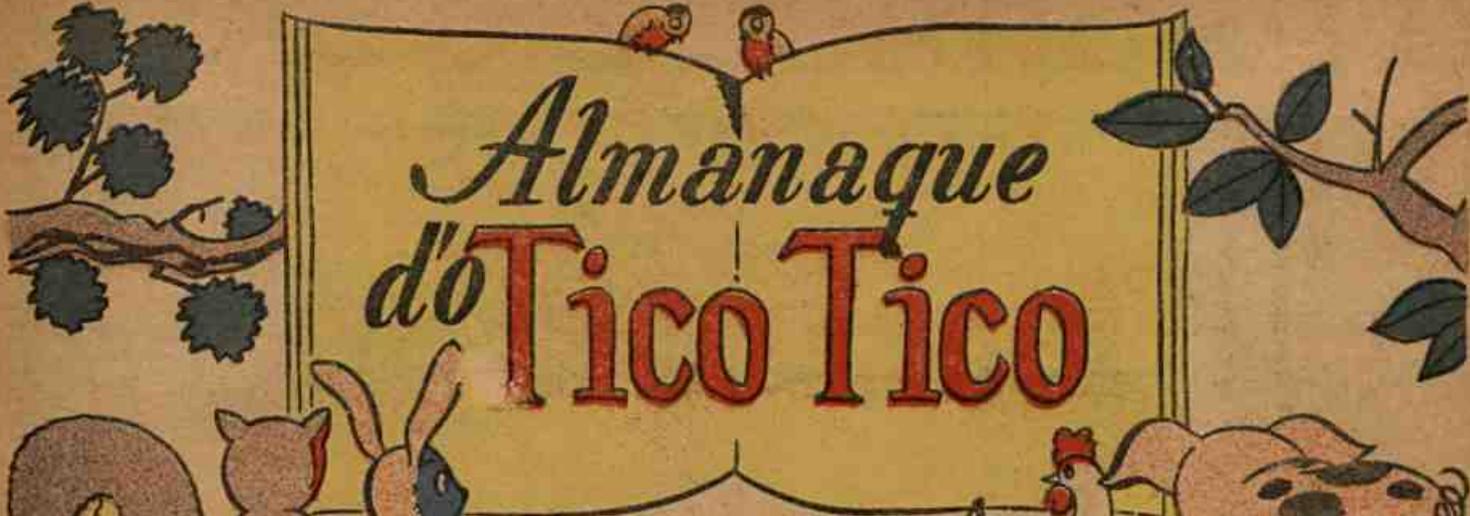
AFINAL TOCOU!

O Carnaval

DURANTE a Idade Média as festas de Carnaval consistiam principalmente, em bailes ao ar livre, nas praças públicas, e de serenatas feitas pelas pessôas mais importantes da cidade. Os mascarados usavam uma espécie de capuz com duas orelhas bem compridas, que tinham em cada ponta um guiso. Nem sempre os músicos se saiam bem dessas serenatas, pois se de alguma casas recebiam dinheiro e viveres, de outras, como nas dos negociantes e pessôas ricas e avarentas, recebiam lixo, água suja e até estôpa em chamas. Em represália os músicos atiravam pedras nas casas onde eram tão mal recebidos, sendo por sua vez revidados, estabedecendo-se assim violentos combates. Como acontecia, quase sempre, resultarem vários feridos, a policia proibiu essas serenatas. Também os mascarados e blocos grotescos terminavam quase sempre a pauladas com grande alegria dos espectadores.

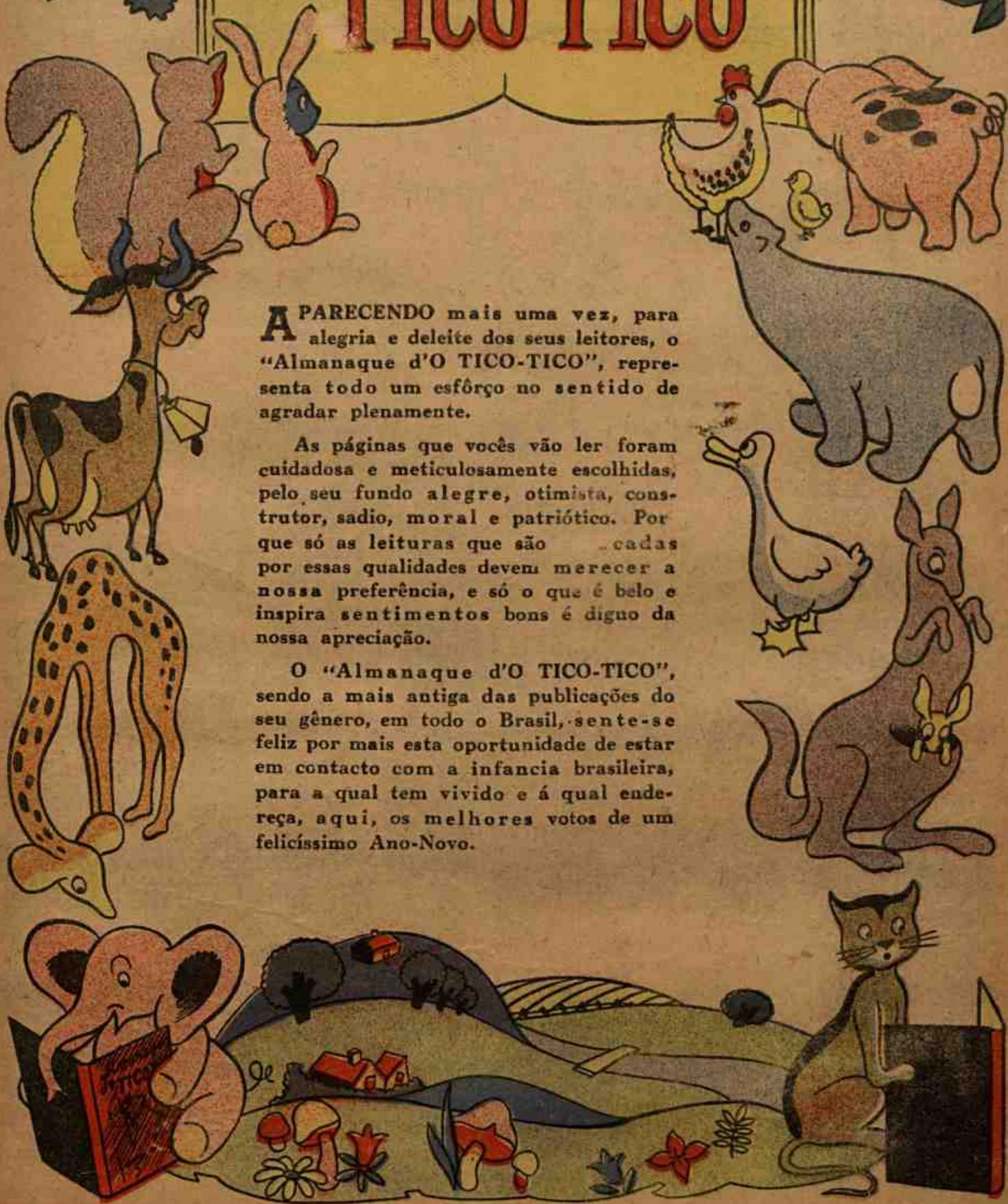
ATÉ bem pouco tempo o Carnaval de Nice era muito afamado pelos cortejos e carros artisticamente enfeitados. Os desenhos e "maquetes" para êsses préstidos eram obras de dois pintores: pai e filho de nome Mossa, pouco conhecidos. Em 1874 Mossa teve a idéia de preparar um cortejo humoristico que tivesse, numa carroça, uma figura que seria proclamada como o rei do Carnaval. Esta inovação foi muito aplaudida, tanto que nos anos seguintes foram muitos os imitadores, mas nenhum o suplantou. Nas grandes oficinas de Mossa, quatro ou cinco meses antes do Carnaval, era intenso o trabalho e havia mais de sessenta pessôas trabalhando na confecção dos carros carnavalescos. As figuras eram feitas de papelão ou de armação de arame e depois vestidas. As cabeças eram verdadeiras obras de arte.

OS povos antigos do Oriente costumavam usar máscaras nas cerimônias. Na fabricação dêssas máscaras êles empregavam os materiais mais diversos. No Museu de Londres ainda se encontra uma máscara feita de mosaico e malaquita, que foi usada pelos grandes sacerdotes. Os egípcios faziam as máscaras de lâminas de ouro, de vidro, de uma espécie de cera, cujo segredo de fabricação possuiam, e até de madeira . Essas máscaras, porém, só serviam para cobrir o rosto das múmias. Entre os gregos e romanos as máscaras tiveram utilidade menos fúnebe. Durante o espetáculo cada ator aparecia com uma máscara que caracterisava seu papel na cena. Para cada idade, cada ramo social, desde o rei e o herói até o escravo, havia uma máscara diferente, de modo que qualquer pessôa, por menos inteligente que fôsse, que assistisse a um espetáculo, logo reconhecia em cada ator o personagem que representava.

EM Veneza, o Doge — o supremo magistrado — oferecia, durante as festas do Carnaval, grandes bailes no Palácio do Govêrno. A "Ridotta", assim se chamava a festa, reunia tôda a nobreza veneziana. Damas e cavalheiros ostentavam luxuosas fantasias e exibiam carissimas joias. Nos jardins muito bem iluminados por lanternas de côres, também se dançava. Os mascarados se disfarçavam com meias-máscaras de veludo preto, que tiveram sua origem na cidade de Veneza, e assim irreconheciveis podiam fazer brincadeiras espirituosas e interessantes sem correr o risco de serem descobertos. Durante o baile os criados percorriam os salões e jardins com bandejas cheias de guloseimas de tôda espécie. Porém... algumas dêssas gulodices eram recheadas com substâncias amargas, picantes ou então bem azedas e aqueles que as recebiam faziam caretas que muito divertiam os outros convivas. Mas havia alguns que enguliam depressa o doce sem dar a perceber aos outros o logro em que haviam caido enquanto seus companheiros esperavam atentamente o menor sinal de repugnância para estourarem em gostosas gargalhadas.

Almanaque d'O Tico Tico

APARECENDO mais uma vez, para alegria e deleite dos seus leitores, o "Almanaque d'O TICO-TICO", representa todo um esfôrço no sentido de agradar plenamente.

As páginas que vocês vão ler foram cuidadosa e meticulosamente escolhidas, pelo seu fundo alegre, otimista, construtor, sadio, moral e patriótico. Por que só as leituras que são [illegible]cadas por essas qualidades devem merecer a nossa preferência, e só o que é belo e inspira sentimentos bons é diguo da nossa apreciação.

O "Almanaque d'O TICO-TICO", sendo a mais antiga das publicações do seu gênero, em todo o Brasil, sente-se feliz por mais esta oportunidade de estar em contacto com a infancia brasileira, para a qual tem vivido e á qual endereça, aqui, os melhores votos de um felicíssimo Ano-Novo.

O PALHAÇO E O SAPO

Tradução de M. M. EME

EM um pequeno povoado viviam um palhaço e uma menina. Êle se chamava Chico e ela Clara.

Quando Clara ficou só no mundo, o palhaço passou a servir-lhe de pai.

O circo em que Chico trabalhava teve sempre grande afluência e todos os números eram muito aplaudidos. Mas a imaginação e os recursos do comediante em pouco tempo foram se esgotando. O público foi ficando cansado das suas piruetas, até que um dia êle percebeu que seus espetaculos mais aborreciam do que davam prazer.

O pobre palhaço, como não tinha aprendido outra coisa a não ser fazer piruetas e dar cambalhotas, viu-se atrapalhado.

Como poderia ganhar dinheiro para seu sustento e o da menina? O pouco que ganhava já mal chegava. Êle se privava de muita coisa para esconder da menina a dificuldade por que estava passando. Mas, não lhe era possivêl esconder mais. E numa tarde, quando se esforçava para fazer rir os espectadores, caíu de bruços pesadamente no palco, meio desfalecido pela fome e pelo cansaço.

E o mais trite é que os espectadores desataram a rir diante da posição grotesca do infeliz. Só quando viram que êle não se mexia é que começaram a ficar sérios. Mas quem mais se assustou foi Clara, que saíu correndo em auxilio do pai adotivo.

Assim, o palhaço viu-se abrigado a contar à menina que a sua profissão não rendia o bastante para sustentá-los. E, nessa situação, só via um remédio: — arranjar um tutor para ela, tutor que estivesse em melhores condições financeiras.

Clara não se quis separar do amigo. Depois de ouví-lo, sem se afligir, disse:

— Não será preciso eu me afastar de ti. Temos vivido juntos até hoje e assim continuaremos. Se o teu trabalho já não agrada, no circo, procuraremos outro.

— Mas eu não sei fazer outra coisa, querida — disse êle com os olhos cheios dágua.

— Podes variar o espetáculo... E eu te direi como. O velho Crisanto...

— É um mágico ruim Crisanto nada poderá fazer por nós. É capaz de receber-nos e tratar-nos como a qualquer um dos seus animais! Mas, ao pronunciar esta última palavra, ela quase saltou um grito de alegria.

— Aí está precisamente a solução! — falou Clara — Se êle nos emprestasse um dos seus maravilhosos sapos? Faz-se o que se quer com êles. São ensinados!...

Chico pensou num instante que, se o sábio quisesse ceder um dos seus bichos, tudo estaria resolvido. E, em seguida, foi à casa do velho a quem contou tôda a sua historia.

O velho, depois de ouví-lo sem dar muita atenção falou:

— Estás certo de que só desejas ganhar para o teu sustento e o da pequena?

— Nada mais desejo, creio — respondeu o palhaço. — E se me impões alguma condição para limitar o meu pedido, estou pronto a atendê-la.

— Para que? Tua propria conduta será uma garantia. Segue-me.

E em companhia de Chico e de Clara foi até uma espécie de gruta sombria, onde inúmeros sapos pularam satisfeitos ao ver o sábio.

O mágico olhou-os uns momento e depois fez sinal a um dêles para que se aproximasse. A sapo, o maior de todos, era côr de ouro. Avançou obediente e parou aos seus pés. Este lhe falou calmamente e logo conseguiu o que desejava.

— Este senhor é um palhaço que não ganha nem para comer. E pensa que se algum de vocês trabalhasse com êle, teria maiores resultados. Por isso achei que você, como o mais velho de todos, poderia ajudá-lo. Mas a minha resolução depende de você.

Está de acôrdo?

O sapo acenou com a cabeça afirmativamente e escreveu, no chão, com umas das patas, a palavra "Sim"

— Está bem — acrescentou o velho — e agora mostre o que você sabe fazer. E tirando uma pequena flauta do bolso começou a tocar.

Ao som da mùsica o sapo se pôs a dançar graciosamente. Depois exibiu diversos nùmeros de saltos mortais, andou de cabeça para baixo e equilibrou-se sôbre um arame finissimo e terminou a exibição escrevendo, com palitos, números romanos que lhe foram ditados.

— Maravilhoso! — exclamou o palhaço — Farei uma fortuna com êle!

E, notando o olhar de censura do mágico, retificou: — Perdão. Eu não pensei no que disse. Ficarei satisfeito em ganhar para nos mantermos...

— Não duvido — disse o mágico — mas ainda preciso lhe dizer uma coisa: êste sapo só se alimenta com as flores de uma árvore que só hà no meu jardim. Todos os dias você terá que vir buscar uma. E, mais outra coisa: a cada flor que você levar para o sapo terá que colocar uma moeda em um cofre. Não é um pagamento, pois em qualquer ocasião que desejar pode vir buscar as moedas. Mas não se esqueça de que o sapo precisa alimentar-se diariamente com estas flores.

Sem esperar que o sábio désse ordem para que se retirasse, Chico foi saindo com o portentoso sapo, acompanhado pela menina.

Nessa mesma noite apresentou ao pùblico o animalzinho e o entuziasmo causado foi tão grande que o palhaço teve logo a certeza de que a sua subsistência e a de Clara estavam garantidas.

O sapo tornou-se popular entre a gente da terra e cada noite mais se enchia a sala de espetáculos. Mas os espectadores eram pobres e a renda arrecadada nas entradas chegava apenas para uma vida modesta e para colocar no cofre, em troca de cada flor, uma moeda.

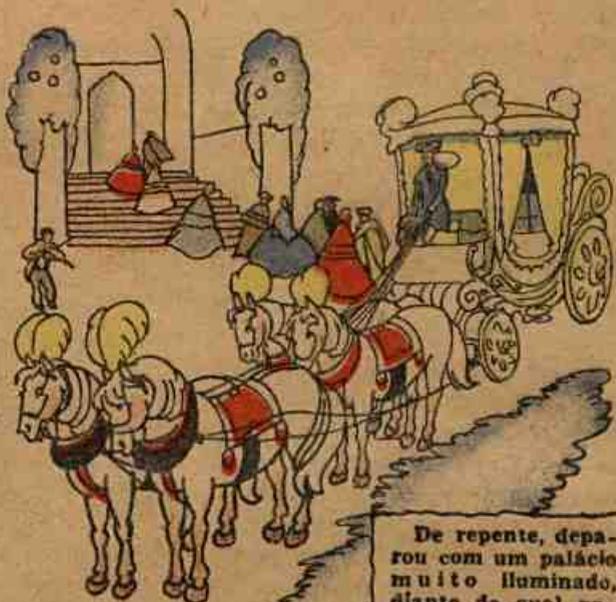
Um dia, o palhaço, depois de muito pensar, disse a Clara que era mais vantajoso irem para uma cidade mais populosa. Depois, não era nada de mais desejar-se um pouco de conforto...

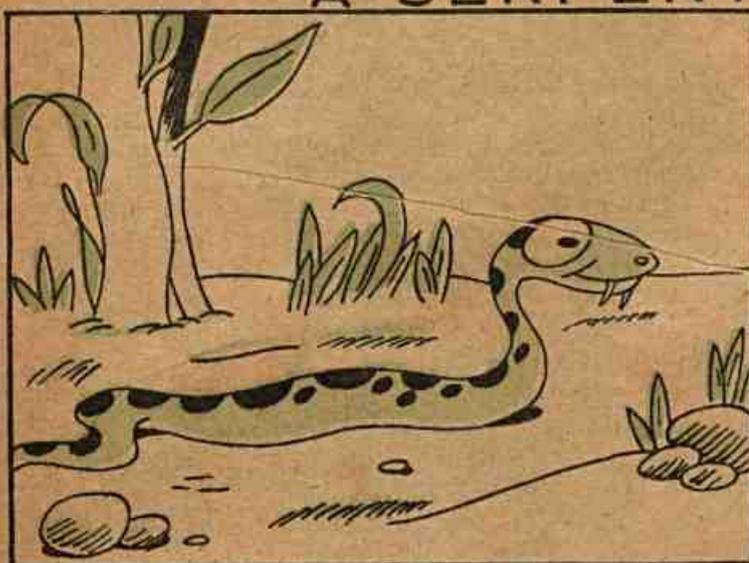
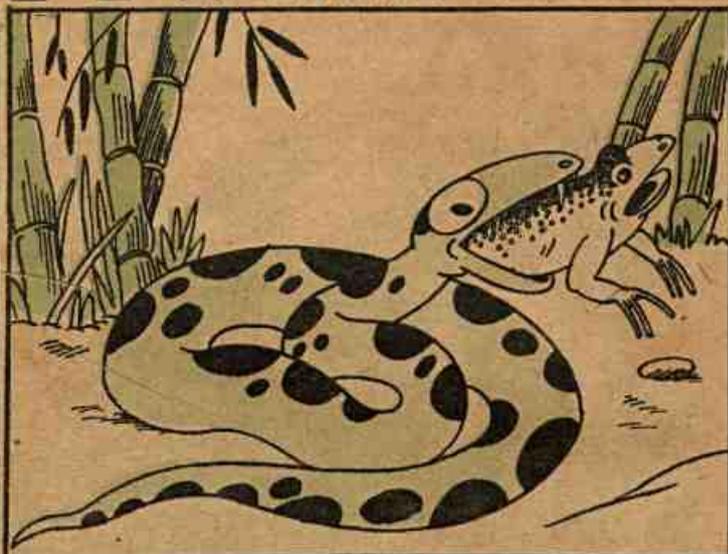
A menina disse que não era direito o que êle queria e lembrou-lhe a dificuldade em apanhar, todos os dias, no jardim do sábio, a flôr para alimentar o batráquio.

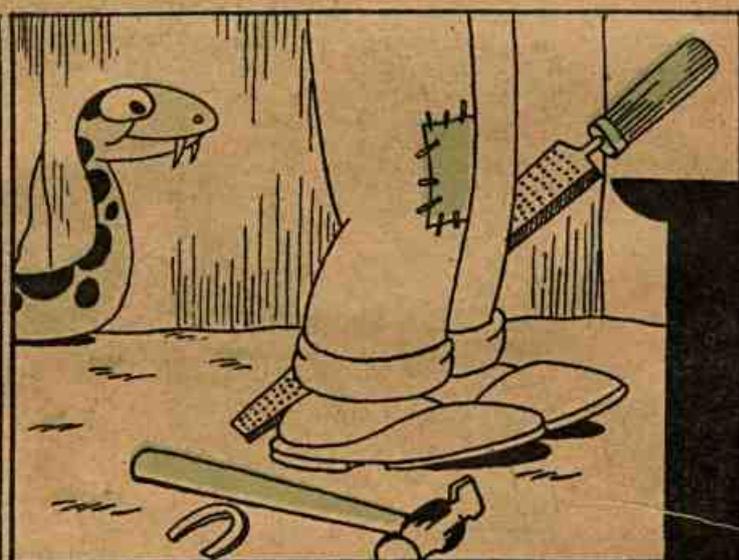
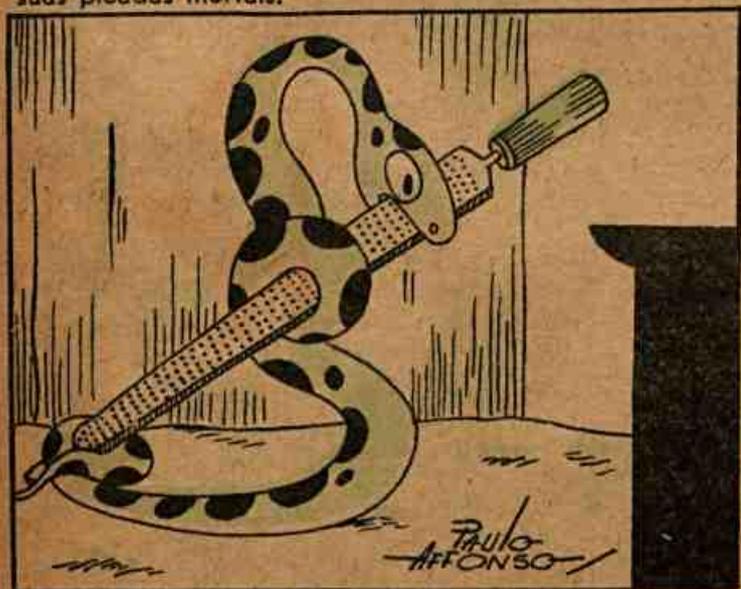
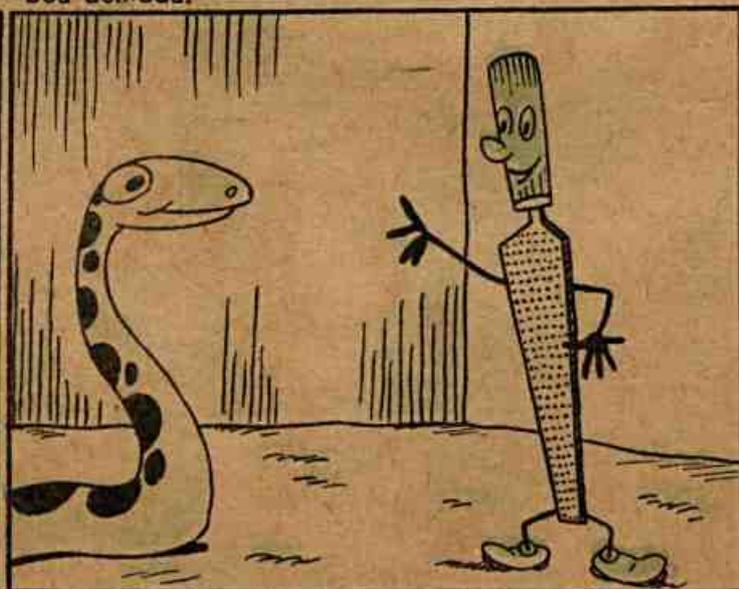
— Não te aflijas por isso — disse-lhe Chico — Ficaremos em uma cidade perto daqui e terei tempo para vir buscar a flôr alimentícia.

A mudança deu resultado, mas o palhaço não se satisfez e tempos depois falava assim a Clara:

(Conclue no fim do Almanaque)

Santiaguinho
Era uma noite de rigoroso inverno. Pelos caminhos cobertos de neve ia um menino que não completara ainda doze anos. Vestia-se com roupas rasgadas e estreitava contra o peito, como um precioso tesouro, um violino.
De repente, deparou com um palácio muito iluminado, diante do qual paravam lindas carruagens de onde desciam muitas pessoas. Querendo ganhar umas moedas, o menino, que se chamava Santiaguinho, poz-se a tocar violino, mas ninguem lhe fez caso.
Então, o menino violinista entrou no jardim, por uma portinha, deixando-se ficar debaixo de uma árvore. Estava tão enfraquecido pela fome e pelo frio que sentia que, recostando-se ali, ficou desmaiado durante longo tempo.
Quando voltou a si encontrou-se num lugar abrigado, porém muito apertado. Abriu os olhos e nada poude vêr. Por fim, descobriu que estava numa casa de cão. Tinha sido arrastado até ali, pelo animal que compreendera estar o menino precisando de proteção.
Levou, também, o cão, até a casinhola o arco e o violino de Santiaguinho que chorando abraçou o bom animal e depois ficou dormindo junto dêle. No dia seguinte, não saiu dali porque ainda fazia frio. A' hora do almoço o cão lhe trouxe um pão.

Santiaguinho continuou vivendo na casinhola. Tôdas as manhãs, muito cêdo saía, com seu violino e ia tocar pelos caminhos. Quando recebia algumas esmolas comprava qualquer coisa para comer e repartia com seu protetor, que o esperava, ao anoitecer, muito inquieto quando êle demorava.
Uma noite, quando o menino e o cão se achavam na casinhola, dois ladrões saltaram a grade do jardim. O cão, guarda fiel, atirou-se sôbre êles, porém, deram-lhe tão forte pancada que o animal caiu como morto.
Santiaguinho, assustadíssimo, permaneceu imovel, compreendendo que se gritasse seria pior. Os ladrões entraram no palácio e lôgo saíram levando em suas bolsas o que haviam roubado. O menino, já refeito do susto resolveu seguir os larápios.
Viu-os entrar em casa e, para não a esquecer marcou-a com uma cruz na porta. Depois, voltou ao palácio, onde já encontrou os policiais que tinham sido chamados. Contou o que vira e os conduziu à casa dos ladrões.
Depois que os ladrões foram presos, entregaram o roubo. E quanto a Santiaguinho, o senhor do palácio penalizado com sua pobreza, adotou-o como filho chegando êle a ser mais tarde um famoso violinista. O cão foi o fiel companheiro do menino por tôda a vida.

A SERPENTE E A LIMA

Era uma vez uma serpente que, de tão perigosa que era, tornara-se o terror da floresta onde vivia.

Não havia sapo ou passarinho que lhe passasse ao alcance, que escapasse ao seu apetite devorador.

Até mesmo os animais de grande porte, embora não podendo devorá-los, matava-os só por maldade, com suas picadas mortais.

Certo dia, entretanto, entrando pelo buraco da parede em casa de um ferreiro, pensou logo em dar-lhe uma boa dentada.

Como não conseguisse, atirou-se ferozmente a uma lima, mas sofreu terrivel castigo, pois partiu os afiados dentes.

Então, a lima tomando ares de gente lhe disse: Que tola tu és! Não vês que os teus dentes não podem cortar aquilo que corta o proprio ferro?

Pequenos inventos que enriqueceram seus autores

Em 1932 um jovem vendedor de refrigeradores, em Norfolk, cansado de ouvir reclamações, inventou a alavanca que faz com que saiam das geladeiras os pedacinhos quadrados de gêlo. E ficou milionário.

Há inventos simples que resolvem necessidades de tôda a gente e de todos os dias. São êsses os inventos mais bem recebidos. São os inventos úteis, que todos apreciam e que, pelo benefício que trazem a muitos, adquirem valor extraordinário. Mas como não há regra sem exceção, houve uma invenção **não útil** que fez a fortuna do seu creador. Trata-se de um copo de cristal com um furinho quase imperceptivel que molha o camarada que vai beber nêle. Esta brincadeira de mau gosto, que à primeira vista não parecia destinada a obter grande êxito, proporcionou ao seu inventor centenas de milhares de dólares.

O caso mais curioso, em matéria de inventos, entretanto, é o do homem que inventou... um buraquinho. Vejam vocês! Mas vamos ver que buraquinho foi êsse... As borrachas de apagar, antigamente, eram inteiriças, redondas como moedas. As pobres datilógrafas viviam a perder as borrachas, porque elas caiam e rolavam para baixo das mesas, arquivos e armários. Vai daí e o homem teve uma luminosa idéia: inventou um buraquinho no centro das borrachas. Nesse buraquinho se enfia um barbante e a borracha é atada ao pé da máquina, e não foge mais para baixo das mesas. O invento foi imediatamente abençoado por tôdas as pessoas que trabalham em escritório,e o seu autor ficou milionário.

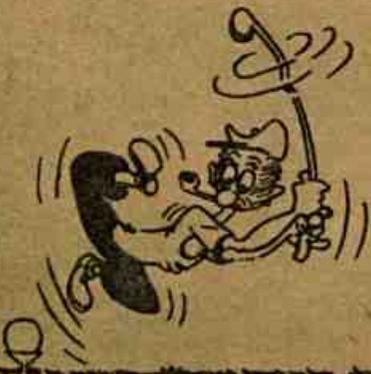
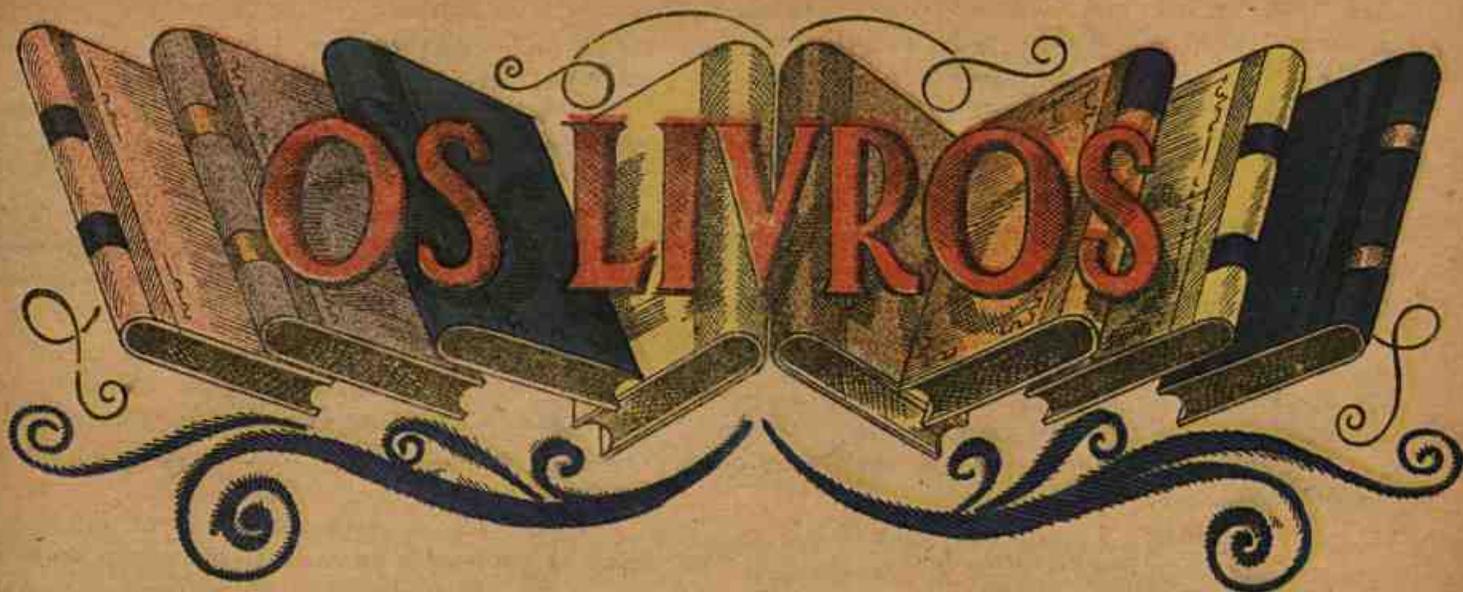
Não é preciso descobrir minas de ouro, diamantes ou petróleo, para uma pessoa ficar milionária. Às vezes, basta uma cousa simples, um invento simples que, sendo bem aproveitado, traz a fortuna ao seu autor. Aqui estão alguns exemplos:

O camarada que inventou um pequeno suporte de madeira sôbre o qual se coloca a pelota, ao começar uma partida de **golf**, de uma noite para o dia ganhou três milhões de dólares.

Um homem esperava um bonde numa esquina e, distraidamente, dobrou um grampo da mulher e com êle prendeu umas folhas de papel que trazia no bolso. Já ia longe, no bonde, quando reparou que tinha inventado essa cousa hoje usada em tôda a parte: o clip para papeis. E com isso ficou riquíssimo!

O acaso tem sido grande auxiliar dos "inventores". Um homem recém chegado aos Estados Unidos, observou que a cerveja norte-americana, igual em sabor à européia, não tinha a mesma transparência bonita daquela bedida. Ele não entendia nada de bebidas, mas por acaso experimentou misturar na cerveja um produto químico chamado pepsina, e o resultado foi surpreendente. Enriqueceu, com aquela descoberta!

Há indivíduos que passam a vida desejando inventar coisas. Outros, sem pretenções a ser novos Edisons ou Marconis, inventam preciosidades. Tudo depende da observação maior ou menor das cousas que nos cercam. É olhando, para elas, vendo como nos servimos delas, que a gente póde aperfeiçoa-las, ou substitui-las por outras melhores. Qualquer um de nós póde ser inventor. Precisa é ser, antes de mais nada, bom observador.

****

UM CAVALEIRO CORTÊS...

Os livros têm uma história bem curiosa. Não a contaremos tôda aqui, pois seria impossível, mas falaremos de algumas cousas interessantes, que aconselhamos você a não deixar de ler.

Você, naturalmente, pensa que sempre se escreveu como hoje, começando na margem esquerda do papel e levando a escrita até à margem direita, não? Pois está enganado! A primitiva escrita, usada entre os gregos e etruscos, chama-se **boustrophedon**, palavra composta de duas outras, gregas: **boi** e **voltar**. Tinha êsse nome porque era feita assim: a primeira linha escrevia-se da esquerda para a direita, a segunda da direita para a esquerda, a terceira outra vez da esquerda para a direita e, assim, até o fim, justamente como faz o lavrador com a sua charrua, indo para a direita e a esquerda, quando chega ao fim do sulco que acabou de fazer.

As letras, então, não eram ligadas entre si, como hoje, e sim soltas, como os caracteres tipográficos de um livro.

A escrita da esquerda para a direita — que é a usada hoje — foi introduzida entre os gregos por Pronápides d'Atenas.

As folhas das árvores foram a primeira substância sôbre as quais se escreveram caracteres. Formavam-se volumes de folhas de palmeiras e de malva. Era sôbre folhas de oliveira que os siracusanos davam os seus votos, e os povos da Pérsia, Índia e Oceania ainda hoje escrevem em fôlhas de árvores.

Sôbre madeira existem documentos escritos de antiquíssima data.

Os romanos chamavam volumina (volumes) os manuscritos que se podiam enrolar, e a palavra **explicare** significava **desenrolar**, ler um manuscrito.

O primeiro homem que colou as páginas de um livro (manuscrito, é claro) chamava-se Phillacio, e os atenienses, agradecidos pela sua invenção, ergueram-lhe uma estátua.

Para se tirar vários exemplares de um livro, tinham os romanos oficinas onde um leitor ia ditando o texto ao mesmo tempo a várias pessoas.

O inventor da imprensa foi Gutenberg que, depois de ter feito vários ensaios em Estrasburgo, veio estabelecer uma tipografia em Mayença, com tipos móveis esculpidos em madeira e, depois, fundidos, sendo a primeira obra que saiu dos seus prelos uma Bíblia de 640 páginas, impresa de 1453 a 1455.

O comércio de livros é muito antigo. Em Atenas, nos tempos de Zenon, havia livreiros em cujas lojas se reuniam literatos, como hoje em dia acontece. Os primeiros impressores não costumavam tirar mais de trezentos exemplares da mesma obra, nem podiam imprimir mais de trezentas folhas por dia. Durante muito tempo, não se imprimia o título dos livros, nem as letras iniciais dos capítulos. Deixava-se em branco um espaço suficiente para os ornatos e desenhos, que eram feitos a mão.

E os nomes escolhidos para os livros, antigamente? Eram notáveis! Houve um livro, que tratava dos Profetas, chamado **"Coração de Aarão"**. Houve uma História Universal cujo título era **"Cadeia de pedras preciosas"**. Um Missionário escreveu **"Seringa espiritual para as almas constipadas de devoção"**.

Os títulos eram compridos assim **"O sino de prata, cujo som póde, com a graça de Deus, fazer dum usurário um cristão perfeito"**. Ou assim **"Memórias socráticas colhidas para tédio do público por um amador do aborrecimento"**.

Há muitas coisas interessantes, como se vê, sôbre os livros, os nossos amigos, que têm uma longa história, e têm sido, através dos séculos, os maiores auxiliares do homem, para que êste possa vencer na vida e prestar serviços à Humanidade.

HAVIA um rei que gostava muito de cerejas e para tê-las com fartura tinha mandado plantar, em seu reino, uma grande quantidade de cerejeiras. Por isso, anquele ano a colheita se anunciava abundante. Nasceram cerejas aos milhares. Primeiro apareceram os frutos verdes para se tornarem amarelos, depois vermelho claro, em seguida vermelho vivo e finalmente vermelho escuro, que denunciava o seu completo amadurecimento.

Em grandes pratos de prata, foram levadas à mesa do rei, que as comeu em demasia, ficando por isso doente. Em vão os médicos do palácio fizeram-lhe ver que a causa da sua doença tinha sido a gula. O soberano não aceitava tais razões.

— Não, não! — gritava — Pois se apenas comi uns três quilos!...

— E lhe parece pouco, majestade? — protestou o mais velho dos galenos. — A metade basta para causar indigestão.

— Cala-te, insolente! — gritou o rei. — De outras vezes tenho comido muito mais e nunca me fizeram mal. Sem dùvida, o maroto do jardineiro não adubou bem a terra e por isso as árvores deram frutos ruins.

— Ouça-me, majestade falou outro médico — Estas cerejas são tão grandes como nozes e quando as comemos dão a impressão de que são torrões de açucar, de tão doces que são.

— Então todos querem tirar-me a razão? — bradou o monarca. — E eu lhes digo que a culpa é dêsse vadio do jardineiro. Quero que êle venha aqui imediatamente!

E chamaram o chefe dos jardineiros que, sem demora, se apresentou na camara real. Estava espantado.

O rei Felipe, ao vê-lo, ficou vermelho de raiva e indagou rudemente:

— Dize-me, patife, que adubo pusestes nas cerejeiras?... Veneno?

— Oh! Majestade — protestou o infeliz jardineiro muito desolado e tremendo como vara verde. — Pus o adubo de sempre, eu juro, e nunca deram tantas cerejas como desta vez.

— Mas me fizeram mal!... E que tens posto na

AS CEREJAS

ua para regá-las? Dize-, ou mando inforcar-te. O pobre homem suava de medo. Por fim, teve uma idéia maravilhosa e disse:

— Algumas pêgas fizeram seus ninhos nas árvores e talvez isso tivesse prejudicado as cerejas que tanto dano causaram a vossa majestade.

— Pêgas! — falou o monarca. — Quero que as ragam imediatamente!

E lhe trouxeram as pêgas. O rei pôs-lhes à frente n prato bem cheio de cerejas e as aves beliscaram s frutas, com gosto, não deixando nem os caroços.

Mas, contra a espectativa do rei Felipe, terminaa a refeição as aves estavam mais saudaveis que nun. As cerejas não lhes tinham causado a menor indisosição!

— Levem-nas e tragam outras aves! — gritou o i furibundo.

E os criados trouxeram-lhe pombas, pintarroxos, nários, calhandras, rouxinóis, cabeças negras... e ainda raz dessas vieram o verdilhões, o melro, o cuco, e uitas outras.

Tôdas comeram cerejas e nenhuma delas experientou o mais leve mal estar. Verdade é que comeram om prudencia, sem tartar-se. como pessoas bem ducadas.

Felipe porém não se convencia. Pois se as cerejas e tinham feito tanto mal é porque eram de má qualiade. Não houve quem conseguisse zê-lo pensar de outra maneira. Os édicos esgotavam seus argumens em vão.

Por fim, um dos criados trouxeram ardais. Estes, logo que viram as frus atiraram-se sobre elas com tal sofreguidão que vocês nem imaginam. Uma, duas, dez, vinte... Aqueles animais eram insaciaveis e terminado o primeiro prato foi-lhes apresentado outro também repleto de cerejas. E comeram, comeram até que, de repente, um passaro fez prr! e caiu morto, com as patinhas duras. Não havia passado dois minutos quando morto também outro caíu.

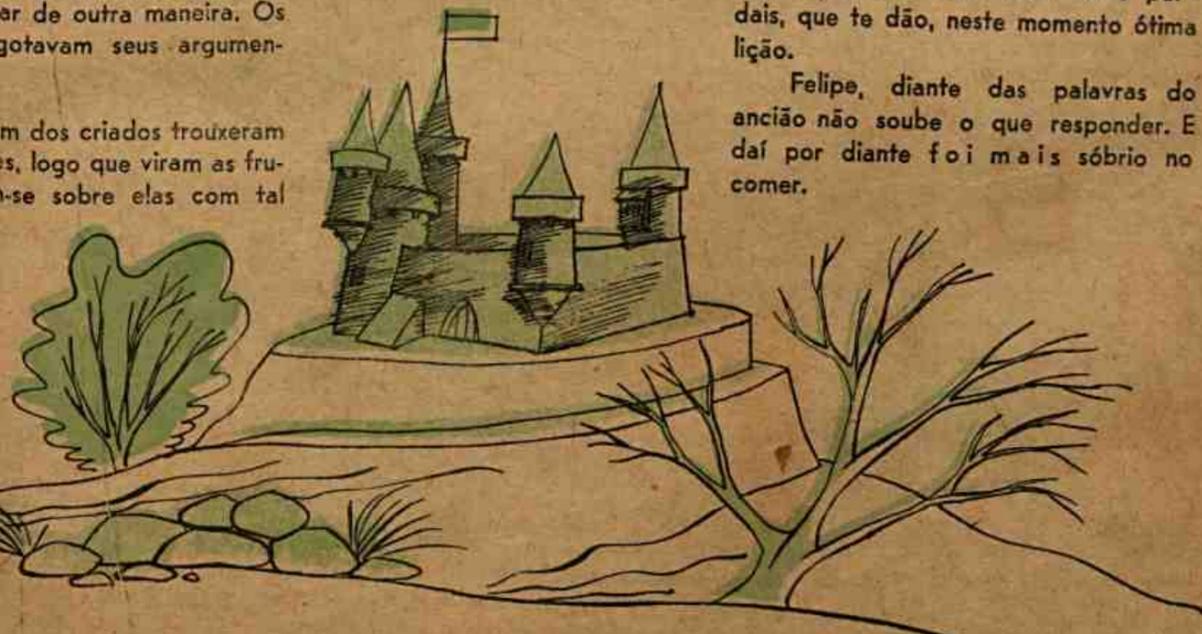
— Vês? — gritou triunfante Felipe.

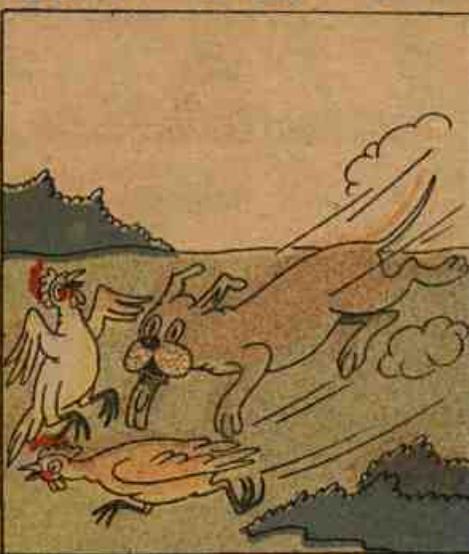
— Vês como eram ruins as cerejas?... Estes pardais morreram porque comeram as frutas envenenadas e tú serás enforcado amanhã!

Nisto entra na camara real Melinho, o velho sábio a quem todos respeitavam.

— Insensato! — disse encarando o rei. — Não comprendes ainda qual a causa do teu mal? Aí a tens. E apontou os pardais mortos.

— Estes passaros — proseguiu o ancião, — são famosos pela sua glutoneria e foi isso e não as cerejas o que os matou... E tú, tão glutão como êles, comeste cerejas em excesso, sem conta nem prudência e agora queres fazer recair a culpa nêste pobre homem, que é inocente. Olha bem estes pardais, que te dão, neste momento ótima lição.

Felipe, diante das palavras do ancião não soube o que responder. E daí por diante foi mais sóbrio no comer.

AVENTURAS DE CHIQUINHO

Chiquinho e Benjamin, como sempre, acompanhados pelo Jagunço, foram passar as férias de Dezembro, na nova fazenda do pai da Lili.

A princípio tudo correu às mil maravilhas, porém Jagunço foi o primeiro a pôr as mangas de fora, não dando descanço às pobres galinhas.

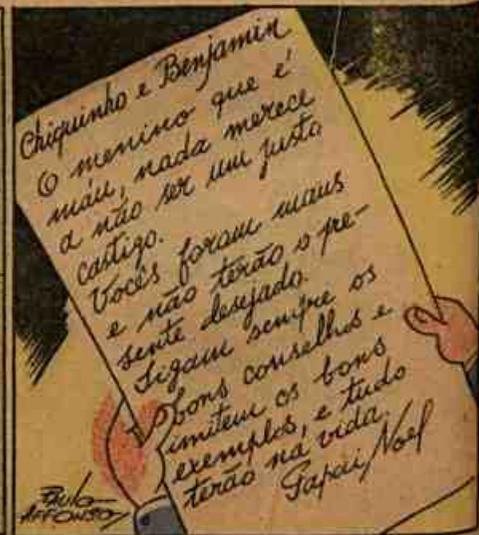
Não satisfeito com isto, cismou um dia de implicar com a "Bomba atômica", uma vaca muito braba, que não conversou em dar-lhe uma boa sova.

Chiquinho, com a mania de colecionar ovos de passaros, sem ter necessidade disso, mexia em tudo quanto era ninho que encontrava ao alcance das...

...mãos. Benjamin por sua vez meteu-se a pescar, a pescar simplesmente por esporte, pois os peixes, êle os deixava jogados pelo caminho.

A prima Lili, não se conformando com aquele procedimento, chamou-lhes a atenção. Êles, porém, não deram muita atenção aos seus conselhos.

Chegada finalmente a véspera de Natal, os dois peraltas não se esqueceram de escrever as suas cartas ao Papai Noel, pedindo-lhe o presente desejado.

No dia seguinte, porem, tiveram desagradável surpreza. Sobre a janela encontraram somente uma botina velha, e dentro da mesma uma carta.

Os dizêres da carta, deixaram os dois de bôca aberta, porém reconheceram o erro e juraram nunca mais praticar ações como as que praticaram.

Portos principais da costa brasileira
SALINAS
ÓBIDOS
SANTARÉM
BELÉM
TURIASSÚ
PARINTINS
ITACOATIÁRA
MANÁOS
TUTÓIA
AMARRAÇÃO
CAMOCIM
S. LUIZ
FORTALEZA
ARACATÍ
AREIA BRANCA
MACAU
NATAL
J. PESSOA
RECIFE
MACEIÓ
PENEDO
ARACAJÚ
S. SALVADOR
NAZARÉ
VALENÇA
ILHÉUS
CANAVIEIRAS
BELMONTE
Pto. SEGURO
CARAVELAS
VITÓRIA
GUARAPARÍ
BENEVENTE
PIUMA
ITAPEMIRÍM
C. FRIO
RIO DE JANEIRO
SANTOS
IGUAPE
CANANÉA
ANTONINA
PARANAGUÁ
S. FRANCISCO
ITAJAÍ
FLORIANÓPOLIS
LAGUNA
P. ALEGRE
PELOTAS
R. GRANDE
N
E
S
O
Miguel

História muda

Como se aprendeu a escrever

SABEM os meninos onde foi que os homens primitivos escreveram as suas mensagens? Nas parendes das rochas.

E, desde o momento em que as imagens desenhadas pelo homem primitivo foram aceitas como representação do objeto que se queria simbolizar, nasceu a escrita.

Por exemplo: os indígenas da América do Norte fixavam os fatos que queriam recordar desenhando os objetos que se referiam a esses fatos. A tal sistema de escrita chamava-se "pictográfico". É claro que, desta maneira, só se podiam representar idéias materiais.. Podia-se "escrever" um cavalo, uma árvore, o sol, não é verdade? Mas como representar a dor, a alegria, a tristeza e outros estados de alma ou sensações?

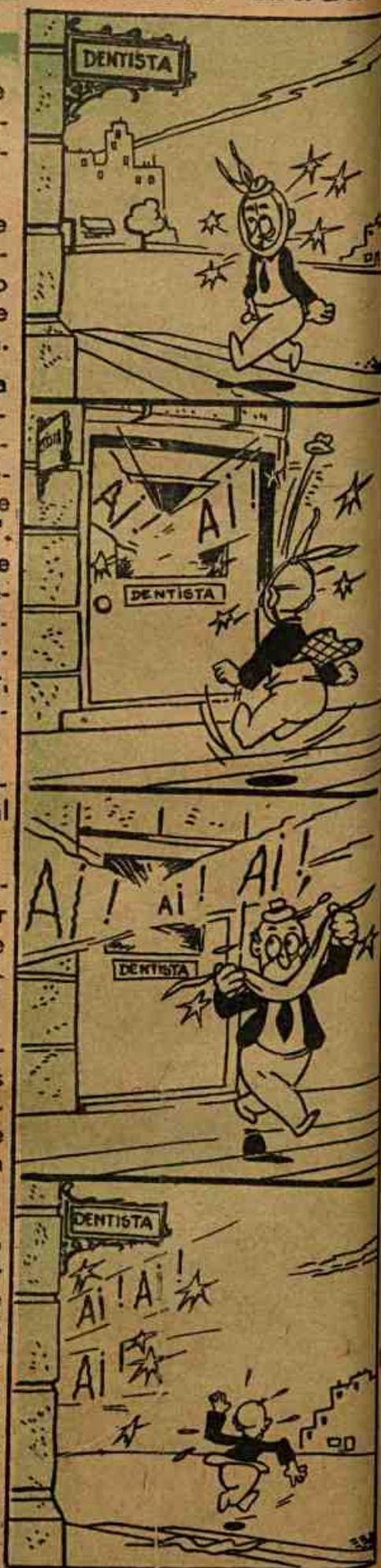
Da escrita pictográfica passou-se então àquela em que cada sinal representava uma palavra.

Era ainda difícil, porque se necessitava de milhares de sinais. Por fim veio a escrita alfabética, que representa o ùltimo aperfeiçoamento no género.

A invenção do alfabeto atribuiu-se aos fenícios. Os caldeus escreviam em barro mole que depois era cozido, e a biblioteca de Assurpanipal, rei dos assírios, era composta de milhares de tijolos.

Mais tarde utilizou-se o papiro, que é a folha de certa planta, devidamente preparada. Empregou-se tambem o couro de carneiro a que se chamou pergaminho, por ter sido primeiro empregado pelo rei Pergamo. Por fim os árabes inventaram o papel e isto fez com que o uso da escrita se generalizasse.

Do alfabeto fenício passou-se ao grego e deste ao latino.

História muda

O PALHAÇO

SOU INFELIZ! TIVE DE ABANDONAR MINHA FAMILIA PARA TRABALHAR NO CIRCO

DEIXE DE TRISTEZAS, TONY! UM DIA VOCÊ HÁ-DE REVER SEUS ENTES QUERIDOS. CORAGEM!

AI QUE SAUDADE DA MINHA FAMILIA! O CIRCO CADA VEZ VAI MAIS LONGE! QUANDO VOLTAREI?

NÃO FIQUE ASSIM TÃO MACAMBUZIO, TONY. O PUBLICO QUER RIR E NÃO CHORAR.
NÃO ACHO GEITO PARA FAZE-LO RIR

COMO HEI-DE TIRAR A TRISTEZA DAQUELE PALHAÇO?

ESCUTEM. O TONY ESTÁ COM MUITA SAUDADE DA FAMILIA. VAMOS PEDIR AO PUBLICO UM OBULO PARA PAGAR A VIAGEM DELE.
ÓTIMO!

MEUS SENHORES, UM AUXILIO PARA O PALHAÇO TONY PARA QUE ELE POSSA REVER SUA QUERIDA FAMILIA

EPA! ARRANJEI UMA BÔA BOLADA! DÁ PARA QUE O TONY PAGUE A VIAGEM

TOME LÁ, TONY. AQUI ESTÁ O DINHEIRO PARA QUE VOCÊ POSSA REVER SUA QUERIDA FAMILIA
OH! MUITO OBRIGADO!

ENFIM REVEJO MINHA QUERIDA FAMILIA. VENHA CÁ UM ABRAÇO!
Hattok

GOIABADA
MARCA
PEIXE
O doce das CRIANÇAS
M. B.
MARCA REGISTRADA
PESQUEIRA
GOIABADA
GOIABADA
CARLOS DE BRITO & CIA. - Fabricas em Recife-Bezerros-Areias-Pesqueira-Rio-S. Paulo

Os bonecos que salvaram um grande general

POUCAS serão as pessoas, no mundo, que não conheçam Marocas e Pafúncio.

Você os conhece, leitor. Com tôda a certeza. São aqueles dois heróis cômicos das historietas em quadrinhos, criados por um grande humorista do lapis, Geo MacManus, pais de uma filha muito linda, que vivem sempre atrapalhados da vida.

Pafuncio e Marocas têm êstes nomes no Brasil e suas aventuras são publicadas diàriamente num dos grandes jornais desta capital. Em outros paises, porém, deram-he outros nomes. Na República Argentina, por exemplo, são conhecidos por Trifón e Sisebuta. Nos Estados Unidos, onde são popularissimos, chamam-se Jiggs e Maggie. No Chile, tôda a gente os conhece como Fausto e Crisanta. E deve haver outros paises onde outros nomes diferentes lhes tenham sido dados.

De qualquer maneira, seja com que nome fôr, êsses bonecos, que já eram célebres em todo o mundo, ganharam, com a última guerra, nova e maior notoriedade. Por que? Ora! Porque salvaram da morte um grande general. E sabem que grande general foi êsse? O notável Eisenhower aquele que comandou, como chefe supremo, tôdas as fôrças aliadas contra os nazistas.

Você há de estar achando impossivel que dois bonecos desenhados,

Marocas e Pafuncio

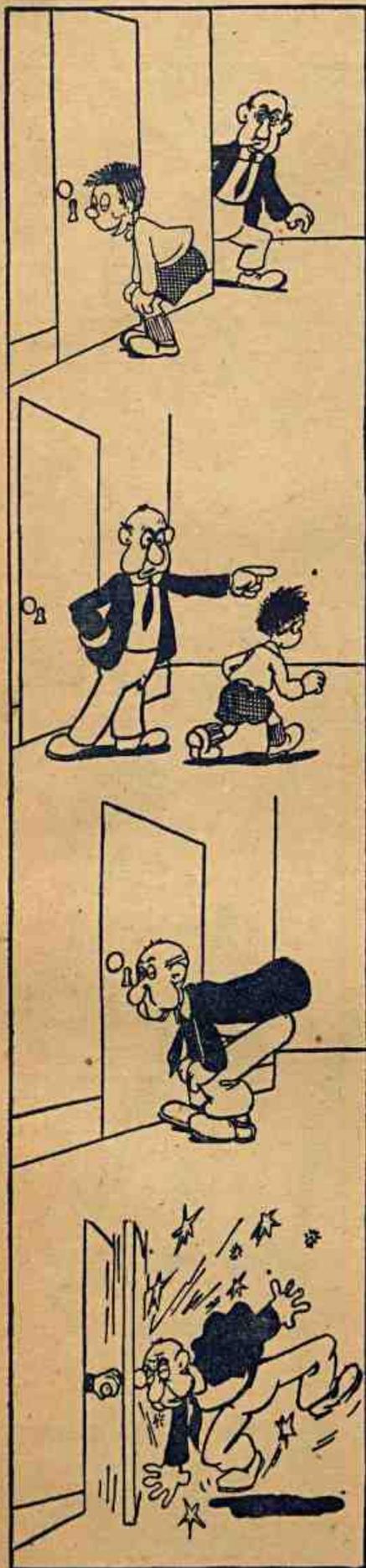
que nem vivem nem nada, possam salvar um homem de carne e osso. Pois vai ver como se deu isso.

Os alemães desejosos de se verem livres do general Eisenhower, organizaram um grupo de nazistas que falavam corretamente o inglês, e êstes, sob o comando do tenente coronel Otto Shorzeny, vestindo uniformes americanos, deviam penetrar nas linhas das Nações Unidas e matar o comandante em chefe aliado. Tudo correu muito bem, até o momento de atravessarem as linhas de defesa americana. Quando ali chegaram, foi-lhes dada a senha: "Quem é a mulher de Jiggs"? Qualquer soldado americano responderia imediatamente "Maggie", porque não há americano que não conheça os dois bonecos, os nossos Pafúncio e Marocas. Seria o mesmo que perguntar a um soldado brasileiro: "Quem é a mulher do Zé Macaco?" E êle responderia, imediatamente: "Faustina!"

Interrogados assim, os alemães "fantasiados" de americanos não souberam responder, porque não conheciam os dois heróis de Geo MacManus. Foi, então, dado o alarme e o grupo todo, e mais o seu comandante, aprisionado.

E foi assim como dois personagens galatos, cujo destino é divertir os leitores de jornais e revistas, puderam salvar a vida mais preciosa dentre tôdas as dos grandes chefes militares da segunda guerra mundial.

Recurso de medroso

O CASTIGO

CHUVA

As chuvas não se distribuem igualmente por tôda a superfície do globo: assim é que as regiões quentes — onde o calor solar provoca uma forte evaporação — tem chuvas mais copiosas e frequentes do que as regiões frias; as regiões marítimas — que se acham expostas a uma evaporação constante — mais do que o interior dos continentes.

A chuva é uma benção do céu; é ela que purifica e refresca o ar, diminue a poeira da cidade, alimenta as plantas, aumenta a água das fontes e dos rios, e fornece a água que é a mais saudavel de tôdas as bebidas; lava a superfície da Terra e arrasta as materias estagnadas dos esgôtos, etc.

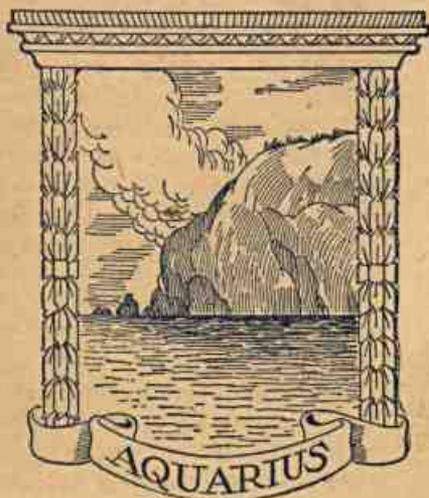
DESENHO PARA CONCLUIR

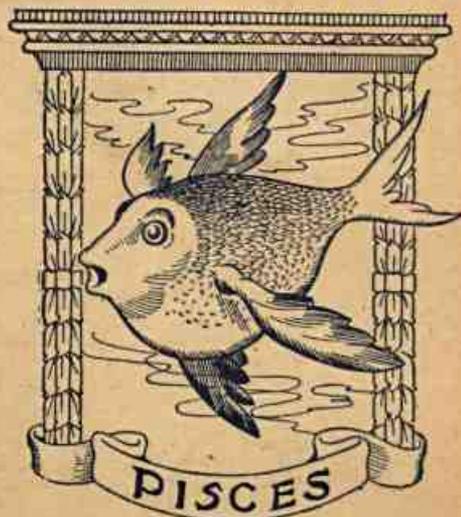
Eis um bom divertimento: tome o seu lapis e trate de completar, ou concluir, o desenho acima, que o nosso desenhista deixou quase pela metade.

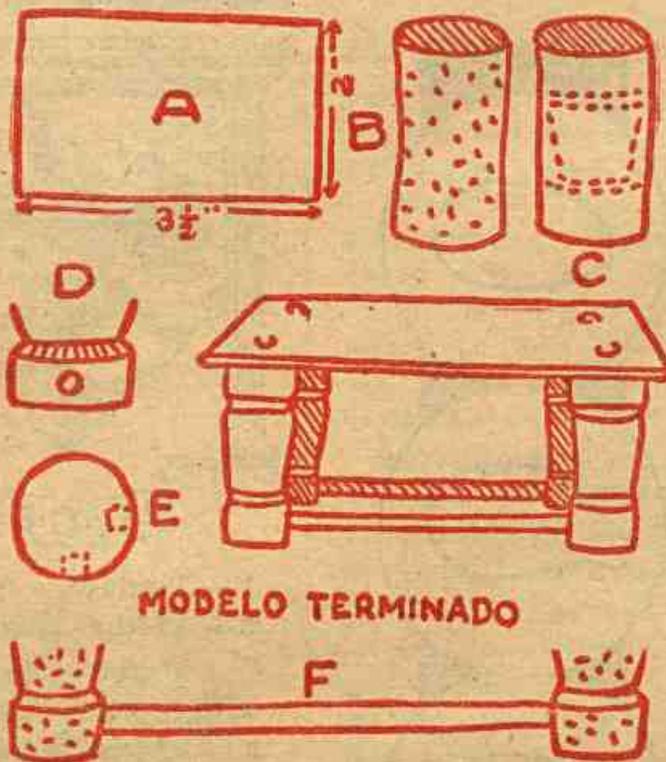
O BURRINHO SALVADOR

OS dois irmãos estavam pescando e não viram que a maré subia. Quando perceberam que estavam cercados de água, levaram um grande susto. Felizmente apareceu um burrinho, no qual montaram, podendo salvar-se. Querem ver o burrinho? Recortem a figura e dobrem fazendo coincidir as linhas A com B e C com D.

VAMOS DESENHAR

JANEIRO

1 — 5.ª-feira — F. Universal
2 — 6.ª-feira — S. Isidoro
3 — Sábado — S Antero
4 — Domingo — S. Prisco
5 — 2.ª-feira — S. Telésforo
6 — 3.ª-feira — Santos Reis
7 — 4.ª-feira — S. Luciano
8 — 5.ª-feira — Sto. Eugeniano
9 — 6.ª-feira — S. Julião
10 — Sábado — S. Nicanor
11 — Domingo — S. Higio
12 — 2.ª-feira — Sta. Taciana
13 — 3.ª-feira — S. Leôncio
14 — 4.ª-feira — Sto. Hilário
15 — 5.ª-feira — Sto. Amaro
16 — 6.ª-feira — S. Acurcio
17 — Sábado — Sto. Antão
18 — Domingo — Sta. Prisca
19 — 2.ª-feira — S. Canuto
20 — 3.ª-feira — S. Sebastião
21 — 4.ª-feira — Sta. Inês
22 — 5.ª-feira — S. Vicente
23 — 6.ª-feira — S. Raimundo
24 — Sábado — N. S. da Paz
25 — Domingo — Con. S. Paulo
26 — 2.ª-feira — S. Policarpo
27 — 3.ª-feira — S. Crisóstomo
28 — 4.ª-feira — S. Floriano
29 — 5.ª-feira — S. Fco. Sales
30 — 6.ª-feira — Sta. Martinha
31 — Sábado — S. Pedro Nolasco

FEVEREIRO

1 — Domingo — Sto. Inácio
2 — 2.ª-feira — Purif. de N. Sra.
3 — 3.ª-feira — S. Braz
4 — 4.ª-feira — Sta. Carmelita
5 — 5.ª-feira — Sta. Águeda
6 — 6.ª-feira — Sta. Dorotéia
7 — Sábado — S. Romualdo
8 — Domingo — CARNAVAL
9 — 2.ª-feira — CARNAVAL
10 — 3.ª-feira — CARNAVAL
11 — 4.ª-feira — CINZAS
12 — 5.ª-feira — S. Damião
13 — 6.ª-feira — Sto. André
14 — Sábado — S. Valentim
15 — Domingo — Sta. Georgina
16 — 2.ª-feira — S. Onestino
17 — 3.ª-feira — S. Donato
18 — 4.ª-feira — S. Simeão
19 — 5.ª-feira — S. Conrado
20 — 6.ª-feira — S. Fabiano
21 — Sábado — S. Severino
22 — Domingo — Sta. Nivea
23 — 2.ª-feira — S. Ped. Damião
24 — 3.ª-feira — S. Sérgio
25 — 4.ª-feira — S. Nestor
26 — 5.ª-feira — Sta. Margarida
27 — 6.ª-feira — S. Basilio
28 — Sábado — S. Macário
29 — Domingo — S. Matias

Fabrique esta mesa

PARA fazer esta linda mesa, precisam-se quatro rôlhas grandes, de igual tamanho, um pedaço de papelão de 5 milimetros, medindo 3 e meia polegadas de comprimento e 2 largura, e quatro palitos fortes.

Tomam-se as quatro rolhas e com um canivete, fazem-se os entalhes imitando o torneado dos pés. A parte inferior ficará como em D. Enfiam-se os quatro palitos nas rolhas, como em E.

A tampa da mesa é presa nas rolhas com taxinhas.

Pinta-se e a mesa está pronta.

Oração á Bandeira

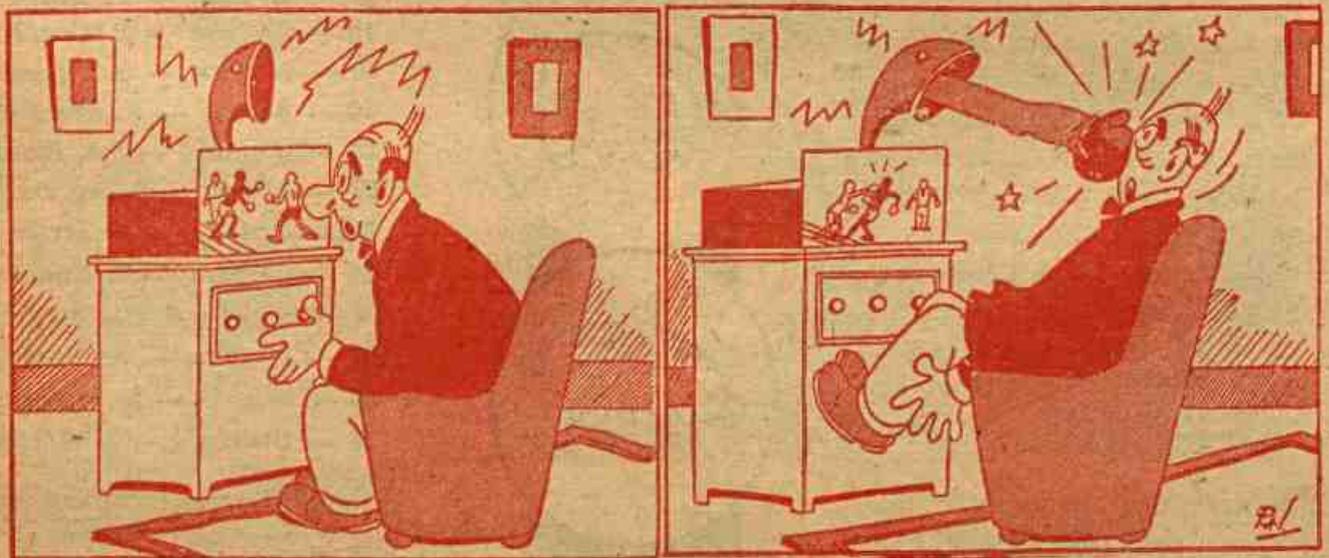
Bandeira de minha terra: sobes para o tope azul, ao bafejo dos ventos. Desfraldas glórias e acenas esperanças, quando estrugem os acordes do hino da nação. Recordas no entusiasmo das consagrações a bravura de teus mortos e a nobreza de teus fastos. Refletes a natureza, em sua eterna formosura de redenção e de liberdade.

Na hora de tua exaltação, bandeira do Brasil, cada qual olha para o passado em ato de reconhecimento pelo que ele produziu de meritório e de exemplar, ensinando o otimismo justo, trânsido dos vaticínios afortunados.

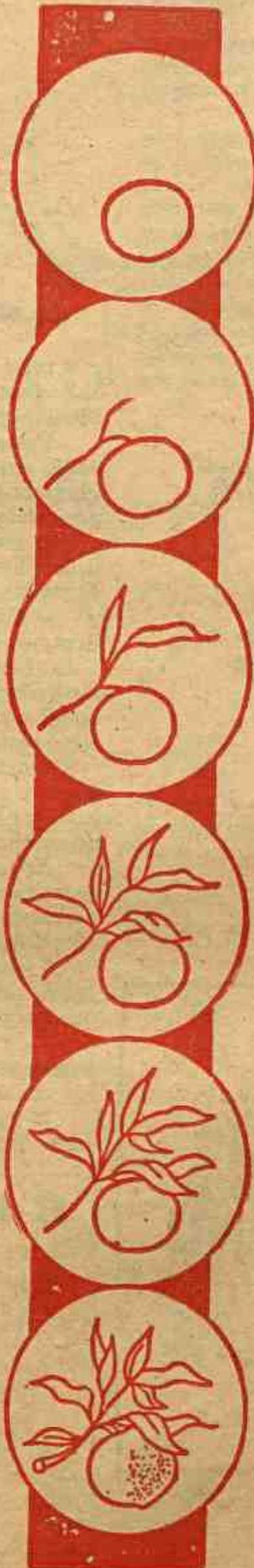
Por ti, bandeira do meu berço, guadaremos uma fé transbordante nos destinos de nossa gente. Por ti, todos sentirão o consolo do trabalho e lutarão pela utilidade da vida. Por ti, o enlevo da terra exuberante e o amor do povo tranquilo dissiparão, nos dias radiosos da história, as nuvens de apreensões e de máguas. Por ti, a harmonia das cousas celebrará a concórdia prometedora dos homens.

Bandeira do Brasil, envolve-nos nas tuas promessas deslumbrantes! Só assim saberemos morrer na silenciosa tarefa de preparar a pátria feliz e abundante!"

FERNANDO MAGALHÃES

Os Milagres da Televisão

VAMOS DESENHAR

MARÇO

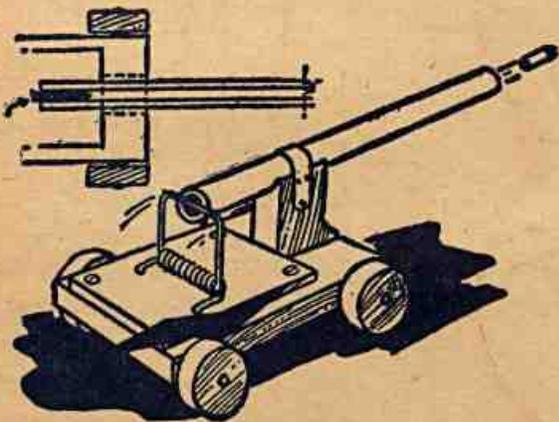
ARIES

1 — 2.ª-feira — S. Adrião
2 — 3.ª-feira — S. Jovino
3 — 4.ª-feira — Sta. Luciola
4 — 5.ª-feira — S. Lúcio
5 — 6.ª-feira — S. Teófilo
6 — Sábado — S. Rosendo
7 — Domingo — S. Tomaz A.
8 — 2.ª-feira — Sta. Rosa
9 — 3.ª-feira — Sta. Francisca
10 — 4.ª-feira — S. Militão
11 — 5.ª-feira — S. Constantino
12 — 6.ª-feira — S. Gregório
13 — Sábado — S. Rodrigo
14 — Domingo — Sta. Matilde
15 — 2.ª-feira — S. Henrique
16 — 3.ª-feira — Sto. Hilário
17 — 4.ª-feira — S. Patricio
18 — 5.ª-feira — Arc. Gabriel
19 — 6.ª-feira — S. José
20 — Sábado — S. Martinho
21 — Domingo — RAMOS
22 — 2.ª-feira — S. Otaviano
23 — 3.ª-feira — S. Felix
24 — 4.ª-feira — S. Marcos
25 — 5.ª-feira — TREVAS
26 — 6.ª-feira ✠ PAIXÃO
27 — Sábado — ALELUIA
28 — Domingo — PÁSCOA
29 — 2.ª-feira — S. Jonas
30 — 3.ª-feira — Quirino
31 — 4.ª-feira — S. Guido

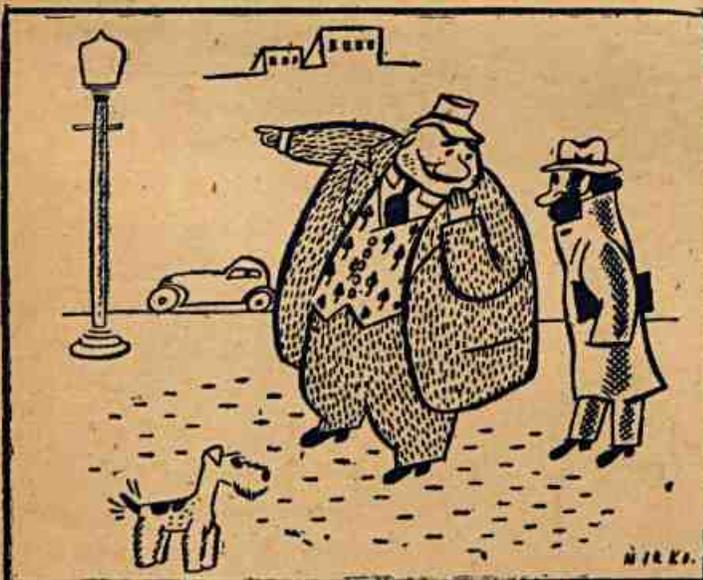
ABRIL

1 — 5.ª-feira — S. Venâncio
2 — 6.ª-feira — S. Fco. Paula
3 — Sábado — S. Ulpiano
4 — Domingo — Pascoela
5 — 2.ª-feira — S. Vte. Ferrer
6 — 3.ª-feira — S. Celestino
7 — 4.ª-feira — Sta. Abigail
8 — 5.ª-feira — Sto. Amâncio
9 — 6.ª-feira — Sto. Acácio
10 — Sábado — S. Ezequiel
11 — Domingo — S. Leão
12 — 2.ª-feira — S. Vitor
13 — 3.ª-feira — S. Hermeneg.
14 — 4.ª-feira — S. Juvêncio
15 — 5.ª-feira — Sta. Anastácia
16 — 6.ª-feira — Sta. Engrácia
17 — Sábado — S. Simeão
18 — Domingo — S. Galdino
19 — 2.ª-feira — Sta. Catarina
20 — 3.ª-feira — S. Vital
21 — 4.ª-feira — Tiradentes
22 — 5.ª-feira — S. Sotéro
23 — 6.ª-feira — S. Jorge
24 — Sábado — Sto. Honório
25 — Domingo — S. Marcos Ev.
26 — 2.ª-feira — S. Cleto
27 — 3.ª-feira — S. Gelto
28 — 4.ª-feira — S. Paulino
29 — 5.ª-feira — S. Ped. Verona
30 — 6.ª-feira — Sta. Sofia

CANHÃO FÁCIL DE CONSTRUIR

COM uns restos de madeira e uma dessas pequenas ratoeiras para camondongos, póde-se construir um canhão que dispara projéteis sem necessidade de pólvora e é de carregamento rápido; como exige a... guerra moderna.

O canhãozinho consiste num pedaço de madeira torneada e furada no centro. Na falta de madeira, até mesmo um canudo de papelão grosso, forte, como os que veem dentro dos rolos de certos fios para trabalhos manuais (a mamãe sabe quais são), póde servir. O tubo, como é fácil verificar na figura, vai colado sôbre um suporte apropriado para recebê-lo, e, além disso, se pregará por cima uma tira de lata. Este suporte com o canhãozinho deve ter a altura necessária para que o arco de arame dê no centro do orifício do canhão. O suporte deverá ser colado, ou pregado, sôbre uma base de madeira, na qual também será presa a ratoeirinha na posição que mostra o desenho. Os projéteis consistem em pedaços de pau.

Para fazer os disparos, puxa-se para traz a mola da ratoeira, introduz-se a "bala" na culatra, deixando uma parte um pouco saliente para fóra. Ao soltar a mola, o arame bate na parte saliente do projétil, e êste é jogado longe.

Fazer a munição é cousa fácil. O mais difícil é construir a arma de guerra sem que a mola da ratoeira amasse um dedo pelo menos duas vezes e meia... Mas, havendo cuidado...

— Êste meu cachorrinho é muito inteligente. Quer ver? Vou-me esconder atraz daquele lampeão e você vai ver como êle me descobre fàcilmente!

O que se devia fazer

Corria o ano de 1776 e o célebre filósofo francês Jean Jacques Rousseau estava em Menilmontant.

Passeando um dia por uma das ruas da cidade, viu-se, de repente, acometido por um cão dinamarquês que vinha à frente de uma carruagem ricamente ajaezada.

O animal, que era forte e possante, não só o derribou ao solo como lhe aplicou algumas dentadas, após o que, se afastou.

O alto personagem que ia dentro da carruagem, e que era nada menos que o presidente Saint-Fargeau, contemplou a cena com a maior indiferença, sem se preocupar com Rousseau, a quem considerou, pela aparência modesta de suas vestes, pessoa de humilde condição.

Várias pessoas acudiram em auxílio de Rousseau e se incumbiram de levá-lo para casa, carregado, pois o grande pensador não podia caminhar.

Ao saber, no dia seguinte o presidente Saint-Fargeau, de quem se tratava, enviou imediatamente um dos seus secretários à casa do ofendido, para perguntar ao escritor o que podia fazer por êle.

O autor de "Emilio" recebeu o emissário, que perguntou o que desejava que se fizesse.

— Uma coisa muito simples — respondeu Rousseau. — Trazer o cão acorrentado, quando êle sair à rua.

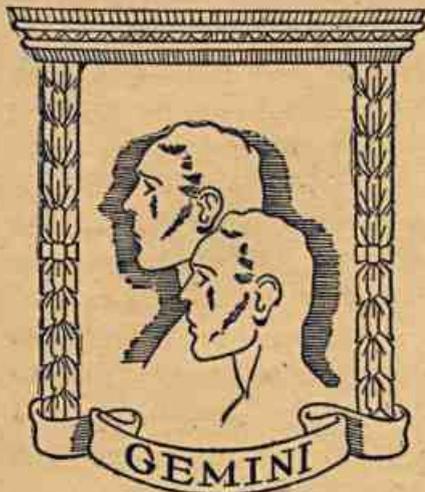
E despediu o portador, sem querer ouvir mais desculpas.

RECORDE...

Há certos adjetivos que possuem superlativos de origem latina, como:

Feliz — felicíssimo
Cruel — crudelíssimo
Amável — amabilíssimo
Acre — acérrimo
Salubre — salubérrimo
Ágil — agílimo
Amigo — amicíssimo
Integro — integérrimo
Sábio — sapientíssimo
Sagrado — sacratíssimo
Cruel — crudelíssimo

VAMOS DESENHAR

MAIO

1 — Sábado — Dia do Trab.
2 — Domingo — S. Atanásio
3 — 2.ª-feira — S. Juvenal
4 — 3.ª-feira — Sta. Antonia
5 — 4.ª-feira — S. Pio
6 — 5.ª-feira — Ascenção
7 — 6.ª-feira — S. Estanislau
8 — Sábado — S. Miguel
9 — Domingo — S. Gregório
10 — 2.ª-feira — S. Job
11 — 3.ª-feira — N. S. Aparec.
12 — 4.ª-feira — Sta. Joana
13 — 5.ª-feira — S. Flávio
14 — 6.ª-feira — Bonifácio
15 — Sábado — S. Mauricio
16 — Domingo — Espírito Santo
17 — 2.ª-feira — S. Bruno
18 — 3.ª-feira — S. Venancio
19 — 4.ª-feira — S. Ivo
20 — 5.ª-feira — S. Bernardino
21 — 6.ª-feira — S. Sinésio
22 — Sábado — S. Helena
23 — Domingo — S. S. Trindade
24 — 2.ªfeira — N. S. Auxiliad.
25 — 3.ª-feira — S. Urbano
26 — 4.ª-feira — S. Felipe
27 — 5.ª-feira — Corpus-Cristi
28 — 6.ª-feira — S. Emilio
29 — Sábado — S. Maximiano
30 — Domingo — S. Gabino
31 — 2.ª-feira — S. Petronilo

JUNHO

1 — 3.ª-feira — S. Segundo
2 — 4.ª-feira — S. Marcelino
3 — 5.ª-feira — Sta. Clotilde
4 — 6.ª-feira — Sta. Saturnina
5 — Sábado — S. Zenáide
6 — Domingo — S. Norberto
7 — 2.ª-feira — Sta. Eugenia
8 — 3.ª-feira — S. Severino
9 — 4.ª-feira — S. Feliciano
10 — 5.ª-feira — S. Margarida
11 — 6.ª-feira — S. Barnabé
12 — Sábado — S. Onofre
13 — Domingo — Sto. Antonio
14 — 2.ª-feira — S. Bas. Magno
15 — 3.ª-feira — S. Modesto
16 — 4.ª-feira — Sto. Aureliano
17 — 5.ª-feira — Sta. Tereza
18 — 6.ª-feira — Sto. Leoncio
19 — Sábado — Sta. Juliana
20 — Domingo — S. Silvério
21 — 2.ª-feira — S. L. Gonzaga
22 — 3.ª-feira — S. Paulino
23 — 4.ª-feira — S. Albino
24 — 5.ª-feira — S. João Batista
25 — 6.ª-feira — S. Guilherme
26 — Sábado — S. Salvio
27 — Domingo — S. Ladislau
28 — 2.ª-feira — Sto. Irineu
29 — 3.ª-feira — S. Ped. e S. P.
30 — 4.ª-feira — S. Marçal

O VENDEDOR TEIMOSO

— Meu caro senhor — dizia o vendedor — quer comprar uma garrafa de bom vinho riograndense?
— Não bebo vinho, meu amigo!

— Ótimo! Então compre êste filtro de novo modelo, para filtrar a sua água!
— Meu caro, a sua insistência me deixa frio de raiva!

— Que bom!! aqui tenho ótimas camisetas de lã, artigo de primeira!! Compre uma!

— Oh! senhor! Ponha-se lá fóra, ou eu perco a cabeça e o matarei!
— Bem... Pois aqui tem uma pistola automática, licenciada...

— Por favor, meu amigo! Saia! Não quero sua pistola! Saia! O senhor me pôs os nervos em pedaços!

— Foi? Pois aqui tem um excelente colatudo, meu amigo, à prova de água... Cole os pedaços dos nervos...

Deveres religiosos

O primeiro dos deveres religiosos consiste em respeitar as crenças alheias, em não embaraçar a prática dos vários cultos e abster-se de qualquer ato que possa ofender a terceiro, por divergência em matéria de fé.

A todo o cidadão é assegurado o direito de adotar a religião que lhe aprouver, discutir, pregar e propagar as doutrinas do credo a que se filiar.

Êsse direito significa grande conquista por parte de todos os povos civilizados.

A liberdade espiritual é uma aquisição que custou os maiores sacrifícios às gerações que nos antecederam, legado precioso de que hoje desfrutamos, graças às idéias de tolerância introduzidas na declaração dos direitos do homem, entre os povos livres.

Em matéria de fé, ninguem poderá impor a sua opinião; deverá ser respeitada tôda crença sinceramente aceita e observada. Em alguns paises, e, entre êstes, o Brasil, não há religião oficial, havendo, entretanto, plena liberdade de cultos.

Na América e na quasi totalidade da Europa domina o Cristianismo, com as suas várias igrejas e seitas.

No Brasil impera o catolicismo, que herdámos dos portugueses, nossos descobridores, o qual aqui criando raizes se tornou a religião da maior parte da população nacional.

POESIA

Poesia é a linguagem na qual há cadencia e há palavras que terminam da mesma forma, dando a impressão de eco. A cadencia é o ritmo; chama-se métrica na poesia. O eco na poesia é a rima. A poesia comum se distingue da prosa pela métrica e pela rima. Cada linha de uma poesia escrita é um verso. Um grupo de versos é uma estrofe. Na poesia "soneto" há 14 versos. Uma longa poesia em que se exalta uma história é um poema. Em português o principal poema é o Lusíadas, poema de Luis de Camões.

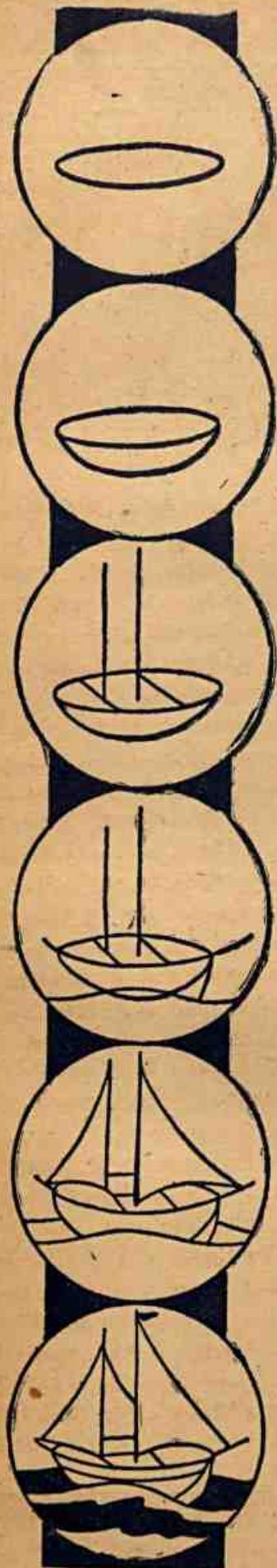
JULHO

1 — 5.ª-feira — Sto. Aarão
2 — 6.ª-feira — Visitação N. S.
3 — Sábado — S. Jacinto
4 — Domingo — S.ª Sebastiana
5 — 2.ª-feira — S. Ant. Zacaria
6 — 3.ª-feira — Sta. Domingas
7 — 4.ª-feira — P. Sang. N. S.
8 — 5.ª-feira — Sta. Isabel
9 — 6.ª-feira — N. S. dos Prod.
10 — Sábado — Sta. Felicidade
11 — Domingo — S. Pio I.
12 — 2.ª-feira — S. João Gualb.
13 — 3.ª-feira — Sto. Eugênio
14 — 4.ª-feira — S. Boaventura
15 — 5.ª-feira — Sto. Henriq. II
16 — 6.ª-feira — N. S. do Carmo
17 — Sábado — Sta. Marcelina
18 — Domingo — S. Camilo Lel.
19 — 2.ª-feira — S. Vicente
20 — 3.ª-feira — S. Jeronimo
21 — 4.ª-feira — Anjo Custodio
22 — 5.ª-feira — Sta. Maria Ma.
23 — 6.ª-feira — S. Liborio
24 — Sábado — S. Fco. Sola
25 — Domingo — S. Tiago Maior
26 — 2.ª-feira — Sta. Ana
27 — 3.ª-feira — S. Pantaleão
28 — 4.ª-feira — S. Sinfrônio
29 — 5.ª-feira — Santa Marta
30 — 6.ª-feira — S. Abdon
31 — Sábado — Sto. Inácio L.

VAMOS DESENHAR

AGOSTO

1 — Domingo — S. Heitor
2 — 2.ª-feira — N. S. dos Anjos
3 — 3.ª-feira — Sto. Eufrônio
4 — 4.ª-feira — S. Domingos
5 — 5.ª-feira — N. S. das Neves
6 — 6.ª-feira — Transfig. Jesús
7 — Sábado — S. Caetano
8 — Domingo — S. Ciriaco
9 — 2.ª-feira — S. Simão
10 — 3.ª-feira — S. Lourenço
11 — 4.ª-feira — Sta. Filomena
12 — 5.ª-feira — Santa Clara
13 — 6.ª-feira — Santo Ipolito
14 — Sábado — N. S. Bôa Mte.
15 — Domingo ✠ Assunção N. S.
16 — 2.ª-feira — S. Joaquim
17 — 3.ª-feira — S. Mamede
18 — 4.ª-feira — S. Roque
19 — 5.ª-feira — S. Julio
20 — 6.ª-feira — S. Bernardo
21 — Sábado — S. Privato
22 — Domingo — S. Siforiano
23 — 2.ª-feira — Santa. Teonila
24 — 3.ª-feira — S. Patricio
25 — 4.ª-feira — Coraç. de M.ª
26 — 5.ª-feira — S. Zeferino
27 — 6.ª-feira — S. José Calaz
28 — Sábado — Sto. Agostinho
29 — Domingo — Dg. S.João Bt.
30 — 2.ª-feira — Sta. Rosa Lima
31 — 3.ª-feira — S. Raimundo

APRENDA A DESENHAR

Meu Credo

JOHN D. ROCKEFELLER. JR.

CREIO na dignidade do trabalho, físico ou mental; o mundo deve a todo homem uma oportunidade para ganhar a vida.

Creio no valor supremo do indivíduo e no seu direito à vida, à liberdade e à busca da felíciade.

Creio que a justiça e a verdade são os fundamentos da ordem social duradoura.

Creio que o prometido é sagrado, que a palavra de um homem deve valer tanto quanto as suas obrigações; que o seu carater — e não sua riqueza, seu poder ou sua posição — é o supremo índice do seu valor.

Creio que todo direito implica uma responsabilidade; toda oportunidade, uma obrigação toda posse, um dever.

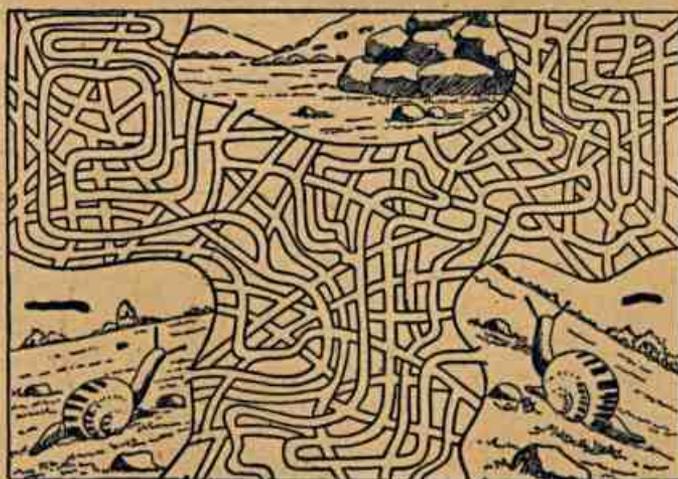
Creio que a Lei foi feita para o homem, e não o homem para a Lei; que o governo é o servo do povo e não o seu senhor.

Creio que a economia é essencial a uma existência bem organizada, sendo requisito primordial para uma estrutura financeira sólida, seja paa os governos, paa os negócios ou para os indivíduos.

Creio que prestar serviços uteis é o dever comum da humanidade e que somente o fogo purificador do sacrifício consome e escória do egoismo e revela a grandeza da alma humana.

Creio que há um Deus todo amor e todo poderoso, qualquer que seja seu nome, e que, para cumprir sua suprema missão, conseguir sua maior felicidade e tornar-se inteiramente util o homem precisa viver em harmonia com a vontade divina.

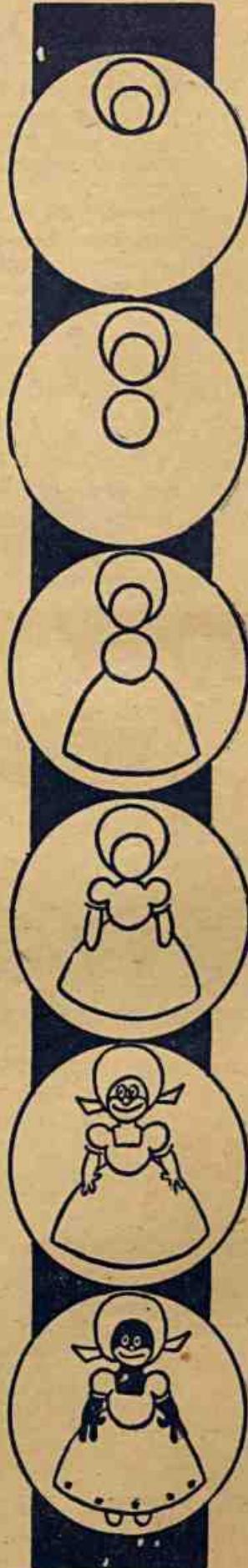
Creio que nada é mais grandioso que o amor; que somente o amor sobrepuja o ódio; que o direito pode triunfar sobre a força.

QUAL DOS DOIS?

Qual dos dois caracóis conseguirá chegar ao cimo da ladeira?

SETEMBRO

1 — 4.ª-feira — N. S. Consolaç.
2 — 5.ª-feira — Santo Estevão
3 — 6.ª-feira — Santa Serapia
4 — Sábado — Santa Rosalina
5 — Domingo — S. Bertino
6 — 2.ª-feira — S. Zacarias
7 — 3.ª-feira — Ind. Brasil
8 — 4.ª-feira — Nativid. N. S.ª
9 — 5.ª-feira — S. Sergio
10 — 6.ª-feira — S. Nicolau Tol.
11 — Sábado — Santa Teodora
12 — Domingo — Sto N. Maria
13 — 2.ª-feira — Santo Amado
14 — 3.ª-feira — Ex. Sta. Cruz
15 — 4.ª-feira — N. S. das Dôres
16 — 5.ª-feira — Santa Edite
17 — 6.ª-feira — Santa Adriana
18 — Sábado — S. J. Cupertino
19 — Domingo — S. Januario
20 — 2.ª-feira — Sto. Evilasio
21 — 3.ª-feira — Sta. Efigênia
22 — 4.ª-feira — S. Tomaz
23 — 5.ª-feira — S. Lino
24 — 6.ª-feira — N. S. Mercês
25 — Sábado — Sto. Herculano
26 — Domingo — S. Cipriano
27 — 2.ª-feira — S. Cosme
28 — 3.ª-feira — S. Wenceslau
29 — 4.ª-feira — S. Miguel, Arc.
30 — 5.ª-feira — S. Jeronimo

VAMOS DESENHAR

OUTUBRO

1 — 6.ª-feira — S. Veríssimo
2 — Sábado — St. A. da Guarda
3 — Domingo — S. Cândido
4 — 2.ª-feira — S. Fco. Assis
5 — 3.ª-feira — Sta. Flaviana
6 — 4.ª-feira — S. Marcos
7 — 5.ª-feira — N. S. Rosário
8 — 6.ª-feira — S. Demetrio
9 — Sábado — S. Luiz Beltrão
10 — Domingo — Sto. Eulampio
11 — 2.ª-feira — S. Germano
12 — 3.ª-feira — S. Wilfrido
13 — 4.ª-feira — Maternid. N. S.
14 — 5.ª-feira — S. Calixto
15 — 6.ª-feira — Sta. Terezinha
16 — Sábado — Santo Mariano
17 — Domingo — Santa Edwiges
18 — 2.ª-feira — S. Lucas Evang.
19 — 3.ª-feira — S. Pedro. Alc.
20 — 4.ª-feira — Pureza N. S.ª
21 — 5.ª-feira — Santa Ursula
22 — 6.ª-feira — S. Vernaculo
23 — Sábado — S. Gonçalo
24 — Domingo — S. Rafael Arc.
25 — 2.ª feira — S. Crispim
26 — 3.ª-feira — Santo Evaristo
27 — 4.ª-feira — Santo Elesbão
28 — 5.ª-feira — S. Simeão
29 — 6.ª-feira — S. Zenoblo
30 — Sábado — S. Serapião
31 — Domingo — Sta. Juraci

Uma Lição de Medicina

O professor de clínica dá aula no Hospital, atendendo aos doentes. O paciente tem uma afecção pulmonar. E êle interroga:

— Sua profissão?

— Sou músico...

— Eis aqui uma demostração da minha aula de ontem — diz o mestre aos alunos.

E continúa:

— Ontem eu lhes disse que a fadiga causada pelo continuado soprar nos instrumentos produz a doença que atacou o pulmão deste homem.

E, dirigindo-se ao paciente:

— Que instrumento o amigo toca?

— Toco bombo, doutor...

A MORTE DO JANGADEIRO

Ao sôpro do terral abrindo a vela
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada,
Entre os uivos do mar que se encapela.

Prudente o jangadeiro se acautela
Contra os mil incidentes da jornada;
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
O vento, a chuva, os raios, a procela.

Súbito, um raio o prosta, e, furioso,
Da jangada o despeja n'água escura:
E em brancos véus de espuma o desditoso

Envolve e traga a onda entumecida,
Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera, em vida.

Padre ANTONIO TOMAZ

CRASE

Crase é a contração da preposição a com artigo a

Portanto, à = a + a.

A crase só tem cabimento em determinados casos, antes de palavra feminina, claro ou subentendida.

Podemos dizer, valendo-nos de uma regrinha prática muito conhecida, que ocorrerá a crase sempre que, mudando-se a palavra feminina por outra masculina adequada, o a tomar a forma ao.

Assim, nas frases "Vou à escola" — "Cheguei à porta" — "Fui à sala" —, verificamos que há crase, porque, substituindo-se as palavras femininas escola, porta e sala pelas masculinas colégio, portão e salão o a toma a forma ao: "Vou ao colégio" — "Cheguei ao portão" — "Fui ao salão".

TELÉGRAFO NACIONAL

Até 1852, data da introdução do telégrafo elétrico no Brasil, as comunicações à distância se faziam por meio do telégrafo ótico. A sua aplicação mais importante consistia em assinalar as passagens dos navios pelos diferentes pontos da costa brasileira. Em 1857, fêz-se a ligação da Capital Federal à vizinha cidade de Petrópolis; durante a campanha do Paraguai, os fios foram estendidos até Pôrto Alegre; em 1886, a linha telegráfica atingiu a cidade de Belém, donde saiu o cabo que ligou, mais tarde, o Brasil à América do Norte. Em 1861, a extensão das nossas linhas computava-se em 65 quilômetros.

SERVIÇO POSTAL NO BRASIL

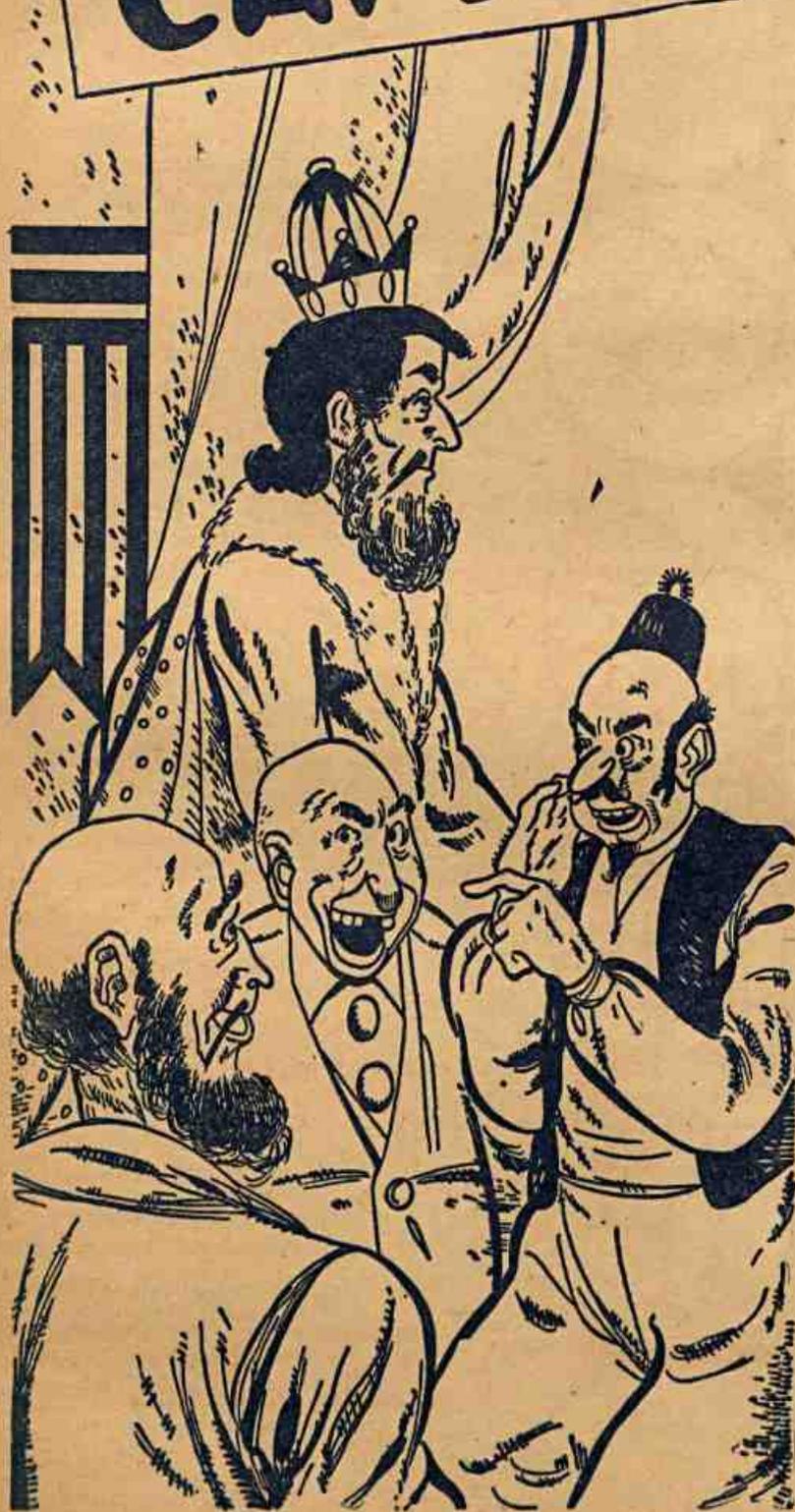
Data de 1663 o início do correio no Brasil; mas até fins do século XVIII, não havia um serviço regularmente organizado. A correspondência chegava às mãos dos destinatários por meio de viajantes, obsequiosamente, ou por intermédio de portadores especiais. Em 1798, foram criados os correios marítimos seguindo-se-lhe, pouco tempo depois, a execução dos correios terrestres para algumas Capitanias. A transferência da côrte portuguêsa para o Brasil, sob a regência de D. João VI, proporcionou a organização do nosso serviço postal com a instituição de postilhões. Em 1843, fez-se a primeira emissão de sêlo em nosso país.

NOVEMBRO

1 — 2.ª-feira — ✠ Tdos os Stos
2 — 3.ª-feira ☗ Finados
3 — 4.ª-feira — Sta. Olga
4 — 5.ª-feira — S. Carlos Bor
5 — 6.ª-feira — S. Dominador
6 — Sábado — S. Leonardo
7 — Domingo — S. Florêncio
8 — 2.ª-feira — S. Godofredo
9 — 3.ª-feira — S. Sotero
10 — 4.ª-feira — Patroc. N. S.
11 — 5.ª-feira — S. Menas
12 — 6.ª-feira — Santo Aurelio
13 — Sábado — S. Eugênio
14 — Domingo — S. Clementino
15 — 2.ª-feira — Proc. Repúb.
16 — 3.ª-feira — Sto. Edmundo
17 — 4.ª-feira — N. S. do Amparo
18 — 5.ª-feira — S. Romão
19 — 6.ª-feira — Santa Isabel
20 — Sábado — S. Felix Valois
21 — Domingo — Apres. N. S.
22 — 2.ª-feira — Santa Cecilia
23 — 3.ª-feira — S. Clemente
24 — 4.ª-feira — Santa Flora
25 — 5.ª-feira — Sta. Catarina
26 — 6.ª-feira — S. Pedro Alex.
27 — Sábado — S. Secundino
28 — Domingo — Santo Anteu
29 — 2.ª-feira — S. Saturnino
30 — 3.ª-feira — Santo André

VAMOS DESENHAR

DEZEMBRO

1 — 4.ª-feira — S. Eloi
2 — 5.ª-feira — Santa Bibiana
3 — 6.ª-feira — S. Fco. Xavier
4 — Sábado — Santa Barbara
5 — Domingo — S. Sabas
6 — 2.ª-feira — S. Nicolau
7 — 3.ª-feira — Sto. Ambrosio
8 — 4.ª-feira ✠ Conceição N. S.
9 — 5.ª-feira — Sta. Leocadia
10 — 6.ª-feira — S. Melquiades
11 — Sábado — S. Damasio
12 — Domingo — S. Justino
13 — 2.ª-feira — Santa Luzia
14 — 3.ª-feira — S. Pompeu
15 — 4.ª-feira — S. Maximiano
16 — 5.ª-feira — S. Ananias
17 — 6.ª-feira — S. Lazaro
18 — Sábado — N. S. do Parto
19 — Domingo — S. Nemesio
20 — 2.ª-feira — Santa Eugênia
21 — 3.ª-feira — S. Temistocles
22 — 4.ª-feira — Sto. Honorato
23 — 5.ª-feira — Santa Vitoria
24 — 6.ª-feira — S. Ferminio
25 — Sábado — ☗ ✠ NATAL
26 — Domingo — Sto. Estevão
27 — 2.ª-feira — S. João Evang.
28 — 3.ª-feira — Stos. Inocentes
29 — 4.ª-feira — S. Tomaz
30 — 5.ª-feira — S. Anisio
31 — 6.ª-feira — S. Silvestre

De BASTOS

Em certo reino um rei havia
De nobre estirpe secular
Que começou, um belo dia,
Do pé direito a capengar.

Um calo enorme era o motivo
Que dava ao rei um tal cacoete:
Calo feroz, duro, agressivo,
Plantado sôbre o real joanete.

Mas essa causa assim plebéia
Ficava mal se publicar;
E tôda a côrte teve a idéia
De andar coxeando, a capengar.

Príncipes, duques e marqueses,
Viscondes, condes e barões
Andavam, côxos e corteses,
Com mil mesuras nos salões.

Passou da côrte à burguesia
O modo esdrúxulo de andar.
Vulgarizou-se a tal mania.
E andava o povo a capengar.

Desde a nobreza solarenga
Ao camponês da rude grei,
Tudo no reino era capenga
Para "engrossar" o velho rei.

TIGRE

E o rei sorria, satisfeito
Por ser benquisto e popular;
Não era mais nenhum defeito
Naquele reino, o capengar.

Mas eis que, um dia, um tipo [surge,
Em passo firme, andando bem;
O povo, unânime, se insurge,
E a côrte a fúria não contém.

Possessa, diz tôda a cidade:
— Castigo dê-se-lhe, exemplar!
Crime é, de lesa majestade,
Viver, aquí, sem capengar.

E' preso o infame; e, logo o juri
Se reune alí, dos cidadãos,
Para que o crime, enfim, se [apure
E o vil, da lei, caia nas mãos.

E clama o juri: — O reino [insulta!
O nosso rei tenta aviltar!
E ruge e freme a turba-multa,
De um lado a outro, a capengar.

Mas fala o réu: — Por Jesus [Cristo,
Não me mandeis para as galés!
Se ando direito é só por isto:
— Eu sou capenga dos dois pés...

Mágica Interessante

Êste pequeno brinquedo é feito com um pedaço de papel resistente, um pedaço de barbante de uns 20 centímetros de comprimento e dois botões grandes.

Fazem-se dois cortes paralelos, separados um do outro um centímetro, e com um comprimento, ambos, de uns 8 a 9 centímetros. Debaixo dêstes cortes, a uma distância de um centímetro, faz-se uma abertura de 12 milímetros de diâmetro, como se vê na figura A. Dobra-se, então a folha e faz-se passar a tira de papel formada entre os dois cortes, pela abertura e se passa um dos botões amarrados na extremidade do barbante, como demonstra a figura B, depois se passa para traz a tira de papel, voltando a folha plana à sua posição primitiva.

O barbante ficará passado na forma que indica a figura C, e ninguem poderá descobrir como poderá tirar o barbante sem desatar os botões. A solução consiste, entretanto, em fazer passar a tira de papel pela abertura, na mesma direção em que foi passada para armar o quebra-cabeças.

Com êste brinquedo simples e de execução fácil e barata, você poderá passar alguns momentos divertidos, atrapalhando algum sabidão que vá à sua casa. Faça outros quebra-cabeças que oferecemos nêste Almanaque e conserve a sua coleção para quando aparecerem amigos em visita à sua casa.

O CUMULO DA ARRUMAÇÃO: a criada mudar os lençóis do leito... de um rio.
O CUMULO DA HABILIDADE: você bordar com o fio... da conversa.
O CUMULO DO COMÉRCIO: o quitandeiro vender o pomo... da discórdia.

O GALO

**Mal surge o sol no horizonte,
Querendo a terra aquecer,
Para a terra iluminar,**

**Mal o astro-rei desponta,
Cedinho, ao alvorecer,
Quem o saúda a cantar?**

**Quem enche de vida a serra,
Cantando de madrugada,
Querendo dizer que é dia?**

**Quem enche de canto a terra,
Quem acorda o camarada,
Em notas de nostalgia?**

**Quem é cantor do terreiro,
Sentinela do arrebol,
O primeiro a estar de pé?**

**Quem convoca o brasileiro
Para encher o seu paiol,
Para cuidar do café?**

**Existe em todo quital
A figura colorida
Dêsse cantor de que falo.**

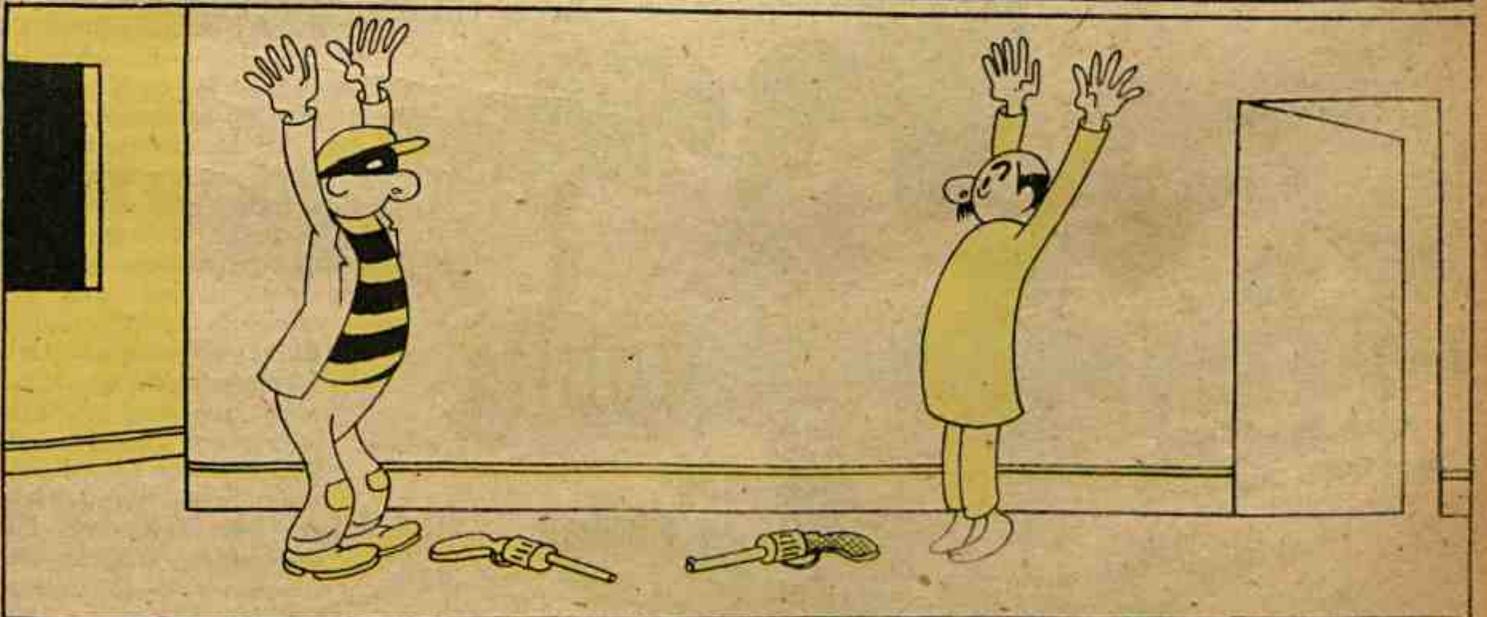
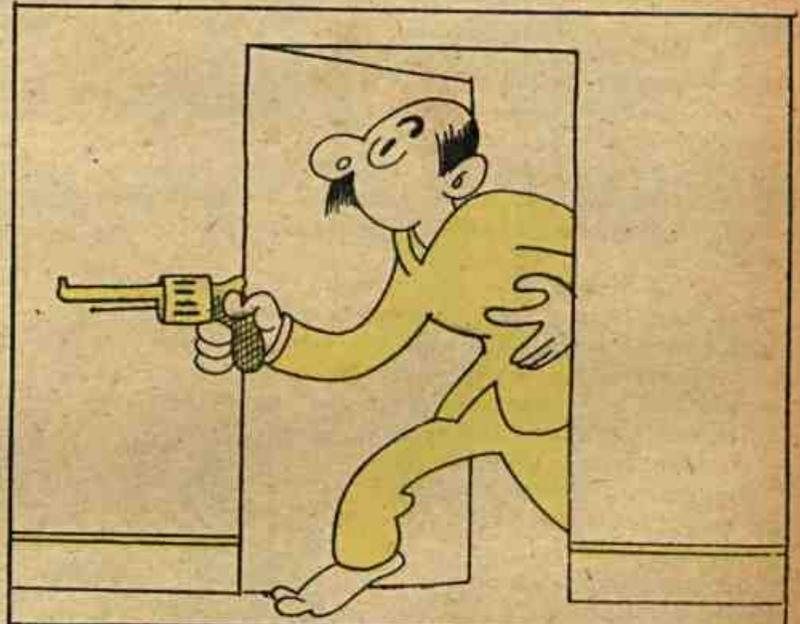
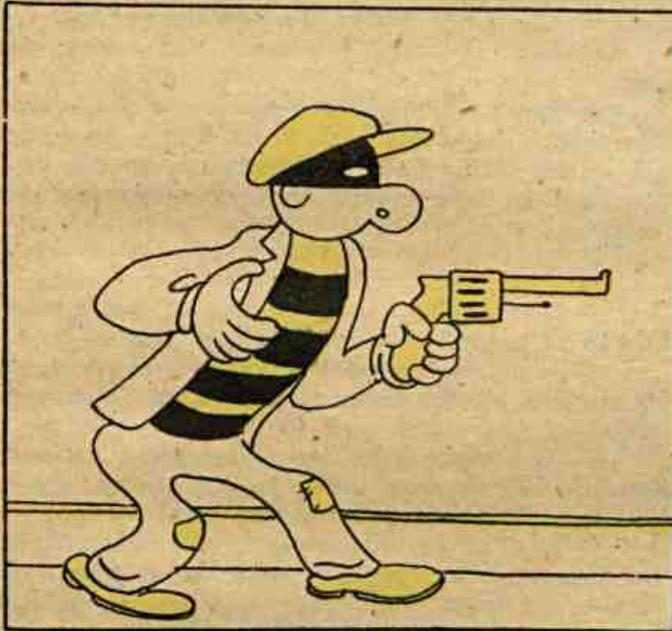
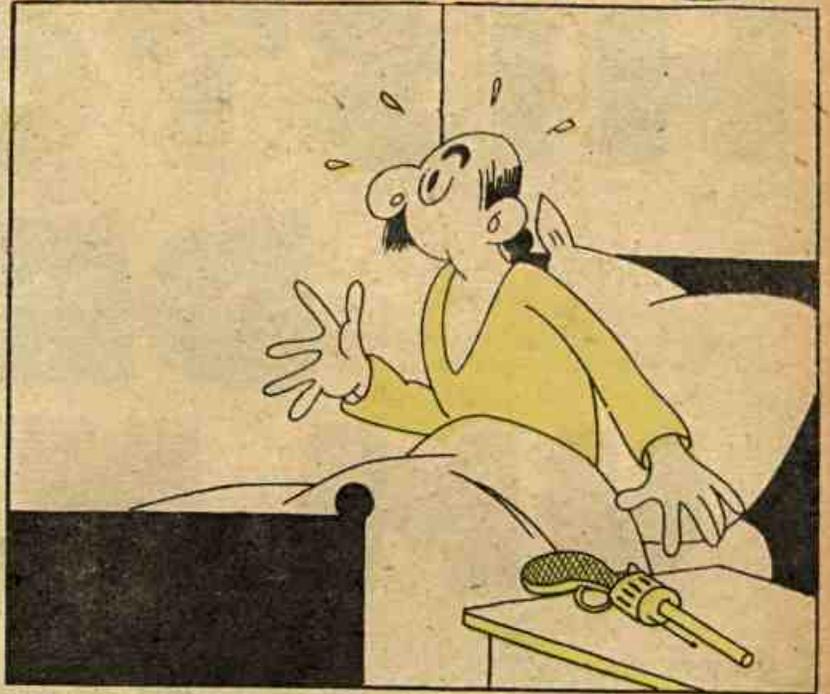
**Esse amigo serviçal,
É ave tão conhecida!
É êle mesmo... É o galo!**

SOLON BORGES DOS REIS

O URSINHO PERDIDO

O amigo ursinho perdeu-se da mamãe. Agora, quer voltar e não sabe por que caminho.

Vamos ver se você o guia, escolhendo uma das linhas e seguindo por ela até a bolinha da outra extremidade... Mas, não se desvie, no meio do caminho! Escolha a bolinha e vá seguindo, seguindo...

"MÃOS AO ALTO"

HISTÓRIA DE UM NABO

Quando chegou a época do plantio, Barnabé disse, de si para si, que era tempo de plantar nabos.

Com a pá no ombro, encaminhou-se para um sítio de sua propriedade e começou a trabalhar..

Cavava Barnabé, seguramente havia uma hora, quando foi ter a um formigueiro.

— Ah! Ah! senhoras formigas! — exclamou êle — têm audacia, na verdade! Pensam talvez que meu terreno lhes pertence? Esperem um pouco, vou ensiná-las!

Na ocasião em que Barnabé levantava a pá para fazer justiça, uma formiga, a maior de tôdas — era a rainha — disse-lhe com voz estrangulada:

— Barnabé, tem piedade de nós! Somos tão pequeninas e ocupamos tão pouco lugar que por certo não te causaremos prejuizo algum.

— Não quero saber de nada, senhora formiga. Estão em minha terra sem o meu consentimento; portanto posso fazer o que bem me aprouver.

— Sim, Barnabé, podes fazer o que bem quiseres; mas não tens o direito de maltratar o próximo.

— Bom . . . bom . . . bom . . . Vou acabar com isto!

— Pensa bem, Barnabé; com um só golpe poderás destruir o que nos levou tanto tempo para fazer. Dá-nos um só dia para podermos transportar os filhos para um lugar seguro. Senão, irás fazer um massacre . . .

— Tanto melhor! Quantas mais eu matar menos ficarão na terra.

— Barnabé, tens mau coração e o que queres fazer não é bonito. Antes de um ano estarás arrependido.

— Já começo a perder a paciência, exclamou Barnabé, fulo de raiva.

E a pá caíu rudemente sôbre o sólo.

O formigueiro foi destruido, seus compartimentos despedaçados, os ovos atirados a grande distâncias, em tôdas as direções enquanto as formigas fugiam, algumas gravemente feridas.

Quando Barnabé terminou sua obra de destruição, plantou os nabos.

No fim de poucos dias começaram a brotar. No entanto, um, dentre êles, começou a crescer mais que os outros; era justamente aquele que fora plantado no lugar ocupado anteriormente pelo formigueiro. Mostrava um vigor precoce, muito superior aos dos seus vizinhos.

Em breve tinha passado todos os outros. Barnabé estava radiante, contemplando o seu campo tão bem cultivado.

Em pouco tempo, o nabo assumiu proporções tais que Barnabé não poude deixar de se orgulhar.

Tódas as noites dizia êle à mulher:

— O nabo do meio, não sei o que tem; o que te posso dizer é que cresceu hoje mais cinco centimetros.

Atravessando a aldêia, contava êle o que lhe acabava de acontecer, convidando todos os conheci dos para ver a raridade.

O nabo parecia sensivel a todos os cumprimentos, pois cada vez crescia mais ..

Barnabé não cabia em si de contentamento.

Mas, como sempre acontece, todo excesso enfada. Veio um dia em que o camponês começou a coçar a cabeça. Si o nabo continuasse a crescer daquela forma, chegaria um momento em que todo o terreno seria ocupado só por êle.

Então, uma especie de inquietude sucedeu, no coração de Barnabé, à alegria que mostrava há pouco.

E o nabo continuou a crescer; estava cada vez mais bonito. Depois de haver esmagado seus congêneres que se achavam em torno, acabaria finalmene cobrindo tôda a terra.

Em dois dias, o terreno do vizinho seria invadido. Seria um processo e Barnabé teria que passar um mau quarto de hora.

— Mulher — disse êle — o nabo vai nos arruinar. Vem comigo e vamos arrancá-lo, enquanto novo.

Marido e mulher suavam em bica, tinham esgotado tôdas as forças e nada do nabo abandonar a terra, à qual estava solidamente preso.

Barnabé correu à aldeia e trouxe de lá os dez homens tidos como os de mais força. O nabo gigantesco foi amarrado por uma grossa corda e os homens começaram a puxá-lo fortemente.

De repente, ouviu-se um estalido .

— Vitoria! — gritou a mulher de Barnabé. Mas se havia enganado: o estalido provinha da corda que se partira.

E todos foram cair redondamente no chão em tôdas as posições.

Quando Barnabé poude levantar-se quis tentar novamente, mas seus companheiros já haviam fugido sem nada lhe dizer.

— Conheço um lenhador — disse êle, a cujo machado não haverá nabo que resista.

Pobre lenhador! Ao primeiro golpe que dera gemendo, o machado saltara longe, cheio de dentes.

Muito aborrecido afastou-se, lastimando o seu querido instrumento e maldizendo a hora em que acedera ao convite de Barnabé.

Este estava como um doido.

— Duro em baixo, duro dos lados, disse êle, talvez o nabo seja mais tenro no cume.

— Mulher, traze-me uma machadinha e uma escada.

Tendo encostado a escada começou a subir; mas quanto mais subia, mais o nabo crescia..

Quando Barnabé chegou ao último degráu e estendeu o braço, não poude alcançar o cume do nabo, pois este havia crescido consideravelmente.

Não teve êle outro remédio, senão descer, muito aborrecido.

— Querida esposa, podes acreditar que nos deitaram um feitiço. . .

Ia continuar, quando apareceu o proprietário do terreno vizinho.

— O tal nabo começa a invadir o meu campo. Em breve a plantação será esmigalhada; acho bom que evite tal desgraça, que pode ser prejudicial para nós dois. Se dentro de três dias não tiver tomado em consideração a minha reclamação, mandarei citá-lo em cartório!

Desesperado, Barnabé fugiu em direção ao mar. Sentou-se na praia, para refletir sôbre suas desgraças.

De repente ouviu uma voz traca, que partia de uma moita.

— Quem me poderá dar notícias sôbre o nabo de Barnabé? — dizia ela.

(Conclui em outro local desta edição)

DESENHOS DE LÊDA

Os Grandes Episódios

Catedral de Olinda

O PRIMEIRO BRADO DE REPÚBLICA

O primeiro brado de República no Brasil foi dado em Olinda, a 10 de novembro de 1710, por Bernardo Vieira de Melo. Este celebre pernambucano nasceu no municipio de Jaboatão. Foi sargento-mór, ao lado de Domingos Jorge Velho e Sebàstião Dias à frente de sete mil homens, dando luta aos negros da República dos Palmares. Tendo Jorge Velho sido forçado a recuar até Porto Calvo, Vieira de Melo assumiu o comando supremo das forças e realizou o cêrco dos Quilombos.

A rivalidade já existente, entre os portugueses — conhecidos por mascates — e os brasileiros, não satisfez o novo governador de Pernambuco, Sebastião de Castro e Caldas, que iniciou uma série de perseguições ao Senado da Câmara de Olinda. Estava assim aberta a luta entre a nobreza de Olinda e os mascates de Recife.

A 3 de março de 1710, o governador mandou levantar, no Recife, um pelourinho e prendeu os membros da nobreza que se manifestaram contra essa iniciativa... Vítima de uma tentativa de assassinato, Caldas desatinou-se em uma série de violências aos pernambucanos.

Êstes, afinal, armaram-se e desencadearam a chamada "Guerra dos Mascates". Os revolucionários vitoriosos em tôda parte, marcham sôbre o Recife, acampando na Bôa Vista, em número de 2.000, a 8 de novembro. No dia 9, entraram triunfalmente no Recife. Demoliram o pelourinho e esbordoaram os mascates "vereadores com as suas próprias bengalas e cabeleiras". Acovardado e com medo de ser castigado, Castro e Caldas fugiu para a Baía, deixando o govêrno acéfalo.

A 10 de novembro, os vitoriosos chegavam em Olinda. Reunidos os membros do Senado da Câmara, Bernardo Vieira de Melo levantou a bandeira republicana, propondo a fundação de um regime idêntico ao de Veneza.

Os demais membros do Senado da Câmara, com exceção de PedroRibeiro da Silva, com receio de consequências, acharam de bom alvitre entregar o govêrno ao bispo d. Manoel Alvares da Costa. Êste, empossado concedeu a anistia e conseguiu do Rei de Portugal que ninguem fôsse perseguido como reprezália.

Os mascates, porém, a 18 de agosto de 1711, quiseram tomar a desforra e levantaram-se em armas contra os pernambucanos. O novo governador Felix José Machado de Mendonça, chegando a Pernambuco, concedeu anistia em nome do Rei. Mas, assim que os pernambucanos foram desarmados, caiu sôbre êles a garra da traição. Preso os chefes autonomistas, estavam, entre êles, Bernardo Vieira de Melo, seu filho e Pedro Ribeiro da Silva.

DA NOSSA HISTÓRIA

DE

AMÉRICO PALHA

Algemados, postos a ferros, foram conduzidos ao Recife e daí remetidos a Lisbôa, em cujos cárceres morreram de maus tratos.

O historiador Soares Brandão, referindo-se a Vieira de Melo e a Pedro Ribeiro da Silva, diz: "Foram êles os primeiros brasileiros que tentaram, por palavras e ações, fazer a independência nacional, com a Repùblica. E o sangue, como o martirio de 722 vítimas da revolução da nobreza de 1710, mostram bem a altura a que chegou o espírito de liberdade e de autonomia dos nobres e dos heróicos pernambucanos da nossa raça, da raça branca"...

O NARIZ COMPROMETEDOR

HAvia outrora um soberano que — coisa extraordinária, mesmo para um rei vivia muito feliz, sem ter nada a dizer da existência.

Tudo lhe corria às mil maravilhas; e posto que não se gabasse de ser mais inteligente que os outros, fazia de tal modo suas operações, que negócios em que outros príncipes se tinham arruinado traziam-lhe grandes vantagens.

Julgava-se o mais feliz dos monarcas, sendo também o mais poderoso. A rainha sua esposa era encantadora e afetuosa e tinha um filho, o herdeiro do trono, moço de fisionomia expressiva e que muito prometia para o futuro.

O príncipe Alvaro — era o nome do menino — crescia e dava provas de uma robustez inegável quando, de repente, lhe sobreveio uma enfermidade: às vezes, quando êle falava, saia-lhe do nariz um ruido bizarro.

Sua mãe interrogava-o e apenas tinha pronunciado um "sim" ou um "não" algumas notas graves ou agudas faziam-se ouvir.

Outras vezes, ao contrário, terminava um assunto qualquer sem que aquele ruido o viesse perturbar.

O que era curioso é que a criança parecia prever essa terrível instrumentação; chegava a hesitar em dar as respostas, como procurando aquela que não tivesse tal acompanhamento.

A princípio não se inquietaram muito com êsse defeito desagradavel; mas, à medida que o jovem príncipe crescia, o mal se acentuava.

Não eram mais algumas notas discretas, que partiam de seu nariz, mas um concerto perturbador, muitas vezes desafinado.

O rei não tardou em recorrer à ciência.

Apresentaram-se varios médicos que, sem garantir o resultado, declararam indispensável uma operação.

Cortariam o nariz e procurariam ver se a mucosa se achava em bom estado; fariam tôda a limpeza possível e útil e tornariam a compôr o nariz.

Nada mais simples: seria uma operação de meia hora.

O rei teria dado da melhor boa vontade metade do seu tesouro, pois o que queria era que seu filho perdesse aquela sonoridade singular; mas como os médicos não chegaram a um resultado prático, resolveu esperar. E assim fez.

Uma velha criada que se tinha resolvido a descobrir o mal, apresentou-se. Notou ela que o nariz do menino só fazia aquilo quando ele mentia.

Ora, como sabemos, um dos meios práticos para nossas mães conhecerem se mentimos ou não, é pelo nariz. Si ficar fanhoso é porque faltamos com a verdade.

Ora, o nariz do príncipe não ficava fanhoso, mas, pior ainda, desafinado, emitindo sons reveladores.

Uma mentira, por leve que fosse, fazia imediatamente soar a misteriosa trompa; se era grande, então o caso mudava de figura: era uma instrumentação, pior que de banda de musica que se lhe escapava do nariz.

Alvaro convenceu-se de que o único meio de evitar êsse defeito era falar a verdade. Fizeram-lhe compreender que, se assim continuasse, seria mais tarde alvo de zombaria e brincadeiras de todos e que, portanto, era preciso sempre dizer a verdade; seu interesse, bem como a lealdade o exigiam.

Como era ainda moço, poude sem grande esforço corrigir-se, passando a não mais mentir.

No fim de alguns meses era tido e havido como a criança mais verdadeira e seu nariz volvera ao mutismo normal.

Além disso, o príncipe tinha-se de tal modo corrigido que lhe era impossível mentir.

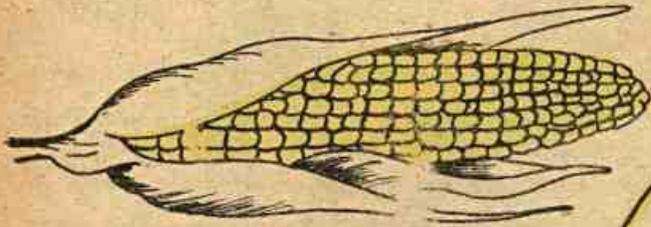
Embora condenado a falar sempre a verdade, isso pouco o incomodava, pois já estava acostumado, tendo verdadeiro horror à mentira.

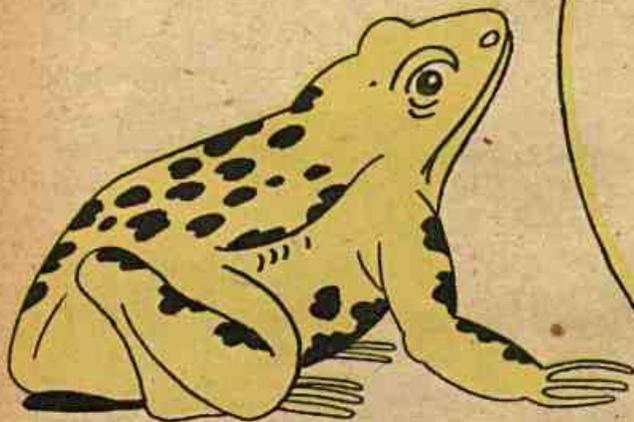
Ainda muito jovem, casou-se com uma moça, a quem estimava muito, se bem que não fosse princesa nem marquesa; deste modo, quando na igreja pronunciou o "sim" sacramental seu nariz não se manifestou.

Viveu muito feliz e os muitos filhos que teve nasceram com o nariz normal.

Estes foram educados por seu pai no culto da franqueza. A mentira, meus meninos, é um vício muito feio. Vocês devem imitar êsse príncipe, porque um dia serão citados como o celebre general tebano Epaminondas, vencedor dos lacedemônios, "que nem brincando mentia".

VOCÊ SABIA?

por PAULO AFFONSO

DO MILHO SÃO EXTRAIDOS 259 PRODUTOS E SUB-PRODUTOS.

O LADO ESQUERDO DO RÔSTO HUMANO É GERALMENTE MAIS BONITO E MAIS SIMÉTRICO QUE O DIREITO.

A CARNE DE RÃ É UM VALIOSO RECONSTITUINTE.

A MÃO HUMANA, DESDE O PULSO À PONTA DO DEDO MAIOR MEDE, NO HOMEM PROPORCIONADO UM DÉCIMO DA SUA ALTURA TOTAL.

DE UMA TONELADA DE ÁGUA DO OCEANO ATLÂNTICO, QUE SE EVAPORA, OBTEM-SE CÊRCA DE QUARENTA QUILOS DE SAL.

BADEN POWELL - O FUNDADOR DO ESCOTISMO

NO longinquo ano de 1889, durante a guerra que a Inglaterra manteve com o Transvaal, na África, o general inglês Roberto Baden Powell verificou o serviço que os meninos prestavam como auxiliares dos boers, executando trabalhos de ligação, comunicações, etc. Seguindo o exemplo, tambem Baden Powell organizou um pelotão de meninos da cidade de Nefeking, para serviços auxiliares de guerra (enfermeiros, guardas, sinaleiros, mensageiros, etc). Acabada a guerra, em 1906 fundou na Inglaterra o escotismo, os "boyscouts" (bói escautes) como uma escola de aperfeiçoamento integral da raça e o escotismo se difundiu pelo mundo inteiro. O general Baden Powell faleceu há pouco tempo, contando mais de 80 anos.

"Boy-scout" (bói ecaute). — Boy significa em inglês — "menino". Scout significa "sentinela", explorador.

"Escotismo" — é a organização fundada por Baden Powell. Os escoteiros aprendem tudo o que é util para a vida. Têm um código de honra para o procedimento. São obrigados a exercicios fisicos. São unidos pela amizade. O escotismo é uma escola de educação moral, fisica e cívica. É o seguinte o código do escotismo:

Baden Powell

1.° — O escoteiro tem só uma palavra; sua honra vale mais que a própria vida.

2.° — O escoteiro é leal.

3.° — O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo, e pratica diariamente uma boa ação.

4.° — O escoteiro considera todos os outros escoteiros como irmãos, sem distinção de classes sociais.

5.° — O escoteiro é cortês.

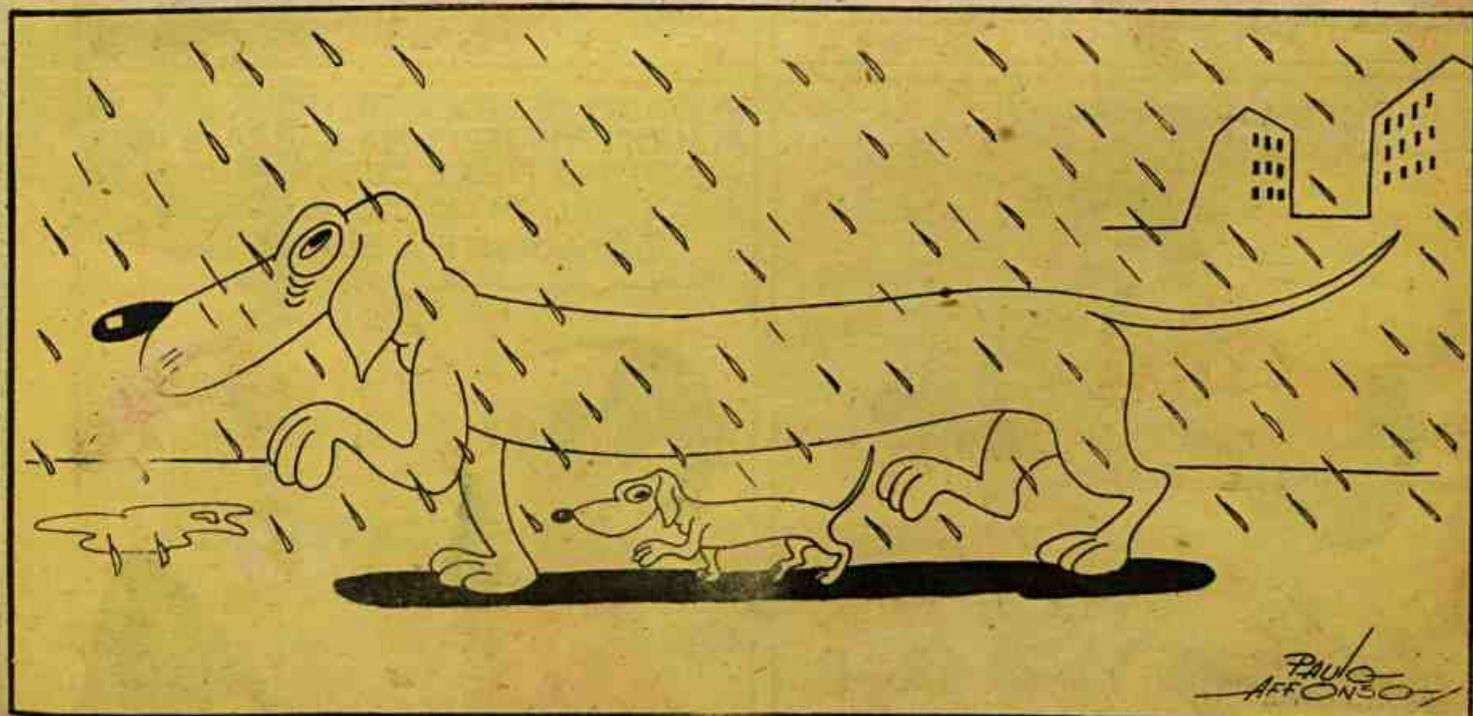
6.° — O escoteiro é sempre amigo dos animais e das plantas.

7.° — O escoteiro é obediente e disciplinado.

8.° — O escoteiro é alegre, jovial e sempre otimista.

9.° — O escoteiro é econômico e respeitador do bem alheio.

10.° — O escoteiro tem a constante preocupação da sua dignidade e do respeito a si mesmo.

QUE BOM GUARDA-CHUVA!!

Bolota e Palito

por

Paulo Affonso

OS PÁSSAROS

SÓLON BORGES DOS REIS

Abro a janela de manhã bem cedo
Para pedir ao sol luz e calor,
E escuto a sinfonia no arvoredo,
Que a passarada entôa com amor.

Ouça as aves cantoras do Brasil
Que enchem de música os jardins floridos,
Riscam de côres nosso céu de anil
E comem os insetos escondidos.

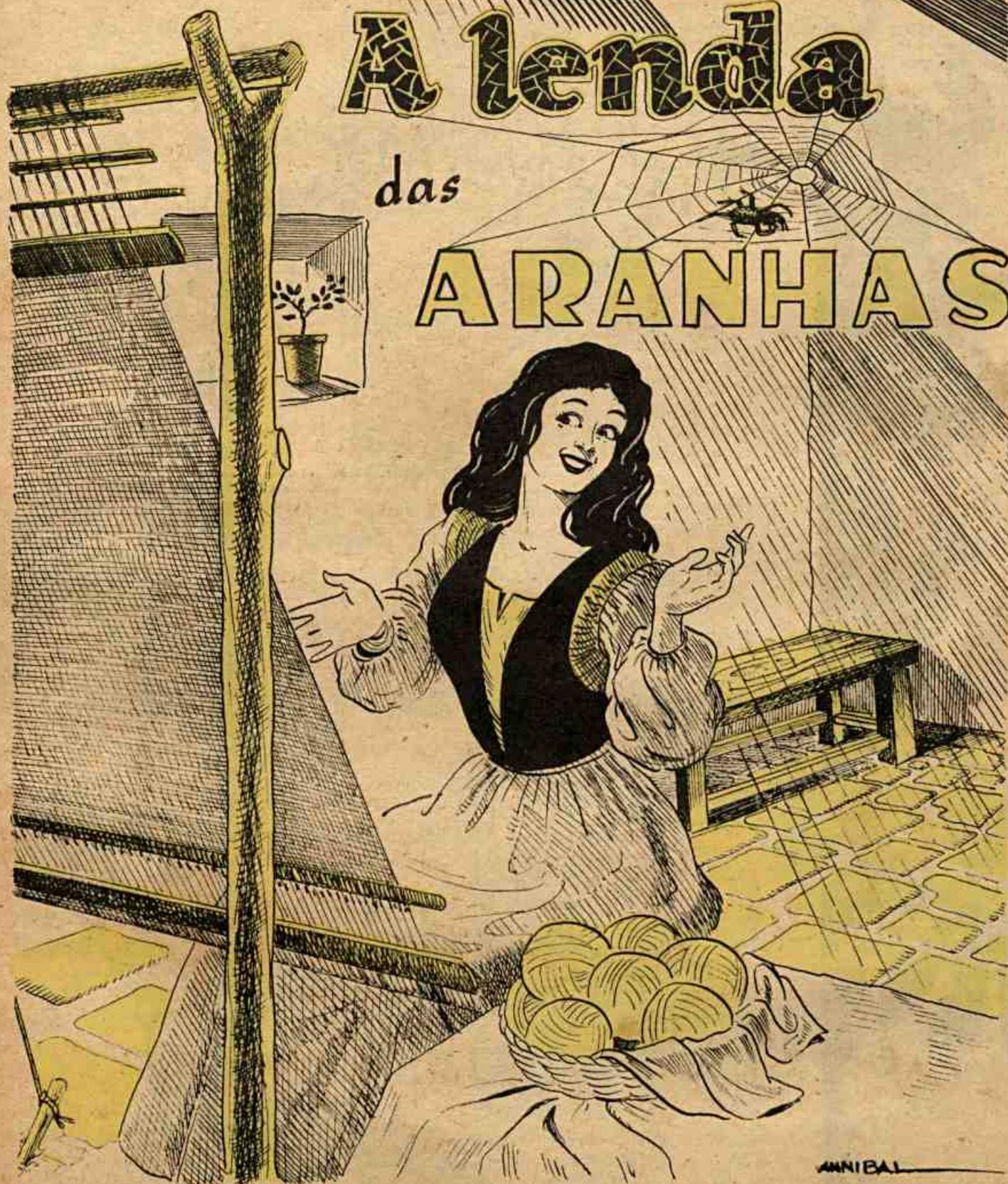
O pequeno e mimoso beija-flôr,
A pomba jurití tão brasileira,
O pintassilgo, príncipe cantor,
Ou o canário sabiá da laranjeira.

O barulhento pica-pau da mata
O tisíu, côr da noite, e a andorinha
O coleirinha, a ave de gravata,
O guloso sanhaço ou a rolinha.

O tico-tico popular e inquieto,
O canário, côr de ouro, a patativa,
O bem-ti-ví, o pássaro indiscreto,
Ou a araponga, uma bigorna viva.

Deus guarde a passarada brasileira
Que canta nos jardins e nas florestas.
Possam todos cantar a vida inteira
E sentiremos sempre a alma em festas.

Oswaldo Storni

A lenda das ARANHAS

EM uma pequena cidade da Lidia, ha muitos séculos passados, morava uma pobre familia de camponeses, composta de um casal e uma filha, esta uma jovem de rara beleza, chamada Arachne. De certo que a familia teria passado privações, não fosse o dom que Arachne possuia, de bordar com inimitavel habilidade. Sendo boa filhinha, ela trabalhava bastante, tecendo ricos tapetes e belos panos para enfeite, que sempre vendia por bom preço, entregando o dinheiro a seus pais. E assim a vida teria sido bastante feliz para Arachne e o seus, não fosse o péssimo costume que a moça possuia, de pôr defeito no trabalho dos outros, julgando-se superior a tôdas as suas amigas, pelo fato de bordar melhor do que elas. E isto sempre lhe trazia desgosto e aborrecimentos.

Certo dia, em que Arachne se gabava de não encontrar rival, nem na terra nem no céu, que com ela pudesse competir na arte de bordar, ouviu-a a deusa

(MITOLOGIA GREGA) Por JURACY CORREIA

Athené, do alto do Olimpo, onde morava, e resolveu castigá-la pela sua desmedida vaidade. Uma Ninfa, porém, que habitava um regato próximo, assim que teve conhecimento da decisão da deusa, correu a avisar Arachne, pedindo-lhe que se arrependesse de suas palavras levianas e implorasse perdão aos ceus, o que, certamente, não lhe seria negado. Arachne, no entanto, não deu importancia ao conselho da amiga e até chegou a afirmar que venceria a deusa ofendida, numa prova de bordado, se esta se dignasse medir-se com ela. Na verdade Arachne era extremamente habilidosa e na terra não havia, mesmo, quem a pudesse superar, na difícil arte de tecer e bordar. Mas, daí a querer ela igualar-se às deusas imortais, ía uma grande diferença.

Mal a Ninfa se retirou, eis qué bate à porta da casa de Arachne uma velhinha mal vestida, apoiada num bordão, que outra não era senão a deusa Athené, disfarçada. Com boas palavras tentou a velhinha fazer com que a orgulhosa moça reconhecesse o seu erro e abandonasse a idéia de desafiar os deuses celestiais, pois grave castigo poderia daí lhe resultar.

Arachne ouviu as palavras daquela que julgava ser uma simples mendiga e, quando esta acabou de falar, respondeu-lhe com maus modos estas provocadores palavras:

— Tù decerto não estás em teu perfeito juizo, velha, ou então ainda não viste de perto uma tapeçaria tecida por mim. Se assim fosse, não terias a audacia de dizer que alguem, deusa ou não, pode vencer-me neste difícil trabalho

E para que a velhinha se certificasse de que ela não estava mentindo, Arachne foi buscar em seu quarto os tapetes mais belos e as colchas mais ricas, que tecera para vender ao proprio Rei. A deusa não poude reprimir o seu espanto, ao ver a perfeição do trabalho de Arachne. Não se notava o mínimo defeito, nem no bordado, nem no desenho e nem na distribuição das cores: eram perfeitos aqueles trabalhos.

Notando o espanto e a admiração da velha, disse-lhe Arachne:

— Estás vendo? Ninguem pode bordar melhor do que eu, velha. Pena é que a deusa Athené se recuse a medir-se, comigo, pois estou mais do que certa de que haveria de supera-la, sem a mínima dificuldade..

Diante de tão arrogantes palavras, a deusa não poude mais se conter e apareceu em sua verdadeira fórma, deslumbrante de beleza e terrivel na sua cólera.

— Chamaste-me, Arachne? Pois aquí estou, falou a deusa.

Por alguns instantes Arachne ficou sem saber o que fazer. Ela jamais esperara que a deusa desse atenção às suas palavras impensadas, e esteve a ponto de se confessar arrependida, com o que se teria salvo. Mas o orgulho falou mais alto em seu coração, e ela recobrou logo o domínio de si mesma e correu a buscar dois teares, certa de que venceria a disputa..

Imediatamente as duas começaram a tecer. Athené, usando lã de várias cores, bordou um magnífico quadro, no qual estavam representados todos aqueles que haviam sido castigados por terem querido se igualar aos deuses. A um canto estava Tântalo, condenado a morrer de sede, embora perto dele estivesse um ribeiro que êle não conseguia alcançar. Em outro canto estava representado o titã Prometheu, que tinha o fígado devorado por um abutre fígado esse que diariamente renascia, para maior suplicio. E assim, cheio de figuras alusivas ao castigo que sofriam aqueles que ofendiam aos deuses, estava o quadro composto por Athené, o qual, depois de pronto, ficara admiravel.

Arachne, por sua vez, não descansara. Embora usando menos cores que a sua rival, ela representou, no seu bordado os deuses imortais, mas sob figuras de animais, uns; embriagados, outros; e, bem no centro do quadro, representou a propria Athené sendo vencida por ela, na prova que estava sendo realisada.

A deusa, julgando com imparcilidade, não poude deixar de reconhecer que o bordado de Arachne era mais belo e mais perfeito do que o seu. Então, para premiar a vitória da moça, disse-lhe isto: O dom que possues, de bordar tão bem, jamais te será retirado, Arachne, e poderás exerce-lo atravez dos séculos."

Ouvindo aquelas palavras, Arachne exultou. Mas logo a sua alegria se mudou em temor, porque a deusa acrescentou, com voz colérica: "Tu venceste e foste premiada, Arachne. Mas escarneceste e fizeste pouco dos deuses e porisso vais ser castigada, pois vais ser transformada num inseto nojento e repelente.

Arachne tentou correr, mas a deusa atirou-lhe ao rosto algumas gotas de um elixir maravilhoso. Então o corpo da moça começou a encolher e a enrugar, transformando-se em uma aranha, que logo trepou pelo fio que pendia de um dos teares, e se pôs a tecer.

E é porisso que as aranhas são chamadas de Arachnídeos, e teem o hábito de tecer as maravilhosas teias que todos nós admiramos: porque a deusa cumpriu a sua palavra, e Arachne, mesmo sob a forma de aranha, continua tecendo atravez dos séculos.

ZÉ CALANGO

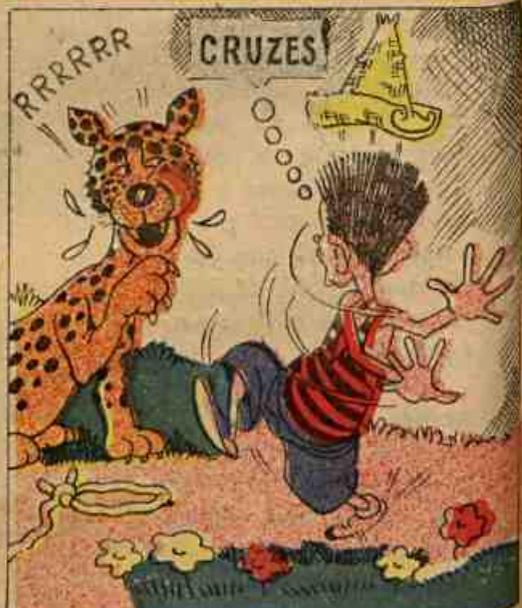
Oswaldo
Storni

ÔBA

AH-AH-AH

DE MIM TU NÃO ZOMBAS COELHO SEM VERGONHA!

VOU BOTAR AQUELE COELHO NESTA GAIOLA

RRRRRR
CRUZES

PAGINA DAS MENINAS

Para colar em cartolina, recortar e brincar

O
BARÃO DE RAPAPÉ

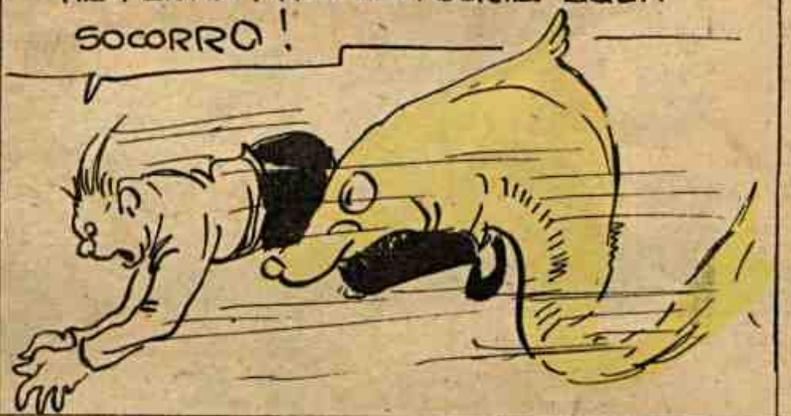
ESTOU CANSADO DE NA
FAZER. VOU À PRAIA PESCAR UM BOCADO

JÁ NÃO ME LEMBRO MAIS COMO É QUE A GENTE PESCA
UÊ, XE
É CUM
E MINHOCA

HM! PARECE QUE UM PEIXARÔCO JÁ ABOCANHOU ... HOJE ESTOU DE SORTE ... ESTÁ PUXANDO

UPA! ESTE PEIXE DEVE SER TÃO GRANDE COMO UMA BALEIA

UAIH! UM TUBARÃO PARECIDO COM O PIPOCA!

UAIH! UM TUBARÃO FERROU-ME O DENT NA PERNA! NÃO HA POLICIA AQUI? SOCORRO!

BARÃO, DEIXE EM PAZ O PEIXOAL QUE TRABALHA ATÉ EMBAIXO DÁGUA
UÉ, KAXINBOWN E PIPOCA VIRARAM PEIXES!

FORA DAQUI, BARÃO. AQUI NÃO HA LUGAR PARA VADIOS

DA VIDA DOS HOMENS CÉLEBRES

TOLICE DE UM SA'BIO

O notavel físico francês Ampère tinha dois gatos, aos quais mimava e queria muito bem.

Um era soberbo Angorá de lcngo e sedoso pelágio, que passeava com ares de soberano pelos tapetes e

se enroscava para dormir nos melhores tapetes da casa. O outro era um gatinho vulgar, pequenino e brincalhão, que saltava sôbre sua mesa, por cima dos seus papeis, revolvendo tudo, e sem que o grande sábio, que nele achava imensa graça, se aborrecesse com aquilo.

Às vezes, porém, o grande físico se fechava em seu gabinete de trabalho e então os dois gatos arranhavam desesperadamente a porta, para entrar, e miavam desesperadamente.

Ampère, absorto, geralmente, em suas tarefas e estudos, não podia às vezes levantar-se para ir abrir a porta e fazer os gatos entrarem.

E desejando remediar aquilo, mandou chamar um carpinteiro e lhe disse:

— Vamos abrir duas passagens, na parte inferior desta porta, uma grande e outra menor, para que os dois bichanos possar passar, quando quiserem.

— Mas, meu senhor — respondeu o carpinteiro assombrado — basta fazer uma passagem grande. Não precisa fazer duas.

— Não precisa ?! — exclamou Ampère, quase zangado. E o gato pequeno, então, por onde entrará ? Diga ! Por onde ? !

SWIFT E O CRIADO

Swift, o afamado escritor inglês, autor das conhecidas "Viagens de Guliver" era bastante seguro, quase avarento, e tratava mal as pessoas que tomava a seu serviço.

Em certa ocasião um dos seus amigos lhe mandou de presente um magnifico robalo, sendo encarregado de levar o pixe um criado que já tinha ido várias vezes à casa do escritor sem receber nunca a menor gorgeta.

O criado se dirigiu para lá com enorme má-vontade e, lá chegando, botou o peixe no chão e disse, sem sequer cumprimentar:

— Meu patrão mandou isto.

Contrariado com aquilo, que era uma verdadeira grosseria. Swift lhe disse:

— Rapaz, precisa aprender que não é assim que se faz entrega de um presente. Venha cá. Vou ensinar a você como é que a gente faz. Imaginemos, por um momento, que eu sou você e você está no meu lugar. Sente-se nesta cadeira. Eu entro e digo, inclinando-se:

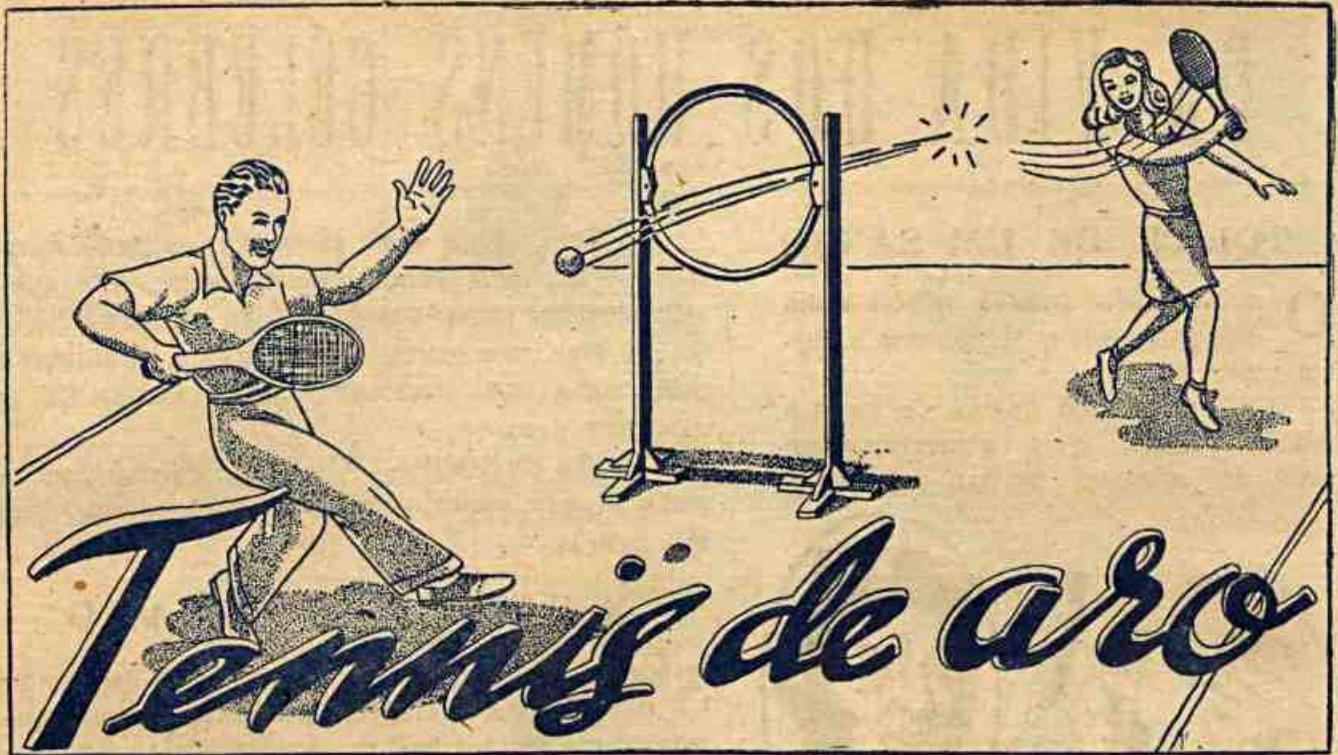
— Senhor, meu amo encarregou-me de apresentar-lhe as suas saudações e de oferecer-lhe, em seu nome, êste robalo, que espera se digne aceitar, causando-lhe com isto imenso prazer.

O criado, então, aproveitou a ocasião, sorriu e respondeu:

— Muito bem... Transmita ao seu amo os meus agradecimentos, e tome lá você isto, pelo

trabalho que teve em trazer o lindo peixe!

E meteu a mão no bolso, com o gesto de quem vai tirar dinheiro.

Swift corou, ficou um tanto confuso, vendo que quisera dar uma lição e recebêra outra maior, e não teve remédio senão tirar algumas moedas que deu ao esperto criado, ao qual despediu com tôda a amabilidade

Eis aqui um novo jogo para a praia ou o campo, cujo material é facil de construir. Êste jogo se chama "tenis de aro" e os jogadores usam raquêtas, tipo *standard*, para passar uma bola de um lado para outro, como no tenis comum, mas em vez de se usar rêde, no meio da cancha ,usa-se um aro. O jogo consiste em passar a bola de tenis por dentro do aro.

O JOGO — Tôda vez que um jogador, seja ao dar a saida ou em arremesso de volta, conseguir passar a bola por dentro do aro, marcará um ponto, e cada partida consta de vinte e um pontos.

O saque, ou saida é dado em linhas situadas a seis metros de distância do arco; mas depois do arremesso inicial os jogadores podem correr livremente, tanto para frente como para traz para recebe a bola. Para crianças a distância das linhas de saida para o aro pode ser reduzida para quatro metros.

A bola pode ser recebida diretamente e depois de uma pancada no chão, como no tênis.

O APARELHAMENTO consiste de um aro de madeira, de 65 ou 90 cms. de diâmetro, sustentado por dois suportes, aproximadamente de 1m.20 de altura. Estas medidas podem variar. O aro e os dois suportes são feitos separadamente, para facilitar o seu transporte e acomodação, só se armando no campo.

Sarrafos de 0,05x0,01, de qualquer madeira servem para os suportes. Cada um dêles é provido de um pé em cruz e de uma braçadeira, na parte superior, para sustentar o aro.

Os pés são feitos de peças de madeira de 30x7x2 cms., montadas umas sôbre as outras, em cruz, e unidas com apoios protetores. Isso se faz cortando, no meio de cada peça, um rebaixo de sua largura e a metade de sua espessura, ou seja 7x1 cm. Êstes apoios são parafuzados nos pés e nos sarrafos. Os parafusos dos pés podem ser colocados por baixo.

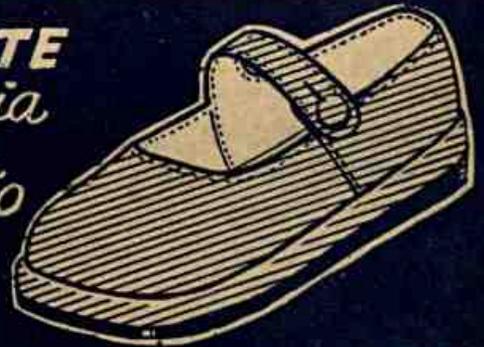
Em cima de cada sarrafo são colocados os sustentáculos compostos de 2 peças de madeira de 1cm., conforme mostra a ilustração, dispostos em posição vertical presos com parafusos e com um espaço entre si de 2,5 cm.

O ARO: Pode ser do tipo usado comumente para brincar e pode ser adquirido em qualquer casa de brinquedos. Ficará entre os dois sustentaculos ou braçadeiras, mediante um passador embutido nos buracos dos suportes. Êste passador pode ser feito de metal ou madeira. Um prego pode servir para o caso e para que se não perca convem prende-lo com barbante no sarrafo respectivo.

Para evitar que o aparelho cáia ao receber uma forte bolada, é bom cortar umas ranhuras em forma de V nas cruzes dos pés, que ficam em direção aos jogadores, e ali cravar, na terra, estacas de sustentação.

Finalmente, para proteger a madeira contra os efeitos do tempo convem dar ao conjunto uma ou duas mãos de pintura.

— Você compra um cruzeiro de presunto, quarenta centavos de manteiga e um pão de cinquenta centavos. Qual é o resultado que obtêm?
— Um sanduiche...

Até TÓTÓ sabe que é bom...
SECÇÃO ESPECIALIZADA PARA PETIZES SERVIDA POR MOÇAS
A sapataria mais querida da cidade
Himmel
INSINUANTE
uma galeria à sua disposição
INSINUANTE
A maior e melhor sapataria da America Latina
CARIOCA, 48 E SETE SETEMBRO, 199-201

Cenas da Nossa Historia

CONTINUAÇÃO DO ALMANAQUE DE 1947

Por LEONOR POSADA

GOVERNADORES

TOME' DE SOUZA

1545

1553

Tomé de Souza foi
grande governador.
Deve-se-lhe a cidade
chamada do Salvador.

Essa cidade tinha,
em pouco, a igreja, a escola:
armazens e cadeia,
e a casa de Loiola,

Com todo o entusiasmo,
a animada criatura
mandou vir muito gado
e fez a agricultura.

Graças a seus esforços,
em breve o Brasil tinha
o primeiro bispado
de D. Pero Sardinha.

Viajou pelo Brasil;
conheceu-lhe os recantos;
e mais três vilas fundou
entre elas a de Santos.

E, depois de quatro anos
da árdua tarefa imposta,
entregou o govêrno
a Duarte da Costa.

DUARTE DA COSTA

Dom Duarte da Costa,
(assim a história o diz),
dos três governadores,
foi o mais infeliz.

Pois foi no seu govêrno
que se deu a invasão
do Rio de Janeiro
por um Vilegaignon,

que, guiando franceses,
veio para o Brasil
fundar a França Antártica,
— inteligente ardil

para ficar de posse
desta terra loucã,
que, à França, parecia
uma nova canaan.

1553

1557

Unidos aos franceses,
Cunhambebe e Imberê
levaram os tamoios
contra a gente da fé.

E essa luta terrível,
essa rebelião,
chamou-se dos Tamoios
a confederação.

Ainda mais: o seu filho
com o bispo se indispôs.
Foi o bispo a Lisbôa...
Naufragou... E, depois

Como remate duro
de tão triste gestão,
em Portugal falece
o monarca D. João.

E Duarte da Costa,
como um gesto final,
volta velho, vencido,
para o seu Portugal.

MEM DE SA'

Decerto foi Mem de Sá
um grande Governador,
pois venceu em seu govêrno
as lutas, fome... Um horror!

O seu primeiro cuidado
foi os indios acalmar.
E, graças aos jesuitas,
pôde o fato consumar.

Depois, estudou os meios
dos franceses repelir...
E conseguiu, o valente,
o seu dominio extinguir.

E Mem de Sá fora o homem
que não devia tombar.
Havia peste... Venceu-a!
E a fome soube acabar.

1557

1567

Mas não sem sacrifícios
de vidas caras... Não há
valor, glórias, sem tristeza...
— Morreu-lhe Estácio de Sá!

Estácio, que era sobrinho
do grande governador,
viera expulsar os franceses
com ordens de El-Rei Senhor.

E, na luta, bravamente,
uma frechada levou
dos índios confederados...
E essa frechada o prostrou!

Mas antes, belo remate
da sua vida em ação,
fundou a linda cidade,
antes S. Sebastião,

junto ao morro Pão de Açúcar,
perto do Cara de Cão —
cidade que era pequena
e que hoje é perfeição.

Cidade Maravilhosa
de todos no seu julgar,
com lindas nos montes,
com lindas vistas por mar!..

SEM ESPECTADORES?

Será que o palhaço Bizunga está trabalhando sem espectadores? Nada disso! Se você procurar bem, encontrará por aí vários gnomos da floresta, escondidos, apreciando suas mágicas. E são sete, por sinal

PIADA

— Você compra um terreno retangular. Quer medir a superfície do terreno. Que faz, então?
— Chamo um agrimensor...

ESTRÊLAS

Cada estrela é um sol, em volta do qual giram tambem outros astros.

As estrelas são, pois, sóis como aquele que nos ilumina, porem tão distantes que, apesar de suas enormes dimensões, nos parecem pequenos pontos luminosos.

As estrelas formam grupos, que se chamam constelações.

Uma das constelações mais bonitas é a do Cruzeiro do Sul situado perto do Polo Sul.

Chama-se cruzeiro por causa da disposição de suas estrelas, que parecem formar uma cruz. Compõe-se de 5 estrelas, sendo uma de 1.ª grandeza.

Os viajantes de terra e mar podem guiar-se, no caminho, pelas estrelas.

O Cruzeiro do Sul brilha no céu brasileiro e é representado na bandeira brasileira, como um símbolo da Pátria.

BENFEITORES DA HUMANIDADE

1 — ROBERTO KOCH — descobriu o bacilo da tuberculose.

2 — THOMAS ALVA EDISON — inventou o fonógrafo, a lâmpada elétrica etc.

3 — JORGE STEPHENSON — inventou a locomotiva a vapor.

4 — ROBERTO FOULTON — inventou o barco a vapor.

5 — MADAME CURIE — descobriu o rádium.

6 — GUILHERME MARCONI — inventou o telégrafo sem fios (radio-telegrafia).

7 — LUIZ PASTEUR — descobridor da vacina contra a raiva (hidrofobia).

8 — ALEXANDRE GRAHAM BELL — inventou o telefone.

9 — HENRIQUE HERTZ — descobriu as ondas electro-magnéticas.

10 — E. A. BEHRING — descobriu, com o Dr. Roux, a vacina anti-diftérica.

11 — CONRADO ROENTGEN — descobriu os Raios X.

12 — EDUARDO JENNER — descobriu a vacina contra a varíola.

1

2

3

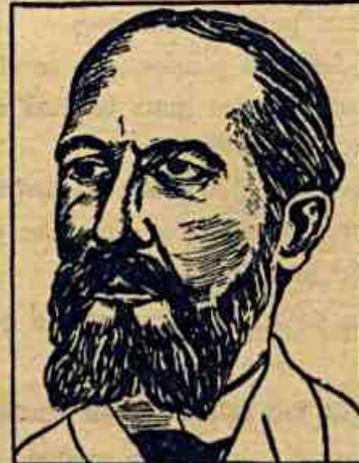
4

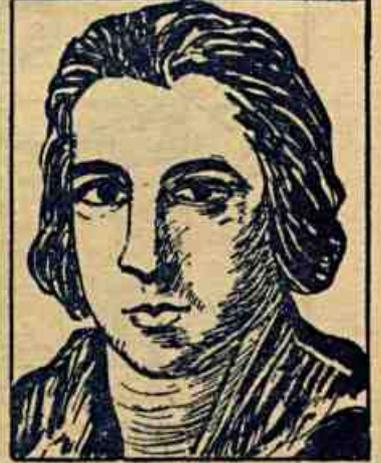
5

6

7

8

9

10

11

12

Iluminação

A luz de que se serviam os homens primitivos era fornecida pelos braseiros ou pelos archotes de resina.

Vieram depois as lampadas ou candieiros, que consistiam num simples vaso de barro, ou de metal, com azeite, no qual mergulha-se uma torcida cuja extremidade se acendia.

Em seguida fez-se uso da vela de sêbo. Esses processos de iluminação são muito imperfeitos e antiigiênicos porque dão pouca luz e muito fumo, tendo ainda o grave inconveniente de absorver o oxigenio do ar, que se torna improprio para a vida em virtude da carência do oxigenio e da presença dos gazes produzidos pela combustão.

Atualmente usa-se a "vela de cêra", a "vela de estearina", o candieiro de petroleo ou "querosene", o "gaz" e a "eletricidade".

A vela de estearina é superior á vela de sêbo, porque não dá fumo e produz uma luz viva e regular.

Os candieiros de petroleo dão melhor luz que os antigos candieiros de azeite. O seu uso, porém, constitue um perigo constante de incendio, devido á extraordinaria inflamabilidade do petroleo.

A iluminação a gás deve-se ao engenheiro francês Filipe Lebon.

São muito importantes as vantagens que a iluminação eletrica apresenta sobre outros sistemas de iluminação: o asseio extremo, a ausencia de fumo, o pouco calor e, principalmente, a higiene da habitação, porque não havendo combustão, não ha absorção de oxigenio do ar ambiente nem desenvolvimento de gaz carbonico.

Acrescenta-se ainda que a iluminação eletrica, dispensando qualquer apresto e o emprego de acendalha, apresenta tambem importantes vantagens de comodidade.

OS ABOLICIONISTAS

OS abolicionistas foram os que lutaram pela liberdade de uma raça oprimida — os negros africanos. No tempo da escravidão os pobres negros eram atirados ao trabalho forçado nos canaviais e nas fazendas de café. Tinham o angú por alimento, o algodão grosso por vestimenta e o relho (*bacalhau*, feito de quatro cordas de couro cru, trançado, com pontas lancinantes) como incentivo do trabalho. O tráfego de negros constituia um comercio rendoso. Só em 1871, depois de uma campanha tremenda, o visconde do Rio Branco conseguiu a votação da lei de 28 de setembro, que declarava livres os filhos da mulher escrava. Em São Paulo, o campeão do abolicionismo foi Luiz Gama, o poeta negro, que, tendo sido escravo, conhecia todos os horrores da condição servil. Em 13 de maio de 1888 desapareceu a escravidão no Brasil. A Lei Aurea foi assinada pela princesa Isabel, com justiça apelidada a Redentora.

O Aniversário da Princeza

ESTORGIO WANDERLEY

Todos os anos, desde que a princezinha Ana Maria nascera, havia uma festa no palácio real comemorando a data do seu natalicio.

Nessas festas ela era sempre a mais alegre de todos, animando os jogos florais, os cânticos e as dansas, com a sua graça primaveril

Naquele ano, entretanto, ao completar dezoito primaveras, estava ela triste! ... Seriam sortilegios da fada Malquerença, invejosa da alegria e felicidade da princezinha? ... Talvez ...

O caso é que depois de um passeio que Ana Maria fizera ao campo, onde ouviu um pobre pastor cantando versos liricos e tocando sua flauta, ficou triste e pensativa, ao contrario do que acontecia com os demais, que ficaram alegres e despreocupados das dificuldades da vida, ouvindo o pastorzinho do campo

O velho rei, seu pai, que fazia tudo para alegrar Ana Maria, mandou, por fim, arautos por todo o reino, anunciarem que daria a mão da filha em casamento ao jovem que trouxesse, novamete, o sorriso aos labios da triste princezinha.

Não faltaram candidatos, é claro, a um tão cobiçado prêmio. Desde cedo, cantores e menestreis, saltimbancos, jograis e pelotiqueiros se apresentavam cantando as mais harmoniosas canções, dansando e executando em estranhos instrumentos musicais, fazendo, emfim, pelotiquices e acrobacias as mais divertidas e curiosas. Muitos foram tambem os presentes ricos de ouro, de prata e de pedras preciosas oferecidos à aniversariante. Nada disso, porém, a fazia alegre. Descerrava, apenas, os labios descorados em um triste sorriso agradecido e... só. O velho rei já estava desesperançado de ver a alegria voltar à face da querida filha quando um pagem entrou no salão, trazendo um modesto ramo de flores silvestres que haviam mandado para a princeza.

— Quem o mandou? pergunta o rei.

— Saberá Vossa Majestade que foi um pobre pastor; respondeu o pagem.

— E onde está êle?

— Já se foi embora. Ao me entregar as flores me pediu que as depusesse os pés da senhora princeza, dizendo que era a humilde oferenda de seu mínimo servo.

Nesse momento ouviram-

se maviosos sons de flauta, não muito longe, executando uma deliciosa "pastoral", cheia de melodia.

A princezinha, que estava com os olhos semi-cerrados, logo os abriu, dizêndo:

— Linda musica! ... Parece que já a ouvi numa outra ocasião.....

E reparando no ramo acrescentou:

— Que flores tão perfumosas!...

— Foi um pastor que as enviou, minha filha.

— Deve ser dêle tambem a flauta que modúla tão deliciosa melodia. Peçam-lhe que venha tocá-la aqui em nossa presença.

O pagem saiu logo a correr e, pouco depois voltava, trazendo o pastor que fez uma graciosa reverencia à côrte reunida no salão, e começou a executar, na sua flauta, uma outra "pastoral" ainda mais linda e alegre do que a primeira.

À proporção que êle tirava da flauta os mais delicados e enternecedores sons a princezinha ia se alegrando e não tardou que seus labios se entreabrissem num encantador sorriso de felicidade

— Bravo!... exclamou o rei satisfeitissimo. Minha filha recuperou a alegria perdida, e eu farei deste pastor um principe para se casar com ela! Ouviu-se, então, o som dum "gongo," e surgiu linda fada no salão, com surpreza de todos.

— Não é preciso, ó poderoso rei, fazer deste pastor um principe — disse ela.

— Por que?!...

— Porque êle um principe já é, e foi encantado pelos sortilegios da invejosa fada Malquerença.

— E quem sois vós?

— Eu sou a fada Venturina, que tenho maior poder do que ela e vim quebrar esse encantamento, como prêmio à sua bondade e resignação, procurando sempre alegrar a todos com os sons maviosos da sua flauta mágica, e não maldizendo a humilde condição de pastor a que fôra reduzido por metamorfose e pela maldade de uma fada.

Dizendo assim tocou no ombro do pobre pastor com a sua "varinha de condão," transformando-o em um garboso principe

Desnecessario será dizer que a alegria da princezinha Ana Maria foi completa, e ela, então, recomendou ao principe:

— Embora não mais pastor, não deixes de cantar tuas canções e de executar na tua flauta as melodias tão lindas que trazem a alegria aos tristes e consolo aos corações angustiados.

E o principe-pastor prometeu que assim faria.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRICOLAS DO BRASIL

AMAZONAS
PARÁ
MATO GROSSO
GOIAZ
BAÍA
MINAS GERAIS
S. PAULO
E. SANTO
RIO DE JANEIRO
PARANÁ
S. CATARINA
R. G. DO SUL

AÇUCAR

AMAZONAS
PARÁ
MATO GROSSO
BAÍA
MINAS GERAIS
S. PAULO
E. SANTO
RIO DE JANEIRO

CAFÉ

AMAZONAS
PARÁ
MATO GROSSO
GOIAZ
BAÍA
MINAS GERAIS
E. SANTO
RIO DE JANEIRO

CÔCO

Dotado, pela Naturêza, de assombrosa fertilidade; beneficiado por vários climas, o nosso Brasil é um dos países do mundo onde a variedade de produtos agrícolas é maior e mais diversa. Contudo, alguns dêsses produtos, por serem os mais cultivados, se destacam mais e êstes são chamados os "principais", porque constituem o grupo mais importante, o grupo dos que mais lucros dão ao Brasil: são os que aparecem nesta página.

DA COLEÇÃO SETH "NOSSO MUNDO"

Três bons passatempos

Usando apenas os números ímpares compreendidos entre 1 e 39, inclusive, veja se os distribui nos quadros em branco, de tal maneira que ao somar as colunas horizontal e verticalmente se obtenham as somas que aparecem à margem.

Na página 140 você encontrará a solução.

Com quatro linhas retas, de lado a lado do quadro, divida-o em nove espaços. Cada uma dessas 9 divisões deverá conter um grupo de algarismos determinados, isto é: todos os 1, todos os 2, todos os 3, etc., separados.

Com os números compreendidos entre 1 e 20, inclusive, encha as casas em branco de modo que, somando as carreiras, horizontal e verticalmente, os resultados sejam os que aí estão.

Compare sua solução com a que vai publicada na página 140.

QUE QUER DIZER ◆ AMETISTA? ◆

A palavra ametista é composta de duas palavras gregas que significam: "que não se embriaga." Os povos da antiguidade acreditavam que essa pedra— uma variedade azul-violeta do quartzo transparente — evitava, aos que ela usavam, ficar embriagados. Naqueles tempos, os copos eram feitos de ametista com o fim de preservar os bebedores contra os efeitos da bebida.

***

POR QUE AS BANANAS SÃO TIRADAS DO PE' QUANDO AINDA ESTÃO VERDES?

Tôdas as bananas, embora estejam verdes, mesmo que se destinem ao consumo são arrancadas ainda verdes, pela simples razão de que se as deixarmos madurar no pé já não serão gostosas. Muitos acreditam, e com alguma lógica, que se arrancam os cachos ainda verdes para faze-los amadurecer nos depósitos dos barcos. São muitas as frutas que por essa razão são colhidas ainda verdes porém com esta não acontece o mesmo. Pois se deixarmos a banana amarelar no pé ela perderá o seu gosto característico e a casca se abrirá penetrando a fruta bactérias e insectas que a apodrecerão. Por isso é que sòmente quando arrancada verde a fecula que possue se transforma em açucar e a faz um alimento tão agradável. Algumas vezes o sol dá a esta fruta uma tonalidade marron escuro antes dela ficar madura. Em tal estado a banana é perfeitamente comestivel.

***

AS GIRAFAS TEEM CHIFRES?

Uma girafa não tem chifre no verdadeiro sentido da palavra. O que ela tem na cabeça é simplesmente duas espécies de lobinhos de pele e gordura sem nenhuma consistência e dureza característica dos chifres. Já existiu uma girafa que tinha cinco dêsses caroços na cabeça.

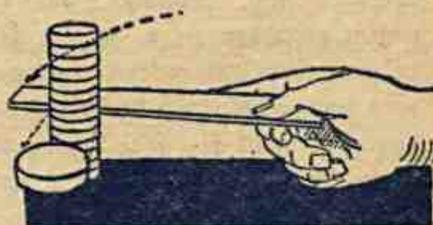
***

QUAL A DIFERRENÇA ENTRE UMA FRATURA SIMPLES E UMA DUPLA?

E' elevadíssimo o número de pessoas que acreditam que uma fratura simples é aquela em que o osso está partido em um só lugar e uma dupla é aquela em que o osso está quebrado em duas partes. A verdade é esta: uma fratura é simples quando o osso está partido em uma ou mais partes, porém a pele permanece perfeita, isto é sem rotura, pela qual não existe comunicação entre a ferida e o ar que poderá infectá-la. Em suma: o osso fraturado em varias partes póde chamar-se fratura simples, enquanto que um osso fraturado em só um lugar, isto é, quebrado num só ponto póde ser fratura dupla.

Uma bonita prova para você fazer

Com as fichas de um jogo de damas póde-se realizar uma demonstração da lei da inercia, tão falada em física, ou seja: que para se pôr em movomento uma certa massa, é necessário aplicar-lhe uma certa força durante um certo tempo.

Coloque as fichas uma em cima da outra; com uma régua chata, aplique um golpe sêco a uma das que se encontram no meio da pilha. A ficha saltará para fora da pilha e as demais continuarão como estavam colocadas, por não terem recebido suficiente energia para se deslocar e cair, uma vez que o golpe foi aplicado unicamente àquela ficha que pulou.

A mesma prova póde ser feita com objetos bastante lisos, empilhados, e batendo-se sêcamente num qualquer da pilha.

A CANA DE AÇUCAR

A cana de açúcar, que não é um fruto e sim um caule, é rica em sacarose. E' do caldo da cana que se obtêm o açúcar no Brasil, principalmente em Pernambuco. Também se extrai açúcar de outros vegetais. Da beterraba, por exemplo, se extrai açúcar da raiz.

QUANDO SE ANDA DESATENTO...

(Vire a página)

A lição de Almansor

ALMANSOR, poderoso califa de Bagdad, legou-nos um exemplo que vale a pena repetir.

Contam que, certa vez, madou o poderoso senhor que se construisse, para sua morada, suntuoso e original palacio de requintado luxo e desmedida opulência.

Erguido o monumento, todo de mármore raro, decorado a ouro e pedras preciosas, entre jardins de palmas e loureiros, rodeado de fontes e lagos onde cisnes brancos deslizavam, notou-se que mesmo à frente ficava humilde casebre em ruinas, morada de velho tecelão, homem pobre e simples, mas de austeras virtudes e muito trabalhador. Ora, o casebre contrastava com a morada suntuosa do califa. Não faltaram emissarios que se prontificassem, ante tão nobre senhor, a ir destruir a miseravel vivenda. Servidores de Almansor — o califa, ofereceram ao tecelão dinheiro para que abandonasse a velha morada. A todos, porém, o pobre velho respondia:

— Não! Por que hei de abandonar a casa de meus pais? Aqui cresci, aqui vivo rodeado da memoria daqueles que me foram tão queridos. Pobre embora, tenho direito de viver aqui até à morte.

Foram os emissarios ao palacio e narraram ao califa o que ouviram do velho tecelão.

Almansor pôs-se a pensar. Rico e poderoso porém justiceiro e sabio, achou melhor não mais importunar o humilde vizinho, ao que um dos seus conselheiros comentou:

— Mas, senhor, o vosso poder e a vossa autoridade bastarão para que as vossas ordens sejam por nós cumpridas Uma única palavra e mandaremos arrasar o casebre.

— Isso nunca, respondeu o califa, indignando-se. É então essa a opinião de um conselheiro? Considere-se demitido e nem mais uma palavra sobra o assunto. Quero que os pósteros, vendo o palacio e ao seu lado a humilde choça façam justiça ao meu nome. Devo ser tão justo quanto poderoso porque, perante a lei e perante Deus, todos somos iguais. Os mesmos direitos assistem a uns e outros — pobres e ricos, nobres eplebeus, fracos e poderosos...

Bela e magnifica lição de igualdade!

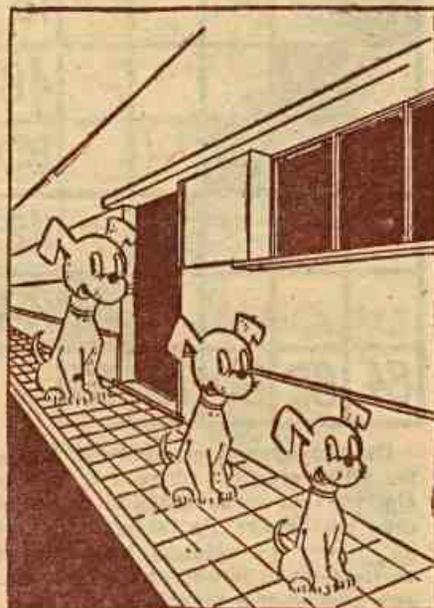
Preferiu o nobre senhor deixar de pé, junto ao seu custoso palacio de mármore e pedras preciosas, a cabana humilde — exemplo vivo da igualdade que nos equipara, não só perante a lei como entre os homens.

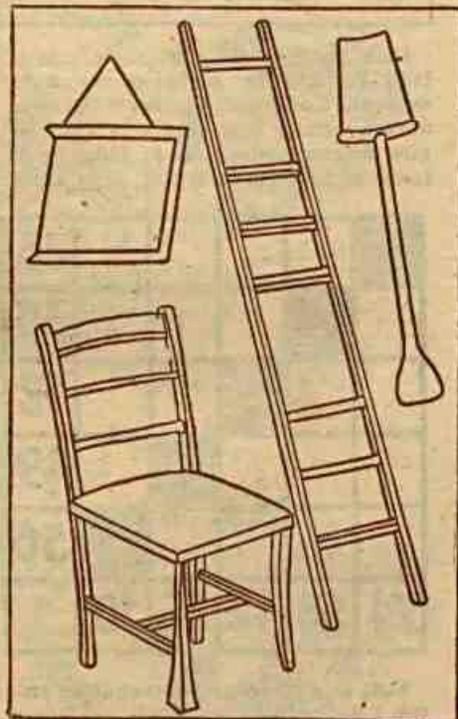
Tendo uma origem comum, só as distinções criadas pela natureza, como a inteligencia, a bondade e o saber, nos podem distinguir; no resto, somos perfeitamente iguais: — pobres e ricos, fracos e poderosos, fazendeiros e colonos, patrões e operarios.

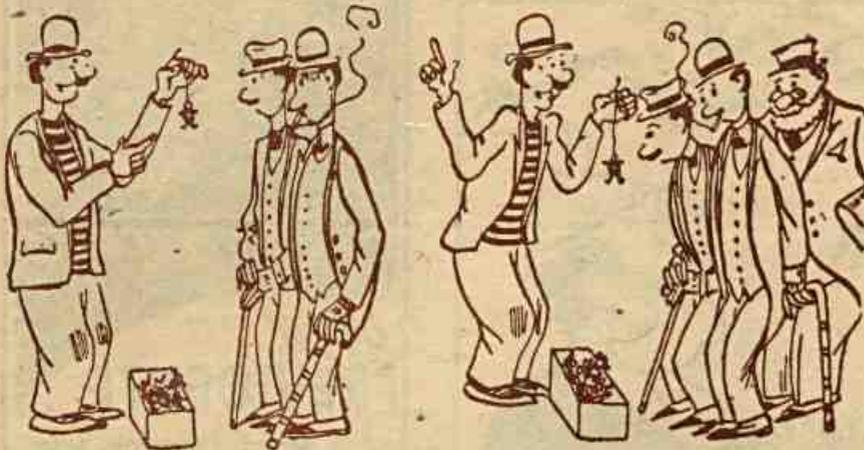
A presente história mostra que, naquele tempo, os homens tinham perfeita compreensão dos direitos e deveres que, hoje, servem de base às sociedades e às nações. Todo abuso de força ou de autoridade, parta de onde partir, deve, portanto, ser reprovado.

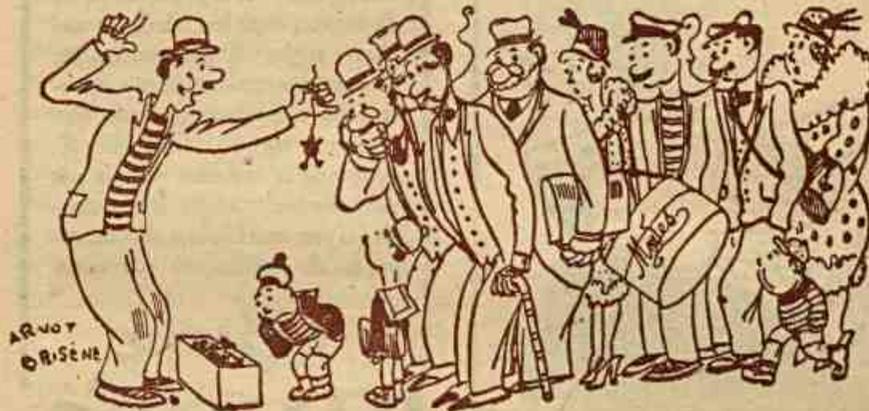
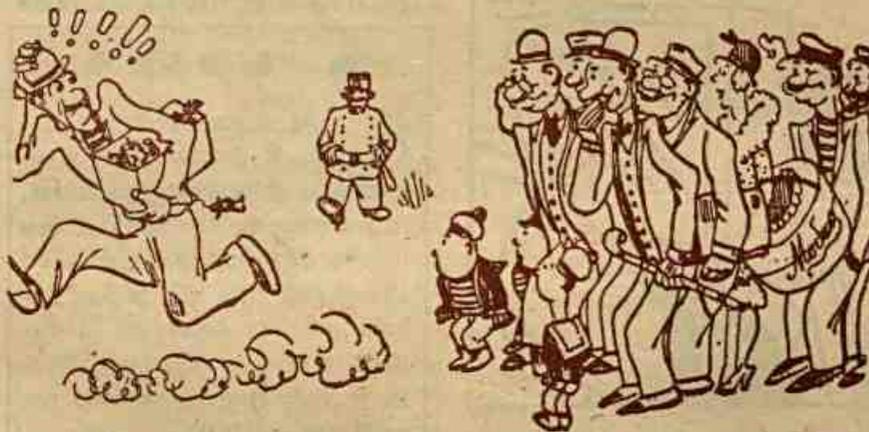
EIS O QUE ACONTECE!

(Vem da pag. anterior)

TRÊS IRMÃOS GÊMEOS QUE NÃO PARECEM

Tome um compasso de pontas sêcas e verifique a altura dos três cachorrinhos do desenho acima. Você verá, surpreendido, que êles têm a mesma altura e que apenas se trata de um conhecido fenômeno de ilusão ótica. A causa dessa ilusão da nossa vista, é ter sido desenhado o quadro com um fundo em perspectiva, que faz supôr que o último é o maior dos três.

QUAIS SÃO OS ERROS?

O desenho acima está errado em muitas cousas. São cinco êrros bem fáceis de notar à primeira vista. Se você é esperto, logo dará com êles. Quais são? (Veja a resposta na página 140).

O Talismã

— Senoras e Senhores! Vou apresentar-lhes o maior talismã dos últimos tempos! Veio do Congo!

O talismã é feito de péle de cobra! E' o único verdadeiro! Atenção, meus amigos!!

— E' o único, minhas senhoras e meus senhores, que afasta todos os perigos! Com um talismã destes na mão, ninguém tem nada, mas mesmo nada a recear...

... isto é... a não ser a policia...

NA ESCOLA

A hora de sair da escola Pedrinho se aproximou da professora e disse assim — Professora... que foi que eu aprendi hoje? Quando eu chego em casa, Papai sempre quer que eu diga o que foi que aprendi...

Rio Branco

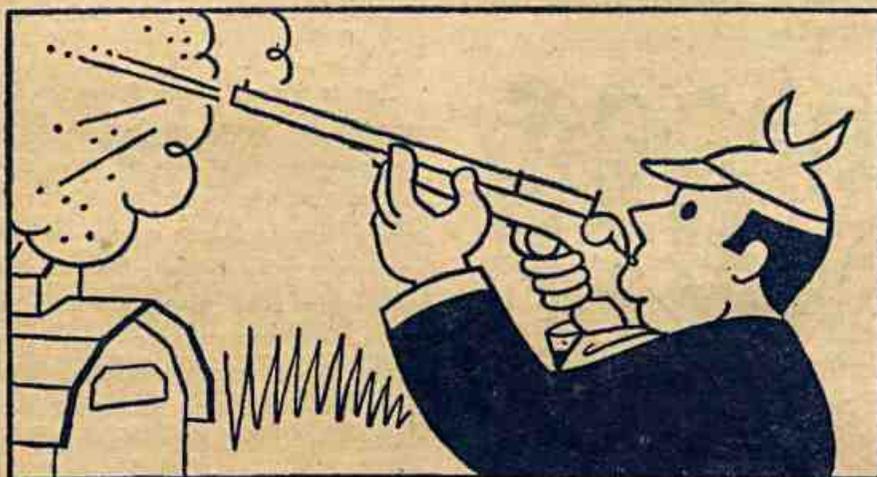
Niguem no Brasil — nem José Bonifácio, o patriarca, nem Feijó, nem Caxias, nem Osorio, nem Pedro II, nem os próceres do abolicionismo e da República, ninguem angariou tamanha, tão constante, tão duradoura estima popular quanto o barão do Rio Branco.

Mas, convem acentuar, não foi só entre nós que se tornou conhecida e admirada a figura excelsa. No exterior o seu nome ficou indelevel na memoria dos governos com que lidamos, como a "encarnação duma política brasileira e humana, defensora dos direitos e dos brios nacionais, obediente aos principios que nobilitam as relações entre as potencias".

Obra de erudição e tato diplomático desenvolveu Rio Branco ao traçar os definitivos contornos geográficos do nosso país resolvendo pelos meios pacíficos da arbitragem os litigios constantes em que nos víamos com os paises vizinhos. Entre os seus maiores feitos como diplomata, é dever de justiça que se destaque, em primeiro lugar, a reconquista do Amapá, vindo em seguida esses marcos luminosos de sua carreira inolvidavel: — Missões, Acre, Lagoa-Mirim. Durante dez anos, no empenho de impor no consenso internacional o nome e o prestigio da nossa nacionalidade, Rio Branco orientou, como ministro, para caminhos definitivos, a nossa diplomacia, ditando-lhe, dentro de um alto pensamento de justiça, os principios de fraternal harmonia que devem, sem deslize da altivez nacional, sempre prevalecer nas nossas relações com os demais povos, tanto do continente europeu como do americano.

Raros patriotas têm alcançado a altura moral em que se manteve Rio Branco, pela dedicação, pela espontanea sinceridade nas convicções, pela dedicação incansavel aos trabalhos da sua carreira, pela cortesia fidalga do seu falar e das suas ações, pela bondade e solicitude com que atendia aos que careciam de amparo e aos que necessitavam de proteção. Raros patriotas têm consagrado ao Brasil vida tão opulenta em serviço à sua gloria.

No seu exemplo, tão vivo, tão alto, deve a nossa juventude aprender os sagrados ensinamentos, a virtude incorruptivel e o verdadeiro modo de amar a Patria.

ATIROU NO QUE VIU...

O ENTUSIASMO

O enthusiasmo é a alegria dos fortes. Enquanto a tristeza e o desalento estiolam as esperanças e abatem o espirito, o entusiasmo é a força prestigiosa que move as criaturas e as incita aos triunfos mais dificis.

Que idéia se pode fazer, de um jovem que, embora cheio de saude, se mostra sempre triste e pensativo? Que se pode pensar de outro que vive a lumuriar, sempre desfiando aos ouvidos dos companheiros as lamentações do seu pessimismo e as endechas dos seus desconsolos? Não se pode pensar grande cousa desses derrotistas da vida.

A VIDA

A vida é uma oferenda divina. É preciso, pois, vivela com o entusiasmo dos fortes, com a coragem decidida dos que não se deprimem aos golpes da adversidade, dos que não se dobram ante as asperezas da jornada! É preciso olhá-la de frente, pisando firme o caminho por onde nos vai levando a mão invisivel do Destino.

A voz de despertar é esta: — Caminhar, com firmeza nos olhos e alegria no coração, a fim de que, por toda a parte, seja a nossa presença um milagre de entusiasmo, de incentivo aos tristes e desiludidos, reerguendo-os para a vida.

OS COMETAS

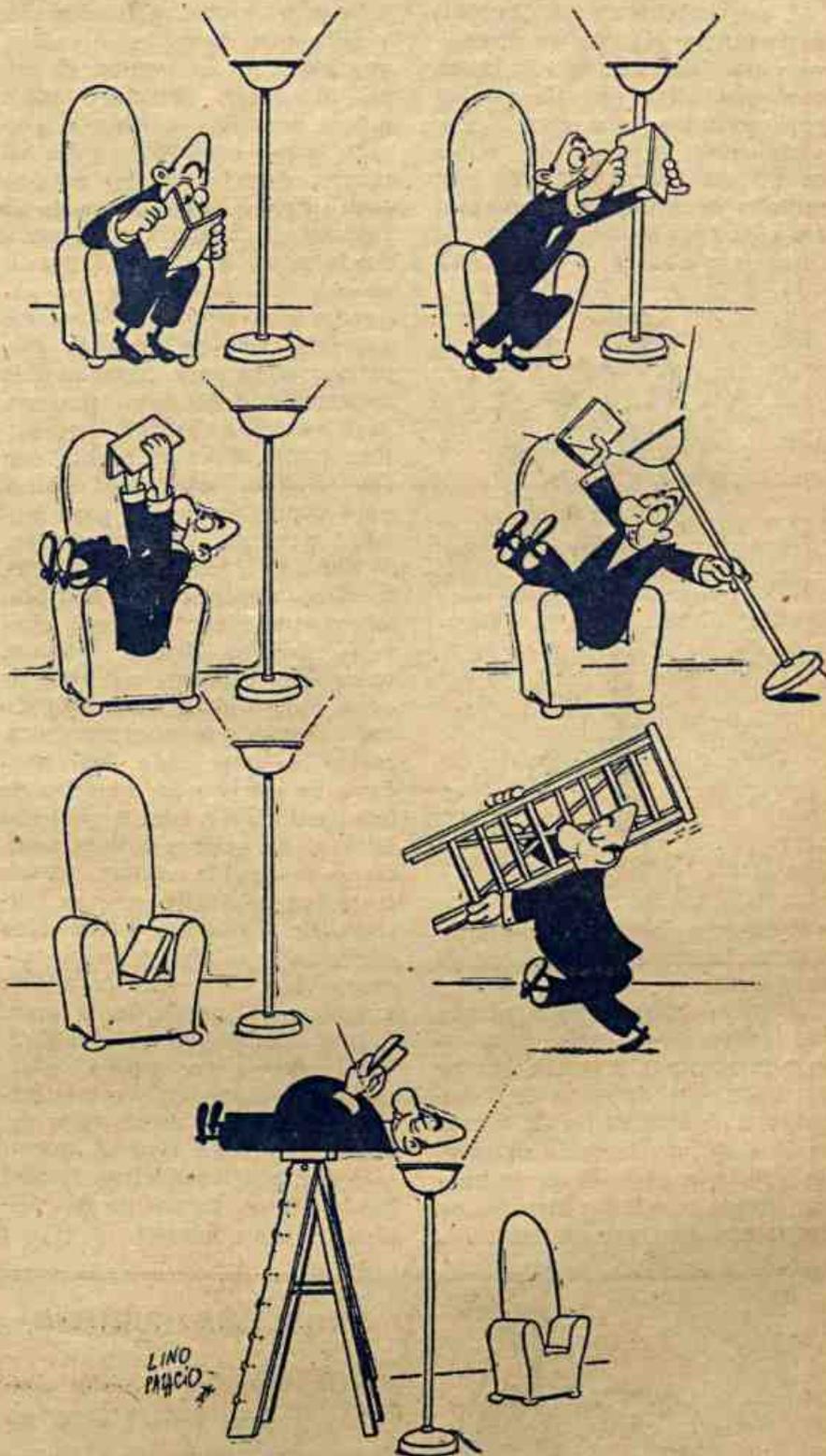
Nos fins do século XVIII espalhou-se o rumor, principalmente em França, e logo se converteu num verdadeiro pânico. Dizia-se que um cometa tocaria a Terra em virtude dos dois se encontrarem, num determinado dia e hora, no mesmo ponto. As consequências desse encontram eram consídaradas terriveis para a humanidade; tôda a gente esperava o fim do mundo. A origem da notícia não deixava dúvida pois era extraida de um apontamento de um notável astronomo francês Lalande, intitulado como o nome "Reflexões sôbre os Cometas que podem se aproximar da Terra". Em tais apontamento êle não via a possibilidade de um choque com a Terra, mas como este trabalho não foi lido na Academia de Ciências, quando se anunciou o titulo dos estudos, com algumas suposições fantásticas sôbre o seu conteúdo e tendo o próprio Lalande anunciado a reaparição de um cometa para aqueles dias, essa notícia exaltou de tal modo a população que todo mundo considerava inevitável o funesto choque. O govêrno viu-se obrigado a fazer declarações oficiais sôbre o assunto para tranquilizar a população, coisa que não conseguiu de todo e só o tempo desmentiu de uma vez os infundados rumores e acalmou os alarmados.

Este temor de que algum cometa, por seu encontro com a terra, determine o fim do mundo, já se tem reproduzido diversas vezes durante o século XIX, embora esses temores não tenham causado o pavor provocapelos anúncios de fim do século XVIII.

Recordemos o que aconteceu com a aparição do cometa "Halley" no ano de 1909. Na noite de 18 de Maio daquele ano, muita gente não dormiu e se algumas pessoas aproveitaram essa noite para uma grande festa, para se despedir da vida — outras passaram a noite tôda amedrontadas, temendo uma catástrofe.

O ALCOOL

O alcool nunca faz bem, em dosagem nenhuma. O figado, o coração e o cérebro do alcoólico, examinados depois da morte, apresentam lesões. O alcoólico é um ser infeliz e irresponsável, que não merece a confiança de ninguém.

Com a iluminação moderna.

...só mesmo assim!

O ASSEIO

Para o asseio do corpo, é preciso tomar banho completo diariamente. Devemos lavar a boca depois de cada refeição, e escovar os dentes todas as noites, quando nos deitarmos, e de manhã; quando nos levantarmos. As mãos, o rosto e o pescoço estão sempre expóstos ao pó, e por isso devem ser lavados diversas vezes por dia.

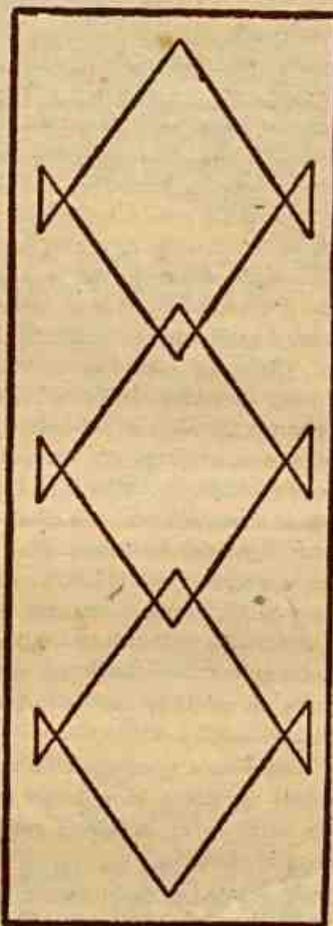
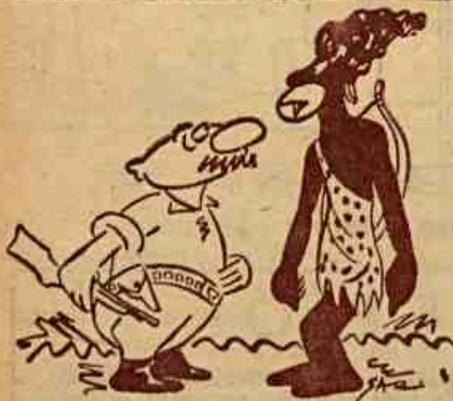
A ARVORE DA VIDA

A carnaubeira é uma das mais importantes plantas do Brasil; suas possibilidades são imensas, bastando citar que de um de seus produtos — a cera — exportávamos, anualmente, antes da última guerra, mais de cem milhões de cruzeiros, importancia essa bem superior à que nos forneciam o mate, a lã, o fumo,

a banana, o açucar, as madeiras, o arroz, a mamona ou as carnes congeladas.

A carnaubeira é uma planta tão excepcional, pelo valor e pela diversidade extrema de seus produtos, que mereceu de Humboldt a denominação de "árvore da vida", assim como chamou, de pronto, a atenção de inumeros outros reputados técnicos estrangeiros que nos visitaram. .

Suas principais produções são: a carnauba, propriamente dita, que é o fruto da planta, de cujas amendoas obtem-se, entre outros produtos, o oleo; o palmito, que é comestivel, cuja extração, entretanto, deve ser evitada porque causa a morte da palmeira; a folha verde, que é usada como forragem; o peciolo ou talo, que tem mil e um pequenos empregos, pois com ele são fabricadas rolhas para garrafas, talas para encanamento de membros fraturados, madeira para portas e janelas, armadilhas para peixes ou giquis, cercas frageis, cancelas, lastros para camas, armações para gaiolas, peneiras ou urupembas, samburás, escovas, vassouras, mobilias rústicas, etc.; a fibra, largamente empregada em chapéus, balaios, bolsas, abanos, vassouras, esteiras, cobertas de casa, etc., o estipe que, aproveitado depois que a carnaubeira morre, é empregado como madeira de construção, madeira de boa qualidade e com a qual são feitas ripas, caibros linhas; constroem-se currais, calhas, postes, trapiches, pontilhões, travas, barrotes, etc. a raiz, que é tida como medicinal e utilizada principalmente nas molestias cutaneas; a lenha, e finalmente, a cera. A carnaubeira reune tamanhas qualidades que póde dar, com segurança, a vastos trechos das regiões semi-áridas do Brasil, a mesma riqueza que o café deu aos fazendeiros de São Paulo, Minas, Estado do Rio, Espirito Santo e Paraná.

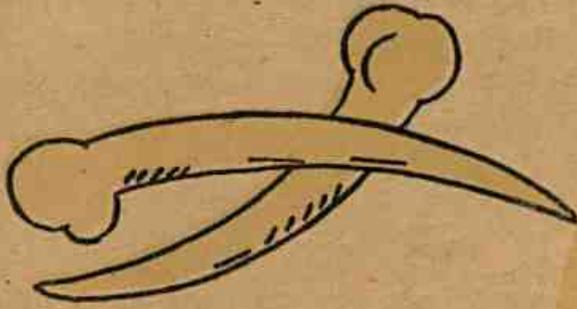
Você será capaz de fazer isso?

Olhe bem para o desenho acima e veja se é capaz de reproduzi-lo... com um só traço, sem passar o lápis duas vezes no mesmo lugar, isto é, sem cobrir qualquer linha já traçada. Garantimos que se póde fazer. Se você não acertar, depois de tentar, veja a página 140, onde está a solução.

— E como foi que o senhor se fez antropófago?
— Ah! Comecei quando era garotinho, comendo as unhas...

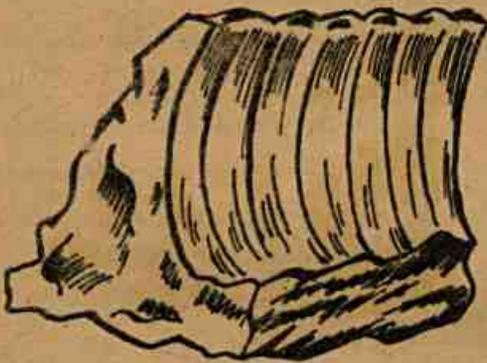
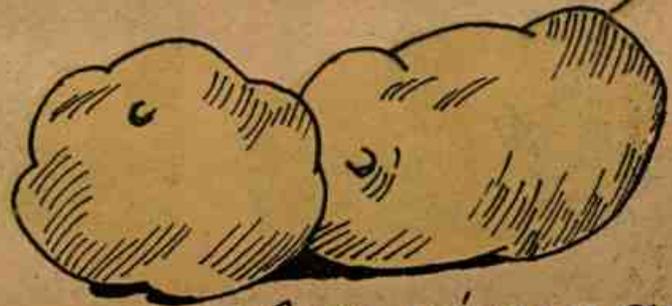
PROBLEMA CURIOSO

COM todos os números compreendidos entre 1 e 20, inclusive estes, encha os quadrinhos em branco de modo que, somando na horizontal e somando verticalmente, as somas das carreiras sejam as que aí aparecem.

É fácil. Tente fazer e confira a sua solução com a que damos à página 140.

Curiosidades

por PAULO AFFONSO

OS CHIFRES DA VACA, DO CARNEIRO, DA CABRA E DO BUFALO, SERVIRAM PARA FAZER, VASOS E COLHERES.

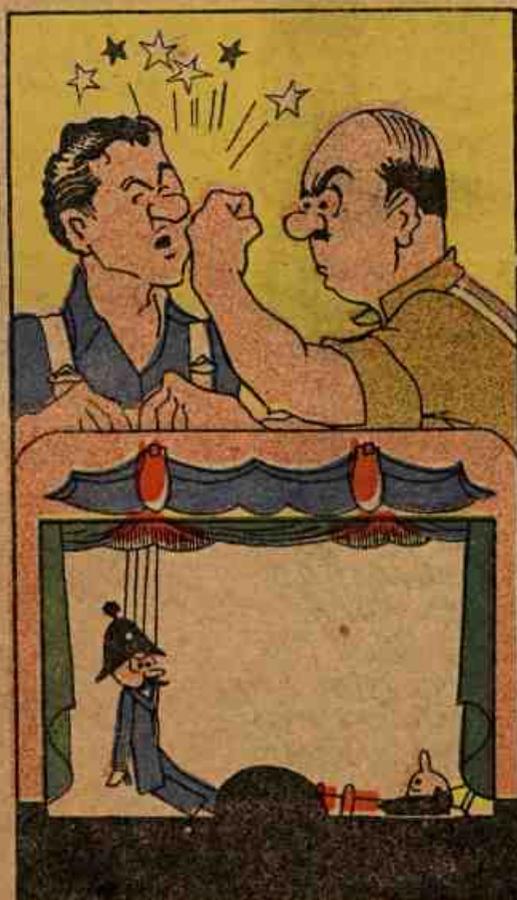
O CARACOL PODE VIVER LONGOS ANOS. UM DELES, CHEGOU A VIVER 14 ANOS E MEIO METIDO NUM VIDRO DE BÔCA LARGA.

A CARNE DE VITELA É MUITO MAIS NUTRITIVA QUE A DE CARNEIRO.

SEGUNDO A CIÊNCIA MÉDICA, O SUCO DE BATATA, OBTIDO POR MEIO DE PRESSÃO, É RICO EM UM PRINCIPIO ANTIESCORBÚTICO.

ANTES DE TRANSFORMADAS EM COURO, AS PELES SÃO TRATADAS PELA CAL, SENDO CURIOSO, QUE A CAL EMPREGADA JÁ DEVE TER SIDO USADA ANTES EM OUTRAS PELES.

O METAL MAIS LEVE QUE SE CONHECE É O LITIO, DESCOBERTO HA MAIS DE UM SECULO

HISTÓRIA MUDA

UMA BRIGA PUXA OUTRA

O valor de uma resposta

O bemaventurado Bernardino de Obregon sentou praça no Corpo de Infantaria da antiga milicia espanhola, em Flandres e participou da tomada de São Quintino. Foi o segundo na brecha, porém melhor recompensado que o primeiro por ter sido maior seu merecimento. Voltando a Madri, passou, em uniforme de gala, por uma rua que estava sendo varrida. Um dos varredores, teve a infelicidade de salpicar de lama o uniforme de Bernardino e este lhe deu uma forte bofetada.

— Agradecido, senhor! — disse o varredor — por haver-me dado ocasião de sofrer alguma coisa por Jesús Cristo.

Esta resposta foi a causa da conversão de Bernardino.

Depois disso êle se dedicou aos doentes, fundou muitos hospitais, entre êles o de Madrid, estabeleceu a Ordem dos Mínimos e assistiu a Felipe II em sua última enfermidade.

AVENTURAS DE CIPIÃO
por WALDIR MOURA
O dia, amanhecera tão bonito que Cipião resolveu dar um passeio pelo parque, para arejar um pouco os pulmões e espairecer as ideias. Amigo, que ele é, da natureza, sentiu-se bem vendo os passarinhos voar de galho em galho, cantando, o orvalho matinal cair das folhas em gotinhas, e as borboletas, de variado colorido nas asas, se confundirem com as flores.
Cipião já se sentia outro homem e começava a fazer uns versos, quando descobriu uma flor muito bonita, de um colorido muito vivo, como ele nunca tinha visto.
Sentiu vontade de apanha-la. Olhou para o lado... "Parece que não vem ninguem e o guarda também não está por perto"... Então... Clic... Mas... Oh, que azar! era artificial e servia de ornamento ao chapeu de D. Eufrasia, que, como todas as manhãs, viera sentar-se no banco que ficava escondido atraz daquelas folhagens. Vejam só em que se meteu o Cipião! Dona Eufrasia, que é de briga, indignada por ver estragado o seu belo chapeu, não quiz explicações... E o seu guarda-chuva que conte o resto...
¡ ATREVIDO...
DESORDEIRO!

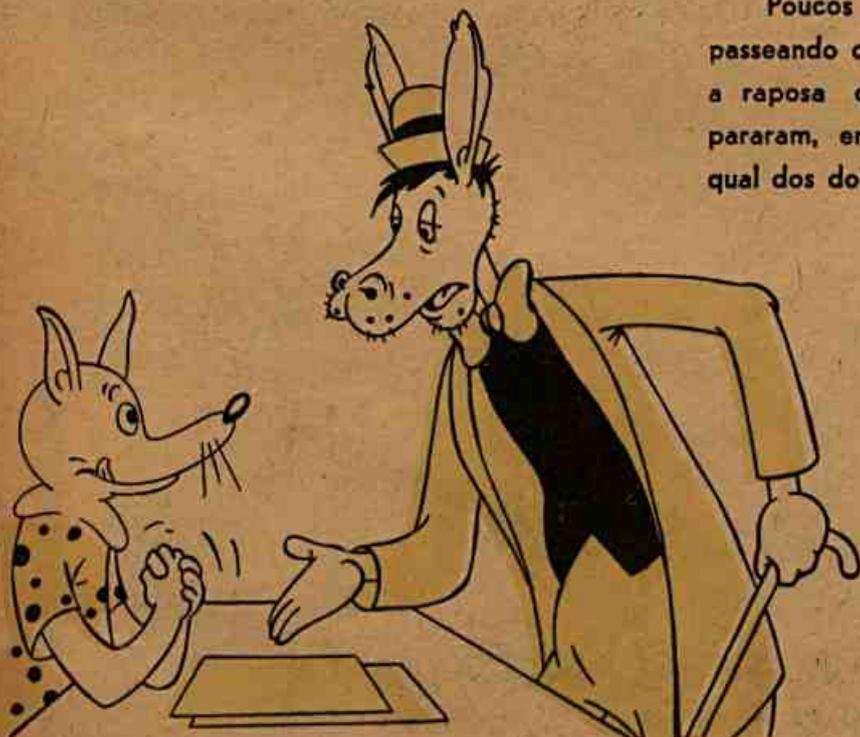
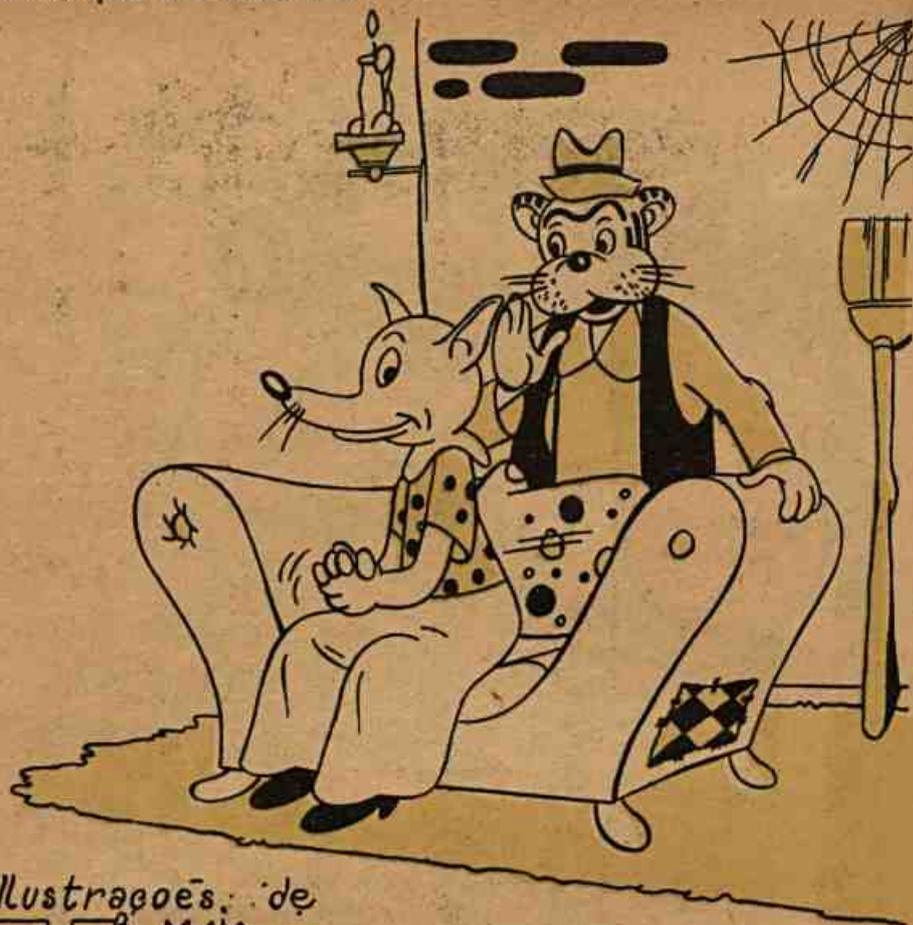
O ASNO JUIZ

Tradução de M. M. EME

Ilustrações de W. B. MAIA

HAVIA em certo país uma grande colônia de animais que se governavam como se fossem pessoas. De três em três meses nomeavam um juiz, por sorteio.

Uma vez a sorte quís que recaisse a nomeação sôbre um tigre que, ao ver-se nomeado para tão elevado posto, pensou que tinha chegado o momento de enriquecer. Para isso fez uma combinação com a raposa, dizendo-lhe:

— Devo comunicar-te que, ao tirar as bolinhas, no sorteio, fiz uma trapaça aproveitando a distração dos presentes.

— Ah! Então conseguiste fazer uma trapaça, hein? — falou a raposa. Isto mostra que és tão astuto como eu.. E agora, dize-me, quem vai ser a vítima dos nossos futuros negócios?

— O jumento rico. Tem mais ouro do que pesa e é mais bronco que a tartaruga. Porém se aborrece quando se diz isto. Trata de procurar uma rixa com ele, que eu me encarrego do resto.

Poucos dias tinham se passado, e quando ia o asno passeando calmamente pelas margens de um rio encontrou a raposa que vinha em sentido contrário. Um e outro pararam, entabolando-se uma forte discussão para resolver qual dos dois devia passar primeiro. E como o asno tinha muito mau genio, deu um empurrão na raposa e ela foi parar dentro do rio. Como sabia nadar não se afogou, mas saiu da agua e foi à casa do Juiz, a quem contou o que tinha acontecido e êle mandou imediatamente dois guardas para prender o jumento.

O jumento, ao ver-se diante do Juiz, contou tudo que tinha acontecido. Mas quando chegou a vez da raposa falar ela disse uma infinidade de mentiras. Depois o Juiz levantou-se para ditar a sentença e disse:

— Visto que o asno insultou a raposa e pretendeu até afogá-la, justo é que a indenize com um saco de ouro.

Estavam já se findando os três meses do regulamento e o tigre tinha que abandonar o posto. Como completariam sua façanha? Estava proximo o dia da nova nomeação.

Quando chegou o dia da eleição o tigre tornou a fazer trapaça e a sorte designou para Juiz a raposa.

E o asno, por meio de uma armadilha semelhante à anterior, viu-se sem outro saco de ouro, que passou às mãos do tigre.

Terminaram os três meses da raposa e em seguida foi o asno nomeado Juiz.

Um dia, quando a raposa chegou em casa, notou que haviam trocado o seu saco de moedas de ouro por outro menor. Ficou muito zangada e saiu dando gritos.

Por sua vez, também, o tigre ao chegar em casa notou que o saco de moedas que tinha havia sido substituido por outro maior, mas como saíra ganhando na troca ficou bem caladinho e saiu a passear. No caminho encontrou a raposa que, assim que o viu começou a insultá-lo e quando os dois já se iam atracar surgiram dois guardas que os levaram à presença do Juiz, que era então o Asno. Quando o Asno ficou sabendo do que tinha acontecido mandou buscar os dois sacos de ouro, misturou-os e, disposto a fazer justiça, falou:

— Esta fortuna será de um só. Não será tua, Sr. tigre, porque viste que te levaram um saco maior em troca de um menor e nada falaste. E nem será tua tão pouco, senhora Raposa, porque fizeste um barulho, insultando o tigre sem saber com certeza quem tinha feito a troca... E, portanto, êste saco grande de ouro só pode ser de uma pessoa: eu!

A sentença deixou os dois sabidos tão confusos que não pronunciaram uma só palavra de protesto. Enquanto isto, viam, com pesar, que os guardas carregavam o enorme saco de moedas de ouro para a casa Juiz.

De repente o Juiz vira-se e diz:

— Então, por eu fazer justiça ainda me estão insultando?

— Senhor Juiz, eu nem abri a bôca! — falou o tigre.

— Nem eu tão pouco — falou a raposa.

Mas o Juiz, ainda assim, ordenou a outro guarda:

— Dê em cada um dêles vinte e cinco chicotadas, por terem insultado um Juiz e mais vinte e cinco por o terem negado.

E assim foi feito. O burrico, que foi quem mandou fazer a troca dos sacos de ouro, é quem ficou com todo o ouro dos dois espertalhões, que, aliás, era seu mesmo.

O MILHO e sua História

NÃO é só o café que tem uma historia curiosa e bonita. Tambem o milho, fundamentalmente americano possue, para maior encanto da sua biografia, as lendas mais sedutoras e pitorescas.

Assim, por exemplo, asseguram os entendidos que para os povos antigos, o milho era o grão favorito, constituindo, por assim dizer, um "tabù", pois quem o encontrasse derramado no chão ver-se-ia obrigado a apanhá-lo, porque, em caso contrario será castigado.

"Ztinteoti" era o deus protetor do milho. Das primeiras safras, as espigas mais apreciaveis teriam de ser dadas áquela divindade.

Para isso havia cerimonias e rituais adequados, precedidos de canticos e de dansas caracteristicas.

Os aztecas simbolizam, por outro lado, na deusa "Chiconi", a fecundidade.

Ela é a grande figura maternal das searas e tem nas mãos duas espigas de milho como alusão à sua nobre e sagrada miss.

Os incas viam no milho uma origem sagrada e dos proprios selvagens do Brasil contam-se lendas as mais ingenuas a respeito do milho.

Roquete Pinto, em "Rondonia," narra uma delas, creada pelos "Parecis", de Mato-Grosso. "Um grande chefe Parecí dos primeiros tempos da tribu, "ainotarê", sentindo que a morte se aproximava, chamou seu filho "Kaleitoê" e lhe ordenou que o enterresse no meio da roça, assim que seus dias terminassem, e avisou que três dias depois da inhumação brotaria da sua cova uma planta que algum tempo depois rebentaria em sementes. Disse que as não comessem, guardassem-nas para a replanta e a tribo ganharia um recurso precioso. Assim se fez e o milho apareceu entre eles".

Pelo lado historico, vemos igualmente o milho ligar-se a tôdas as etapas das civilização humana.

E quando Cristovam Colombo esteve na ilha do Haití era corrente a palavra "Ma-his" de onde parece se originou o nome classico dado por Lineu a aludida graminea: "Zea Mays".

Quando Colombo ascreveu ao rei de Espanha narrando as suas peripecias e aventuras através do "novo mundo" não se esqueceu de mencionar particularmente a beleza do milharal encontrado ali numa extensão de cerca de trinta leguas em florescente aventura!

Com o milho fabricavam-se bebidas saborosas e nas festas pagãs a denominavam "cauin" ou "Kawi". Era tido e havido como alimento poderoso. Usavam-no como remedio sudorífico no tratamento da bouba.

Preparavam-no de toda forma, sendo servido crù, assado, cozido, amassado, pulverizado, etc.

Foi ainda Colombo que ao regressar à Europa introduziu em varios paises do continente o saboroso cereal. Não se esqueceu esse grande desbravador da America de presentear o rei de Castela com algumas das mais robustas espigas. Daí por diante cultivaram o milho em vastos campos e assim passou a ser fonte de riquezas incalculaveis para uma infinidade de agricultures.

No Brasil, a primeira cultura data do ano de 1543, feita pelos colonizadores, na então capitania de São Vicente, que dos íncolas aprenderam os processos, capazes de levar os plantadores a uma boa colheita.

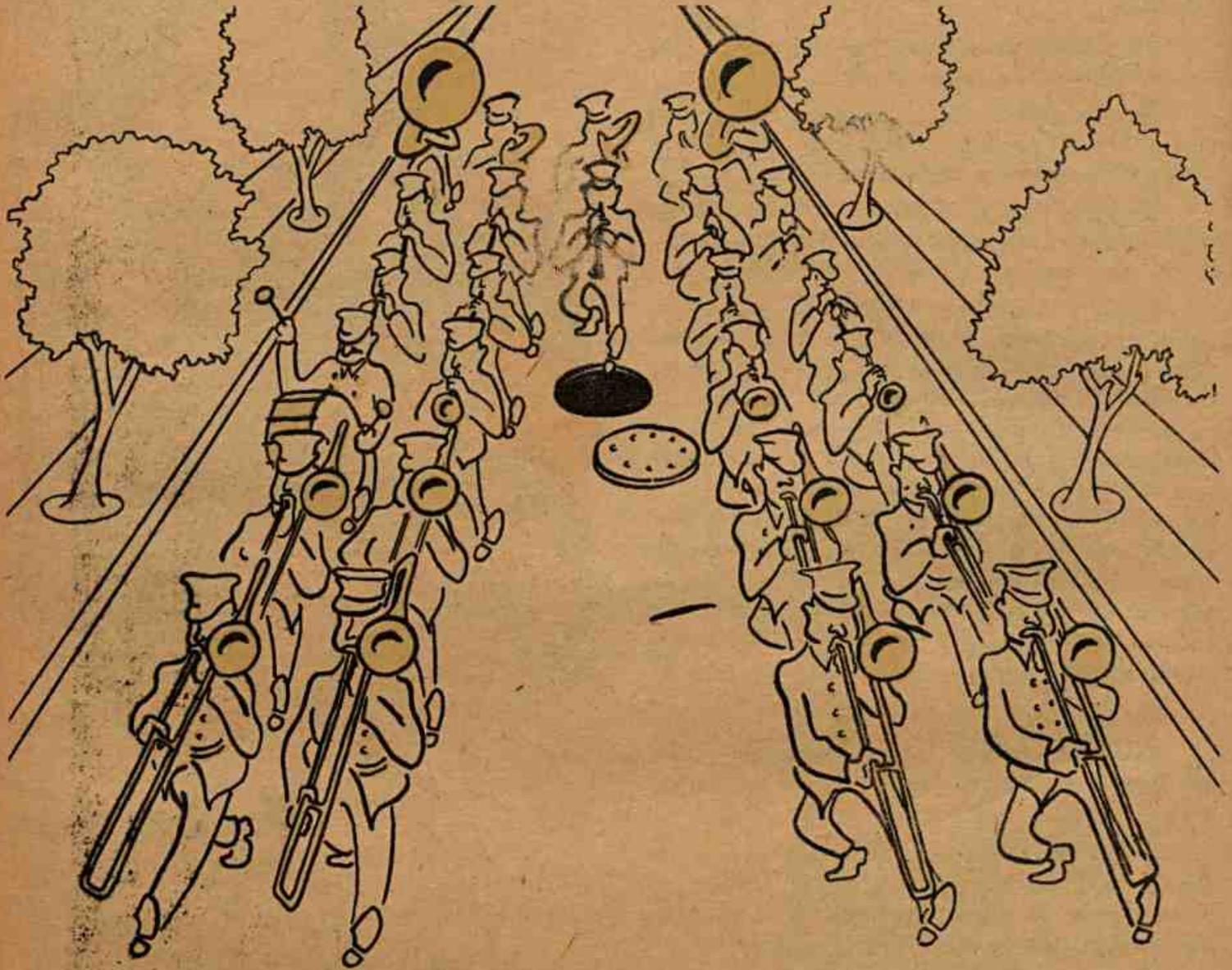
Depois, como é natural, espalhou-se de norte a sul pelo país inteiro, desepenhando um enorme papel social entre a colonia.

Hoje, como ontem, continua interessando à agricultura.

O milho no entanto é proprio das zonas temperadas. É inimigo das zonas frias.

Está classificado em Botânica como uma gramínea e como tal é a mais alta de todos. A sua altura pode atingir a um metro e meio e cada pé pode produzir duas a cinco espigas.

Não tem raiz mestra. É de raizes curtas. Um grão de milho é considerado fruto e não semente.

O AZAR DA TERCEIRA FILA

O PAPEL

OS antigos não conheciam o papel; a princípio escreviam nas folhas de palmeira, nas cascas das árvores, em tabuinhas cobertas de cera, no chumbo, etc., e por fim na casca de papiro, cana que cresce nas margens do Nilo, e que deu o nome ao papel.

Depois na conquista do Egito pelos Romanos, o papiro esteve quasi exclusivamente em uso na Italia e na Grecia.

Pouco antes da era cristã o pergaminho veio concorrer com o papiro. A introdução do papel de trapo, destinado a tomar o lugar do pergaminho e do papiro, não parece ir alem do seculo V, mas foi só no ultimo quartel do seculo XVIII que o fabrico do papel tomou desenvolvimento consideravel. Atualmente continua a empregar-se o papel de trapo, mas tambem se fabricam diversas qualidades de papel com a palha, a alfafa, a fibra de madeira, etc.

Este invento foi duma grande utilidade, sobretudo depois da invenção da imprensa, porque concorreu para multiplicar e baratear os livros.

O CAÇADOR DISTRAIDO

A LENDA DO JAPIIM

Ah! Vovózinha, conta, conta aquela história do jápiim...

— Já disse que não sou sua avó. Você é branco, eu sou preta... Onde já se viu um menino de sua côr com uma avó creoula?...

— Ah! E que tem isso? Eu gosto tanto de você!...

— Sim, sim... eu também gosto muito de você, mas se os outros ouvirem, vão pensar que fui eu que lhe ensinei a chamar assim. Eu não sou sua avó, está bem?

— 'Stá bem, sim. Mas conta, conta a história do japiim.

— Bem, vou contar, mas depois você vai dormir?

— Vou sim, vóvó, mas conta...

— Era uma vez, um menino que se chamava Japiim.

— Mas japiim não era um pássaro?

— Não, já te disse isso uma porção de vêzes O Japiim, antigamente, não era pássaro, éra um menino, um caboclinho de seus 10 anos...

— Assim, como eu?

— Não, você só tem 5... Ele era mais velho, muito mais velho, tinha o dobro da sua idade. Era muito vivo, muito esperto e gostava de fazer suas travessuras. Além disso nascera com o dom de imitar tôdas as aves, todos os sons de instrumentos de corda...

— Violão?

— Violão, viola, violino... e qualquer coisa que escutasse. Imitava até os esturros da onça...

—Assim como eu?

— Não; mas o japiim era também muito alegre, zombeteiro e vivia pregando peças aos indios e até aos outros pássaros. Quando o menino imitava o grito do gavião, os peri-

quitos, em bando, numa barulhada infernal, punham a floresta em reboliço!

— Ah! Que bom!

— O Japiim era mesmo tão arteiro, ardiloso e sabido que conseguiu um assobio especial para imobilizar os maribondos.

— Como assim?

— Não sei. Essa história também me contaram, mas o que é certo é que uma vez imobilizado o maribondo, êle tirava-lhe os ferrões, para fazer umas pequeninas frechas para as suas constantes caçadas pela floresta.

Certa vez, no entanto, Japiim saiu para caçar e andou tanto que se perdeu. Ele sabia que estava bem longe de casa e por mais que procurasse se orientar não conseguia.

— Coitado...

— Sim, coitado, estava mesmo perdido e o que é pior, no lugar onde habitavam os indios Tanguruparás, inimigos dos seus. Mas Japiim não sabia. Deitou-se à sombra de uma árvore e adormeceu. Pela manhã, ao acordar, talvêz tentado por Curupira, o espirito mau da floresta, começou a cantar e justamente o canto de guerra dos Tanguruparás.

— Ih!...

— Sim, ih!... Pois apareceu um índio daquela nação guerreira e respondeu ao desafio. Vinha pintado, no rosto, com as côres do urucum e no corpo, com as do genipapo. Estufou o peito, soltou um berro tremendo e retesou o arco, cuja frecha fulminou o pobre Japiim.

— Coitadinho.

— Coitadinho, sim. O menino com a dor arrancou a frecha e viu o peito todo vermelho de sangue. Não havia dúvida, estava ferido de morte. Levantou os bracinhos e começou a gritar: — Tupan! Tupan! Não quero morrer não... Juro que não mais imitarei o brado de guerra dos outros, que nunca mais fugirei de casa, que serei bonzinho, que...

E não acabou de gritar: morreu. Foi então que Tupan o transformou num passarinho, lindo, com o peito vermelho, brincalhão e levado como que! O índio também virou um pássaro preto, como estava pintado, e com o bico rubro. E até hoje, quem vai à floresta encontra os dois: o Japiim pregando peças aos outros, até mesmo aos seus inimigos, mas não querendo nada de brincadeiras com o tangurupará...

....

— O', que pena! Dormiu, o meu queridinho, e não ouviu o fim da história...

CONTO DE
J. Silveira Thomàz
ILUSTRAÇÃO DE
W. B. Maia

FOI em 1906, mais ou menos. Chegava do Ceará, então flagelado pela sêca, uma leva de retirantes, com destino à lavoura do café, na qual havia um cego, velho de mais de sessenta anos. Na sua categoria dolorosa de indesejável, por que carga dágua dera com o costado aqui? Êrro de expedição, evidentemente.

Retirantes que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos em serviço. Veem a granel, como carga incômoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro fresco com carne magra por dentro, a triste carne do trabalho, irmã da carne de canhão...

Interpelado o cego por um funcionário da Hospedaria, explicou sua presença, por engano de despacho. Destinavam-no ao Asílo dos Inválidos da Pátria, no Rio, mas pregaram-lhe nas costas a papeleta do "Para o eito", e êle lá veio. Não tinha olhos para se guiar nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino, dos cacos de gente...

— Porque para o Asílo dos Inválidos? perguntou o funcionário. É voluntário da Pátria?

— Sim, respondeu o cego, fiz cinco anos de guerra no Paraguai e lá apanhei a doença que me pôs a noite nos olhos. Depois que ceguei, caí no desamparo. Para que presta um cego? Um gato sarnento vale muito mais...

Passou uns instantes revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois, continuou:

— Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas, êsse, perdi-o de vista. Se o encontrasse — tenho a certeza! — até os olhos me era capaz de reviver. Que homem! Minhas desgraças todas veem de eu ter perdido meu capitão.

— Não tem família?

— Tenho uma menina — que não conheço... Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas...

Baixou a cabeça encanecida, tomado de sùbita amargura.

— Daria o que me resta de vida para vê-la um instantinho sequer. Só meu capitão...

Não concluiu. Percebêra que o interlocutor já estava longe, atendendo ao serviço, e alí ficou imerso na tristeza infinita da sua noite sem estrêlas.

O incidente, entretanto, impressionára o funcionário, que o levou ao conhecimento do diretor. O diretor da Imigração era, nesse tempo, nobre figura paulista dos bons tempos, providência humanizada daquele departamento. Ao saber que o cego fôra um soldado de 70, interessou-o o caso e foi em pessoa procurá-lo. Encontrou-o imóvel, imerso nas eternas cismas.

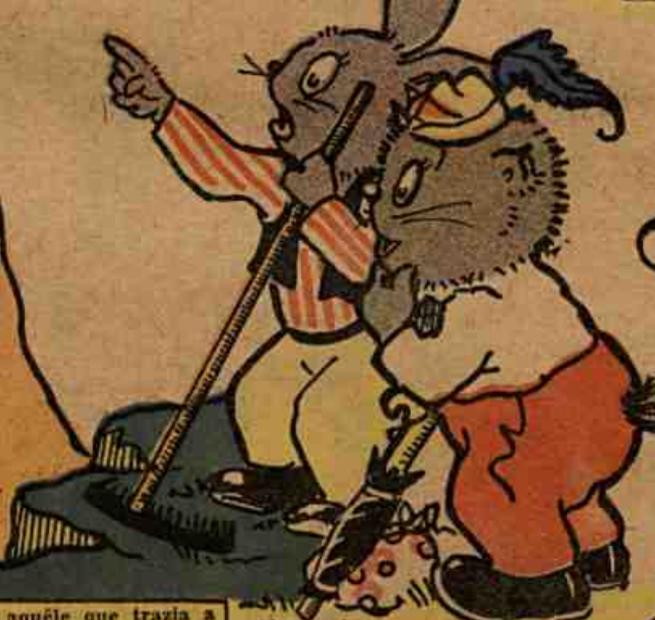
— Então, meu velho, é verdade que fizeste a campanha do Paraguai?

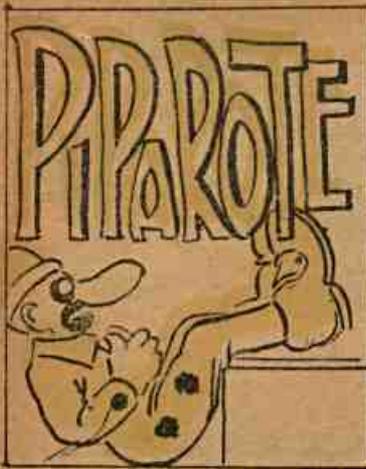
O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim, meu pa-

(Conclúe no fim da revista)

Miguelt

PECHINCHA
e as 3 pedras mágicas
Por Giselda Melo
I
Um dia, atravessando a floresta, Pechincha viu uma velhinha tentando levantar um feixe de lenha. Era pesado e êle ajudou-a. Agradecida, a velha — que era uma...
II
... fada disfarçada — deu-lhe três pedrinhas e disse: — Quando estiveres em dificuldade, aperta uma pedrinha destas e eu te ajudarei. Mas cuidado! Só te posso...
METADE DÊSTE REINO SERÁ DADA AQUÊLE QUE LIBERTAR A PRINCESA LILI DO CASTELO DO GÊNIO DO MAL.
III
... valer três vezes! Satisfeito com o presente, Pechincha agradeceu e seguiu viagem. Andou, andou, até que viu pegado numa árvore um estranho anúncio. Que gênio...
?
IV
... seria aquêle que trazia a princesa prisioneira? — E' um feiticeiro horrível — disse-lhe um coelhinho lavrador. — Tem duas cabeças e vive lá naquele castelo do...
V
... cume da montanha. Ninguem pode alcançá-lo!... Pechincha esperou ficar só, e tirando uma das pedrinhas do bolso, apertou-a com fôrça. Imediatamente surgiu...

VI
...à sua frente uma escadaria imensa que atravessando o abismo parecia alcançar o céu... Corajoso, pôs-se a subir por ela. À medida que subia os degraus de baixo iam desaparecendo, mas Pechincha...
VII
...não sentia mêdo. Para o que viesse já tinha na mão a segunda pedrinha... Mal porém espiou por uma porta do castelo, recuou horrorizado: para êle avançava feroz e botando fôgo pelas duas...
VIII
... bôcas, o gênio das duas cabeças! A sua volta voejavam morcêgos negros e o Pechincha só teve tempo de apertar a segunda pedrinha. No mesmo instante apareceu-lhe na mão poderosa espada, que, com a velocidade de um...
...raio, decepou de uma só vez as duas cabeças do gênio! Um estrondo ensurdecedor abalou toda a montanha e como se fôsse de cartas todo o castelo veio abaixo. Pechincha libertou a princesa Lili, e, como ainda havia uma...
Giselda
X
...pedrinha, apertou-a... Apareceu então um lindo carro puxado por borboletas e nêle o Pechincha levou a princesa para o rei seu pai. Se quisesse podia ter sido rei e casado com ela... mas preferiu continuar sem corôa, à caça de aventuras...

PIPAROTE

O EMPRESARIO DO CIRCO EXPULSOU-ME SÓ PORQUE EU DEFENDI UM MENINO CONTRA OS MAUSTRATOS DELE

SR. FAZENDEIRO, HAVERÁ AÍ UM EMPREGO QUALQUER P'RA MIM?
CHI! COM ESSA CARA VOCÊ ESPANTARIA ATÉ OS JACARÉS - CONTUDO EU VOU DAR-LHE UM EMPREGO

EU ERA PALHAÇO, MAS, AGORA VOU MUDAR DE VIDA. ACEITO QUALQUER TRABALHO
E AQUI TRABALHO NÃO FALTA

ESTE MEU FILHINHO ESTÁ DOENTE TRISTE, NÃO SEI O QUE TEM.

EU VOU PÔR BOM ESSE MENINO. JÁ SEI DO QUE ELE PRECISA
PALHAÇO E PARA DIVERTIR CRIANÇAS

OLHE AQUI, ZEZINHO, O QUE EU TROUXE PARA VOCÊ. E, TENHO MAIS COUSAS AQUI DENTRO
JÁ SEI. VOCÊ É O PALHAÇO PIPAROTE. EU GOSTO MUITO DE VOCÊ.

VAMOS DAR UM PASSEIO PELOS CAMPOS. VOCÊ PRECISA DE AR, DE SOL, DE EXERCICIOS

AGORA ZEZINHO, UM POUCO DE GINASTICA PARA GANHAR MUSCULOS E BOM SANGUE

JOGAREMOS BOLA, IREMOS PULAR, NADAR, FAREMOS UM MUNDO DE COISAS

UM... DOIS... TREIS... ISSO! LEVANTE BEM OS BRAÇOS. QUANDO SE CANSAR AVISE-ME

AGORA VAMOS CARREGAR AGUA PARA GANHAR MUSCULOS. DA BÔA AGUA VEM O BOM SANGUE

EPA, ZEZINHO, COMO VOCÊ FICOU FORTE, SADIO E CORADO!
GRAÇAS AO PIPAROTE, PAPAI. EU SEI PULAR COMO ELE

A ONÇA E O DOIS COMPADRES

A onça vivia devastando os rebanhos de um fazendeiro.

Todo dia que Deus dava, desaparecia uma rez.

Então, o fazendeiro resolveu preparar uma cilada, no mato, para caçar a fera que tanto o prejudicava.

Convidou um seu vizinho e compadre que também era vitima da onça, para ajudál-o na caçada.

Bem armados, encaminharam-se os dois para o mato próximo. Amarraram um cabrito ao pé de uma árvore, para atrair a onça.

Um deles ficou trepado em cima de um galho resistente, meio escondido entre as folhagens; o outro meteu-se numa cova que haviá ali perto e, assim, ficaram á espera da onça, pronto para matá-la.

De repente, ela apareceu, farejando comida, rugindo assustadoramente.

Era de madrugada. Ainda estava escuro. Fazia um frio penetrante que lhes doia nos ossos.

Vendo a onça enorme, os dois compadres ficaram imobilizados de pavor.

A onça avançava de mansinho, desconfiada.

O carneiro, coitado! berrou três vezes.

O que estava em cima da árvore deixou logo caír a espingarda, mal se aguentando, esganchado no galho.

O de baixo encolheu-se todo no buraco, batendo queixo, de frio e medo.

Mas a onça chegou bem perto do cabrito, nem se incomodando com êle.

De repente, deu com os olhos no que estava trepado na árvore e se deixou ficar olhando-o demoradamente, tão insistentemente como se quizesse hipnotisá-lo. O seu olhar terrivel não se desviava do caçador um só momento.

Então, apavorado, rilhando os dentes, êle gaguejou:

— Dona onça, olha debaixo do galho...

AFONSO LOUZADA

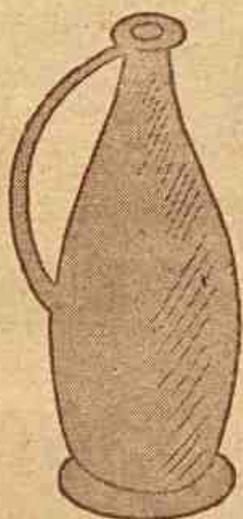
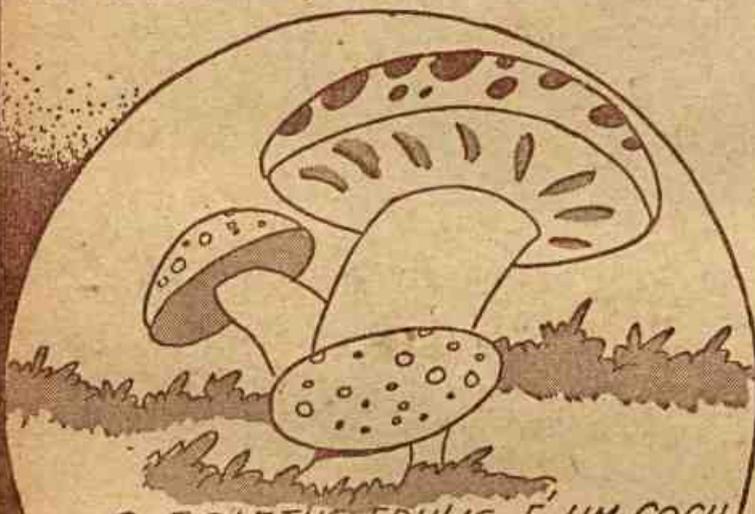
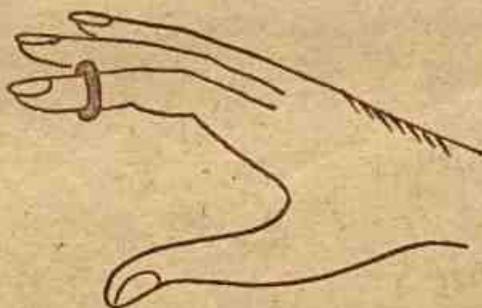
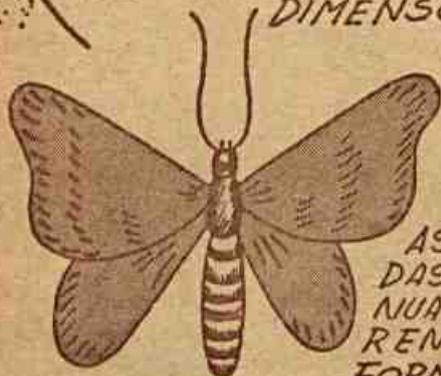
O que estava escondido no buraco, ouvindo isso, abaixou-se ainda mais, como se quizesse entrar pelo sólo a dentro. A terra entrou-lhe pelo nariz, produzindo-lhe uma formigação irresistivel. Procurou se conter mas não poude e soltou um espirro formidável.

A onça ouvindo aquele estrondo em baixo de si, não esperou mais nada: pôs-se a correr desabaladamente pelo mato a fóra.

Mais tarde, na fazenda, como os compadres demorassem demais, resolveram ir procurál-os

Depois de muitas batidas sem resultado, a visinhança foi encontrá-los afinal, ainda no mesmo lugar, tremendo de mêdo.

O bóde, amarrado à árvore, comentava consigo mesmo:

— Só se conhece o valente na hora do perigo...

CURIOSIDADES por Paulo Affonso
O BOMBYLIOS ERA UM PEQUENO VASO ANTIGO, ASSIM CHAMADO PELA SUA FORMA LEMBRAR A DOS "BOMBYX."
UMA GALINHA SADIA PÕE, DURANTE SUA VIDA NORMAL, DE 300 A 500 OVOS.
O BOLETUS EDULIS, É UM COGUMELO, COMESTIVEL, QUE ADQUIRE MUITAS VEZES GRANDES DIMENSÕES.
O GONDALIUM, ERA UM ANEL QUE OS ROMANOS TRAZIAM NA PRIMEIRA ARTICULAÇÃO DO INDEX.
AS LAGARTAS DAS CIDARIAS SÃO NUAS E TRANSPARENTES E TRANSFORMAM-SE DEBAIXO DA TERRA.
OS CONGROS VIVEM NAS FENDAS DOS ROCHEDOS. DEVORAM OS CADÁVERES DOS AFOGADOS.

VAMOS VER COMO VOCÊ SE CHAMA

Há já muitos anos que se discute sôbre se são nossos pais que devem escolher os nossos nomes ou se esta delicada tarefa deveria ser reservada a nós mesmos quando maiores..

O problema tem sido discutido em consequência de incalculável número de cidadãos solicitarem licença ao govêrno para troca de nome.

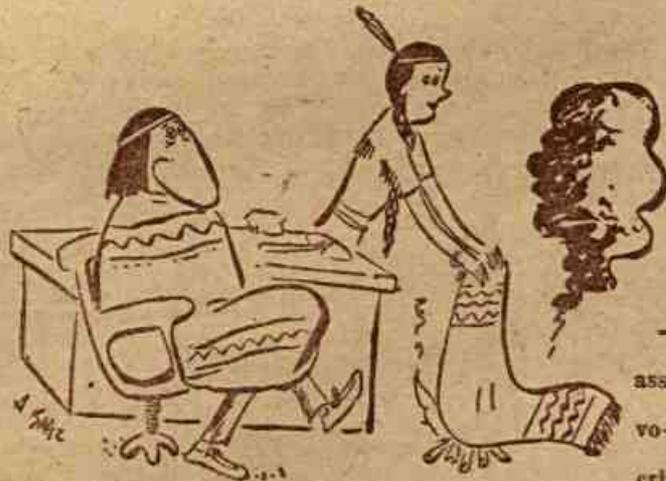
Este artigo trata entretanto, de destacar e mostrar claramente como nos devemos orientar quando quisermos trocar de nome.

Há casos em que pessoas carregam um nome que tem significado precioso que, em geral, essas mesmas pessoas ignoram.

Ocorre isto sobretudo quando o nome deriva do grego. É necessário que muitos Jorges, Gregorios e Pedros saibam o que seus nomes significam. Porém não é demais fazer com que os outros também o conheçam e por isso nos pareceu útil esta lista dos mais comuns nomes gregos:

Agapito — quer dizer amado; *Alcides* — filho de Alceu quer dizer forte; *Alexandre* — quer dizer varão e vencedor; *Ambrosio* — quer dizer divino; *Anacleto* — ressuscitado; *Anastácia* — ressurreição; *Aniceto* — invencivel; *Aristides* — filho de Aristo, quer dizer o mais valoroso, o melhor; *Aristóteles* — que procura o melhor objeto; *Artur* — guardião da Ursa. Trata-se de uma estrela que se encontra diante da Ursa Maior na constelação do "Carreiro"; *Anastacio* — quer dizer: imortal; *Brasilio* — real; *Calixto* — muito belo; *Catarina* — limpa; *Cipriano* — oriundo de Chipre; *Ciriaco* — do Senhor; *Cosme* — polido; *Crisóstomo* — bôca de ouro; *Cristina* — Cristã; *Demetrio* — da terra Mãe; *Demóstenes* — dominador do povo; *Diógenes* — filho de Zeus; *Dionizio* — próprio de Baco; *Helena* — Deusa da luz; *Eleuterio* — Independente; *Elpidio* — O que espéra; *Emilia* — quer dizer graça; *Epicuro* — Defensor; *Epifânio* — ilustre; *Erasmo* — apetecivel; *Eugenio* — de boa estirpe; *Eulógio* — de bom falar; *Euzebio* — piedoso; *Eustaquio* — espigado; *Evangelina* — boa noticia; *Evaristo* — agradavel; *Felipe* — afeiçoado a cavalos; *Filomena* — que ama o canto; *Galeno* — sereno; *Gregório* — vigilante; *Heitor* — que se aferra; *Heliodoro* — dadiva do sol; *Hercules* — gloria do herói; *Hermogenes* — filho de Hermes (Mercurio); *Hilario* — alegre; *Hipolito* — cavalariço; *Irene* — pacifica; *Izidro ou Izidoro* — dadiva da Deusa Isis; *Jerônimo* — nome sagrado; *Jorge* — agricultor; *Leandro* — homem do povo; *Licurgo* — que espanta os lobos; *Macario* — feliz; *Margarida* — perola; *Napoleão* — leão do Vale; *Nemesio* — Justiceiro; *Nicanor* — Vencedor; *Nicacio* — que tem pacto com a Vitoria; *Onezimo* — útil; *Origenes;* — que veio ao mundo entre cuidados; *Pancracio* — todo poderoso; *Pandora* — quantidade de dons; *Pedro* — Rocha; *Platão* — que tem muita testa; *Policarpo* — muito fertil; *Polidoro* — muitos dons; *Porfirio* — purpurino; *Sebastião* — Veneràvel; — *Socrates* — de fé saudavel; — *Sofia* — sabedoria; *Sotero* — salvador; *Telemaco* — combatente em tempo remoto; *Teodoro* — dons de Deus; *Teófilo* — amado de Deus; *Teódulo* — servo de Deus; *Timóteo* — que honra a Deus; *Ulisses* — aquele que enfada;

Eis aí o nosso breve dicionário de nomes cuja raiz grega tratamos de explicar. Teremos numerosos amigos que de hoje em diante trocarão os nomes e outros que estarão muito satisfeitos com os nomes que lhes deram seus pais. Será questão de sorte.

O COMERCIANTE INDIO DITANDO A SECRETARIA

— Sem outro assunto subscrevo-me, atento criado obrigado.

A PÁTRIA

Amar a Pátria, servindo-a fielmente na paz e na guerra é um dever e, mais que isso, um juramento que, pela fé dos nossos homens e pelo exemplo do nosso passado, deve florir, espontâneo em esperança e em alegria, do coração dos jovens brasileiros.

A primeira condição para que um jovem possa amar a sua Pátria, é conhecê-la através do seu passado, no seu presente, conhecê-la em todas as suas manifestações — da terra e dos homens.

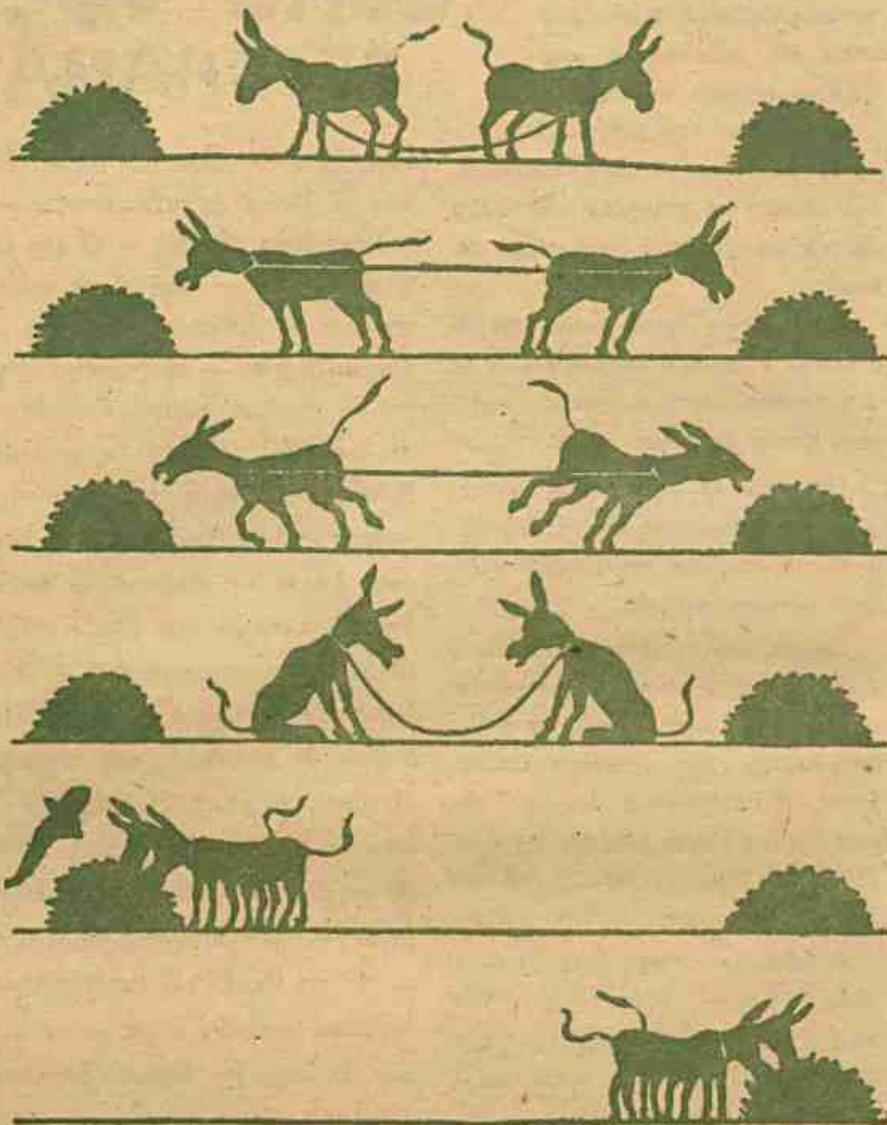
É preciso, portanto, em primeiro lugar, que se tenha uma noção do que é a Pátria, estudando a sua história e apreciando as virtudes cívicas dos seus heróis. Conhecido o seu passado pela recordação dos fatos que mais a enobrecem, estudemo-la no seu presente, para bem amá-la e melhor servi-la.

A Pátria é a nossa mãe comum. Devemos amá-la com um amór religioso que nos integre dentro da sua própria conciência; amá-la com fé e entusiasmo, para que a sua imagem seja sempre presente em nosso coração e em nosso espírito.

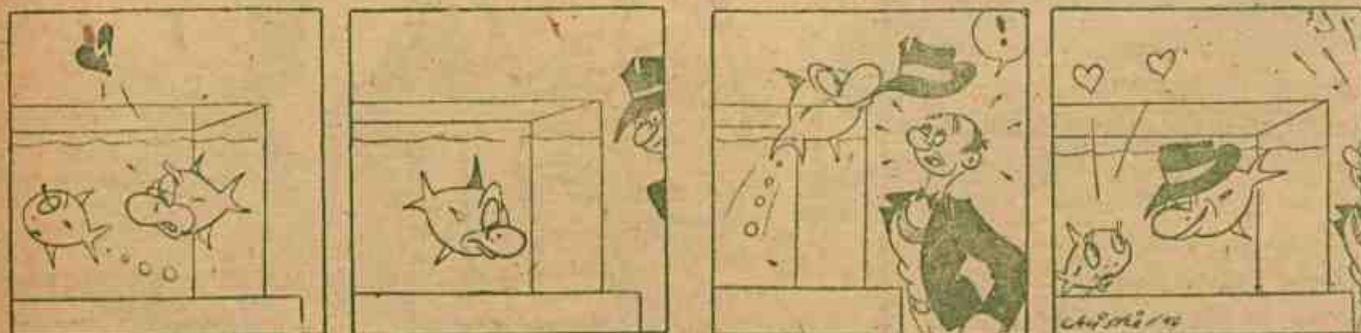
Propugnar pelo seu progresso moral e material, defendê-la dos seus inimigos e sagrar à sua gloria todo o nosso esforço e a nossa fé, na certeza de vê-la sempre aumentada no conceito das grandes nações do globo — é uma obrigação fundamental, a nossa maior obrigação.

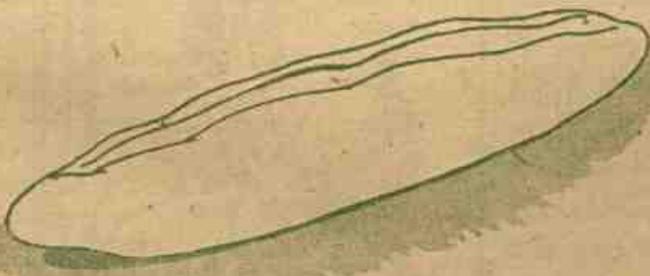
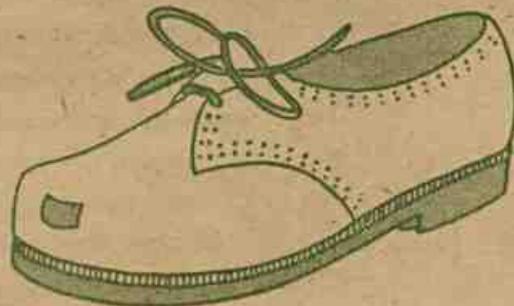
Basta para isso que cada um de nós cumpra o seu dever na atividade a que se votar e a Pátria se sentirá feliz com os seus filhos.

Sem alarde e exibições, o patriotismo está em sermos dignos do Brasil, amandô-o, honrando-o, servindo-o com honestidade.

QUE É COOPERAÇÃO?

Uma vez, dois burros, que estavam amarrados pelo pescoço, viram dois montes de capim. Cada qual fez força maior, para alcançar o seu monte, mas a corda era curta e isso não foi possivel. Os dois burros sentaram-se a "pensar" e resolveram "cooperar" um com o outro.

Foram, juntos, a um dos montes, e comeram o capim. Depois, foram comer o outro.

Eis, meninada, o que é "cooperação". Cooperar é trabalhar no sentido de ajudar os outros, ajudando, com isso, a si mesmo.

O PEIXE APAIXONADO ROUBOU O CHAPEU DO HOMEM PARA FICAR ELEGANTE

COUSAS PRÁTICAS
por PAULO AFFONSO
DERRAMANDO-SE DE TEMPOS A TEMPOS, UMAS GÔTAS DE ÁGUA-RÁS NAS ESTANTES DAS BIBLIOTECAS, PRESERVAM-SE BASTANTE OS LIVROS DO MÔFO.
COM AZEITE LIMPAM-SE BEM TANTO OS QUADROS A ÓLEO COMO AS MOLDURAS DOURADAS.
AS GARRAFAS E COPOS QUE TENHAM CONTIDO LEITE DEVEM ENXAGUAR-SE COM ÁGUA FRIA ANTES DE SEREM LAVADOS COM ÁGUA QUENTE.
É ERRO GRAVE CONTINUARMOS A LER QUANDO SENTIRMOS A VISTA CANSADA.
O PÃO DURO FICA MOLE PONDO-O UM MOMENTO EM LEITE OU EM ÁGUA, LEVANDO-O AO FORNO UNS MINUTOS.
AS MANCHAS DE CALÇADO DE CÔR TIRAM-SE ESFREGANDO-AS COM BATATA CRUA.

Marlene era uma menina muito má, pois possuia o grave defeito de maltratar os animais. Totó, coitado, que era um cachorrinho muito manso, estava constantemente levando ponta-pês. E Bichano, um lindo gato angorá, que não fazia mal a ninguem e gostava de dormir sossegadamente nos cantos da casa, esse era a vitima predileta de Marlene.

A menina, sempre que encontrava o gato, em logar de fazer-lhe festas, quando êle vinha enroscar-se nas suas pernas, miando baixinho, pegava-o pela cauda e rodava-o no ar várias vezes, atirando-o depois de encontro às paredes. Bichano gritava de dor e tratava de se afastar o mais depressa possivel, senão ainda sofreria mais!

Os pais de Marlene não cessavam de lhe dar bons conselhos, fazendo-lhe ver que os animais são úteis, e que, além disso, estão sujeitos às dores e sofrimentos como as pessoas. Mas nem palavras e nem castigos puderam corrigir a menina de seu feio defeito. Pelo contrário, pois depois de ser castigada ela ainda os maltratava mais, dizendo que êles eram os culpados de tudo.

Certo dia Marlene estava no portão de sua casa, brincando com a sua boneca quando passou um moleque e arrebatou-lhe a boneca das mãos, saindo a correr pela rua a fora. A menina começou a chorar, sem saber o que fazer, quando apareceu Totó e correu atraz do moleque, e se pôs a morde-lhe as pernas, fazendo com que êle deixasse cair a boneca, afim de fugir mais depressa.

Marlene ficou muito contente por não ter perdido a boneca ,mas, como era muito orgulhosa, não fez nem um agrado a Totó, e ainda ameaçou bater-lhe.

Dias depois Marlene foi fazer uma arrumação na sua caixa de brinquedos, coisa que não fazia a muito tempo, por ser desmazelada, quando descobriu uma coisa horrorosa dentro dela. Sabem o que era? — Era um rato. Um rato pequeno. Um simples camondongo. Marlene, porém, tinha um medo terrivel dos ratos, de modo que quis gritar e não poude, e quis correr, mas não conseguiu dar nem um passo. O ratinho parece que também teve medo da menina, pois ficou todo atrapalhado, e, em logar de fugir, começou a subir-lhe pelo

vestido. Marlene estava aterrorisada, e foi nesse instante que surgiu Bichano, e zás!, de um pulo apanhou o ratinho, livrando-a daquela horrivel aflição.

Hoje em dia Marlene é muito amiga dos animais, e, sempre que vê um menino maltratando-os, dá-lhe bons conselhos e não se cansa de repetir que devemos amar e proteger os animais, porque eles também nos amam e muitas vezes nos protegem. E se alguém duvida de suas palavras, ela conta o que lhe sucedeu, e de que modo aprendeu a sua lição.

OS LIVROS.

..São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como à força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente os seus háb'tos e costumes, também à força de ler os livros se aprende a doutrina que êles ensinam. Forma-se o espirito, nutre-se a alma com os bons pensamentoss e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradavel que não há nada com que se compare; e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir.

VIEIRA

O JOGO DOS FOGUINHOS

REUNIDAS as crianças, cada uma escolhe representar um dos fogos que se queimam, ou se "soltam" durante as festas do São João.

Um será, por exemplo, o foguête de tres bombas, outro a salva, ou "bomba real" que só faz explodir uma bomba forte, outro o foguête de "assovio", outro a rodinha, o craveiro, a pistola, o buscapé, o "foguetinho do ar", o estalo, e um outro até o balão multicor, proibido, aliás, pela policia, afim de evitar o perigo dos incêndios nas matas, onde êles caem, e até sôbre os telhados das casas, onde o seu "gás", ou combustivel, feito de breu, sêbo ou resina, que lhes dá a fôrça ascencional, pode, ao se derreter inflamado introduzir-se por entre as telhas, alcançar o madeiramento da coberta, incendiando-a.

Um dos meninos — naturalmente o mais velho do grupo, ou o mais esperto — será o Mestre-fogueteiro, que irá contando uma história, na qual "chamará os diversos fogos, que responderão, imitando o ruido do fogo que representam.

Assim, por exemplo, o fogueteiro dirá, mais ou menos:

— Num barracão, fóra da cidade, instalei minha fábrica de fogos, onde comecei, com todo o cuidado, a fazer um bomba real...

O menino que representa a bomba real fará:

— Gé... pô!...

E o Mestre-fogueteiro continúa:

— Soltei, depois um foguête de tres bombas...

O menino que escolhêra este fogo responde logo, imitando-o:

— Gé... pô... pô... pô...

E o fogueteiro prossegue:

— Achei, porém, fraco êsse fogo e, para me dar uma vaia, eu proprio soltei um "foguête de assovio..."

E o "foguête de assovio" responde:

— Gé... fiau!...

(Quem não responder logo pagará prenda).

E assim por diante, dizendo ainda o fogueteiro:

— Com licença especial da policia soltei um balãozinho...

O menino que representa o balão, dirá, por sua vez:

— Lá vou eu subindo... subindo...

Enquanto os outros cantam:

— "Cai, cai, balão!
Cai, cai, balão!...
Aqui na minha mão!..."

Quando todos tiverem pago prenda ou tiverem s'do chamados, respondendo com acêrto, e para finalizar o jôgo, o foguetelro dirá:

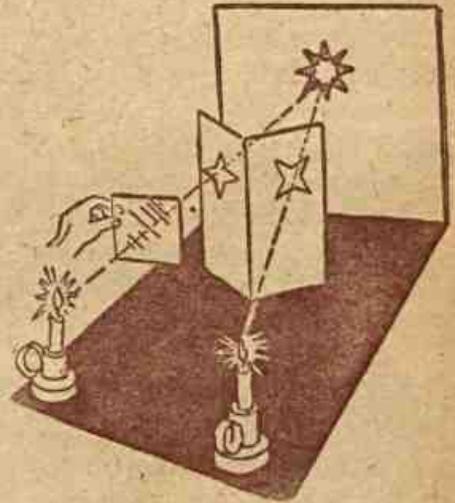
— Infelizmente, por um descuido meu, caiu uma faisca de um dos fogos no meio dos outros, incendiando-se os buscapés, os foguêtes de assovio, os de tres bombas, as bombas rea's, as rodinhas, craveiros, pistolas, estrelinhas, balões, estalos, todos os fogos, enfim.

Os meninos, e as meninas que estiverem tambem tomando parte no jôgo, irão imitando logo, ao mesmo tempo, o ruido dos fogos que representam, isso vár'as vezes, e em seguida, como se, realmente, tivesse havido um incêndio numa fábrica de fogos.

E estará terminado o "jôgo dos foguinhos".

EUSTORGIO WANDERLEY

ESTRELA MULTICOR

Dobre ao meio uma folha de papel cartonado não muito grosso, e numa das metades desenhe uma estrêla de quatro pontas, recortando-a com um canivete bem afiado. Aplique a metade já recortada sôbre a outra e, com um lápis, desenhe o contorno. Desdobre o papel e, por cima da estrêla desenhada, trace outra estrêla com um giro de 45 graus, com respeito àquela (isto é, de modo que as pontas da nova estrêla coincidam

com as reentrâncias dos raios da anterior). Recorte esta nova estrela. Coloque, então, o cartão ligeiramente dobrado frente a uma folha de papel branco presa à parede, como indica a nossa ilustração. Coloque duas velas, ou duas lâmpadas de igual intensidade luminosa a certa distância uma da outra, de tal modo que as duas imagens das estrêlas se superponham e formem uma só.

Cubra, então, uma das estrêlas com um pedaço de vidro de côr (ou papel celofane colorido) e poderá observar que a estrêla de oito pontas, formada sôbre o papel branco, tem três côres diferentes: quatro pontas da côr do v'dro (ou celofane), quatro da côr complementar e a parte central, branca. Se o vidro (ou celofane) fôr vermêlho, a côr complementar do vermêlho sendo o verde, quatro das pontas serão desta côr.

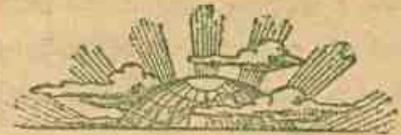
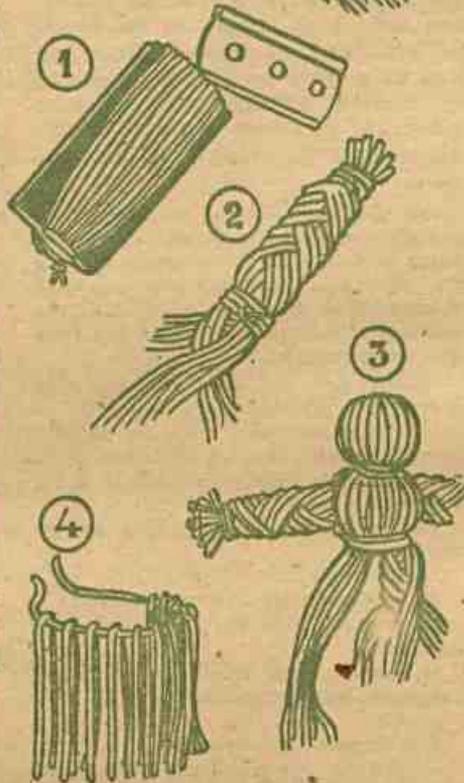
UMA BONECA DE LÃ

Eis aqui uma bonequinha feita de lã de tecer, muito original e vistosa. Usa-se lã de côres diferentes, enrolando várias voltas em um pedaço de papelão, como indica o número 1 e amarrando a extremidade com dois ou três nós.

Cortam-se depois os fios da lã com uma gilete ou uma tesoura e, a partir do lugar em que êstes foram amarrados, trançam-se os fios rusticamente (número 2). Ficará uma trança para cada lado do ponto em que os fios foram atados: serão os braços da boneca. O corpo se faz com um punhado de lã de outra côr, mais comprido e com mais voltas. Um nó formará a cabeça (número 3).

Passam-se os braços por dentro e amarra-se por baixo, para formar o corpo, isto é, o peito, mais própriamente. Fazem-se com as pontas sobrantes duas tranças, que serão as pernas.

A figura (número 4) mostra como se póde fazer a saia, com fios de lã de côres diferentes.

O cabêlo será feito como nos mostra também o detalhe. Os olhos e bôca são pintados ou feitos com pedaços de fazenda, ou mesmo linha preta e vermelha.

O SOL

O sol é uma imensa esfera inflamada, que aquece e ilumina a nossa Terra. E' muito maior que a Terra. Se ele nos parece menor que esta, é por causa da imensa distancia a que se acha de nós; e, se entretanto ele se mostra maior que qualquer outro astro é porque estes se acham a distancias ainda maiores de nós.

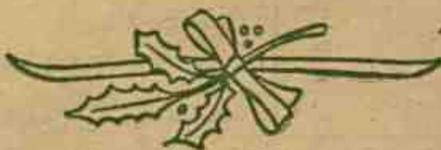
O lado do céu onde o sol aparece de manhã, chama-se nascente; o lado onde desaparece de tarde, chama-se poente.

No verão o sol demora mais tempo visivel do que no inverno. Os dias são mais compridos.

No inverno, o sol não sóbe tão alto ao meio dia. Os dias são mais curtos do que as noites, e não são tão quentes.

A fome é má conselheira...

EIS AQUI AS CAPITAIS dos principais paises do mundo

País	Capital
Afganistão (Asia)	Kabul
Alaska (América)	Juneau
Albania (Europa)	Tirana
Alemanha (Europa)	Berlim
Andorra (Europa)	Andorra
Argentina (América)	Buenos Aires
Australia (Oceania)	Canberra
Austria (Europa)	Viena
Bélgica (Europa)	Bruxelas
Bolivia (América)	Sucre
Brasil (América)	R. de Janeiro
Bulgaria (Europa)	Sofia
Canadá (América)	Ottawa
Colombia (América)	Bogotá
Corea (Asia)	Seúl
Costa Rica (América)	San José
Cuba (América)	La Habana
Checoslovaquia (Europa)	Praga
Chile (América)	Santiago
China (Asia)	Nankin
Dinamarca (Europa)	Copenhague
Equador (América)	Quito
Egito (Africa)	El Cairo
Espanha (Europa)	Madrid
Est. Unidos (América)	Washington
Estonia (Africa)	Tallin
Etiopia (Africa)	Addis Abeba
Finlandia (Europa)	Helsinki
França (Europa)	Paris
Grã Bretanha (Europa)	Londres
Grecia (Europa)	Atenas
Guatemala (América)	Guatemala
Haiti (América)	Port-au-Prince
Holanda (Europa)	Haya
Honduras (América)	Tegucigalpa
Hungria (Europa)	Budapest
Irlanda (Europa)	Dublin
Islandia (Europa)	Reykiawik
Irak (Asia)	Bagdad
Italia (Europa)	Roma
Japão (Asia)	Tokio
Letonia (Europa)	Riga
Libéria (Africa)	Monrovia
Liechtenstein (Europa)	Vaduz
Lituania (Europa)	Kaunas
Luxemburgo (Europa)	Luxemburgo
Malta (Europa)	La Valeta
Memel (Europa)	Memel
Marrocos (Africa)	Fez
México (América)	México
Mónaco (Europa)	Mónaco
Mandchuria (Asia)	Hsinking
Nepal (Asia)	Khatmandd
Neged (Asia)	El. Riad
Nicaragua (América)	Managua
Noruega (Europa)	Oslo
N. Zelandia (Oceania)	Wellington
Palestina (Asia)	Jerusalém
Panamá (América)	Panamá
Paraguai (América)	Asunción
Persia ou Irã (Asia)	Teheran
Perú (América)	Lima
Polonia (Europa)	Varsovia
Portugal (Europa)	Lisboa
Rumania (Europa)	Bucarest
Russia (Europa)	Moscou
San Salvador (América)	San Salvador
San Marino (Europa)	San Marino
St. Domingo (América)	St. Domingo
Sião (Asia)	Bangkok
Suecia (Europa)	Estocolmo
Suiça (Europa)	Berna
Turquia (Asia)	Angora
União Sulafricana	Pretoria
Uruguai (América)	Montevideo
Venezuela (América)	Caracas
Yemen (Asia)	Sana
Yugoslavia (Europa)	Belgrado

Durante uma festa, dois homens, separando-se dos demais, recostaram-se a uma sacada. Não se conheciam, nem tinham sido apresentados um ao outro. Nessa ocasião, certa senhora estava ao piano, cantando. E cantava tão... bem que todos na sala estavam arrepiados...

Que voz horrivel! — disse um desconhecido ao outro.
— É verdade!
— Mas, em compensação, que dentes maravilhosos!
— O senhor me lisongeia, cavalheiro!

O outro, pensando que tinha cometido um dêsses equivocos desastrosos que costumam ocorrer com quem fala demais, interrogou, assustado:
— O senhor... é... marido dela?
— Oh! Não! Deus me livre! — respondeu o outro. — Sou seu dentista...

Festas Fixas

RELIGIOSAS

Circuncisão do Senhor	— 1 de jan.
Os Três Reis Magos	— 6 de jan.
Purificação de N. Senhora	— 2 de fev.
As Chagas de Cristo	— 6 de fev.
Annunciação de N. Senhora	— 25 de mar.
Invenção da Santa Cruz	— 3 de maio
Santo Ant*nio	13 de Jun.
S. João Batista	— 24 de Jun.
S. Pedro e S. Paulo	— 29 de jun.
Visitação de N. Senhora	— 2 de jul.
N Senhora do Carmo	— 16 de jul.
N Senhora das Neves	— 5 de ago
Transfiguração do Senhor	— 6 de ago
Assunção de N. Senhora	— 15 de ago
Natividade de N. Senhora	— 8 de set.
N Senhora das Mercês	— 24 de set.
Todos os Santos	— 1 de nov.
Finados	— 2 de nov.
Apresentação de N Senhora	— 21 de nov.
Imaculada Cnnceição	— 8 de dez.
Nascimento de Jesus	— 25 de dez.

FERIADOS NACIONAIS

1 de janeiro — Confraternização Universal

21 de abril — Tiradente

1 de maio — Dia do Trabalh

7 de setembro — Independência do Brasil

2 de novembro — Dia dos Mortos

15 de novembro — Proclamação da República

25 de dezembro — Natal

C MEÇO DAS ESTAÇÕES

OUTONO .. .. 22 de março

INVERNO .. .. 21 de junho

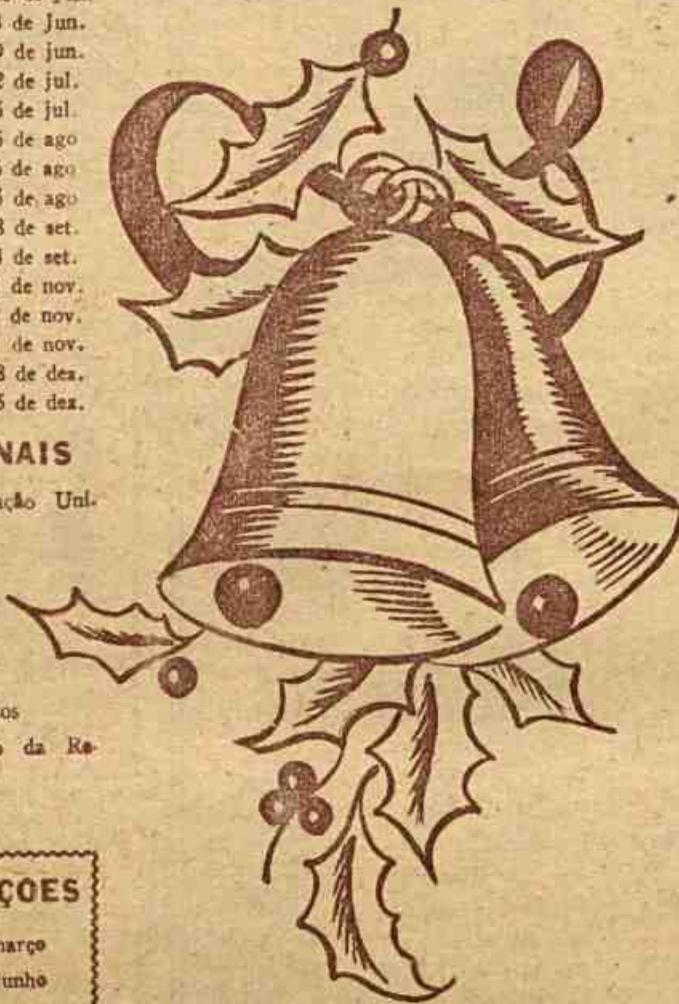
PRIMAVERA .. . .. 21 de setembro

VERÃO .. .. 21 de dezembro

— Quando é que vem o meio frango que pedi?

— Quando aparecer outro freguês que peça outro meio frango. Só podemos matar frango inteiro!

ANOS BISSEXTOS

São aqueles que têm 366 dias Todos os anos que sejam divididos por 4, exatamente, são anos bissextos. Serão bissextos os anos: 1948, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968, 1872, 1976, etc.

/s datas da Páscoa até 1960

Eis as datas em que cairá o Domingo de Páscoa, até 1960:

ANO	DATA DA PASCOA	
1948	Março	28
1949	Abril	17
1950	Abril	9
1951	Março	25
1952	Abril	13
1953	Abril	5
1954	Abril	18
1955	Abril	10
1956	Abril	1
1957	Abril	21
1958	Abril	6
1959	Março	29
1960	Abril	17

Festas Móveis

Os quatro "Domingos do Advento" são os que precedem 25 de dezembro.

O dia da Páscoa, segundo a Igreja, é o domingo que se segue à primeira lua cheia depois de 20 de março. Portanto, nunca essa festa pode realizar-se antes de 22 de março.

Si a Lua cheia fôr a 20 de março, a lua cheia seguinte será a 18 de abril, e se fôr domingo êsse dia, já no domingo seguinte, isto é, a 25 de abril, poderá realizar-se a Páscoa; portanto nunca póde a Páscoa ser depois de 25 de abril.

As outras festas móveis estabelecem-se do seguinte modo:

A "Septuagésima" é o nôno domingo ou 63 dias antes da Páscoa;

A "Quinquagésima" é aos 40 dias antes da Páscoa.

As "Cinzas", na quarta-feira que se segue à Quinquagésima;

O "Domingo da Paixão" é 14 dias antes da Páscoa.

"Domingo de Ramos", sete dias antes da Páscoa.

A "Pasquela" ou "Quasímodo" é no domingo depois da Páscoa;

O "Patrocínio de S. José", na quarta-feira que segue o 2.° domingo depois da Páscoa.

As "Ladainhas", nos três dias que precedem a Ascenção.

A "Ascenção" é na quinta-feira, 39 dias depois da Páscoa.

O "Espírito Santo", 49 dias depois da Páscoa.

A "SS. Trindade" é no domingo depois do E. Santo.

O "Corpo de Deus" é na quinta-feira depois da SS. Trindade.

AS TRÊS SOMBRAS

NA sala antiga de um museu, lá por uma noite de estrelas, três sombras acordaram.

A primeira era a sombra de um rei;

a segunda, a de um herói;

e a terceira a de um poeta

A sombra do rei memorou:

— Fui rei. O meu escudo era de ouro martelado. Treze lises de rubis floriram no meu brasão de armas. Senhor e guia dos meus reinos sem fim, os meus súditos, cavaleiros, rendiam-me severa vassalagem e se despojavam dos seus estantartes, dos seu ouropéis mais belos para depô-lo ante o meu trono de ouro...

Fui rei e senhor, e abandonaram-me nesta clausura...

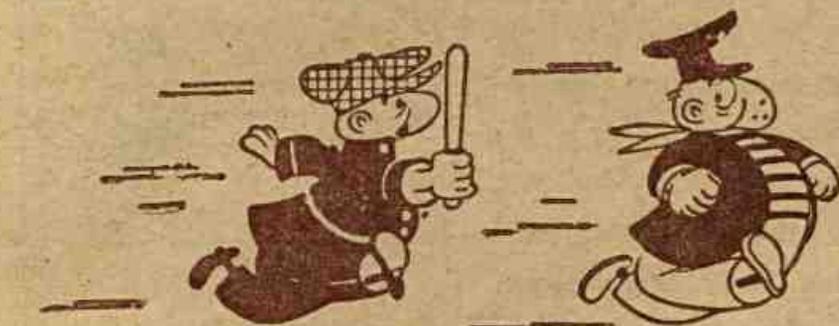
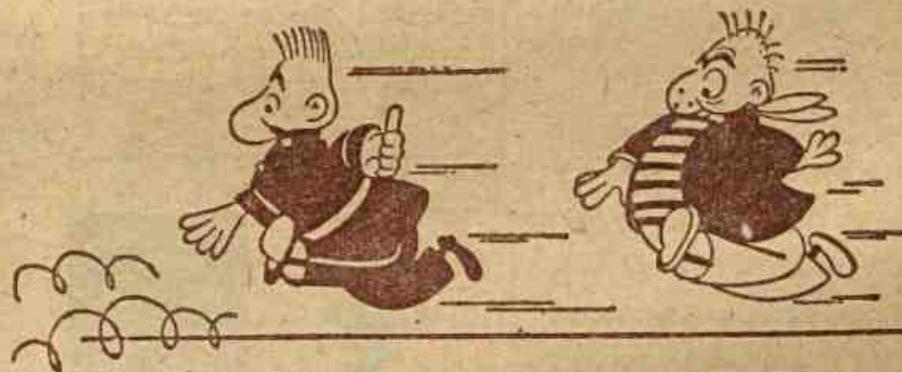
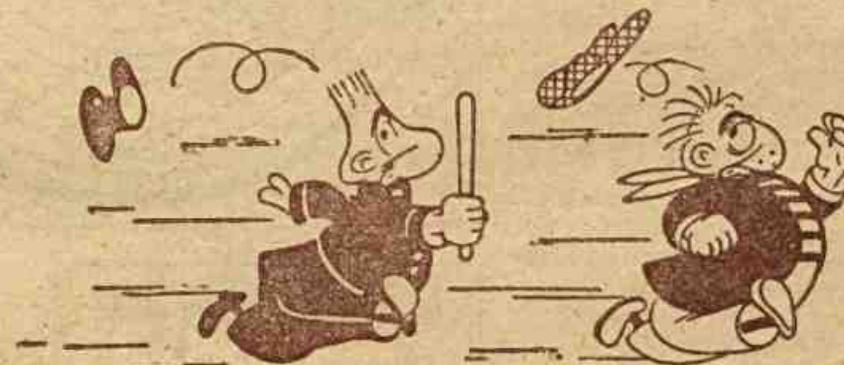
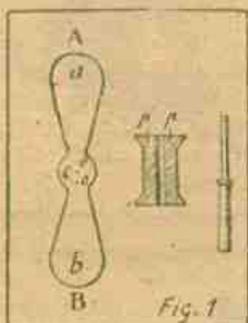
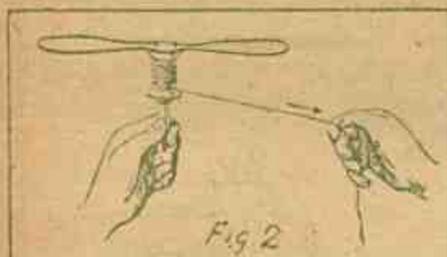
A sombra do herói tambem memorou:

— Fui herói. Cem batalhas tentei, cem batalhas venci. Empos os meus exércitos era interminavel a caravana dos humilhados e a minha espada de aço flamejava, ao mando de minha mão guiadora. Hoje, jaz ali, gasta de ferrugem, e parece velar a minha sombra homicida neste túmulo de memorias....

A sombra do poeta falou:

— Pobre pastor de quimeras, fiz florir a minha vida na graça enternecida do meu canto e as flores fui espalhando pelos caminhos! Em êxtase ou de joelhos, as mãos — duas palmas em oferenda — ergui ao Alto como símbolo de promessa... E as minhas palavras de gloria beijavam humildes a terra e os meus olhos se perdiam no céu, entontecidos de maravilha.

Rei dos meus reinos de sonho, pobre e vestido de andrajos, cantei a eterna beleza do mundo; herói, as minhas odes eram entusiasmos perenes.

Por isso é que nunca morri de todo...

COMO FAZER UM HELICÓPTERO

Corta-se um pedaço de papelão como B (fig. 1), medindo A - B seis a quinze centimetros. Retorcem-se as pás como as hélices de avião. Se fôr feita de lata, melhor ainda.

Em um carretel dos grandes, pregam-se dois pregos sem cabeça (p. p) e prepara-se um tarugo de madeira como o modelo, de modo que a parte fina role fácilmente no orificio do carretel.

Na hélice fazem-se dois orificios (c) de modo que neles penetrem livremente os pinos (p e p) Para fazer girar, coloca-se a hélice, enfiando os pinos, enrola-se um barbante no carretel e, depois, puxa-se, para desenrolar, com força. O movimento fará com que o helicóptero voe.

QUAL DAS TRÊS

EIS aqui três moscas gulosas que desejam chegar ao pote de dôce. Mas acontece que só uma poderá alcançá-lo. Qual delas será?

Escolha a sua e mande os maninhos escolherem as deles. Cada qual seguirá pelo seu caminho, no labirinto. Vamos ver quem escolheu "a tal"!!

A SEMANA DE 7 DIAS

Antes da Era Cristã, os Romanos adotavam a semana de 8 dias, e ao oitavo dia chamavam "o dia do mercado".

A semana de 7 dias foi estabelecida pelo imperador Constantino, no ano 321, inspirando-se no Calendário hebreu.

— Duduca! Como se distingue uma pereira de uma macieira?

— Pelos frutos...

— E se ainda não tiver dado frutos?

— A gente espera que dê...

AS PALMEIRAS DO BRASIL

E' enorme a variedade de palmeiras que se encontram no Brasil, sendo a mais notavel a carnaubeira, em que tudo é aproveitado: a raiz serve de depurativo; o caule dá farinha, e, quando madura, é magnifica madeira de construção que dura mais de cem anos, não sendo enterrada e estando abrigada do sol e da chuva; do espique se fazem ripas e barrotes; o fruto, comparavel à tâmara, serve de alimento a tôda a espécie de gado e quando maduro apresenta uma polpa negra, lustrosa adocicada e pouco espessa, de que se faz uso no estado natural ou em doce; tem um caroço de treze centímetros de diâmetro que, torrado, fornece uma bebida semelhante ao café, e uma substância de que se extrai óleo; e das folhas novas é extraida a chamada cera de carnauba, que se emprega não só nas placas dos fonógrafos e nas fitas cinematográficas, como tambem na fabricação de velas e fósforos.

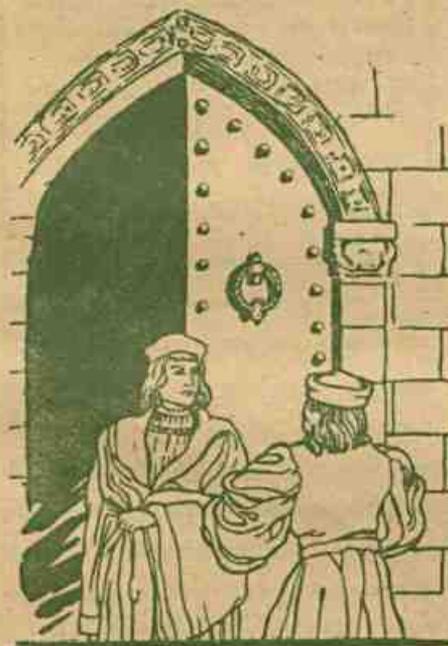
VEIGA CABRAL

Um Ardil

Junto à casa do pintor italiano Sandro Botticelli se instalou uma fábrica de tecidos, cujo ruído o impedia de trabalhar em paz.

Um dia o artista foi reclamar ao dono, e embora o fizesse delicadamente, a resposta que obteve foi a seguinte:

Estou em minha casa e faço, nela, o que me apraz!

Botticelli nada disse, mas no dia seguinte, em cima do muro que dividia o pátio das duas casas, muro cuja estabilidade não era grande, colocou em equilíbrio uma enorme

pedra, justamente sôbre a parte em que estavam os teares.

O dono destes, receando que com a trepidação a pedra caísse, ocasionando alguma desgraça entre os tecelões, foi imediatamente ver Botticelli, pedindo-lhe que a tirasse.

O pintor, com tôda a tranquilidade, replicou com as mesmas palavras que ouvira antes:

— Estou em minha casa e faço, nela, o que me apraz!

— Mas, com o mêdo de que aquela pedra cáia, ninguém póde trabalhar!

— Tambem eu não posso, com o ruído e a trepidação dos seus teares — respondeu Botticelli. E o fabricante de tecidos não teve outro remédio senão fazer um acôrdo com o artista ficando ambos satisfeitos.

História de um homem trabalhador

UM homem trabalhador tinha economizado algum dinheiro, por isso resolveu abrir no mercado uma barraca para vender peixe e colocou um cartaz com estes dizeres:

"AQUI SE VENDE PEIXE ABSOLUTAMENTE FRESCO"

Passou um seu amigo e vendo o letreiro disse:

— Por que escreveste "absolutamente"? Além desta palavra ser demais na frase, desperta suspeitas...

O homem trabalhador achou lógica a observação, retirou o letreiro e substituiu-o opr outro que dizia assim:

"AQUI SE VENDE PEIXE FRESCO"

No dia seguinte passou outro amigo do homem trabalhador pela sua barraca e, lendo o cartaz, fez esta observação:

— Por que mencionas no cartaz "aqui"? Logo se entende que sendo aqui que tens a barraca, é claro que só pode ser "aqui" onde vendes o peixe, e não noutra parte.

E mais uma vez o homem trabalhador achou acertada a observação e trocou o cartaz por outro nestes têrmos:

"VENDE-SE PEIXE FRESCO"

No dia seguinte, porém, um novo amigo passou e o leu. Em seguida falou:

— Por que escreves no cartaz: "Vende-se"? Acho demais, pois logo se entende que não emprestas e nem dás e sim vendes o peixe...

O homem trabalhador também concordou com essa observação e trocou o cartaz por outro que dizia:

"PEIXE FRESCO"

No dia seguinte ainda apareceu um novo amigo que, depois de ler o cartaz diz:

— Por que botas "peixe fresco"? Tira essa palavra, pois os teus fregueses logo compreenderão que se vendes o peixe é porque êle é fresco, e não peixe estragado.

E ainda dessa vez o homem trabalhador achou razoavel a observação e trocou o cartaz por outro que dizia siplesmente:

"PEIXE"

Mas, quando pensava já ter acertado na composição do letreiro, voltou novamente o primeiro amigo, que o tinha feito substituir o cartaz e depois de o ler falou, meio contrariado, ao homem trabalhador:

— Sabes que sou teu amigo e o meu desejo é que prosperes, mas desta maneira nunca conseguirás nada. E' preciso que saibas que teus clientes são pessoas que raciocinam, por isso quando chegarem nesta barraca e virem a mesa cheia de peixe é claro que compreenderão que vendes peixe e não sapatos nem móveis. Dai se deduz que este cartaz é demais... Tira isto!

Então, o homem trabalhador tirou o letreiro — mas desta vez teve outra atitude — despedaçou-o e atirou-o na cabeça do amigo, matando-o.

Os juizes depois de estudarem o caso o qualificaram muito acertadamente de "homicidio justificado" e absolveram-no da culpa e pena.

NO DIA DO CASAMENTO

A SOGRA: — Ingrato! Vai estragar num minuto o bolo em que eu levei três dias trabalhando!!

A RONDA UNIVERSAL

Meninos de tôda a América
Sêde sempre bons irmãos.
Formai uma imensa ronda,
Uni, uni as vossas mãos.
Jovens das três Americas:
Cantai os doces cantos,
Cantos de paz, de beleza,
Cantos puros como nardo.
Meninos de tôda a America:
Sêde sempre bons irmãos.
Ó! meninos de todo o mundo:
Sêde sempre bons irmãos!
Fazei uma imensa ronda.
Uni, uni as vossas mãos.
Ó! meninos de todo o mundo
Cantai os mais doces cantos
Cantos de paz e beleza,
Cantos puros como nardo!
Ó! meninos de todo o mundo
Sêde sempre bons irmãos!

GASTON FIGUEIRA

AS ESTAÇÕES

A Terra é dotada de dois movimentos: ela se move em torno de seu eixo, ou de si mesma, e move-se também em redor do Sol.

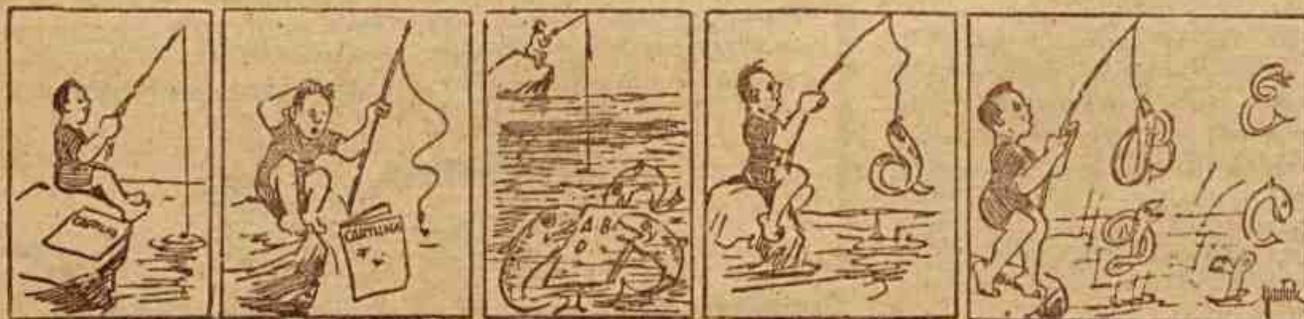
Neste movimento, em torno do Sol, a Terra aproxima do sol alguns lugares de sua superfície, mais do que outros.

Daí resulta que, enquanto os primeiros destes lugares têm maior quantidade ou gráu de calor, os outros, que estão mais afastados do Sol, o têm menor.

A estas mudanças, a estas alternativas de calor e de frio que experimentam os diferentes lugares da superfície da terra durante o seu movimento em torno do sol (movimento anual), da-se o nome de estações.

As estações são: primavera (estação temperada), verão ou estio, (est. quente), outono, (estação temperada) e inverno, (est. fria).

Os ingleses construiram os primeiros tanques na passada Guerra Mundial sob o mais completo segredo. Os próprios operários atarefados na construção dos mesmos, não sabiam para que propósito êles eram feitos. Os engenheiros diziam que aquelas máquinas iam ser usadas, no Egito, para o transporte de grandes suprimentos de água, e todos os planos relativos à sua manufatura traziam o título de "transportes dágua". Eventualmente, o pessoal da fábrica adotou a palavra "tanque" como abreviação. O nome pegou e, agora, é usado, praticamente, em todos os países.

OS PEIXES E A CARTILHA

Locuções Famosas

Correr uma Maratona

Diz-se que uma pessoa correu uma Maratona quando se sabe que ela realizou algum ato de extraordinário relevo à custa de estafantes lutas.

Esta locução, que é presentemente usada no sentido figurado que comentamos, data entretanto de tempos remotos. Durante os anos 495 a 490 antes de Jesús Cristo, teve lugar a famosa batalha de Maratona, entre persas e gregos. Estes últimos, inferiores em número, ganharam a vitória depois de varias horas de luta. Segundo consta, um soldado ateniense, depois da batalha percorreu correndo a distância entre Maratona e Atenas. Chegou sem alento e exclamando : "Ganhamos" e caiu morto. Por isso é que em homenagem ao humilde herói ateniense foi incorporada aos jogos ilimpicos uma carreira de resistencia cujo percurso é igual à distância percorrida pelo soldado.

A Parte do Leão

Quando, ao fazer-se a divisão de alguma coisa, corresponde a maior porção à pessoa de maior infuência ou valor, ou ainda à que tem ascendência sobre as demais, diz-se que lhe tocou "a parte do leão", aludindo-se à pressão exercida para que assim aconteça.

Esta locução tem sua origem numa fábula de Fedro.

Uma vaca, uma cabra e uma ovelha fizeram uma sociedade com um leão com o compromisso de repartirem entre si todos os ganhos e prejuizos.

Um veadinho caiu numa armadilha preparada por êles.

O leão dividiu a presa em quatro partes iguais e disse logo depois de comer a primeira: "Esta é para mim porque me chamo Leão; esta segunda também é para mim pelo santo direito do mais forte; a terceira me corresponde por ser valente e se algum de vocês se atraver a tocar na quarta terá que se ver comigo".

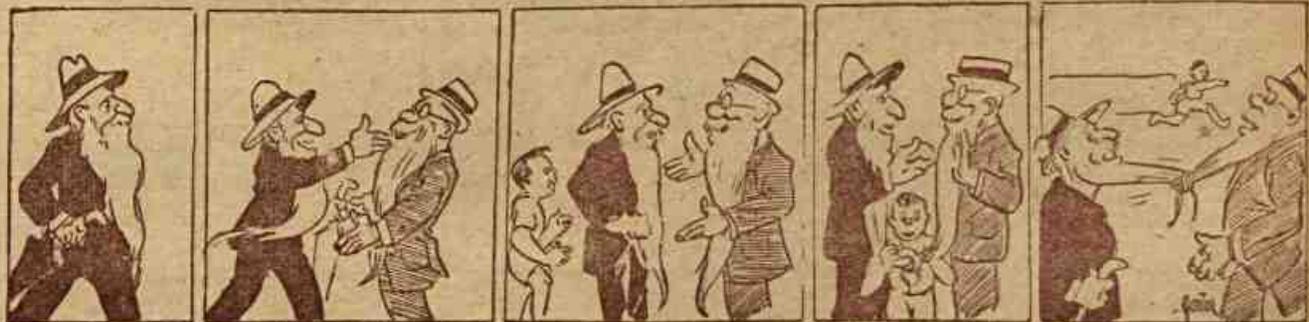
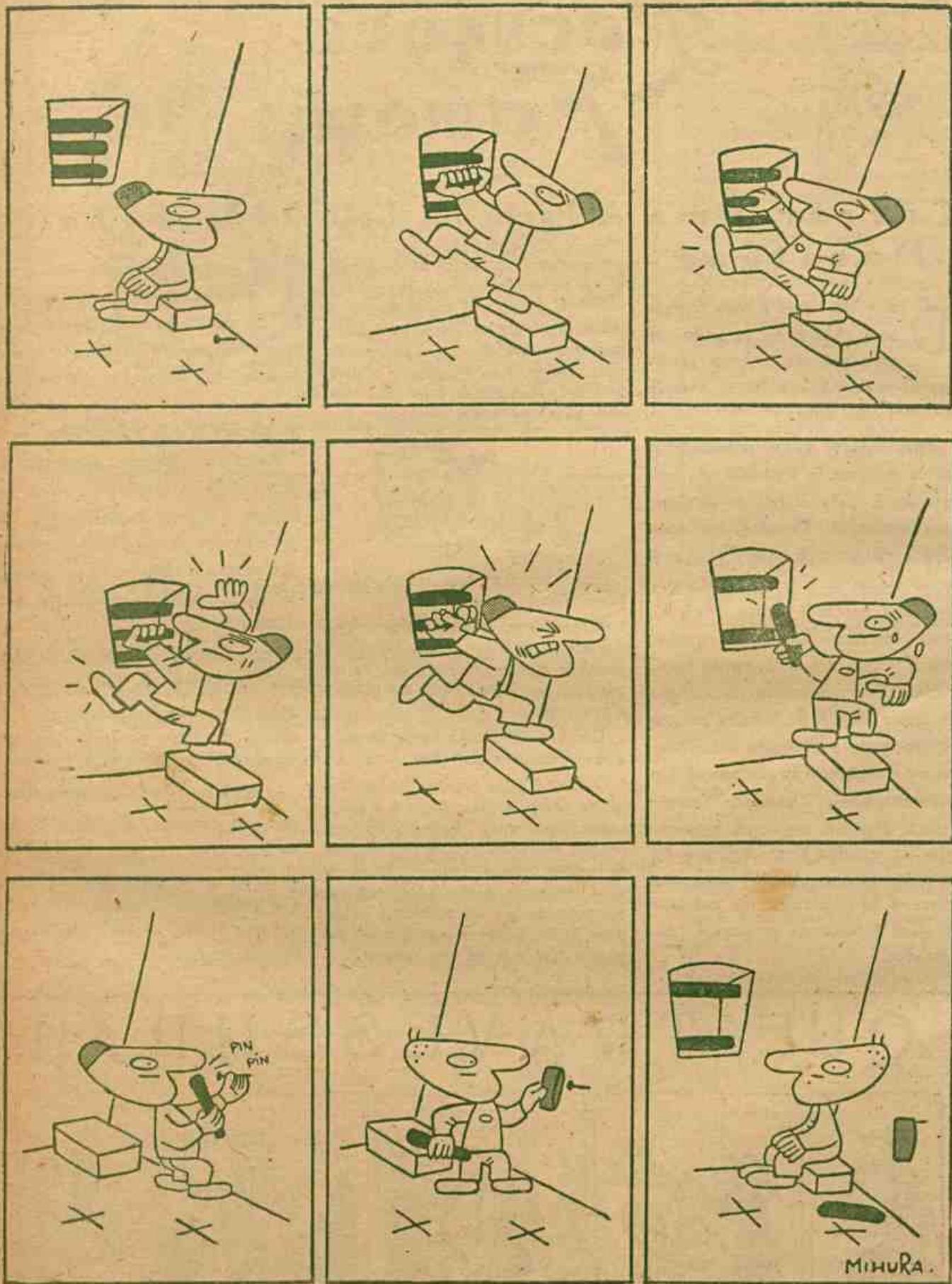
Terror Pânico

O pavor que invade uma multidão e que se apodera simultaneamente de todos os que a compõem é qualificado quase sempre de "terror pânico". Aplica-se tambem esta locução ao medo injustificado e sem forte razão.

A palavra pânico é derivada de Pan, Deus da mitologia grega, filho de Hermes (Mercurio) e da ninfa Driope. Era a divindade tutelar dos pastores; tinha o corpo coberto de pêlo, patas de carneiro e dois chifres.

Possuia, segundo seus adoradores, a faculdade de dar aos homens tudo quanto lhe pediam, porém era dotado de gênio perverso, sentindo prazer em aterrorizá-los.

Quando se ouviam grandes rumores nos bosques, atribuia-se à voz de Pan. Essa voz tinha horrorizado os Titãs em sua luta com os Deuses e o pavor que causava começou a ser qualificado desde então como "terror pânico".

QUE TRAVESSURA!!

ZÈ GAIOLA QUER CONFORTO

E DÁ JEITO PRA UM CABIDE...

O HOMEM

O burrico de montaria do tio Gaspar, seja por enfado, seja por preguiça, não queria andar, apezar de tudo quanto o mesmo tio Gaspar lhe fazia; ora afagando-o carinhosamente e dando-lhe nomes mimosos, ora esbravejando e usando até o chicote. Foi quando o tio Gaspar viu...

...diante de si um estranho jockey, meio velho, de óculos, asas de borboleta, e montado numa roda de bicicleta.

— Quem é você? — perguntou tio Gaspar.

— Sou o genio da velocidade, e venho socorrer-te.

— Pois seja muito bem vindo...

...que eu estou mesmo muito precisado de quem me faça andar este burrinho...

— Está dito; não só o ponho bem esperto no caminho, como te dou um extraordinário poder: Quando estiveres apressado, enrola este barbante...

...na ponta do nariz, e, quer estejas a cavalo, quer estejas a pé, partirás como uma seta.

Assim falou o genio da velocidade, e logo desapareceu. O tio Gaspar, ancioso por entregar a carta que tinha para o rei "Chuchú", atou o nariz...

...como o genio lhe tinha ensinado, e... partiu. Era prodigioso o tal barbante: não há palavras para dizer tudo que se passou então, nem para dar idéia da marcha do burrico.

Antes de meio minuto estava êle diante do palácio do rei "Chuchú", homem pacato, reinando numa terra pacata, sôbre gente pacata...

Desceu o tio Gaspar do burrico, diante da porta principal, onde se achava uma sentinela pomposa e empertigada. Mas a velocidade...

...que trazia o terrivel Gaspar, fê-lo dar com a sentinela por terra. E assim foi êle atirando a todos e a tudo, sem conhecer obstaculos, até que foi ter ao trono onde pacatamente ressonava o rei "Chuchú.

Mas nem a presença do monarca o deteve: precipitou-se sobre êle, e só parou quando bateu contra a parêde.

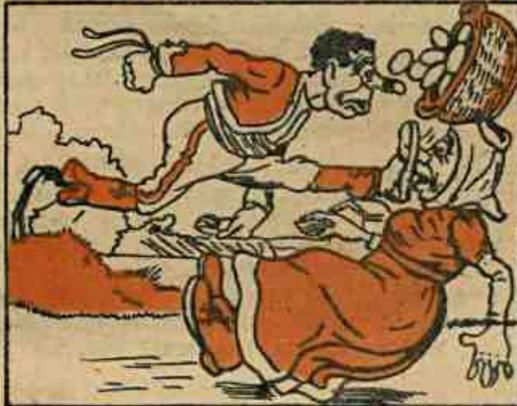
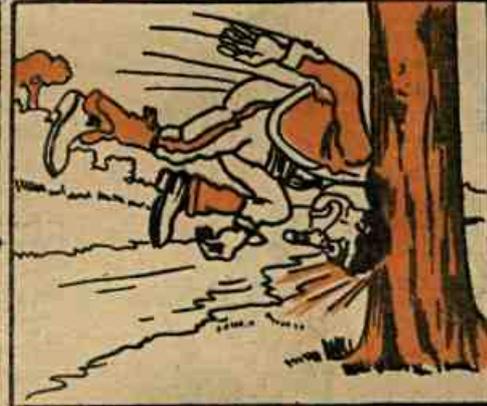
VENTANIA

...E lá virou o rei de catrambias, caindo-lhe por cima o velocissimo Gaspar. Todo dolorido e pacatamente furioso, levantou-se o rei "Chuchú" e chamou pelo chefe dos guardas.
— Prendam este assassino, metam-no no...

...xadrez até morrer de fome e de sêde, que êle me deu a mais formidável cabeçada que um "Chuchú" póde levar! E logo um tipo gigantesco e máu apareceu, agarrou o tio...

...Gaspar, atou-lhe as mãos e mandou-o seguir para a frente: — Marche!
O tio Gaspar marchou, tanto mais quanto o gigante aplicou-lhe um formidável ponta-pé, que o abalou...

...mais do que a noticia da morte da senhora sua sogra, D. Hermina. Seguiu o tio Gaspar, segundo a ordem recebida, e deixou o guarda estarrecido e a perder de vista. Em três passos, o "Homem Ventania" havia feito...

...600 metros, e não tardou que desaparecesse no horizonte. Um minuto depois, passava êle pelo automovel mais rápido do reino do rei "Chuchú", que andava, realmente, 100 quilômetros por hora (ou 50 por meia hora). Depois, continuando a indizivel carreira, atirou...

...fóra da estrada uma pobre que vinha vender uma duzia de ovos, das suas unicas três galinhas que possuia. Finalmente, como fizesse uma curva muito forte...

...êle mesmo cuspiu-se a si para fóra do caminho, foi bater em cheio contra uma arvore, que, si não gemeu, foi porque era arvore e não tinha boca.

Foi um choque terrivel. Mas, era tão feliz, esse tio Gaspar, que não quebrou nem uma costela. E, com o estremeção, caiu o barbante do nariz.

E agora?!... Agora, tinha êle de andar com a velocidade de uma lesma. — "Tenho de andar como um caracol!" — pensou, o pobre tio Gaspar; e, mal pensou, eis que lhe aparece...

...o carocol: — Venho servir-te de montaria, si queres, disse-lhe a lesma. Gaspar, que já não era ventania, aceitou, e assim chegou em casa, onde a tia Ursula o recebeu muito mal.

CONTO DE
Lourdes G. Silva

O Palhacinho Amarelo

Era do tamanho da mão de uma criança, não mais. A bôca aberta no riso mais alegre que já se viu, e das orelhas de pano pendiam guizos; guizos que se multiplicavam por tôda a sua roupagem amarela, tão engraçada. Não havia na loja quem não gostasse do palhacinho. Ria de tudo e sempre, virava cambalhota, cantava quadrinhas espirituosas, e nunca se queixava da vida. Os olhos, esses, ninguem os via bem porque viviam semicerrados, pequenos e escuros eles eram, e alguns veteranos do bazar diziam que ali se refletia apenas malicia e alegria, tudo que havia na almazinha feliz do palhaço amarelo.

A noite, quando o dono da loja saía, depois de conferidas as contas, e tudo ficava silencioso, os brinquedos tomavam vida, e vinham conversas, confidencias, e cada um com a sua história, seus passados, seus desenganos e sonhos. Como os bonecos adultos, de carne, que passavam lá fóra, e olhavam o bazar com indiferença. Uma Maria Antonieta de luxo imaginava conquistas grandiosas, fálava de um principe russo que fôra seu noivo e se atirára da última prateleira da loja porque a surpreendêra falando com um bebê de feltro; essa Maria Antonieta era bonita, ambiciosa e sem alma, e todos a admiravam, uns com inveja, outros com desdém. O holandês da caixa quadriculada era filósofo; passava os dias chupando o cachimbo e apreciando a vida, sem participar das palestras. Em segredo, nutria uma grande ambição, ou melhor um grande sonho impossivel, que era ver cousas novas, conhecer novos mundos diferentes, mares, céus, horizontes amplos. O desejo era grande, mas o seu bom senso tambem, e de mistura com o sonho vinha o tédio de saber tudo utopia, preso como estava á sua caixa branca-preta; desse tédio é que formára a sua filosofia. Os olhos aguados e azues não tinham a menor expressão, o que desesperava a apaixonada Colombina, sua vizinha, tagarela e novidadeira como quê. Havia o Arlequim, sujeito pacato e conformado, que se juntára á não menos pacata e conformada Baiana Rosa, que lhe dava muitos doces de sua terra. E o chinês, que se derretia todo quando a hespanhola morena cantava boleros.

Havia, inveja, traição, tudo em dóse menor, é claro, que lá fóra, com os humanos, mas na mesma intensidade. Só o palhacinho não tinha história. Pelo menos não que se conhecesse. A Pompadour, qué gostava de saber tudo, tentou, de inicio arrancar-lhe uma confissão, lançou iscas, mas nada pegou. Ele viéra da fábrica para o bazar, num caminhão com outros bonecos. Aventuras? Não, não as tivéra.

Desilusões, tampouco. Era um palhacinho venturoso. Tinha um nome, isso sim. Paulinho. O empregado da fabrica, um rapazote sardento e bom, fôra o seu padrinho. Nome bonito, esse: Paulinho. Mas sem nenhuma sugestão romantica. A pompadour desistiu, e concordou em que era tolice imaginar cousas. Logo de inicio, todos gostaram dele, Ouvia todas as lamurias com atenção, e sabiamente não dava conselhos, era gentil com todos, espirituoso, galante. Enfim, o tipo exato de que todos gostam: risonho e inconsequente.

A pianista de negro, feita de madeira, que ficava na prateleira de cima, achava que ele gostava dela. Pretenciosa e romantica essa pianista magriça. Ele gostava era de sua musica, do som bonito daquele piano envernizado, som de sinos batendo e campainhas gritando. Tudo harmoniosamente adaptado para os seus ouvidos de boneco.

Quando ia chegando o fim do ano, apareceram na loja os primeiros velhinhos do Natal: São Nicoláu, Vovô Indio e o queridissimo Papai Noel. Este vinha de arminho na gola e nas

mangas, capuz encarnado, botas envernizadas. Foi um alvoroço. Cada qual fazia seus planos, aprimorava seus sonhos, antegozando mudanças e novos rumos ás suas vidas algo massantes, cobertas de pó como estavam, naquelas prateleiras escuras. Papai Noel fez-se amigo de todos, logo de inicio. Cumprimentou galantemente a curiosa Pompadour, elogiou, no velho estilo já fóra de moda mas tão adoravel, os olhos de estrela de Maria Antonieta, e o riso garoto de Colombina; carregou no seu trenó puxado a renas os moleques amarelos, conquistando a amizade do chinês velho; gabou os doces da Baiana, e foi nessa intimidade risonha que lhes confessou o seu poder. Por um dom divino, podia ver a alma de todos os bonecos, até dos humanos. Bastava um olhar, um só, e podia dizer com segurança se estava diante de um santo ou de um criminoso, de um ingenuo ou de um sábio ou poeta.

— Todos vocês têm, em si, um maquinismo delicado, que regula suas emoções. Em uns, é tão fragil, que a menor desilusão póde destrui-lo. Os homens, esses bonecos que vemos passar, lá fóra, dão-lhe o nome de Coração — explicou um dia aos moradores do bazar. E o palhacinho amarelo ouvia-o sorridente. — Quando atingido por um sentimento forte, ele se descontróla, e trabalha mais rápido ou mais vagaroso, gerando a alegria ou a tristeza.

Colombina ficou curiosa.

— E como se póde vê-lo?

— Pelos olhos, por um processo todo meu —

Papai Noel fixou-a com malicia.

— Quer saber do andamento do seu? É normal, um tanto apressado, ás vezes, quando ri, e sem grandes mudanças. É mais sólido que o comum.

A Maria Antonieta, vaidosa como sempre, tentou a experiencia, e riu quando o velho contou-lhe que possuia um aparelho de substancia gélida, tão resistente ao amôr como ao sofrimento. Depois, todos os outros vieram tambem. Apenas o palhacinho amarelo não se chegou. Nada queria saber.

— Para quê? Todos vocês já sabem que sou um boneco feliz, alegre e risonho, não sabem?

Mais para perto das festas, começaram a aparecer fitas de seda, celofane, flôres, distraindo os brinquedos do bazar. Agora, as portas fechavam-se mais tarde, e eles viam quando as luzes da cidade eram acezas. Gostavam daquilo, e amontoavam-se á borda da prateleira para apreciarem bem. Era como se o sol estivesse se desfazendo, para além das nuvens, onde seus olhos não podiam ver, e gotinhas de sua luz estivessem pingando sôbre a cidade, formando desenhos engraçados, tão maravilhoso. Maria Antonieta sonhava em possuir um colar como aquele, as gotas luminosas num cordão tão belo, enfeitando-lhe o cólo branco, e os bonequinhos chinêses queriam ir busca-las para brincar, áquelas bolinhas de luz.

Foi numa dessas tardes, que o palhacinho amarelo, o Paulinho, se aproximou de Papai Noel, sem nota-lo. Seus olhos de costume velados estavam bem abertos, deslumbrados, e foi a exclamação do velhinho milagroso que o sobressaltou.

— Que foi?

— Os seus olhos, Paulinho! Os seus olhos!

— Que há com eles?

Estava risonho, e o olhar escondido outra vez.

— Viu-lhe o coração, Papai Noel?

A pianista de negro desconfiára isso porque ouvira dizer que o coração só póde ser visto através os olhos de seu dono —

A noite, mais tarde, quando todos se distraiam com as graças do palhacinho, ela veiu encostar-se ao velho Noel pensativo.

— Que há com os olhos dele?

— Nada. E que direito você acha que tem para sabe-lo?

Aqueles dedos dela, longos, amarelados, deram uma corrida sôbre o teclado do piano, e ela confessou na sua voz dura de boneca feia.

— Eu gosto dele, Papai Noel. Antes dele vir para cá, as horas passavam lentas como séculos, e eu estava presa ao meu piano... — Arpejou um acorde longo, que ficou errando no canto silencioso da loja — Eu esperava muito da vida e da arte; esse o mal dos que sonham demais. Por que será, Papai Noel, que a beleza está sempre no que não podemos alcançar?

— Depois, ele chegou. No começo, era um boneco como os outros, apenas mais alegre e divertido, que todos gostavam. Depois, a sua voz risonha foi tomando sons diferentes, para mim, o córte rasgado de sua boca foi-se tornando querida, e... fiquei gostando dêle.

— Por que me diz isso, filha?

A boneca romantica apertou com força as mãos enrugadas do bom Noel.

— Há qualquer cousa nele que não compreendo. Nos seus olhos, nas suas gargalhadas, não sei. O senhor sabe, porque viu seu coração, não foi? Gostaria de poder auxilia-lo porque gosto dêle...

Papai Noel fez a boneca silenciar. Ela era uma boneca sincéra e boazinha mas nada disso adiantaria para o palhacinho amarelo, que ria, ria, cantava e dançava do outro lado do bazar.

— O seu coração trabalha ás avessas.

— Que?

— Houve um engano, por certo, ou fizeram alguma maldade com ele. Seu coração trabalha ás avessas.

A pianista arregalou os olhos para aquele mistério. E Papai Noel continuou falando.

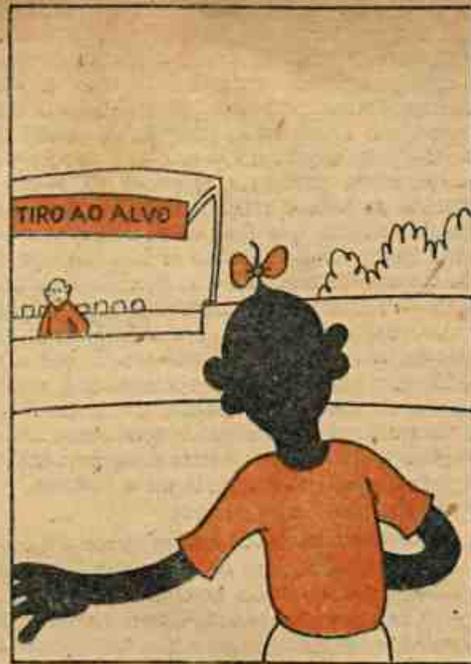
— Quando o coração está alegre trabalha rápido e produz o riso ou o canto; quando triste, arrasta-se penosamente, e daí vêm as lágrimas.

— Então...

— O coração do palhacinho amarelo, do feliz Paulinho, como vocês o chamam, foi traiçoeiramente modificado por algum operario cruel.

Isso é uma desgraça, e ele deveria viver chorando, mas o maior sofrimento que lhe deram foi inverter o serviço de seu coração. Ao invés de se expandir em lágrimas, quando mais triste ele se torna, quanto mais lento, mais risos e alegria ele provóca. Esta lição, minha filha, não deve ser esquecida. Não julgue nunca ninguem pelas aparências. Para julgar, procure sempre conhecer bem a alma das pessoas!

RÉCO-RÉCO, BOLÃO e AZEITONA
por Luiz Sá
RIO — 47

AZEITONA, O BOLÃO RECEBEU DO TIO ANASTÁCIO, DOZE CRUZEIROS E DISSE QUE NÃO NOS DARIA NEM UM CENTAVO.
AQUELE GORDUCHO NÃO PASSA DE UM "PÃO DURO

TIRO AO ALVO

RÉCO-RÉCO, TRAGA A SUA ESPINGARDA DE BRINQUEDO, QUE EU TIVE UMA ÓTIMA IDÉIA PARA DAR-LHE UMA LIÇÃO.
ESTOU COM VOCÊ!

BOLÃO, VOCÊ QUE É METIDO A BOM ATIRADOR, CONSIDERE-SE DESAFIADO PARA UMA PROVA DE TIRO AO ALVO.
ACEITO AGORA MESMO...

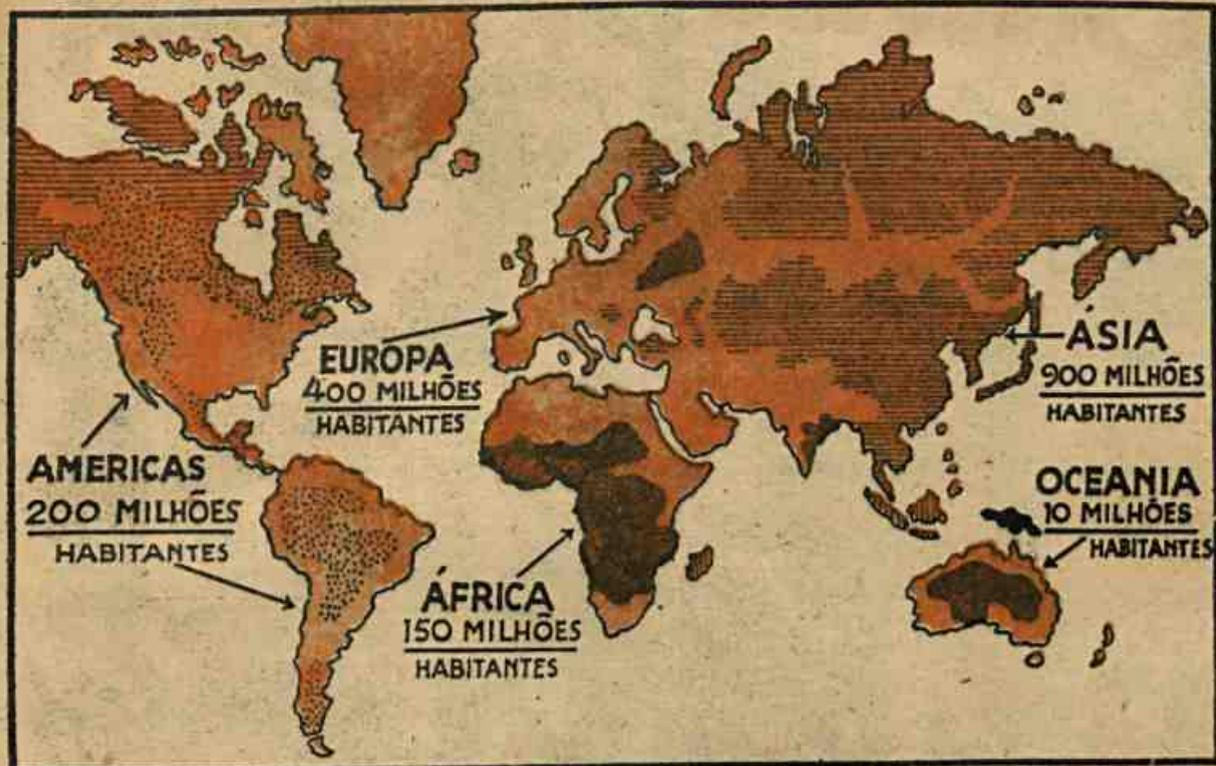
A PROVA CONSISTE NO SEGUINTE: POR TÔDA LATA QUE EU DERRUBAR, VOCÊ ME PAGA DOIS CRUZEIROS E VICE VERSA.
ESTÁ CERTO

DEZ MINUTOS DEPOIS
VOCÊ HOJE ESTÁ SEM SORTE, BOLÃO. NÃO CONSEGUIU DERRUBAR NENHUMA LATA; COM ISTO, EU QUE DERRUBEI TÔDAS AS QUATRO, GANHEI OITO CRUZEIROS!

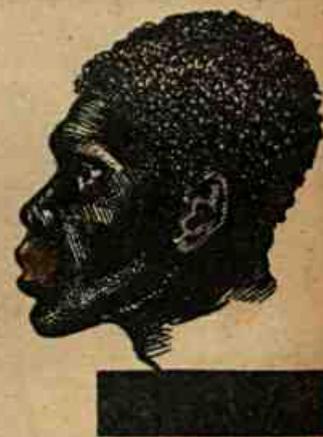
BEM, AGORA COM OS QUATRO CRUZEIROS QUE ME RESTAM, VOU COMPRAR UM LIVRO DA BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO
ESPERE AÍ, BOLÃO, QUERO MOSTRAR-LHE UMA COUSA...

BOLÃO, VOU CONTAR-LHE A VERDADE. TÔDA VEZ QUE EU ATIRAVA, O RÉCO-RÉCO QUE ESTAVA ESCONDIDO ATRÁS DO MURO, DERRUBAVA A LATA VISADA, AO PASSO QUE, QUANDO CHEGAVA A SUA VEZ, ÊLE, QUE CONHECIA A SUA BOA PONTARIA, POR VIA DAS DÚVIDAS, SEGURAVA BEM AS LATAS. AQUI ESTÃO OS SEUS OITO CRUZEIROS; QUERÍAMOS APENAS DAR-LHE UMA LIÇÃO.
OBRIGADO, AMIGOS! ESTA LIÇÃO ME SERVIU MUITO BEM. EM VEZ DE UM, AGORA VOU COMPRAR TRÊS LIVROS PARA NÓS!
ORA MUITO BEM

AS RAÇAS HUMANAS

E SUA DISTRIBUIÇÃO PELOS CONTINENTES

A população da Terra, que tem crescido bastante, consta hoje de mais de um bilhão e seiscentos milhões de individuos de varias raças

Raça Branca ou Caucasica. Raça dominante do mundo. Habita a Europa, partes da Asia, Africa e Australia.

Raça Mongolica ou Amarela. Habita quasi toda a Asia

Raça Preta ou Etiópica
Habita a Africa, Sul da Asia e a Oceania

Raça Malaia ou Azeitonada. Habita o Sul da Asia e a Oceania.

(Da coleção SETH)

Raça vermelha — habita as Americas

Indio sul-americano — *Indio norte-americano*

A BONDADE PREMIADA
Certo dia, no reino encantado das Fadas, houve um grande alvoroço, com a notícia de que a Fada Rainha decidira abrir um concurso, para premiar aquela que mais se distinguisse.
A cada uma das concorrentes devia ser indicada uma planta do Bosque Azul, e ela, por meio dos poderes da sua varinha mágica, devia atribuir aos frutos da planta uma virtude especial, para benefício da Humanidade.
Leite de Colonia
STUDART & Cia
PARA O EMBELEZAMENTO DA MULHER
LABORATORIOS LEITE DE COLONIA STUDART & Cia
MANAOS - RIO
O reboliço entre as Fadas foi enorme. Cada qual, recebendo a sua planta, tratou de imaginar a virtude ou qualidade que lhe devia atribuir. Êste deveria ser o fim principal do torneio.
No dia do encerramento, tôdas as Fadas vieram trazer ao Conselho da Côrte os resultados dos seus estudos e trabalhos. Cada qual se esforçara mais, e estavam todas esperançosas.
Quando chegou a vez da meiga Marilena, a pobre fada se aproximou do Conselho cabisbaixa e triste, e disse que, apesar de todos os seus esforços, nada tinha podido conseguir.
"Desclassificada" — foi a sentença do Conselho. Nêsse instante, porém, a Rainha das Fadas pediu a palavra e assim falou: — "Não devemos cometer com esta concorrente tão grande injustiça. Sei, porque tudo vi...
... que a meiga Marilena esteve ocupada em auxiliar uma pobre pastora, que a ela recorreu, preparando, com certas flores maravilhosas, um liquido com o qual a moça recuperou a beleza da pele, que por algum tempo havia perdido.
Macerando as flores e fazendo com elas um incomparável preparado, a boa fada descobriu o "Leite de Colonia", que está destinado a ser um benefício para a Humanidade. O prêmio, pois, deve ser dela!
E foi assim que surgiu no mundo o afamado "Leite de Colônia", hoje universalmente usado e querido, que cura afecções da pele, tira manchas, aformoseia e alisa a cutis, e é o preferido por todas as mulheres.

A PONTE DE Estrelas

DIZIA, à Mãe, um menino,
de olhinhos postos no ar:

— Naquêle cordão tão fino
de fumaça, hei de ir subindo
sem parar...
e irei assim
até os Céus!
E assim
chegarei a Deus! —

A Mãe sorria
sem lhe falar.
E o menino então dizia
pondo os olhinhos no mar:

— Irei por essa água afora,
toda a hora a navegar,
até la longe...
onde a aurora encontra o mar...
E assim chegarei a Deus. —

A Mãe de novo sorria,
sorria sem replicar.
E o menino então dizia,
a olhar os cimos, a olhar:

— Subirei por êsse monte
ao alto, onde no horizonte
parece mesmo tocar...
E irei assim até os Céus,
e assim chegarei a Deus! —

E, junto à Mãe, que sorria
a meditar,
repetia:

— Mãe, não poderei um dia
a chegar? —

A Mãe, tomando-o nos braços,
beijou-o enfim.
E, apontando-lhe os espaços,
falou-lhe assim:

— Não, meu filhinho.
Teus sonhos não podem ser.
Nenhum dêsses é o caminho
que ao Paraiso vai ter.
Não é la no alto do monte,
nem no fim do mar, defronte,
nem nas nuvens do horizonte
que os Céus de Deus, certo,
estão.
A estrada
desejada
para lá
passa mais perto:
começa no coração.

Se tu fores piedoso,
simples, leal, caridoso,
se tiveres a alegria
de sofrer e perdoar —
verás um dia,
meu tesouro,
do azul baixar
a ponte de estrêlas de ouro
que vai da terra até os Céus,
que vai de nós até Deus.

MURILLO ARAUJO

O TESOURO do RIO dos PEIXES

por JURACY CORREIA — Ilustrações de Luiz Sá

LAÔ e Paô eram dois meninos chineses, muito amigos, a-pesar de pertecerem a classes diferentes. Laô era filho de um rico mandarim, e Paô era filho de um pescador muito pobre. Certo dia os dois estavam pescando na beira do rio, quando Paô pegou uma sardinha muito pequena.

— Esse peixe não vale nada, disse Laô. . . . . . .

Como não serve para comer, vamos botá-lo num aquário para brincar com êle.

— Não, respondeu Paô. Se êle não serve para nós, deve servir para os pais dele, coitado. E jogou o peixinho dentro dagua outra vez.

Nisto um peixe pôs a cabeça fora dagua, e falou, com grande espanto dos meninos: "Eu sou o rei das sardinhas, Paô. Você salvou um meu súdito, e eu vou premiá-lo pela sua ação. Pode pedir o que quiser que será atendido no mesmo instante."

— Eu e meu pai quasi sempre passamos fome, disse Paô. Porisso, senhor rei das sardinhas, eu gostaria que o senhor nos desse muito pão.

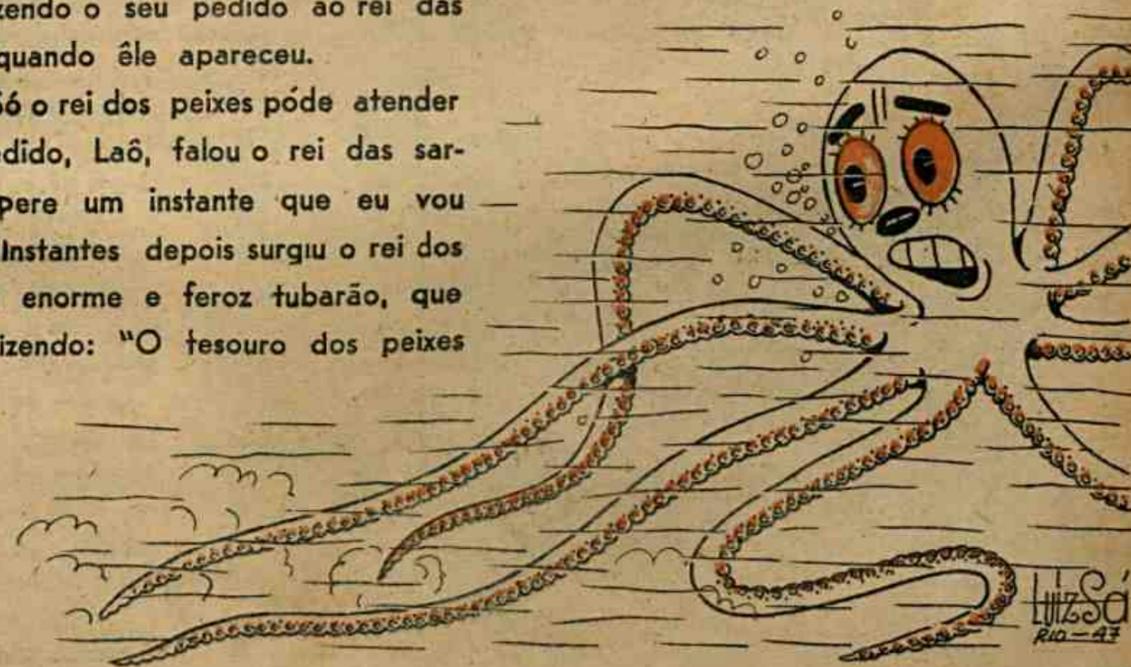
— Fique descansado, que nunca mais vocês terão falta de pão, respondeu o peixe, desaparecendo logo depois.

No mesmo instante apareceu um enorme pão nas mãos de Paô, quentinho e cheiroso, recheiado com frutas secas. Paô partiu o pão para dividir com o seu amiguinho, e qual não foi o seu espanto quando os pedaços tornaram a crescer, voltando a ter o mesmo tamanho que dantes. Intrigado com o fato, êle partiu o pão novamente, e cada um dos pedaços transformou-se num pão inteiro, com recheio de cremes e geleias.

Vendo aquilo, Paô ficou muito contente, porém Laô, que era ambicioso, disse-lhe em tom de censura: "Você foi um tolo. Em logar de pedir pão, você devia ter pedido ouro, e agora estaria rico." E como, além de ambicioso, era muito invejoso, decidiu pescar uma sardinha e exigir do rei das sardinhas que lhe desse muitas jóias e pedras prociosas. Pouco depois êle pegou uma sardinha, que jogou dentro dagua, fazendo o seu pedido ao rei das sardinhas quando êle apareceu.

— Só o rei dos peixes póde atender ao seu pedido, Laô, falou o rei das sardinhas. Espere um instante que eu vou chamá-lo. Instantes depois surgiu o rei dos peixes, um enorme e feroz tubarão, que foi logo dizendo: "O tesouro dos peixes é todo seu, Laô. Mas êle está no fundo do mar, e o melhor é você mesmo ir buscalo." Assim que acabou de falar, o tubarão deu um grande salto e apanhou o menino, desaparecendo com êle no fundo das águas.

Até hoje ninguem teve mais notícias de Laô, embora haja quem diga que êle foi transformado em polvo, e que com os seus oito tentáculos vive revolvendo o fundo do mar, em busca do tesouro do rei dos peixes.

Quanto a Paô, graças ao pão que não se acaba, nunca mais êle e seu pai passaram fome, e até puderam ajudar aos necessitados, vivendo contentes o resto de seus dias, certos de que mais vale ser pobre e feliz, do que ser rico e viver dominado pela ambição e pela inveja, os dois mais feios sentimentos, que todos os meninos devem evitar se quiserem levar uma vida alegre e feliz.

O Poço Mágico

OS irmãos Rosinha e Raul iam a caminho da escola muito apressados quando encontram sua amiguinha Gracinha, que parecia estar muito contente.

— Amanhã é o dia do aniversário de minha mãezinha. — disse a menina — Virão à minha casa muitas amiguinhas para tomar chá e eu vou presentear mamãe com um lindo colar de contas verdes que combina com seu vestido novo.

Rosinha olhou para Raul e os dois suspiraram:

— Isso é muito bonito — falou Rosinha — Nossa mãe também fará anos muito breve e nós não lhe poderemos dar um colar, porque não possuimos tantas moedinhas como tú.

...... Gracinha, que tinha bom coração, logo se entristeceu por pensar que os dois irmãos não poderiam presentear sua mãe; de repente começou a rir e depois falou:

—Tenho uma idéia! Por que vocês não vão até o "poço mágico" e pedem alguma coisa para dar de presente à sua mamãe?

Os irmãosinhos sorriam diante da idéia da menina, porque êles não acreditavam muito em "poços mágicos".

— Oh! vão, por favor! — insistiu Gracinha; — eu sei que existem fadas perto do poço e eu já fui lá uma vez pedir um favor e o consegui.

Os dois irmãos não puderam conter o riso, mas para agradar à menina Raul disse: — Está bem, Gracinha, nós iremos ao poço amanhã. Nós to prometemos.

E assim fizeram. Num sabado muito cedo os dois me-

ninos seguiram o caminho que levava ao bosque, onde estava o "poço mágico." Este era muito velho e estava coberto de hera.

— Que pediremos? — perguntou Rosinha.

— Si desejarmos a mesma coisa as fadas nos concederão o que pedirmos.

— Assim o espero — disse Raul sorrindo — Creio que o melhor seria pedir um colar de contas: tôdas as meninas gostam de colar e me parece que as mães também.

Então, chegaram perto do poço, juntaram as mãos e fechando os olhos fizeram seu pedido. Depois abriram os olhos e olharam para dentro do poço.

— Tinha vontade de saber si as fadas vivem realmente aqui dentro — começou a falar Rosinha, mas Raul interrompeu-a mostrando-lhe com o indicador uma coisa que havia dentro do poço. Rosinha olhou e viu pendurado na hera, um pouquinho caído para o fundo, um colar de pedras.

Com um galho de árvore conseguiram tirá-lo com cuidado. Era um colar de contas verdes.

Estão muito bem os desejos e as fadas — disse Raul, — mas alguem deve ter perdido este colar que parece ser de muito valor. Além disso eu não acredito no poço mágico, e só vim aqui para não desagradar Gracinha que tanto insistiu para que viéssemos. Os contos de fadas são muito lindos, mas já não estamos naqueles tempos em que essas senhoras andavam pelo mundo favorecendo as pessoas infelizes. Lembras-te que mamãe sempre nos diz que isto tudo eram lendas em que não deviamos acreditar muito, e que as fadas, os gigantes e os anões foram inventados para distrair os meninos?

— E' verdade — disse sua irmã. —

— Mas, e êste colar?

— Nós o entregaremos à polícia. E' lá que se costuma entregar os objetos perdidos. Talvez até se encontre lá o d[illegible]o dele — disse Raul muit[illegible] resoluto.

E assim fizeram. Foram à polícia e entregaram o "achado".

O comissário ficou muito satisfeito em receber o colar. Disse aos meninos que a dona era a senhora Branca e que tinha uma boa recompensa para aquele que enconfrasse a joia . . .

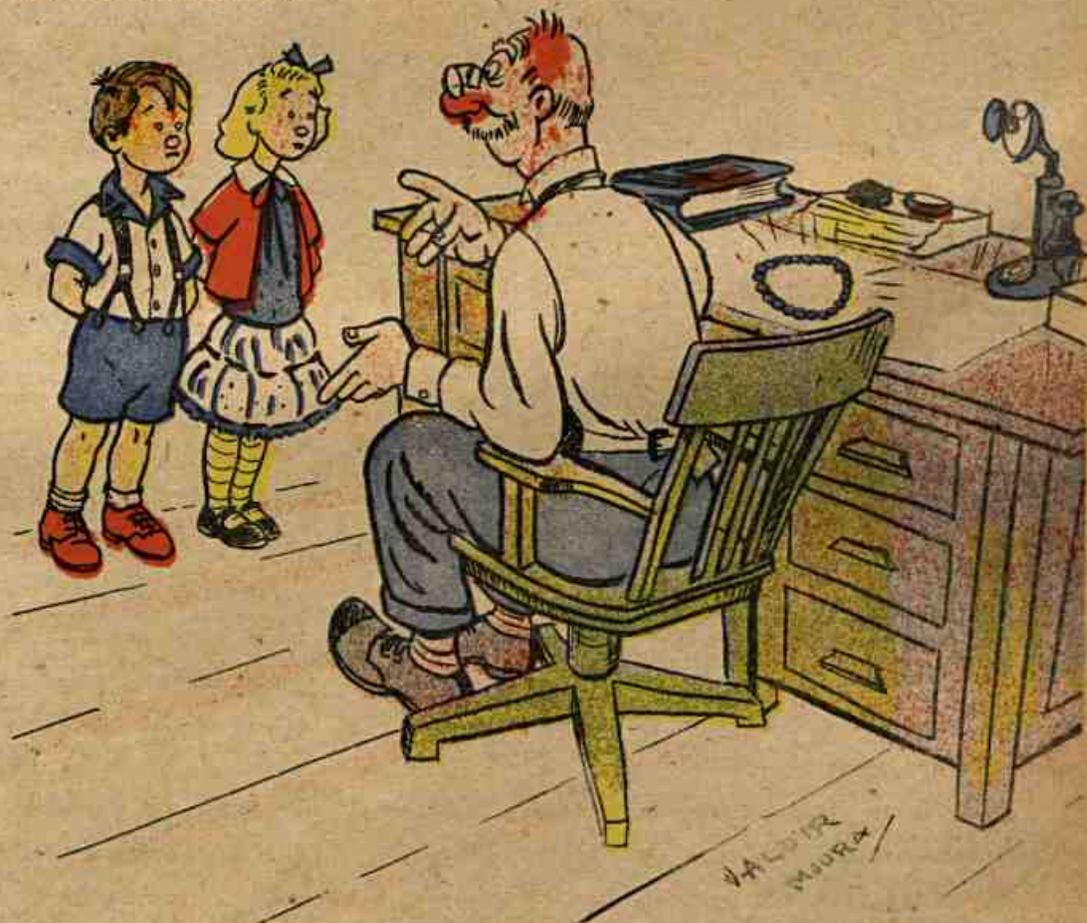
— Vejo — disse o comissário — que vocês são bons meninos, uma vez que não pensaram em ficar com o que não lhes pertencia. Irei felicitar sua mãe por ter filhos tão ajuizados e também contarei às suas professoras para que contem em aula esta boa ação praticada por vocês, para que isto sirva de exemplo aos outros alunos.

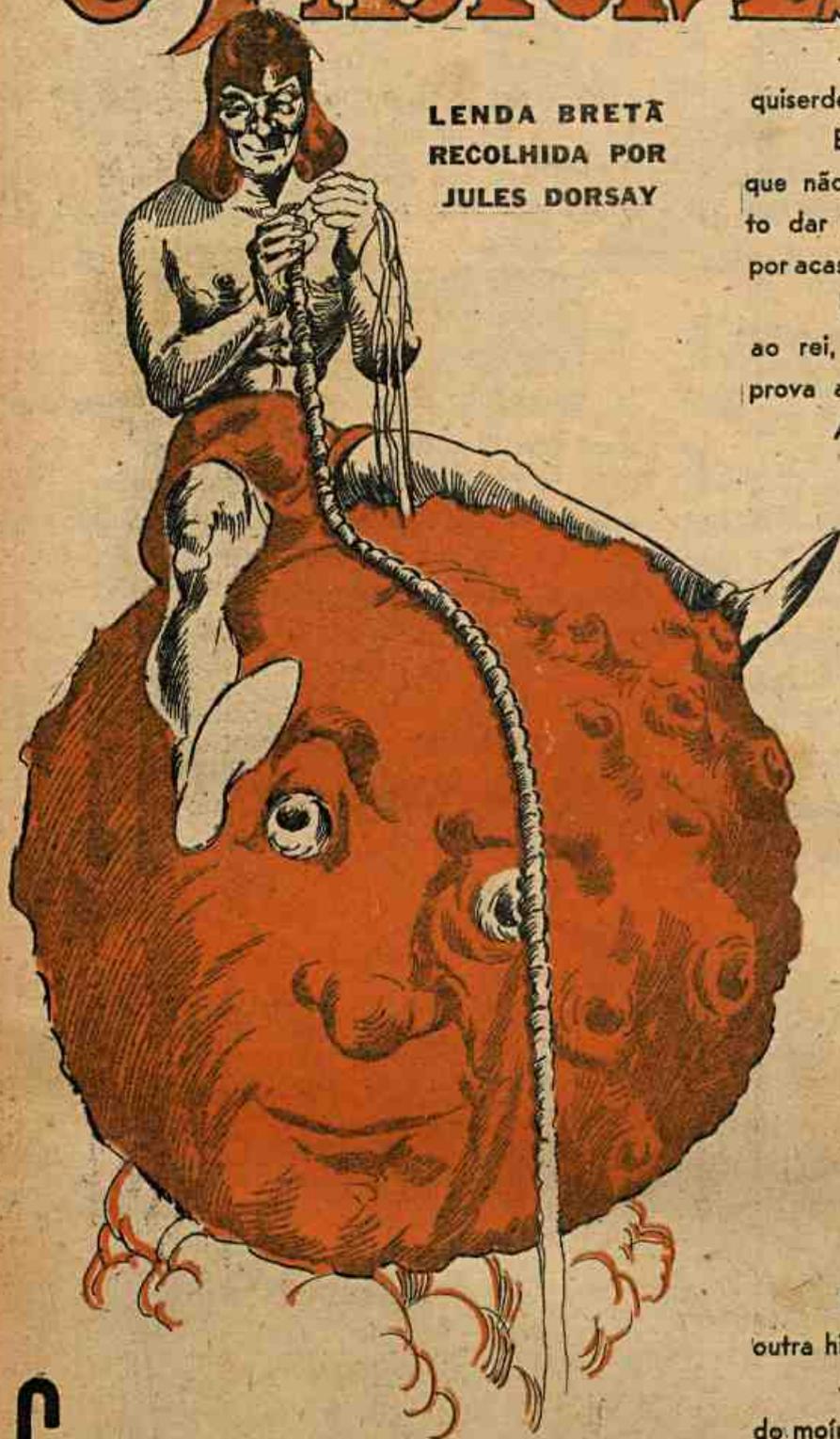
Rosinha e Raul ficaram muito alegres e satisfeitos.

Naturalmente os meninos receberam o prêmio que mereciam e realizaram seu ardente desejo, comprando um lindo colar para sua mãezinha.

— O melhor presente que um filho pode dar a sua mãe — disse-lhes a senhora, — é portar-se bem e estudar muito, porque tôdas as mães querem para os filhos completa felicidade.

— Então não gostaste do colar? — perguntou Rosinha.

— Gostei muito, porque êle é o prêmio de uma boa ação dos meus filhos. E estou certa de que vocês serão sempre bons e estudiosos. Só assim serão queridos de todos.

O PASTOR ESPERTO

LENDA BRETÃ
RECOLHIDA POR
JULES DORSAY

Certo rei, que tinha uma profunda aversão à mentira, via se obrigado, continuamente, a desmentir, na presença de estranhos, as pessoas de sua côrte, que narravam casos espantosos.

Ora, êsses desmentidos deixavam em situação embaraçosa os mentirosos. E o rei, que tambem amava seus súditos, resolveu, para não envergonhá-los, nunca mais desmenti-los. E disse-lhes:

— De agora por diante, podereis contar o que quiserdes.

Eu vos ouvirei sem protesto. Para mostrar-vos que não me afastarei dessa decisão, eu vos prometo dar em casamento a minha filha àquele que eu, por acaso, desmentir.

Um pastor esperto, que se achava próximo ao rei, ouviu a promessa e jurou a si mesmo pôr à prova a palavra do monarca...

Algum tempo depois, o pastor, conseguindo aproximar-se do rei, que já era velho e tolerante, contou:

— Eu estava no bosque, outro dia, quando avistei uma lebre que corria velozmente em minha direção sem me ver. O que eu trazia à mão era uma bola de resina. Eu a arremessei contra a lebre com tôda a força. E a bola caiu bem na cabeça do bicho. Acontece que outra lebre corria em direção contraria. E os dois bichos se chocaram. Resultado: a bola de resina os colou de tal maneira que eles não puderam fugir. Então eu, calmamente, agarrei as duas lebres. —

Fez uma pausa, examinou a fisionomia de espanto do monarca e perguntou:

— Que diz Vossa Majestade sôbre êste caso?

— O caso é um pouco estranho — respondeu o rei. Mas é possivel que seja verdadeiro.

Diante da resposta do rei, o pastor aventurou outra história, ainda mais mentirosa:

— Vossa Majestade sabe que eu foi moleiro do moínho de meu pai. Para poupar o trabalho de fazer duas vezes a mesma caminhada, eu, um dia, carreguei meu jumento com tantos sacos de farinha que o animal, vergando ao peso da carga, partiu a espinha.. Sabe Vossa Majestade o que fiz? Cortei uma forquilha de madeira, coloquei-a por baixo da barriga do jumento e então aos poucos, devagarinho, com cuidado, concertei-lhe a espinha. Que acha Vossa Majestade desse meu serviço?

TRADUÇÃO LIVRE DE
JOSUÉ MONTELLO

O rei ia dizer que o pastor mentia. Mas,, lembrando-se da promessa, limitou-se a dizer:

— Esse caso é bem complicado. Mas é possivel. E depois o que foi que aconteceu?

O pastor pensou uns momentos e soltou outra mentira:

— No dia seguinte, Majestade vi uma coisa espanosa. A forquilha, que havia no corpo do jumento, estava outra vez de fora, furando a pele, e de cada ponta saia um galho coberto de folhas, mas tão grande, tão grande que se perdia no ceu.

O rei fez uma cara de espanto. E tornou a puxar pela imaginação do pastor.

— Realmente é um caso assombroso. E aí, o que sucedeu?

O pastor não se fez de rogado:

— Aí, Majestade, eu tive uma idéia: trepei no lombo do jumento, subi pelos ramos, fui subindo, até que alcancei a lua.

O rei, mais surpreendido das mentiras do pastor, tornou a provoca-lo:

— E aí o que sucedeu?

O pastor imaginou outra aventura e disse:

— Ao saltar na lua, eu vi uma porção de velhas e fiquei a olha-las com espanto e curiosidade durante algum tempo. E demorei tanto que, ao procuar o galho por onde eu tinha subido, não mais o encontrei. Como era que eu podia descer? Pensei um pouco e depois tomei uma decisão: comecei a tecer uma corda, para descer por ela. Fiz a corda, mas, para infelicidade minha, não calculei direito a distância entre a terra e a lua. Resultado: escorreguei pela corda e me precipitei pelo espaço. Caí em cima de um rochedo. E caí com tanta força que minha cabeça enterrou-se no chão até os ombros. Eu fiz tanta força para sair que a cabeça se desprendeu do corpo. Sabe Vossa Majestade o que foi que me ocorreu? Procurei uma barra de ferro para desenterrar a cabeça. Ao voltar, vi um lobo, bem perto dela, prestes a devora-la. Avancei para êle e vibrei-lhe um golpe com tanta força que o corpo do animal se desmanchou, deixando sair uma carta, em forma de rolo . . .

O rei arregalou os olhos, espantado:

— Uma carta? Que continha essa carta?

— O pastor fez um ar misterioso:

— Eu não sei se devo contar a Vossa Majestade o conteudo da carta . . .

— E por que?

— Com receio de desagradar Vossa Majestade . . .

— Eu te ordeno que contes.

— Nessa carta, vinha escrito que o avô de Vossa Majestade trabalhou como moleiro no moinho de meu avô.

O rei, irritado, ficou de pé:

— E' mentira! Tu estás mentindo miseravelmente!

O pastor esfregou as mãos, satisfeito:

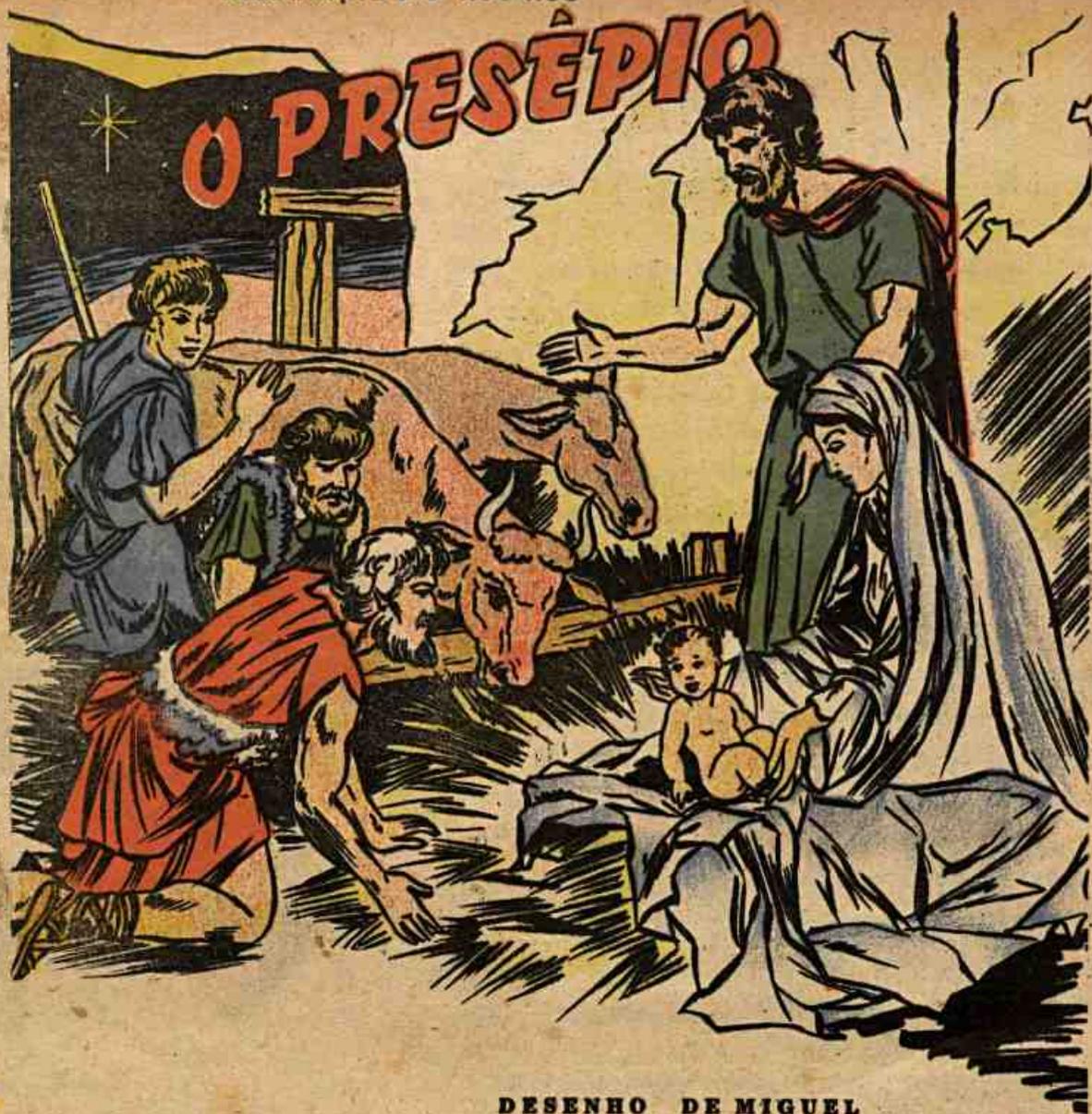
— Eu ganhei, Majestade!

— Que foi que ganhaste?

— Ganhei a filha de Vossa Majestade.

Só então o rei se apercebeu do que havia esquecido a promessa que fizera. E como palavra de rei não volta atraz, a princesa casou dias depois com o esperto pastôr . .

O PRESÊPIO

Por Sebastião Fernandes

DESENHO DE MIGUEL

A mais encantadora e delicada lembrança da infância é o presépio.

Quando criança armâmo-lo sem saber direito onde era Belém — clara cidade da Judéia, cheio de palmeiras, roseiras e figueiras. Tambem quase ignoramos quem foi César Augusto, que ordenou o recenceamento de tôda a população do Império Romano. O povo de Israel obedeceu e o carpinteiro de Nazareth, veio com a esposa até Belém para ai serem recenseados. Não encontrando lugar onde pernoitar, pois os viajantes era muitos, abrigaram-se numa velha estrebaria. E junto do boi e do burro — naquela noite nasceu o filhinho de Maria que, coitada, só tinha para cobri-lo o próprio manto. Então, como a noite era fria, os animais ficaram perto e com o bafo morno aqueceram a criancinha.

Vieram pastores, que foram os primeiros a ver uma estrela maravilhosa, cujo brilho diferente indicou o lugar.

Armamos a cena com os três Reis Magos: Melchior, Gaspar e Balthazar, tão cheios de riquezas adorando o menino pobre.

A mangedoura, a estrela, os camelos, o burro, o boi, os pastores. Arrumamos o lindo quadro mas só mais tarde conhecemos quem imaginou o que estamos fazendo.

Foi, em 1223, São Francisco de Assis.

Da Italia, onde vivia, partiu, na Quinta Cruzada, para a Terra Santa.

No navio veneziano onde ia, notou que os soldados eram pagos, os cavaleiros pensavam em proveitos, os mercadores viviam para a ambição. Eram gente perfeitamente igual à que em todos os tempos existiu, incapaz de realizar alguma coisa por uma idéia piedosa como essa de libertar os lugares santos, das mãos dos herejes.

Lutaram muito nas areias escaldantes mas o sultão do Egito e da Siria venceu os cristãos. Contudo, o terrivel Malek-Alkamil permitiu que dos vencidos um só homem visitasse o Santo Sepulcro: e esse homem simples e sem ideias guerreiras foi o pobre frade. O poderoso sultão, ouvindo o pedido do estrangeiro, tão desejoso de adorar o Santo Sepulcro permitiu que êle fôsse a Jerusalém e a Belém.

Quando voltou para as montanhas italianas S. Francisco de Assis, pelo Natal de 1223, no meio de uma floresta, construiu uma mangedoura, que encheu de palha, mandou esculpir, em madeira, as figuras da Virgem, do menino Jesus, do carpinteiro José, do boi, do burro, dos pastores, dos camelos. E as de Balthazar, Gaspar e Melchior. No alto colocou a estrela. Tudo em miniatura.

E até hoje, desde 1223, ficou o costume de armar, pelo Natal, a cena que considero a mais pura e mais bonita que meus olhos de criança contemplaram.

É PROIBIDO NÃO RIR...

— *Muito bem, muito bem. Mas, agora, vamos a saber: como é que estava o cadáver?*

— *Estava morto, seu Comissário.*

— *Eu cá sou muito sensível. Se o patrão não retirar o que me disse hoje, vou-me embora!*

— *E que lhe disse êle?*

— *Que estou despedido...*

●

— Eu, quando crescer, quero ser oculista...

— Eu, não! Pois não vês que as pessoas têm 32 dentes para tratar, e apenas dois olhos?! Vou ser dentista!

— *Só lhe convém comprar os dois, madame. O canário canta trechos de ópera e o papagaio é o locutor que anuncia o que êle vai cantar...*

●

NA TINTURARIA

— Papai mandou dizer que se o senhor tornar a passar os colarinhos dêle dêste jeito, êle vem aqui e lhe dá uma surra.

— Qual é o número dos colarinhos dêle?

— Trinta e sete...

— Então, diga-lhe que pode vir quando quiser!!

— Vou explicar-te o que é "pena de Talião". E' assim: se tu me quebras um dente, eu tenho o direito de te quebrar outro. Se tu me cortas a cabeça, aí eu vou e corto a 'ua também...

●

Um homem havia que era tão pão-duro que, tendo ido viajar, quando escreveu à mulher mandou dizer: "...e não esqueças de tirar os óculos do Juquinha, quando êle não estiver olhando nada".

●

Aquele menino era tão magro, tão magrinho, que na escola não se virava de perfil, com mêdo de que o professor pensasse que a sua carteira estava vasia!

— *Por que não cumprimentaste seu Juca, meu filho?*

— *Ora, mãe: estou sem chapéu...*

●

O PESCADOR CONTANDO AOS AMIGOS: — Outro dia fui pescar. Pesquei um peixe tão grande, mas tão grande que eu mesmo me disse assim: — Ora, também assim já é mentir demais! Que é isso?!!

— *Que idade tem o nenê?*

— *Dez meses. Mas se não tivesse passado tanto tempo deitadinho, já teria um ano!*

— *Quanta água! Não é maravilhoso?*

— *Claro! E repare bem que a gente só vê o que está em cima! Em baixo tem mais...*

— *O senhor disse que o cãozinho era bom para ratos... E até hoje não matou nem um!*

— *Claro! Claro! Por isso eu disse que era bom para êles: não lhes faz mal algum!*

●

— Não te envergonhas de estar fazendo carêtas para êste bull-dog? — perguntou a mãe ao menino.

— Foi êle quem começou! — disse o garôto. — Olhe só! E ainda está fazendo!!

— *E que devo fazer para que êle me acorde tôdas as manhãs?*

— *É só dar uma sacudidéla nêle, e êle toca...*

●

A menina aproximou uma rosa do nariz da mamãe e perguntou:

— Está cheirosa?

— Cheire-a você mesma — respondeu a senhora.

— Não posso — disse a menina. — Estou resfriada e meu nariz está surdo...

O ORADOR

Um orador inglês tinha o horrível costume de introduzir frases, e até parágrafos inteiros, de discursos de outras pessoas nas suas orações, fazendo-as passar por seus.

Em certa ocasião estava êle falando perante numerosa assitência quando, depois de dizer uma frase, que causou grande efeito no público, um velho, que estava na primeira fila, lhe gritou: — Esta frase é de Sherlock!

O orador franziu o cenho, ante a interrupção, mas, fingindo não ter ouvido, continuou seu discurso.

Instantes depois, tendo pronunciado outra frase enxertada no discurso, frase que provocou aplausos no auditório, o velho tornou a levantar-se e exclamou:

— Isto é de Tulotson!

O orador mordeu os lábios, contrariado, fez uma pausa, mas continuou a falar.

E não demorou a ser interrompido outra vez pelo ancião, com um sonoro terceiro protesto:

— Isto é de Blair!

Aquilo encheu as medidas do orador deshonesto, e êste, fóra de si, avançou e, dirigindo-se ao velho, disse-lhe, gritando:

— "Se o senhor não se calar, será expulso do salão! Idiota! Imbecil! Impertinente! Ignorante!"

E, quando se calou, depois de ter proferido uma porção de frases de baixo calão, chingamentos e pragas, ouviu-se novamente a voz calma do ancião, que disse apenas:

— Ah! Isto, sim! Isto, agora, é seu mesmo...

— Mamãe, como é que se escreve saxofone?

— Ora, meu filho! Saxofone não se escreve; toca-se!

ERVA MATE

A erva mate (Ilex paraguaiensis) não só é nativa da América do Sul mas encontra aí o seu maior consumo, principalmente no sul do Brasil e nos países do Prata.

O mate, planta sempre verde da família das ilicínias, atinge a uma altura de 12 a 30 pés e assemelha-se um tanto à laranjeira.

Ainda não existem no Brasil extensas plantações de erva-mate, prevalecendo a prática de desbaratar a floresta e deixar em pé apenas o mate e os pinheiros. A erva mate também floresce em estado silvestre no Paraguai mas existem várias plantações.

Não resta dúvida que já vem de séculos a prática de fazer chá e outras bebidas de várias espécies do *Ilex*. Antes da chegada dos espanhois os índios utilizavam as folhas secas e pulverizadas para fazer uma bebida muito apreciada por êles. A primeira plantação efetiva do mate é atribuida aos jesuitas.

OS ENXERTOS

As plantas se reproduzem por meio de sementes. Entretanto, por processos especiais chamados de enxertia, pode-se obter que um vegetal produza frutos próprios de outro. Com um galho de laranjeira enxertado em um limoeiro, pode-se obter que todos os frutos provenientes dêsse galho e de seus novos ramos sejam laranjas produzidas no pé de limão. Ao caule de uma certa árvore pode-se juntar o caule de outra e a árvore produzirá frutos dessa outra.

Para essa reprodução artificial é necessário que as plantas tenham certas afinidades, sejam da mesma família. Não se poderia enxertar, por exemplo, bananeira em laranjeira.

Modos de ver

—Ah! Ah! Juca! Eu trouxe um tigre vivo! Olha só!!

Para viver longamente

Para o bom funcionamento de nossa circulação e do coração que é o órgão motor da mesma, é necessário moderação nos exercicios. Os esportes devem ser dosados convenientemente; o exercício e o repouso devem ser alternados.

As bebidas alcoólicas são os maiores inimigos da circulação e da digestão. O coração do alcoólico se cobre de uma substância gordurosa que lhe anula as funções, e o mesmo se dá com o fígado e outros órgãos importantes da digestão. O álcool embrutece o indivíduo e seu uso corresponde a um suicídio lento.

Os órgãos da respiração exigem cuidados especiais. A inspiração deve ser feita pelo nariz, porque no nariz há pêlos especiais para reterem poeiras e aquecer o ar antes de penetrar no pulmão.

MEDITANDO

Eu trabalho o dia inteiro,
Sem descanso, mas contente;
Ganho sempre algum dinheiro;
De ninguém sou dependente.

A mamãe, que é viúva, ajudo
Na manutenção do lar;
Vagares passo-os no estudo
E, à noite, as lições vou dar.

Com ser vulgar "engraxate"
Eu não me sinto humilhado;
Mas a ignorância me abate:
Quero melhorar de estado.

Sabem por que? Não por mim...
— A glórias não faço jus —
E bem viveria, enfim,
Do que esta escôva produz.

Dentro, porém, de alguns anos,
Ganhando mais, ambiciono
Livrar a mamãe e os manos
Da miséria e do abandono...

LUIZ GONZAGA FLEURY

A PENA DE GANSO E A CANETA

POR ZÂMARA

As gravuras antigas nos mostram sempre as pessoas escrevendo com penas de ave, porque durante largo espaço de tempo foi êsse o instrumento usado para a escrita.

Nos primeiros tempos, egípcios, assírios, romanos e gregos, quer para fazer traços sôbre os seus pergaminhos, quer para os traçar em suas pranchas, usavam estiletes, buris ou espinhos de algumas plantas. Depois, graças a uma série de peripécias, surgiu no terreno da escrita a pena de ganso, que é a que a gente vê ainda hoje nas gravuras de que falámos, nas mãos de homens severos, geralmente barbudos, de gola alta...

A pena de ganso teve seu período de reinado absoluto no século XVII. Tal como os pincéis dos orientais, ainda hoje usados no Extremo Oriente para a escrita, a pena de ganso era apreciada por ser leve e macia. Permitia fazer maravilhas e os calígrafos daquela época nos deixaram primores executados com o seu uso. Tinha, porém, um inconveniente: gastava-se muito depressa, e perdia a ponta, que devia ser aguda. Era preciso estar "fazendo a ponta" a cada momento, e acontecia que às vezes, numa dessas operações lá se ia a pena, estropeada, quando não era um borrão que estragava tôda a página.

Foi um inglês, Harrison, estabelecido em Birmingham, quem primeiro pensou em aplicar à escrita uma pena de metal. Em 1780 apresentou aos calígrafos a primeira pena metálica. Mas — como sempre acontece — só muito mais tarde, quase meio século depois a novidade seria aceita, dando ao seu inventor tanto fama como lucro. Para que tivesse êsse lucro, porém, foi preciso contar com um patrício seu, John Mitchell, que, a partir de 1822, iniciou a produção de penas metálicas em grande escala. Outro inglês, John Perry, estudou as penas fabricadas pelo seu xará e nelas introduziu certos cortes e furinhos, tão certeiros como característicos, com o que lhes aumentou a flexibilidade.

Mas acontece que os homens são tão preguiçosos que vivem trabalhando para descobrir meios de trabalhar menos. Foi por causa da preguiça de ter que molhar a pena de vez em quando, que, ainda nos tempos das penas de ganso, um alemão, ali pelo ano de 1636, imaginou a primeira caneta-fonte, que nós chamamos hoje "automática". Não obteve bom resultado, e só em 1809 outro inglês chamado Folsh pensou no mesmo problema, resolveu-o e tirou patente. As primeiras canetas-fonte eram quase como as que hoje usamos.

As primeiras penas de ouro apareceram em 1824 e as de irídio um ano depois.

Nos Estados Unidos foi L. E. Watermann quem primeiro patenteou uma caneta-fonte, e três anos depois apareceu a primeira fabricada por Parker. O tipo "automático", isto é, que se enche por si, mais tarde superado pelo sistema "vacumatic", apareceu à venda em Chicago, em 1892.

Hoje já temos canetas que levam carga de tinta para o período de um ou dois anos. Ninguém mais pensa na pena de ganso dos tempos idos. Para os nossos amigos os gansos, foi um alto negócio a preguiça dos homens...

TERRAL E VIRAÇÃO

Onde vais, vento da terra?
Donde vens, vento do mar?
Qual o segredo que encerra
Um tão constante lidar?
Ha de vós um que me diga,
Depois de tanta fadiga
Onde o vento vai parar?
Onde vais, vento da terra?
Donde vens, vento do mar?

— Eu nasci nalguma serra,
Responde o vento da terra,
Longe talvez, que sei eu!
Corre o vento... tanto, tanto,
Que não sabe onde nasceu.
Da neve por sôbre o manto
Já passei, e venho agora
A correr por aí fora,
Varrendo o pó dos caminhos,
Curvando a rama aos pinheiros
E depois, sôbre os outeiros,
Fazendo andar os moinhos,
E tendo assim caminhado,
Se depois chego cansado
Junto às praias arenosas,
Em vez de aí descançar
Levo o perfume das rosas
Por sôbre as aguas do mar!

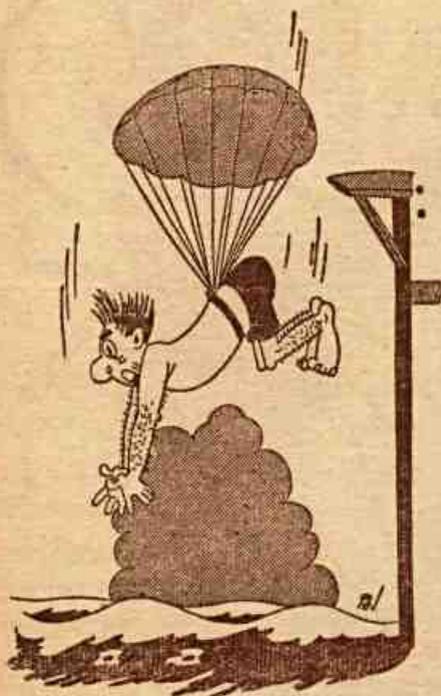
— Se o terral te não responde
Como ei de dizer-te então
Onde o meu berço se esconde,
Diz além a viração.
Eu corro do mesmo modo,
Mas no meu caminho todo,
Não há montes nem pinhais,
É sempre a mesma, essa estrada,

Um ençol de agua salgada,
Um mar sem fim... nada mais...
E como nessas campinas
Não há rosas nem boninas
Que o vento possa beijar
Eu deponho, à falta delas,
Um beijo nas brancas velas
Dos barcos que andam no mar.
E finalmente na praia
Da vaga que ali se espraia.
As asas da viração
Levam, embora cançadas,
Pelas terras abrasadas
A salina emanação!

E eis aqui como vivemos,
Ou viração ou terral
Ha tanto que nós corremos
Nunca o correr nos fez mal!
Não vás perguntar ao vento
Onde o vento vai parar,
Que êle não pára um momento,
Que o seu destino é andar.
Se a tempestade, a rajada,
Dobra um dia, de cançada,
As asas que Deus lhe deu,
Se afrouxa no giro eterno,
Torna-se em vento galerno,
Aragem, calma, e morreu!

Não vás perguntar ao vento
Onde o vento vai parar,
Quanto mais vive mais corre,
Se o vento pára... então morre,
Que o seu destino e andar!

CELESTINO SOARES

INVENTOS

Engenhoso invento para banhistas nervosos. Facilita a realização de saltos de grande altura para competições internacionais.

INSTRUMENTOS AGRICOLAS

Os instrumentos agricolas mais simples são: a enxada, o machado e a foice. Com a foice o homem roça, isto é, derruba o mato ligeiro. Com o machado derruba as grandes árvores. Com a enxada tira o capim e a vegetação rasteira, para que suas raizes não suguem o material da terra, o qual vai ser útil á nova plantação.

Derrubado e limpo o mato, é necessário cavar a terra para o plantio, o que o caboclo faz com a enxada ou o enxadão, depois de revolvê-la, para melhor colheita. Êsse revolvimento da terra é feito com a enxada na roça e, nos meios mais adiantados, com o arado e charrua, empurrados á mão ou puxados por animais. Nas fazendas modernas o arado é puxado por tratores.

Odisséia da Água

CAMPOS MONTEIRO

A água, mal desabrocha,
na montanha, a borbulhar,
diz para os musgos da rocha:
— *"Adeus, que vou viajar!"*

E desce a encosta, brincando,
de pedra em pedra, saltando,
arrulhando, sussurrando,
sobre o leito a espadanar.

E as plantas que ela alimenta
e as aves que dessedenta
rezam, ao vê-la passar:
— *"Bemdita sejas, ó Água,
que apagas a nossa fragua
e nos refrescas o ar!"* —

Prosseguindo no caminho,
corre direito ao moinho,
põe-se com êle a brincar
E diz a rocha, a gritar:
— *"O Senhor seja contigo,
licor benéfico e amigo,
que moes o pão do mendigo
e moes a hóstia do altar!"*

Chega à planície afinal,
e, doce como um afago,
suspende a marcha fatal,
descança, e torna-se lago...
E dizem as raparigas
de lábios como cerejas:

— *"Sempre nas nossas cantigas,
ó Água, bemdita sejas,
tu que fazes vegetar
os miosótis delicados
que damos aos namorados
à doce luz do luar."* —

Segue o curso; ao rio enorme
que o vale corta, vai ter;
e, serena agora, dorme,
lenta, quasi sem correr.
Mas, em impetos supremos,
o traumatismo dos remos
faz-lhe a epiderme crispar,
E dizem os pescadores:
— *"Benditas as tuas dores,
Água que vais a chorar,
Água leve e fugidia,
tu que o pão de cada dia
forneces ao nosso lar!"*

Cortando a cidade imensa
n'um torturante vaivém,
há no seu dorso suspensa
outra cidade também.
E sofre aquela baixeza!...
E do esgoto a torrente
macula a sua pureza,
torna-a escura e repelente!
E os homens dizem: — *"Bemdita
essa tortura infinita
que te faz a côr mudar,
Água profunda e sagrada,
Água que és a grande estrada,
que ao mundo nos vai ligar!"* —

Enfim, gemendo e fugindo,
entra no oceano... Desmaia,
mas logo, em ancias rugindo,
bate as areias da praia,
E, dizem as criancinhas:
— *"Água que nunca descança!
Água da côr da esperança!
Água salgada a espumar!
Deus te abençõe a virtude,
Água que dás a saúde,
Água que fazes sarar!"*

Ao sol brilhante aquecida,
ergue-se em nuvens no azul,
e, pela brisa impelida,
vai, singrando para o sul.
E já no cume da serra,
quando o frio a confrangeu,
cai em pranto sobre a terra,
volta à rocha em que nasceu.
E a rocha diz: — *Minha filha!
Mas que estranha maravilha!
Regressas hoje ao teu lar?
Nessa viagem mundo além
muito havias de penar!
Sofreste? — "Mas fiz o bem
adocei muito pesar!"* —
— *N'esta gruta socegada,
de ora avante, filha amada,
ficarás a descançar!* —
— *"Aqui não sirvo de nada!
A vida, mãe, é lutar!"* —

E ei-la que aumenta o entumesce...
marulha... infiltra-se... cresce...
pelas fendas transparentes,
como um suor, a gotejar...

A água, mal à luz desabrocha,
diz para os musgos da rocha:
— *"Adeus, que vou viajar!"* —

O vício de fumar

O fumo é planta originária da América. Antes, portanto, do descobrimento dêste Continente por Cristovão Colombo em 1492, o homem civilizado não fumava.

Ao pisarem as terras virgens do Novo-Mundo, em suas viagens de explorações, os espanhóis surpreenderam muitas vezes os índios tirando fumaça através de comprido canudo, a que chamavam "tabaco". Daí o nome próprio da planta, que entre nós mais comumente se denomina "fumo", cuja cultura no Brasil se faz em larga escala.

Conta-se que os peles-vermelhas da América do Norte conheciam os efeitos venenosos das folhas de fumo; tanto assim que embebiam em seu suco as pontas das flechas.

Tinham o hábito de as mascar, quando não as reduziam a pó, que aspiravam pelo nariz. Outras vezes, fumavam as folhas enroladas, ou então as metiam em cachimbos, que êles fabricavam.

Logo depois do descobrimento da América, o tabaco se vulgarizou na Europa, fazendo furor na côrte dos mais poderosos monarcas.

Foi o ministro francês Nicot, servindo em Portugal, que levou para sua pátria o conhecimento do fumo, razão por que se deu o nome de "nicotina" ao alcaloide que dele se extrai.

A principio, apenas se fumavam charutos ou se empregava o tabaco em pó — o célebre rapé — que era guardado em luxuosas caixinhas de ouro e prata.

Conhecidos os malefícios que o tabaco trazia aos consumidores de charutos, aos apreciadores de cachimbos e aos tomadores de rapé, reis e governantes se insurgiram contra êsses perniciosos hábitos, publicando leis em que até a pena de morte se estabelecia para os que fossem apanhados em flagrante.

Tudo, porém, em vão. O vicio criou raizes profundas e em 1870, com o aparecimento do cigarro, começou a difundir-se rapidamente pelo mundo todo. Hoje constitui um dos grandes males que depauperam e arruinam a saúde de milhões de individuos.

***

O fumo é tóxico. Dentre os venenos que nele se encontram está a nicotina, de ação fulminante. Algumas gotas dêsse alcaloide matam em poucos segundos animais como o gato ou o cão.

O uso do cigarro, do cachimbo ou do charuto, pode ocasionar disturbios respiratórios, vertigens, perturbações visuais, cefaleias ou dores de cabeça frequentes.

Em vista de tudo quanto foi exposto, perguntamos:

— Valerá a pena aprender a fumar?

É claro que não. Os meninos e os adolescentes, cujo desenvolvimento fisico se processa, jamais deverão levar à bôca um cigarro sequer, para nunca adquirir o feio, o detestavel, o ruinoso vicio de fumar.

Prof. ANTONIO DIAS PASCOAL

— *Mas, que diabo o senhor está fazendo aí?*

— *Esperando que passe a chuva...*

— *Este aqui, só se alimentava de insetos.*

— *Pobre animal! Por isso é que ficou só nos ossos!*

— *Esta é a primeira vez que o senhor monta a cavalo?*

— *Não! É a última!*

SÃO VICENTE DE PAULO

São Vicente de Paulo, um dos maiores benfeitores da humanidade, era, quando menino, guardador de gado.

Passava o dia nos campos,, ao sol e à chuva, a vigiar os rebanhos. Alguns delgiosos, conhecendo-lhe a boa índole e vocação, educaram-no. Depois de alguns anos de estudos, Vicente de Paulo tomou ordens.

Nesse tempo, seus patrícios, os franceses, eram flagelados pela guerra e sofriam as suas tristes conquências: a fome, as depredações, os roubos, os incêndios e morticínios.

Condoído das grandes desgraças que o rodeavam, o campeão de Cristo, sem medir fadigas, abrasado em amor do próximo, pelejava por amparar e socorrer as vítimas do grande flagelo.

Os poderosos multiplicavam os males: êle, humilde sacerdote, os mitigava e consolava. Os exércitos devastavam províncias inteiras; Vicente de Paulo as abastecia de alimentos e roupas. Fez reedificar as casas; proveu as mulheres de rocas e teares; os homens, de enxadas e sementes, para a replantação das terras.

Donde tirava êle o dinheiro necessário, as vultosas quantias para fazer face a tantas despesas? Tirava-o dos inexhauríveis tesouros da caridade, indo às casas dos favorecidos da corte, pedindo de porta em porta.

Naquela quadra calamitosa, viam-se muitas mães reduzidas a tal extremo de penúria que eram forçadas a abandonar os filhos.

Ficavam os inocentes às portas das igrejas e mosteiros. A maior parte morria de fome e frio.

Coração sensível, chorava Vicente de Paulo à vista dêsses quadros tristíssimos da miséria. Descoberto o mal, era preciso remediá-lo.

Ficavam os inocentes às portas das igrejas e mosteiros. A maior parte morria de fome e frio.

Coração sensível, chorava Vicente de Paulo à vista dêsses quadros tristíssimos da miséria. Descoberto o mal, era preciso remediá-lo.

Foi o apóstolo do bem procurar as suas *Irmãs de Caridade*, que, congregados por êle, se distribuíam pelos hospitais e pelas abundâncias dos campos de batalha. Pediu às dedicadas companheiras acrescentassem a essas boas obras mais uma — a proteção da infância desvalida, que sofria sem culpa.

A causa estava ganha. As piedosas Irmãs recebem os primeiros enjeitados.

Tarde da noite, exposto ao relento, bem vêzes ao frio e à neve, saí Vicente de Paulo pelas ruas de Paris, para recolher as crianças ao abandono.

Enrolava as pobrezinhas na sua manta de misericórdia e, aconchegando-se ao peito, vinha entregá-las às boas religiosas, à caridade incansável de quem sabia verter bálsamo nas feridas e fechar os olhos aos mortos.

Foi assim, pelo amor convertido em alívio para todas as dôres, que o antigo pastorzinho, enveredando cêdo pelos caminhos da virtude cristã, veio a tornar-se um dos grandes servidores da humanidade.

Maiores que o visitador de órfãos, de encarcerados e desvalidos, eram os poderosos do mundo. Maiores eram os reis que, cercados pelo prestígio ilusório da hora que passa, armavam exércitos e ganhavam batalhas.

São Vicente de Paulo não foi o maior cidadão do seu tempo. Foi o melhor. Não teve as fôrças que acutilam, despejam fogo e matam. Teve outras maiores, e mais poderosas, — as da alma, haste divina de que brotam harmonia e vida.

Com elas alcançou as vitórias que fizeram dêle um santo.

— São Guarda, eu me perdi. O senhor não viu nenhuma senhora aflita procurando um menino parecido comigo?

O JOGO DOS ANAGRAMAS

O brinquedo é divertido. Consiste em formar com tôdas as letras de uma palavra, outra ou outras que tenham um significado. Assim: Raul — Luar; rádio — odiar; sopa sapo, etc.

Quanto mais letras tiver a palavra, mais difícil será formar o anagrama. Você escreve a palavra no quadro negro e o companheiro terá que formar o anagrama e vice-versa.

Da Vida dos Grandes Homens

A velha e heróica Polonia estava em guerra. E seu rei, Sobieski, ultimava seus preparativos para partir à frente dos exércitos que armára afim de defender a independência do país.

Afinal, chegou a hora da despedida, e êle abraçou a esposa, que chorava, apertando ao peito o filho, pequenino ainda.

O rei, comovido, mas cheio de coragem, ia fazer-lhe um discurso sôbre a coragem que ela devia mostrar num momento como aquele, e perguntou, para começar:

— Minha querida rainha, por que chora? Eu...

— Choro — respondeu a rainha, cortando-lhe a palavra e fazendo-o desistir do discurso que pretendia fazer — choro porque meu filho ainda é tão pequenino, e não te póde acompanhar!

•

Gabriel D'Annunzio, poeta e dramaturgo italiano, foi uma figura verdadeiramente estranha. Era talentoso, cheio de viva imaginação, e deixou uma obra literária notável, que o imortalizou. Sofria, porém, e êle mesmo o sabia e não ocultava de ninguém, dêsse grande defeito que é a auto-idolatria, ou idolatria de si mesmo. Considerava-se único, insuperável. Ninguém, na sua opinião, era maior do que êle próprio. Tinha-se em conta de genio, e até quase deus. Adorava-se. Não admitia que alguém o considerasse inferior. Suas obras eram sempre as maiores, as melhores, e tudo o que lhe dizia respeito era sublime, formidável, grandioso, digno de ser admirado, como a sua própria pessôa.

Certa vez estava jantando em companhia de um escritor e jornalista seu compatriota, Julio Piccini, que usava o pseudônimo de "Jarro".

D'Annunzio comia mal, comia pouco e se mostrava triste, desanimado.

— Devo estar doente... — dizia. — Talvez se trate de uma indigestão...

— Com tôda a certeza — respondeu "Jarro" — o que tu tens é uma indigestão de glória. Estás cheio demais... de ti mesmo!

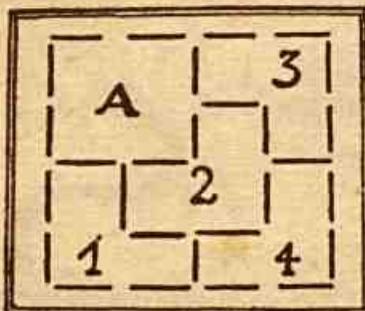
E o pretencioso, o vaidoso Gabriel D'Annunzio teve que engulir a lição.

•

OS AVESTRUZES

Ao nascer têm o corpo coberto de apêndices córneos, como as pùas do ouriço. Com dois meses, elas vão sendo substituídas por plumas cinzentas. Só depois de três anos é que as avestruzes adquirem a plumagem negra.

SOLUÇOES
dos problemas deste ALMANAQUE

OS TOTÓS MISTERIOSOS
iguais são os C e G

	13	9	5	1	28
17		10	6	2	35
18	14		7	3	42
19	15	11		4	49
20	16	12	8		56
74	58	42	26	10	

	20	19	18	17	74
16		15	14	13	58
12	11		10	9	42
8	7	6		5	26
4	3	2	1		10
40	41	42	43	44	

	20	19	18	17	74
16		15	14	13	58
12	11		10	9	42
8	7	6		5	26
4	3	2	1		10
40	41	42	43	44	

	1	3	5	7	16
9		11	13	15	[illegible]
17	19		21	23	80
25	27	29		31	112
33	35	37	39		144
84	82	80	78	76	

Os êrros estão: na moldura, no pé da cadeira, no cabo da pá, na escada sem degraus e na concha da pá.

DIALOGO DE
MARIA MARIM MARQUES

PERSONAGENS
Mariazinha, 10 anos, e
Luizinha, sua irmã, 6 anos

A AMBIÇÃO DE LUIZINHA

LUIZINHA. (*trocista*)

— Com que então, quando for uma senhora,
A minha mana espera ser doutora?!...

MARIAZINHA

— E porque não?!...
E algum crime ter uma ambição?!...
Acaso, tu não pensarás, também,
Ser, no futuro, "alguém"?
Nada ambicionas? — disse, Luizinha.

LUIZINHA

— Eu, Mariazinha?
Desejo, um dia, ter muito dinheiro:
Libras e libras, de ouro verdadeiro,
E notas gradas,
Tantas e tantas, que as não dê contadas!

MARIAZINHA. (*admirada*)

— Ser milionária, então?!...

LUIZINHA. (*com entusiasmo*)

— Ser milionária, sim, se um milhão
Chegar
Para eu comprar
O que quiser:
Comer... muito comer..
Doces... bom-bons... e fruta... e leite... e [pão...

MARIAZINHA. (*trocista*)

— Ora vê lá se com tantos cuidados
A "senhora" barriga dispensados,
Não vais morrer de alguma indigestão...

LUIZINHA (*continua, entusiasmada*)

— E vestidos também, hei de comprar bastantes.
De côres escuras, claras e berrantes,
De diversos feitios,
Todos quentes, macios,
Em lã... em malha...

MARIAuINHA. (*a rir*)

— Agora, estou a ver
Que se a minha irmãzinha não morrer
De indigestão, assim, tão abafada,
Vai morrer, com certeza, asfixiada...

LUIZINHA. (*num entusiasmo crescente*)

— E hei de comprar, também, um avião...

LUIuINHA. (*séria e repreensiva*)

— Valha-te Deus! Ou estás doida, ou, então,
E um pecado, até,
Essa louca ambição!

LUIZINHA. (*admirada*)

— Achas que é?!...
Pois há de ao Pai do céu desagradar
O desejo que eu tenho de voar,
Para ir mais depressa socorrer
Os pobrezinhos... dar-lhes de comer...
Vesti-los e calçá-los...
E, quando os vir sofrendo, consolá-los?!...

MARIAZINHA

— Nesse caso, não era para ti
Tudo o que tu ambicionavas ter:
Tanto vestido bom, tanto comer?

LUIZINHA

— Para mim? — que lembrança!... — não... [não era.
Eu só queria ser tão rica, assim,
Para que perto, e até longe de mim,
Não houvesse velhinhos desgraçados,
Abandonados,
Nem tanta gente enferma e pobrezinha...

MARIAZINHA. (*comovida, aproxima-se da irmã*)

— E eu a julgar-te ambiciosa e má!...
Perdôa, sim? E dá-me um beijo... vá...

(*Abraçam-se ternamente*)

És uma santa, minha Luizinha!...

Os "Totós" Misteriosos

Eis aqui nove "totós", na aparência "quase" iguais. Mas é só "quase", sabem disso? Apenas dois são exatamente semelhantes, e olhem lá que não é das coisas mais fáceis descobrir quais são. Reparem bem neles, nos detalhes, nas côres das roupas, da gravata, e vejam se conseguem achar os dois que são iguais em tudo. Se não encontrarem, não precisam chorar... Basta olhar a página 140, onde está a solução certa.

ANEDOTAS HISTÓRICAS

UMA DE ABRAÃO LINCOLN

Abraão Lincoln, durante a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos, perdoou muitos desertores condenados à morte. Os generais, a cada momento, citavam-lhe razões de disciplina para evitar que êle cedesse aos pedidos de clemência.

E o grande homem respondia:

— Se Deus deu a um homem pernas covardes, que póde fazer o infeliz quando elas se põem a correr e o levam consigo?

COLEGAS...

O escritor espanhol Pio Baroja estava num café, em Madri, sentado a uma das mesas, onde fazia ponto sempre. Ao lado, em outra mesa, havia um estranho, lendo um jornal. De repente, o desconhecido se vira para êle e diz, com uma cara de enorme satisfação:

— Dá gosto ver publicado o que a gente escreve, não?

Pio Baroja imaginou logo que estava frente a algum colega, e indagou:

— Algum artigo, é?

— Não — respondeu o outro. — Um anuncio oferecendo à venda meia tonelada de castanhas...

AMIGOS

Foram dizer ao Duque Longueville, par de França, que alguns senhores, seus vizinhos, andavam caçando lebres em suas terras, sem licença dêle.

— Não importa — respondeu o Duque. — Gosto mais de ter amigos que lebres.

CUMPRIU A PALAVRA

O imperador Aureliano, tendo encontrado fechadas as portas da cidade de Jyana, onde pretendia entrar com suas tropas, jurou, encolerizado, que não deixaria ficar na praça rebelde nem sequer um único cão vivo.

Tomada a cidade, e quando os soldados alegres com a idéia do saque e pilhagem, lhe vieram lembrar. o juramento, respondeu o imperador:

— Jurei que não deixaria ficar sequer um cão vivo, na cidade. Podem matar todos os cães que existem nela. Mas proíbo que causem qualquer dano às pessoas.

O MEIO MAIS SEGURO

Quando o grande pintor Rubens, mestre em sua arte, alcançou o apogêo da gloria, passou a viver suntuosamente.

Um alquimista chamado Brendel, que invejava sua riqueza e queria explorar o artista, foi certa vez à sua casa e lhe confiou que tinha descoberto um meio magnifico e seguro de fabricar ouro, propondo a Rubens associar-se no negocio.

Ao pintor caberia instalar o laboratorio, comprar todos os instrumentos e utensilios e demais materiais de que necessitasse o alquimista. Quanto a este, traria para a sociedade apenas o segredo, prontificando-se a dar ao socio metade dos lucros que se conseguisse.

Rubens ouviu o homem e respondeu, sorrindo:

— Para que iria eu associar-me com alguem, si ha tanto tempo descobri, sòzinho, o segredo para obter ouro? Meu processo é infalivel e tem já dado otimos resultados!

— Devéras?! — perguntou o outro. E como consegues isso?

— Simplesmente: com os meus pincéis e com o meu trabalho.

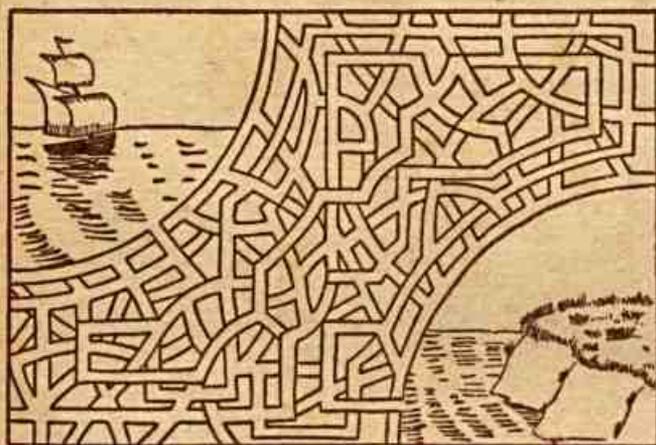
ELOGIO DO BEM

CLEÔMENES CAMPOS

Amigo, faze o bem: êsse prazer dispensa
A maior recompensa.
Aqueles frutos saborosos,
Que o teu vizinho colhe, às vêzes, a cantar,
Custaram, com certeza, os trabalhos penosos
De alguém que já sabia
Que nunca, em sua vida, os colheria...
Mas, nem por isso mesmo, os deixou de plantar.

Recorde...

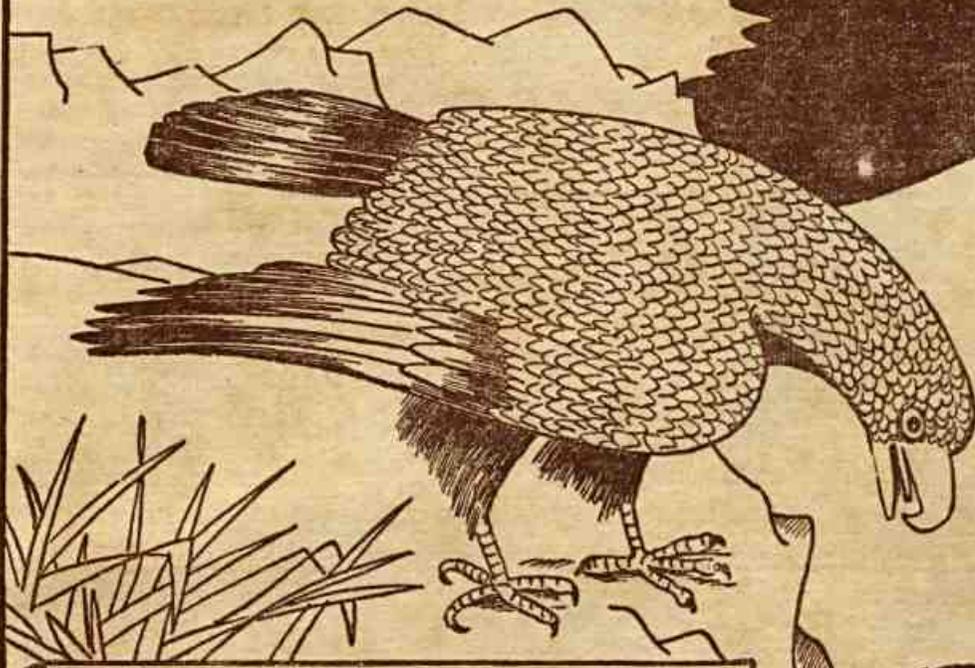
Há verbos que têm duas formas de particípio passado. Vejamos alguns:

nascer — nascido e nato;
morrer — morrido e morto;
corrigir — corrigido e correto;
prender — prendido e prêso;
entregar — entregado e entregue;
soltar — soltado e sôlto;
ganhar — ganhado e ganho;
expulsar — expulsado e expulso;

O piloto deste veleiro tem de aportar àquela ilha, mas perdeu a rota. Não sabe mais como se orientar. Se você é bom marujo, facilite-lhe a tarefa, achando o caminho que êle deve seguir.

O Vestuário

O vestuário deve ser sempre conservado limpo e bem tratado. O que é feio e diz mal da educação dos meninos e do cuidado de seus pais é o uso de roupa suja ou rasgada.

— Estou com vontade de abrir uma conta em um Banco.
— Quanto desejas depositar!
— Depositar? O que eu quero é retirar dois mil cruzeiros ! !

AVES DE PRESA

A rainha das aves de prêsa ou de rapina é a aguia, sendo a aguia dourada ou real a mais esplendida de tôdas. Faz o seu ninho em paragens solitarias, em alturas inacessiveis das montanhas, até as quais leva aves e outros animais para o alimento dos filhos.

A aguia de cabeça calva alimenta-se de peixes e mamiferos, e rouba a aves caçadoras, menos vigorosas que ela, o produto de sua presa. Pesca salmões e outros peixes tão facilmente como caça lebres e coelhos.

O halieto é o grande falcão pescador. Procura a sua prêsa no mar, nos rios e nos lagos. Constroi todos os anos o seu ninho no mesmo lugar. No Brasil os falcões são comuns nas costas e nas margens dos grandes rios.

AS FITAS DA VIDA

(*Conclusão da página 95*)

— Verdade, sim, meu patrão, explicou o cego. Vim no 13 e logo depois de chegar ao Império do Lopez entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuiuti nosso batalhão foi dizimado como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvamo-nos, eu e um punhado de camaradas.

Fomos então incorporados ao 33 paulista, afim de preencher os claros, e nele fiz o resto da campanha.

O major Carlos, também êle, era veterano do Paraguai, e por coincidência servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente, pela historia do cego, pondo-se a interrogá-lo a fundo.

— Quem era o teu capitão?

O cego suspirou.

— Meu capitão era um homem que, se eu o encontrasse na vida, até a vista era capaz de me restituir! Mas não sei dêle, perdi-o para mal meu . . .

— Como se chamava?

— Capitão Bouccault.

O major, ao ouvir esse nome, sentiu eletrizarem-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e prosseguiu:

— Conheci-o. Foi meu companheiro de regimento. Máu homem por sinal, para com os soldados; grosseiro . . .

O cego, até alí vergado na atitude humilde do mendigo, ergueu o busto altivamente e com a indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

— Pare aí! Não blasfeme! O capitão Bouccault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Perto de mim ninguem o insulta! Conheci-o durante anos, como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor ato de vileza!

O tom firme do cego comoveu estranhamente o major. A miséria não conseguira romper no velho soldado as fibras heroicas da lealdade, e não ha espetáculo mais arrebatador que o de uma lealdade assim vivedoira até os limites extremos da desgraça.

O major, quasi rendido, sobreesteve por um momento. Depois, friamente, proseguiu na experiência.

— Enganas-te, meu velho. O capitão Bouccault era um covarde! . . .

Um assomo de cólera transformou as feições do cego. Seus olhos anuveados pela catarata, revolveram-se nas órbitas, num horrivel esfôrço para ver a cara do infame detratôr. Seus dedos se crisparam e todo êle se retesou como féra prestes a desferir o bote.

Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cegos, recaíu em si, esmagado. A cólera transfêz-se-lhe em dôr, e a dôr assomou-lhe aos olhos sob fórma de lágrimas. E, lacrimejando, murmurou em voz apagada:

—Não se insulta assim um cego . . .

Mal pronunciara estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, também em lagrimas, que que dizia:

— Abraça, amigo, o teu velho capitão! Sou eu o antigo Bouccault! . . .

Na dúvida, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receoso duma insídia, o cego vacilava:

— Duvidas? exclamou o major. Duvidas de quem te salvou a nado na passagem de Tebiquari?

Aquelas palavras mágicas a identificação se fez, e evanecido de dúvidas, chorando como uma criança, o cego abraçou-se com os joelhos do major Carlos Bouccault, a exclamar, num desvio:

— Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças se acabaram! . . .

E acabaram-se, de fáto.

Metido num hospital, sob os auspícios do major, lá sofreu a operação da catarata e readquiriu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de "ver", de matar as saudades da retina. Foi á janela, e sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as árvores, para o céu, para as flores do jardim. Ressurreição!

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo.

— Eu bem dizia que, se encontrasse o meu capitão . . .

Posso agora ver minha filha! Que felicidade, meu Deus! . . .

E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios, onde canta a jandáia. Voltou a nado — nadando em felicidade.

— Eu não dizia? Eu não dizia que, se encontrasse o meus capitão, até a luz dos olhos me havia de voltar?

O Palhaço e o Sapo

(*Conclusão da página 21*)

— A duas léguas daqui há uma importante cidade. E amanhã mesmo partiremos para lá...

— Mas —retrucou a menina — as flores? Assim não te sobrará tempo para vires buscá-las todos os dias.

Este assunto já está resolvido. Acabo de comprar um cavalo. Terei tempo de ir e voltar.

E realmente, a idéia do palhaço teria sido boa se a sua ambição não aumentasse dia a dia. Graças à ligeireza do animal ,trazia, diáriamente, a alimentação do sapo.

O sábio de nada suspeitava.

Passou então a desfrutar uma vida de luxo e desperdicio e como gastava mais do que ganhava chegou o dia em que teve de mudar novamente de cidade, porque as habilidades do sapo já não produziam para os seus gastos

— O cavalo póde dar mais do que tem dado — pensava êle.

E assim fez. Exigiu do pobre animal, à custa de chicotadas o dobro do esforço, até que sucedeu que, certa vez, quando voltava com as flores o cavalo caiu de cansaço. O palhaço ficou muito aflito e se pôs a correr para ver se conseguia vencer a distância que ainda lhe faltava para chegar em casa.

Assim que chegou viu que Clara estava muito triste e percebeu que alguma coisa grave tinha acontecido. O sapo tinha morrido por falta do alimento!

Dessa maneira, ficaram em pior situação do que antes.

Chico não tinha ânimo de pedir auxilio ao sabio. Mas Clara achou que deviam recorrer novamente ao velho Crisanto. Ela sentia que o velho os esperava.

E assim aconteceu. Quando êle viu Chico chegar, muito triste e levando Clara pela mão, falou-lhe com ironia:

— Voltaste antes do que eu esperava! Já sabia que não te conformarias em ganhar só para o teu sustento. Mas não te culpo. Não és melhor, nem pior do que os outros. Esta exeriência te fará compreender que cada um deve ver com o que tem e se sentir feliz tendo o necessáro. Mereces êste castigo, mas a menina não deve sofrer da tua ambição. Aqui está o cofre. Quando te pedi que, em troca de cada flôr que levasses deixasses uma moeda aqui, era ,porque queria reunir, para Clara, uma pequena fortuna, pois tinha certeza que voltarias a me pedir. auxilio. Não tem grande coisa, mas até que a sorte se lembre de ti novamente, dará para os dois.

(*Conclue à pag. seguinte*)

O palhaço ao sair da casa de Crisanto reconhecia que a sabedoria do mágico lhe havia dado uma boa lição. E assim, resignado, pensou que não havia outro remédio se não voltar ao seu primitivo circo.

E quando voltou foi muito bem recebido, porque todos já tinham esquecido seus números, suas graças e piruêtas e o aplaudiram como se fôsse a primeira vez que o vissem.

NOSSOS ALIMENTOS

OS homens civilizados se nutrem em grande grande parte de substâncias cozidas, o que facilita em muito a digestão,. Mas se nutrem também, e devem fazê-lo, de futas e substâncias cruas, indispensáveis à vida, as quais devem ser bem lavadas.

Os selvagens alimentam-se quasi exclusivamente de substâncias da natureza, frutos do mato, caça e pesca, como os homens primitivos.

A água faz parte ne nossa alimentação. Essa água deve ser potável, corrente se possivel e, sendo de poço, é boa quando êste tem grande profundidade.

A caça e a pesca fornecem material abundante de nutrição.

Os nossos alimentos podem ser animais e vegetais. São vegetais o feijão, o arroz, a ervilha, etc.

— *Póde levar tudo, seo ladrão, mas deixe, por favor, o meu "Anuário das Senhoras!"*

Historia de um Nabo

(Conclusão da página 53)

poupasses suas companheiras no ano passado . . .

— Ah! sim, reconheço-te. Estás escondida nessa flor azul. Então já sabes o que me aconteceu?

— Eu já t'o havia predito; não te lembras?

— E' verdade! Fui mau; confesso mas, eis-me condenado. Se quizeres fazer as pazes comigo . . .

— Ante o teu arrependimento, aceito; todavia, com uma condição. Estamos muito mal aqui nesta praia. As formiguinhas novas estão tôdas resfriadas e algumas até começaram a sofrer de reumatismo. Morrem aos milhares. E'-nos preciso um terreno seco, uma nesga do teu sitio, por exemplo. Se me prometes ceder o que peço e nunca mais nos perseguir, a paz será feita dentro de três dias; o nabo, roido por minhas companheiras, cairá por terra.

— Juro que farei tudo o que pedires exclamou Barnabé com os olhos razos de lágrimas.

Feita a paz, a rainha das formigas reuniu suas companheiras e num abrir e fechar de olhos começaram a trabalhar. Chegados ao sitio de Barnabé, fizeram mil subterrâneos e roeram as raizes do legume.

O nabo gigantesco não poude resistir ao ataque e três dias depois caia pesadamente ao solo.

Barnabé, radiante, foi dar a boa nova aos vizinhos e alguns bois arrastaram-no para longe.

Uma vez seco mandou-o cortar e ainda obteve excelentes tábuas para construção.

Daí em diante nunca mais perseguiu as formigas, pois o que lhe acabava de acontecer tinha servido de lição.

— *Ora esta! Eu te dei êste nó na tromba para não esquecer uma coisa qualquer, e não há meio de me lembrar o que foi!. . .*

MODA E BORDADO
UMA
REVISTA PARA O LAR!
Os modêlos parisienses, americanos e nacionais, as "Páginas das Noivas" cheias de motivos encantadores, as indicações úteis nas páginas "De Coser e Outras Coisas", os riscos para bordar, arranjos da casa, contos, conselhos de belesa, notinhas úteis, receitas culinárias e muitas coisas mais, fasem de "Moda e Bordado" uma revista que agrada ao bom gosto da elegância feminina!
Em todos os jornaleiros e livrarias.
moda
e
bordado

Arte de Bordar
revista mensal de riscos para bordar
Em Arte de Bordar, revista mensal de riscos para bordar, encontram-se os mais encantadores motivos desenhados para bordar, na medida dos trabalhos: Lingerie, Lençóis, Toalhas, Monogramas, Ponto de Cruz, Enxoval para as Noivas e para o Bébé.
Uma infinidade de motivos para bordar para os mais variados fins.
VARIADISSIMAS RECEITAS PARA CROCHET
Em cada edição um grande suplemento solto contendo um trabalho especial
Todos os trabalhos são acompanhados com as mais minuciosas explicações.
MUITOS MODELOS DE TRICOT, PARA SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS.
NÚMERO AVULSO Cr$ 7,00
Assinaturas — 12 mêses - Cr$ 80,00 — 6 mêses - Cr$ 42,00
A VENDA em todos os jornaleiros e livrarias
Pedidos pelo reembolso à S. A. "O Malho"
Rua Senador Dantas, 15 - 5.º — Rio

Gráfica Pimenta de Mello — RIO.